



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

**DISCURSOS SOBRE MOBILIZAÇÃO GREVISTA DE PROFESSORES/AS EM
BRASÍLIA: “PREJUÍZO PARA TODOS”?**

Risalva Bernardino Neves

Orientadora: Profa. Dra. Viviane C. Vieira Sebba Ramalho

Brasília
2013



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

Risalva Bernardino Neves

**DISCURSOS SOBRE MOBILIZAÇÃO GREVISTA DE PROFESSORES/AS EM
BRASÍLIA: “PREJUÍZO PARA TODOS”?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestra, na área de concentração *Linguagem e Sociedade*.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane C. Vieira Sebba Ramalho

Brasília
2013

Risalva Bernardino Neves

**DISCURSOS SOBRE MOBILIZAÇÃO GREVISTA DE PROFESSORES/AS EM
BRASÍLIA: “PREJUÍZO PARA TODOS”?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestra, na área de concentração *Linguagem e Sociedade*, defendida à Banca Examinadora constituída pelas professoras:

Profa. Dra. VIVIANE CRISTINA VIEIRA SEBBA RAMALHO

Universidade de Brasília (UnB) – Presidente


Profa. Dra. SOLANGE MARIA DE BARROS

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Membro Efetivo


Profa. Dra. DENIZE ELENA GARCIA DA SILVA

Universidade de Brasília (UnB) – Membro Efetivo


Profa. Dra. MARTA CARVALHO DE NORONHA PACHECO

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal/Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (SEDF/NELiS) – Membro Suplente

**Ao meu amado pai, Avelino, e à minha amada mãe, Floreci,
que, com toda a simplicidade, despertaram em mim o desejo de aprender...**

Agradecimentos

São muitas as pessoas a quem gostaria de agradecer, mas vou começar, ainda que seja lugar-comum, por Deus, pela oportunidade de vivenciar essa "aventura" com o conhecimento.

A meus pais amados, que se sacrificaram para criar e educar seis filhos para o caminho do bem, com tantas dificuldades. Obrigada, meu pai! Obrigada, minha mãe! Vocês são meu maior exemplo...

Às minhas queridas irmãs e ao meu querido irmão, pelo incentivo.

Aos meus amores William e Guilherme, pela compreensão de minhas instabilidades, de meu isolamento, enfim, pela minha ausência nesses dois anos...

À minha amiga Rosângela Costa, pela imensurável ajuda nas atividades, pelo "ouvido amigo" e, principalmente, pelo apoio e amizade.

À Major Lúcia, ao Leandro, pela força, pela amizade, pelo carinho...

À minha querida orientadora, pela confiança em meu trabalho, pela paciência e pela sábia e incansável orientação.

Às minhas amigas Fátima, Ailana, Vângela e ao meu amigo Pablo, companheiras e companheiro nesse percurso, pelas discussões, pelos estudos, pelos lanches, pela força para concluir.

Ao Exército Brasileiro, pela concessão de dispensa parcial para os estudos.

Ao Colégio Militar de Brasília, pela dispensa de algumas atividades, o que me multiplicou o tempo para esse curso.

Ao meu chefe, Coronel Nunes, pelo pronto atendimento aos pedidos de dispensa.

Aos professores do PPGL, pelo convívio e pelo conhecimento partilhado.

À Vângela, por organizar quase toda a minha vida e cuidar muito bem de meu pequeno Gui, o que me trouxe a tranquilidade para focar nas atividades acadêmicas.

Às professoras que se dispuseram a colaborar com minha pesquisa.

Aos meus queridos professores e às minhas queridas professoras do Centro Educacional Cenecista de Jaguarari, por mostrarem, com seu exemplo, que nós podemos muito quando nos esforçamos.

*Enfim, é pelo discurso que
persuadimos, sempre que
demonstramos a verdade ou o que
parece ser a verdade, de acordo com o
que, sobre cada assunto,
é suscetível de persuadir.
Aristóteles*

Resumo

Este estudo tem por objetivo investigar representações/discursos sobre a mobilização grevista de professores/as da SEDF, realizada em 2012, na cobertura do jornal *Correio Braziliense*, tendo em vista a construção de sentidos potencialmente ideológicos. Para isso, esta pesquisa – qualitativa, predominantemente documental e sincrônica – baseou-se na abordagem crítico-explanatória da Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003; RAMALHO & RESENDE, 2011; RESENDE & RAMALHO, 2006), que concebe a linguagem como parte da vida social interligada com outros momentos sociais em processos dialéticos. Foi realizada pesquisa bibliográfica e análise de conjuntura a partir dos principais aportes teóricos de Thompson (1995, 1998) sobre a ideologia, e Silva (2009, 2010), Apple (2000, 2010), Gentili (1996, 2000, 2010) sobre neoliberalismo e educação. O *corpus* ampliado, composto por reportagens do Jornal *Correio Braziliense*, assim como por notícias do site do Sindicato dos Professores do DF (Sinpro-DF), publicados à época da mobilização, e entrevistas com professoras/colaboradoras, foi analisado com base em categorias linguístico-discursivas ligadas ao significado inter-acional do discurso (estrutura genérica, relações semânticas e intertextualidade), significado representacional (representação dos atores sociais, seleção lexical) e significado identificacional (avaliação e presunções valorativas). O estudo aponta para uma conjuntura caracterizada por políticas neoliberais, em cuja agenda a educação não ocupa um lugar privilegiado, assim como para a predominância, no *corpus* principal de reportagens, de representações jornalísticas parciais e depreciativas dos/as docentes na conjuntura das manifestações, as quais legitimam discursos hegemônicos neoliberais, que representam docentes como uma categoria desvalorizada e descomprometida com sua profissão. Em contrapartida, foram identificados, também, traços de discursos contra-hegemônicos nas falas das professoras/colaboradoras, que problematizam esses discursos hegemônicos.

Palavras-chave: discursos, mobilizações grevistas, professores/as, ADC.

Abstract

This study aims to investigate representations and discourses on strike mobilization of teachers of “SEDF”, held in 2012, by the newspaper “Correio Braziliense”, with a view to potentially ideological construction of meaning. For this purpose, this research - qualitative, predominantly documentary and synchronic - was based on critical-explanatory approach of Critical Discourse Analysis (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003; RAMALHO & RESENDE, 2011; RESENDE & RAMALHO, 2006), which sees language as part of social life interconnected with other social moments in dialectical processes. Bibliographical research and social analysis were made with the main theoretical contributions of Thompson (1995, 1998) on ideology, and Silva (2009, 2010), Apple (2000, 2010), Gentili (1996, 2000, 2010) on neoliberalism and education. The expanded corpus, consisted of “Correio Braziliense” news, as well as news from the site of “Sinpro-DF”, published at the time of mobilization; and interviews with collaborating teachers, were analyzed based on linguistic-discursive categories related to inter-actional discourse meaning (generic structure, semantic relationships, intertextuality), representational meaning (representation of social actors, lexical selection) and identificational meaning (evaluation and evaluative assumptions). The study points to an environment characterized by neoliberal policies in education whose agenda does not occupy a privileged place, as well as the predominance in the main corpus of stories of partial and derogatory journalistic representations on the conjuncture of events, which legitimize neoliberal hegemonic discourses that represent teachers as undervalued and unengaged professionals. On the other hand, traces of counterhegemonic discourses in teachers’ statements have been identified, and they also problematize these hegemonic discourses.

Key words: discourses, strike mobilization, teachers, ADC.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURA 2.1	Modelo transformacional da atividade social	43
FIGURA 2.2	Relação entre estrutura social e discursiva	48
FIGURA 2.3	Momentos da prática social	49
FIGURA 4.1	Boxe Reivindicações	87
FIGURA 4.2	Boxe Reivindicações 2	88
FIGURA 4.3	Reportagem com boxe "Sem acordo"	90
FIGURA 4.4	Informe publicitário 1	94
FIGURA 4.5	Página do jornal do <i>Correio Braziliense</i> com Informe publicitário.....	95
QUADRO 2.1	Estratificação da realidade	42
QUADRO 2.2	Modos de operação da ideologia	54
QUADRO 3.1	Abordagem teórico-metodológica da ADC	61
QUADRO 3.2	Composição do <i>corpus</i> principal - Reportagens do <i>Correio Braziliense</i>	67
QUADRO 3.3	Composição do <i>corpus</i> paralelo - Informes publicitários do GDF	67
QUADRO 3.4	Composição do <i>corpus</i> paralelo - Notícias do Sinpro-DF	68
QUADRO 3.5	Composição do <i>corpus</i> - Entrevistas com professoras	69
QUADRO 4.1	Itens do acordo entre governo e professores/as	89
QUADRO 4.2	Cenários de negociação da diferença	99

Sumário

Resumo.....	07
Abstract.....	08
Lista de Figuras e Quadros	09
APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - Políticas neoliberais na educação: delimitando a conjuntura e a prática particular em estudo	16
1.1 Educação na conjuntura de políticas neoliberais	16
1.2 “Qualidade total” em educação	24
1.3 O/A professor/a como categoria profissional	27
1.4 Professores/as do Distrito Federal - Brasília e as mobilizações grevistas de 2012	32
CAPÍTULO 2 - Análise de Discurso Crítica – Aspectos teóricos	39
2.1 Teoria Social do Discurso	39
2.2 Análise de Discurso Crítica – aspectos ontológicos e epistemológicos	41
2.3 Linguagem e discurso	47
2.4 Ideologia e hegemonia	50
CAPÍTULO 3 – Abordagem teórico-metodológica da pesquisa	57
3.1 Sobre a pesquisa qualitativa.....	57
3.2 A Análise de Discurso como abordagem teórico-metodológica.....	60
3.3 Objetivos e questões de pesquisa.....	63
3.4 Sobre a constituição do <i>Corpus</i>	66
CAPÍTULO 4 - Analisando os dados da pesquisa	70

4.1 A análise de textos como parte da análise de discurso.....	70
4.2 Mídias, práticas jornalísticas e gêneros discursivos	72
4.2.1 Estrutura genérica e relações semânticas: reportagens, notícias e informes publicitários	77
4.2.1.1 O jornal <i>Correio Braziliense</i> e as notícias do SINPRO-DF	78
4.2.1.2. Os informes publicitários do GDF	93
4.2.2 Intertextualidade	98
4.3 Representações e identificações em reportagens e notícias	103
4.3.1 Representação de atores sociais	104
4.3.2 Seleção lexical, avaliação e presunções valorativas	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
ANEXOS.....	126

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa é parte das atividades desenvolvidas no projeto “Gêneros discursivos, representações e identidades nas mídias”, coordenado pela Profª. Dra. Viviane Ramalho (RAMALHO, 2010, 2011, 2012; SILVA & RAMALHO, 2012; RESENDE & RAMALHO, 2011, 2012). Este estudo específico, de minha autoria, parte de uma inquietação, na verdade, de minha indignação pela forma como os professores/as da escola pública são tratados/as de forma geral e pela mídia quando se organizam e se mobilizam por uma educação melhor. Mas é, principalmente, por crer, como a professora Maria, do relato de Gentili (2000, p. 59), que podemos mudar o curso da História. Esse autor conta que, em uma visita como congressista à Aripuanã, uma cidadezinha de Mato Grosso, castigada pela seca, pela fumaça das queimadas dos grandes latifundiários e pelo descaso dos governantes, pergunta à Maria, uma professora de 70 anos, por que os/as professores/as viajaram horas e horas para discutir sobre neoliberalismo e gestão escolar, ela, serenamente, responde: “acho que é pela esperança no futuro, por nossa certeza de saber que vamos mudar a história desta terra”.

É disseminado, hoje, o discurso, considerado politicamente correto, da “valorização da educação”, em contrapartida, ainda que os líderes se esforcem para falar em prol da educação e promovam políticas paliativas, ainda existem muitas ações mais eficazes que precisam ser concretizadas. Assim, a cada ano, os/as professores/as da educação básica, no Brasil, decidem empreender mobilizações cobrando melhorias e, em Brasília, não é diferente. Atentando ao poder da mídia em veicular e legitimar discursos hegemônicos, é salutar investigar como ela representa essas mobilizações.

Nessa perspectiva, esta pesquisa reconhece e investiga aspectos do seguinte problema sociodiscursivo: representações/discursos potencialmente ideológicos sobre mobilizações grevistas e professores/as envolvidos/as que podem ser legitimadas em (inter)ações/gêneros da mídia impressa e inculcadas em identidades particulares e sociais/estilos. No intuito de explaná-lo criticamente, este estudo apresenta os seguintes objetivos específicos:

1. Descrever/delimitar a conjuntura social na qual ocorreram as reivindicações dos/as professores/as por melhorias para a educação bem como a prática

particular dos/as envolvidos/as nessa conjuntura (professores/as, governantes, mídia);

2. Discernir representações/identificações sobre a mobilização grevista de 2012 e sobre professores/as nas reportagens publicadas em 2012 pelo jornal *Correio Braziliense*;
3. Apontar aspectos acionais e interacionais do gênero situado *reportagem* jornalística, materializado nos textos do *corpus* principal;
4. Identificar relações interdiscursivas entre o discurso das reportagens da grande mídia, do Sinpro-DF e das professoras colaboradoras entrevistadas, tendo em vista o mapeamento de relações mais disciplinadoras ou mais criativas sobre aspectos da conjuntura do problema de pesquisa.

A partir desses objetivos, formulei as seguintes questões de pesquisa:

1. Qual é a configuração da conjuntura social na qual ocorreram as reivindicações dos/as professores/as por melhorias para a educação bem como qual é a prática particular dos envolvidos nessa conjuntura (professores/as, governantes, mídia)?
2. Quais são as representações/identificações sobre a mobilização grevista de 2012 e sobre professores/as nas reportagens publicadas em 2012 pelo jornal *Correio Braziliense*?
3. Quais são aspectos acionais e interacionais do gênero situado *reportagem* jornalística, materializado nos textos do *corpus* principal?
4. Há relações interdiscursivas entre o discurso das reportagens da grande mídia, do Sinpro-DF e dos/as professores/as colaboradores/as entrevistados/as? Tais relações sobre aspectos da conjuntura do problema de pesquisa são mais disciplinadoras ou mais criativas?

No intuito de organizar esta dissertação, dividi-a em quatro capítulos. No primeiro, delimito/descrevo a conjuntura do problema de pesquisa, qual seja, a das políticas neoliberais e as consequências na área educacional. Nessa trilha, reflito sobre mudanças em crenças, valores, relações sociais, identidades, atividades materiais no contexto político-cultural do neoliberalismo, que estabelece novos valores e novo léxico, a exemplo da "qualidade total". Depois analiso questões que envolvem os/as professores/as como categoria, passando por estratégias potenciais para desmobilizar sua organização como um grupo político, em sindicatos e associações e, por fim, volto-me para a situação dos/as professores em Brasília, suas práticas particulares e suas mobilizações.

No segundo capítulo, apresento as principais teorias que fundamentam esta pesquisa. Reflito sobre a Análise de Discurso Crítica (ADC) como ciência transdisciplinar e heterogênea, em constante diálogo com as Ciências Sociais Críticas. Tal abordagem orienta-se pelo Realismo Crítico, ontologia e epistemologia que entende a vida social como um sistema aberto com possibilidades de ações criativas e constrangimentos que as impedem, em suma, com uma dialética “liberdade-constrangimento”. Como para a ADC os problemas investigados são sociais, sustentados, também, por discursos ideológicos, abordo a questão da ideologia, segundo os estudos de Thompson (1995). Por fim, realço aspectos da constituição das identidades sociais, as quais são construídas em processos de interação.

Os aspectos metodológicos são apresentados no terceiro capítulo. Primeiro, esclareço que se trata de uma pesquisa qualitativa de cunho predominantemente documental, com uso de técnica etnográfica. Em seguida, apresento a ADC como abordagem teórico-metodológica, a qual parte da investigação de uma questão social problemática sustentada por discursos. Apresento, depois, os objetivos bem como as questões de pesquisa e, por fim, detalho os textos que compõem o *corpus*, principal e ampliado.

No quarto capítulo, analiso, à luz de categorias linguístico-discursivas da ADC ligadas aos três principais significados do discurso (inter-acional, representacional, identificacional), as reportagens do *Correio Braziliense*, os informes publicitários do governo do DF, publicados nesse jornal, as notícias do Sinpro-DF e as entrevistas. Em relação ao primeiro significado do discurso (acional/relacional), investiguei aspectos da interação, da composição genérica, das relações semânticas e da intertextualidade; quanto ao segundo significado do discurso (representacional), analisei aspectos da representação de atores sociais e da seleção lexical; quanto ao terceiro significado do discurso (identificacional), investiguei avaliações e presunções valorativas nos textos, como parte de eventos sociais, que envolvem pessoas (com crenças, valores, atitudes), inter-ação, relações sociais, mundo material e discurso.

Nas considerações finais, apresentamos resultados da pesquisa, que apontam para representações depreciativas e ideológicas das mobilizações grevistas e dos/as professores/as, por parte da mídia impressa, o que pode influenciar a constituição das identidades docentes como socialmente enfraquecidas e desvalorizadas; todavia, a

análise das entrevistas com professoras/colaboradoras indicou a consciência crítica de algumas delas acerca desses discursos hegemônicos que deslegitimam a categoria profissional mobilizada, o que indica instabilidades potencialmente capazes de superar relações de poder assimétricas.

CAPÍTULO 1

Políticas neoliberais na educação: delimitando a conjuntura e a prática particular em estudo

“Os satisfeitos elaboram teorias e doutrinas que lhes permitem legitimar e naturalizar sua posição de privilégio. Possuem explicações políticas relativamente coerentes, teorias econômicas mais ou menos sofisticadas e também, como não podia deixar de ser, sua própria retórica acerca do campo educacional.”
(GALBRAIT, 1992
apud GENTILI, 2010, p. 13-14)

Neste capítulo, traço uma delimitação (i) da conjuntura social de políticas neoliberais na educação, bem como (ii) da prática social particular em estudo, qual seja, a atuação docente na Secretaria de Educação do Distrito Federal, no bojo das quais se desenvolveram as mobilizações de professores/as por melhores condições de trabalho, em 2012. Primeiro, abordo as mudanças conjunturais trazidas pela visão neoliberal no campo educacional, refletindo sobre a mercantilização do ensino e as desigualdades de acesso à educação. Na seção seguinte, foco na prática particular em estudo, refletindo sobre a figura do/a professor/a como categoria profissional. Por fim, volto-me mais especificamente para a questão dos/as docentes no Distrito Federal, no contexto situado de mobilização por melhorias em educação, em 2012.

1.1 Educação na conjuntura de políticas neoliberais

Nesta seção discuto o neoliberalismo como um projeto hegemônico, sustentado por ideologias igualmente hegemônicas e, ainda, algumas consequências desse sistema econômico competitivo para o campo educacional.

Em 1989, em uma conferência em Washington, o governo dos Estados Unidos consolidou medidas para buscar superar a crise, de meados de 1970, do modelo capitalista fordista (HARVEY, 1992). O conjunto dessas políticas ficou conhecido como *Consenso de Washington* e é denominado, também, *neoliberalismo*. Uma característica desse sistema é o funcionamento da economia de acordo com as leis de mercado,

portanto sem a intervenção estatal. O neoliberalismo é uma estratégia de poder implementada/reforçada por meio de dois pilares: reformas concretas nos planos econômico, político, jurídico, educacional, por um lado, e, por outro, estratégias culturais com o objetivo de disseminar diagnósticos acerca da crise e construir novos significados sociais que apresentem essas reformas como o único meio de solucionar a crise (GENTILI, 1996). Segundo Fairclough (2003, p. 4-5), “esse projeto político tem sido imposto às economias pós-socialistas, como o melhor meio de transformação do sistema, renovação econômica e reintegração à economia global”¹. Para essa visão, os males sociais e econômicos de nossa atual situação seriam fruto da intervenção do Estado e não do modo de organização econômica, o capitalismo, então, deveria haver total liberdade de comércio e não intervenção do Estado a fim de garantir o crescimento econômico e o desenvolvimento social do país. Dessa forma, o discurso hegemônico neoliberal associa o Estado à corrupção, à ineficiência e ao desperdício, e a livre iniciativa seria, então, o único caminho supostamente viável para a economia.

Gentili (1996) explica que o êxito desse projeto decorre das intensas mudanças materiais aliadas à intensa reconstrução discursivo-ideológica da sociedade. Com isso, ele explicita que o sucesso do ideário neoliberal advém, também, da “propaganda” veiculada na sociedade, isto é, da “capacidade que os neoliberais tiveram de impor suas verdades como aquelas que deveriam ser defendidas por qualquer pessoa medianamente sensata e responsável” (GENTILI, 1996, p. 11). Dessa forma, percebemos que o neoliberalismo apoia-se no nexo “saber-poder”, uma vez que apenas certos significados sociais, ou, em outras palavras, apenas certos construtos são considerados “legítimos” e com potencial para ser “conhecimento oficial” (APPLE, 2000).

Como Costa (2000) observa, o sistema neoliberal não encontraria tantos adeptos e não seria visto como legítimo se os discursos de seus defensores não estivessem alinhados aos discursos poderosos que contribuíram para propiciar a emergência de “certezas” e “verdades” modernas. Isso ratifica a importância que têm hoje os discursos veiculados na sociedade, alguns como verdadeiros legitimadores de pensamentos/doutrinas específicas de grupos privilegiados. Metaforicamente, Apple (1994 *apud* COSTA, 2000, p. 17) ilustra: “o mundo pode ser um texto, mas alguns grupos parecem ser capazes de escrever suas sentenças sobre nossas vidas com mais

¹ Os originais em língua estrangeira foram traduzidos pela autora.

facilidade que outros”.

No campo educacional, por exemplo, Gentili (1996) apresenta a forma neoliberal de pensar e projetar as políticas educacionais. O autor detalha a lógica neoliberal, começando pela caracterização da crise educacional; em seguida, apontando os culpados; depois, expondo as estratégias para sair dela e, por fim, enunciando os consultores que orientariam a escalada rumo à superação da crise.

Nessa perspectiva, para os neoliberais, a crise educacional seria uma “crise de eficiência, eficácia e produtividade”, decorrente da improdutividade que caracteriza as práticas pedagógicas e a gestão administrativa da grande maioria dos estabelecimentos de ensino. Nas palavras de Gentili (1996, p. 18),

segundo os neoliberais, esta crise se explica, em grande medida, pelo caráter estruturalmente ineficiente do Estado para gerenciar as políticas públicas. O clientelismo, a obsessão planificadora e os improdutivos labirintos do burocratismo estatal explicam, sob a perspectiva neoliberal, a incapacidade que tiveram os governos para garantir a democratização da educação e, ao mesmo tempo, a eficiência produtiva da escola.

O ideário neoliberal concebe uma sociedade sem a existência de mecanismos que propiciem a todos o direito à cidadania e à igualdade, pois, para seus defensores, o esforço individual e a competição devem guiar as ações do indivíduo. Sendo assim, a crise é gerada pela propagada noção de cidadania, o que, para eles, tem como consequência “um conjunto de falsas promessas que orientam ações coletivas e individuais caracterizadas pela improdutividade e pela falta de reconhecimento social no valor individual da competição” (GENTILI, 1996, p. 20). Quando a educação é transferida da esfera política para a esfera de mercado, ou seja, quando é colonizada pela lógica mercantilista (FAIRCLOUGH, 2001), ela deixa de ser um direito inalienável para ser uma propriedade.

Como razões para a “crise educacional”, os defensores neoliberais apontam o modelo de Estado assistencialista, os sindicatos de professores e outras instituições que defendem o direito à educação para todos. Então, se essas instituições são as responsáveis, segundo os defensores neoliberais, seu poder deveria ser minimizado, no caso do Estado, e suprimido no caso dos sindicatos e outras instituições. Gentili (1996) ilustra que também os indivíduos, segundo os neoliberais, seriam culpados pela “crise”, uma vez que aceitaram passivamente como natural o sistema improdutivo estatal.

Como, de acordo com essa doutrina, o individualismo e o mérito são valores a ser cultivados, cada um seria responsável por seu destino, portanto, aqueles que não tiveram um destino gratificante deveriam culpar-se a si mesmos, pois não teriam se esforçado o suficiente. Da mesma forma, no âmbito escolar, a escola funcionaria mal porque as pessoas não reconheceriam o valor do conhecimento; os professores trabalhariam pouco e não se atualizariam porque seriam “preguiçosos”; os alunos fingiriam que estudam por, supostamente, não terem interesse em aprender.

Como estratégia para superar a crise, Gentili (1996) afirma que existe, entre políticos e intelectuais conservadores, um *consenso estratégico* que decorre de um diagnóstico comum tanto da crise quanto dos culpados por essa. Agências internacionais, entre as quais está o Banco mundial, e intelectuais de extrema direita têm um papel importante na construção desse consenso. Vale ressaltar que, como estratégia, os governos neoliberais, no âmbito da educação, desencadeiam ações no sentido de: a) controlar e avaliar a qualidade dos serviços educacionais, o que significa impor o mesmo currículo para todas as escolas, aplicar as mesmas provas e classificar as escolas segundo esse desempenho ignorando as diferenças e b) subordinar a produção educacional às necessidades estabelecidas pelo mercado, conforme discuto mais detidamente a seguir.

Quanto ao último item dessa “receita para superar a crise da educação”, os consultores, segundo a lógica neoliberal, não devem ser os “culpados” pela crise, ou seja, aqueles/as que não se esforçaram o bastante para obterem êxito, mas, sim, os “vencedores”, os homens e as mulheres de negócios. Assim, conforme Gentili (1996, p. 38),

o sistema educacional deve converter-se ele mesmo em um mercado... devem então ser consultados aqueles que melhor entendem do mercado para ajudar-nos a sair da improdutividade e da ineficiência que caracterizam as práticas escolares e que regulam a lógica cotidiana das instituições educacionais em todos os níveis. É nesse contexto que deve ser compreendida a atitude mendicante e cínica dos governantes que solicitam aos empresários “humanistas” a adoção de uma escola. Se cada empresário adotasse uma escola, o sistema educacional melhoraria de forma quase automática graças aos recursos financeiros que os “padrinhos” distribuiriam (doariam), bem como aos princípios morais que, vinculados a uma certa filosofia da qualidade total, da cultura do trabalho e do esforço individual, eles difundiriam na comunidade escolar.

É importante reforçar que a escola e a mídia têm papéis importantes a desempenhar para a concretização (ou não) dos ideais neoliberais, por serem instituições-chave às vezes utilizadas para divulgar e sustentar tal doutrina. Analisando o papel que caberia à educação dentro desse projeto, Silva (2010, p. 12) propõe que a intervenção da educação com vistas a servir a propósitos neoliberais tem duas dimensões:

de um lado, é central, na reestruturação buscada pelos ideólogos neoliberais, atrelar a educação institucionalizada aos objetivos estreitos de preparação para o local de trabalho. No léxico liberal, trata-se de fazer com que as escolas preparem melhor seus alunos para a competitividade do mercado nacional e internacional. De outro, é importante também utilizar a educação como veículo do livre mercado e da livre iniciativa.

Em outras palavras, à escola caberia a concretização de dois objetivos: fornecer a mão de obra especializada (ou não) e atuar ideologicamente como uma agência de publicidade da visão neoliberal. Quanto ao primeiro, ressalte-se que preparar os/as alunos/as para o mercado de trabalho não significa dar a todos/as as mesmas condições de acesso aos vários cargos disponíveis, mas separar/distinguir, proporcionar tipos diferentes de educação para diferentes tipos de classes sociais. Quanto ao segundo objetivo, Silva (2010) lembra que há um esforço de alteração de currículo para que os/as estudantes aceitem passivamente os postulados do neoliberalismo, pois, como detalhamos no Cap. 2, nossa sociedade é organizada de tal forma que os significados que circulam e se disseminam são aqueles que servem para sustentar relações, culturas hegemônicas. Em relação à necessidade de uma cultura (ou um conhecimento visto como legítimo) para sustentar sistemas, Fiske (1989 *apud* APPLE, 2000, p. 34-35) lembra que

qualquer sistema social necessita de um sistema cultural de significação que sirva para mantê-lo, seja para desestabilizá-lo, para fazê-lo mais receptivo à mudança. Cultura [...] e significados [...] estão envolvidos na distribuição e possível redistribuição das várias formas de poder social. [...] O poder nunca é neutro, nunca existe numa relação empírica e objetiva com o real. Conhecimento é poder, e a circulação do conhecimento é parte da distribuição social do poder. A capacidade discursiva para construir um senso comum que possa ser inserido na vida cultural e política é central na relação social de poder.

Isso aponta também para o papel dos meios de comunicação na divulgação,

disseminação, legitimação dessa doutrina, pois, é por meio, principalmente deles, que é redefinido, ressignificado e recriado um clima favorável a esses interesses. Silva (2010, p. 13) avalia que “o projeto neoconservador e neoliberal envolve, centralmente, a criação de um espaço em se torne impossível pensar o econômico, o político e o social fora das categorias que justificam o arranjo social capitalista”, daí a importância de se pensar em estratégias que questionem essa visão hegemônica, ou melhor, de se discutirem alternativas ou outros modos de viver. É justamente devido à importância e ao alcance dos veículos de comunicação, como jornais, revistas, televisão, internet, para a transmissão e disseminação de ideologias ou de questionamentos destas que, nesta pesquisa, investigamos ações, representações e identificações construídas em reportagens do jornal de maior circulação do Distrito Federal, o *Correio Braziliense*, sobre questões ligadas à educação, especialmente a mobilização grevista dos/as docentes da Secretaria de Educação do DF, no ano de 2012, que se estendeu por quase dois meses. Na seção 4.2, abordamos mais detalhadamente a questão dos meios de comunicação de massa, indicando também suas práticas sociais particulares.

Conforme Apple (2000), e em consonância com pressupostos da ADC (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), conforme discutimos no Cap. 2, os processos educacionais devem ser analisados sob uma perspectiva relacional e dialética, isto porque os fatos não devem (não podem) ser analisados isolados uns dos outros; eles podem nos parecer distantes e autônomos, mas só podem ser compreendidos se analisadas as redes de relações de que são parte. Apple (2000) ilustra como fatos incongruentes e aparentemente sem nexos estão intimamente relacionados retomando uma narrativa que envolve “batatas fritas baratas” e a falta de escolas em um lugarejo distante em um país asiático. No artigo “Consumindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas baratas”, Apple (2000) conta que, passando em uma estrada quase erma em um país asiático onde fora dar uma palestra, vê placas com a logomarca de uma famosa rede de *fast food* americana e, ao indagar à amiga, descobre que os/as moradores/as dali foram expulsos/as para dar lugar a extensas plantações de batatas, que seriam comercializadas pela rede de *fast food* nos lugares mais diversos do mundo. A amiga esclarece as consequências da abertura dada ao capital estrangeiro e os estragos que este foi capaz de gerar na educação em seu país. Portanto, para esse autor, o ato de comer batatas fritas constitui-se um “ato social pleno” e envolve uma longa cadeia de

relações que retirou oportunidades ou direitos sociais, como por exemplo, o acesso à educação. Dessa forma, não se pode pensar a educação sem analisar a conjuntura econômica, política, social particulares e, principalmente, as relações de poder envolvidas.

Articulada a essa discussão, é preciso destacar, ainda, dentro do escopo do projeto neoliberal, uma das consequências para a educação: a transformação da escola em empresa, ou, nos termos de Fairclough (2001) a “mercantilização da educação”. A doutrina neoliberal prega a *demissão do Estado* (BOURDIEU, 1987), ou seja, a ideia da diminuição dos investimentos do Estado em áreas sociais, como a educação, e a consequente entrega desse setor à iniciativa privada. Em nome disso, retira-se a responsabilidade deste em assuntos pelos quais é o responsável e delega-os ao mercado. Assim, a educação, a saúde, que são deveres do Estado, são vendidas como um produto no mercado a quem possa pagar por elas; em suma, "o mundo, em essência, torna-se um vasto supermercado" (APPLE, 1993 *apud* APPLE, 2010, p. 187). Dessa forma, existem as escolas privadas, porém não para todos/as os/as estudantes. Nesse contexto, emerge o “discurso da qualidade” em educação, que tende a “transformar questões políticas e sociais em questões técnicas” (SILVA, 2010, p. 18). Em outras palavras, quando a escola é vista como uma empresa, mudam-se os objetivos, a visão dos problemas e a relação entre seus agentes.

Primeiro, uma empresa tem o objetivo de fornecer lucros, sendo assim, o/a estudante é visto/a como cliente, o/a professor/a como mão de obra, o/a diretor/a como gerente. Para se obter lucro, é preciso conciliar uma produção grande em menor tempo possível, gastar pouco com funcionários/as e supervisionar eficientemente. Em uma escola particular isso significa ter turmas numerosas, pois quanto maior o número de estudantes por turma, maior o percentual arrecadado; pagar baixos salários aos/às professores/as com vistas a um lucro cada vez maior; cobrar do/a coordenador/a/gerente resultados. Em relação à escola pública, a dinâmica é parecida feita a ressalva da impossibilidade da obtenção de lucros: verbas “economizadas” com turmas numerosas (na verdade, superlotadas, em muitos casos); salários baixos de professores/as e funcionários/as; gestores/as educacionais encarregados/as de “gerenciar” as escolas e prestar contas. É válido ressaltar que são cobradas de diretores/as responsabilidades que estão além de sua formação profissional, a exemplo da contabilidade e prestação de

contas da verba pública das escolas, feitas por professores/as que ocupam cargo de direção.

Segundo, com o Estado “demitido” de suas responsabilidades e com a propagada eficiência das escolas privadas, afasta-se a discussão pública sobre políticas voltadas para a educação pública. O que se faz é cada vez mais retirar o foco da importância da educação pública e mirá-lo no sucesso da educação privada. Dessa forma, o debate político cede seu espaço ao debate econômico e financeiro como se a educação fosse uma mera questão de economia.

Terceiro, sob o prisma da ideologia neoliberal, *naturaliza-se* a visão mercadológica e se realça a responsabilidade de seus agentes, isto é, uma possível falha na educação normalmente não tende a ser concebida como o resultado da ausência de investimento do dinheiro público, mas, sim, culpa de seus/suas “gerentes” que teriam falhado na administração. Portanto, se há em uma escola uma biblioteca que não funciona, oculta-se o fato de ser uma falha na estrutura educacional, como, por exemplo, a falta de pessoas qualificadas para isso, afinal em quantas escolas públicas do Brasil existem bibliotecários/as ou profissionais afins?; culpam-se os/as professores por não incentivarem a leitura, os/as estudantes por não gostarem de ler ou o/a diretor por não “gerenciar” bem sua escola (ou melhor, sua empresa). Da mesma forma, quando se questiona a formação do/a professor/a, não se discutem assuntos como o direito (a) ao conhecimento especializado e à formação continuada e permanente; (b) à remuneração digna que proporcione o acesso aos diversos tipos de cultura por meio de viagens, de cursos e da compra de livros e revistas; (c) às condições de trabalho dignificantes.

Muitos autores denominam *mcdonaldização* o processo de se adotarem princípios reguladores dos *fast foods* em outras áreas da vida social na modernidade, a exemplo de Gentili (2000, p. 49). O autor problematiza a “*mcdonaldização*” no âmbito da educação afirmando que “nessa ofensiva de caráter antidemocrático e excludente, as instituições educacionais tendem a ser pensadas e reestruturadas sob o modelo de certos padrões produtivistas e empresariais”. Assim, conforme já mencionei, as instituições de ensino funcionam como empresas, nas quais qualidade e quantidade são conceitos que não se articulam, pois, segundo a lógica dos *fast foods*, a quantidade, proporcionada pela rapidez, é o maior valor, então qualidade tem menos importância.

A “*mcdonaldização*” da educação pressupõe competição, portanto dentre as

funções sociais da escola estaria a de selecionar, classificar e hierarquizar os/as estudantes, uma vez que a competição é valorizada e incentivada dentro das instituições educacionais. Da mesma forma, o mercado classifica e hierarquiza as instituições de ensino a fim de que o/a “cliente” possa “escolher a melhor”. Para isso, segundo Gentili (2000, p. 53), são difundidos rigorosos critérios de competição, tal qual ocorre nas lanchonetes *McDonald*, nas quais

os sistemas de controle e promoção do pessoal [...] são conhecidos (e em muitas ocasiões tomados como modelo) pelo uso eficaz de um sistema de incentivos que promove uma dura e implacável competição interna entre os trabalhadores e pela difusão de um sistema de prêmios e castigos dirigidos a motivar a pertença e a adesão incondicional à empresa.

A escola, em consequência dessas regras, tende a se tornar um grande campeonato iluminado pela pedagogia da “qualidade total”.

1.2 “Qualidade total” em educação

Nesta seção, continuamos a refletir sobre consequências do neoliberalismo para a área educacional. O objetivo, no entanto, é trazer à tona questões mais específicas sobre a concepção de educação como mercadoria e, sobretudo, pensar como o discurso neoliberal, com seu léxico neoliberal, que inclui, por exemplo, termos como “qualidade”, contribui para a *naturalização* das desigualdades escolares e, consequentemente, sociais.

O ideário neoliberal, para a consecução de seus objetivos, vale-se de um léxico próprio e especializado para representar o mercado. Assim, a intenção aqui é discutir sobre o uso do termo *qualidade* no que diz respeito à educação.

O discurso da qualidade referente ao campo educacional começou a desenvolver-se na América Latina no final da década de 1980, conforme Gentili ([1994]2010). O termo *qualidade* constitui-se uma herança dos Estados Unidos da América, que transplantaram a linguagem do mundo do trabalho para a linguagem escolar. Como consequência da identificação da escola com uma empresa, todas as ações seriam tomadas baseando-se numa lógica de mercado: produzir resultados satisfatórios utilizando o mínimo de recursos possíveis; os/as estudantes seriam formados/as de acordo com as necessidades do mercado (ENQUITA, 2010). Assim, “tudo se reduz, nessa solução, a uma questão de melhor gestão e administração e de

reforma de métodos de ensino e conteúdos curriculares inadequados” (SILVA, 2010, p. 19).

Enguita (2010, p. 95-6) lembra, em 1994, que a palavra *qualidade* esteve na moda na moda na área educacional, mas continua hoje a fazer parte dos discursos, constituindo-se uma “meta compartilhada”:

Converte-se, além disso, em uma palavra de ordem mobilizadora, em um grito de guerra em torno do qual se devem juntar todos os esforços. Por sua polissemia pode mobilizar em torno de si os professores que querem melhores salários e mais recursos e os contribuintes que desejam conseguir o mesmo resultado educacional a um menor custo; os empregadores que querem uma força de trabalho mais disciplinada e os estudantes que reclamam maior liberdade e mais conexão com seus interesses; os que desejam reduzir as diferenças escolares e os que querem aumentar suas vantagens relativas.

Dessa forma, a definição de *qualidade* é ambígua e complexa. Quando tomada como “meta” em educação, isto é, sendo a luz que guiará os princípios educacionais, traz consequências desastrosas, pois se prioriza uma formação de pessoas para servirem às demandas e aos objetivos do mercado em detrimento da formação de um/a cidadão/ã crítico/a e autônomo/a.

Quando a sociedade tem como objetivo uma *educação de qualidade* visando a uma vaga no mercado de trabalho e negligenciando outros aspectos importantes, ela peca por dois motivos: primeiro, por responsabilizar o indivíduo por seu possível fracasso. Isso significa que se uma pessoa não consegue um bom emprego, uma boa posição, ela será vista como culpada, pois não se esforçou o bastante para ter a formação adequada, portanto “fracassou”. É nesse contexto que emerge o discurso da meritocracia, que supervaloriza o “vencedor”, aquele que “conquistou” uma boa posição no mercado e culpa o “fracassado”. Segundo, quando se destaca a questão da *qualidade* em educação, “apaga-se” a questão da igualdade de acesso. Nesse mundo de exigências neoliberais de “qualidade”, é preciso refletir sobre questões como: a qualidade é algo a que todos/as têm direito, ou seja, o acesso a boas escolas é assegurado a todos/as os/as alunos/as? Existe igualdade, isto é, os/as aprendizes estão submetidos/as às mesmas regras (possibilidades e constrangimentos sociais estruturais, nos termos da ADC) tanto na entrada quanto na saída da escola?

Para Enguita (2010, p. 101), a resposta é não, pois “o discurso da reforma

educacional limita-se ao campo da eficiência e deixa estacionada a questão da igualdade”, já que

a busca da qualidade se refere à passagem das melhorias quantitativas às qualitativas. Não apenas mais, mas melhores professores, materiais e equipamentos escolares, ou horas de aula, por exemplo. Mas a palavra de ordem da qualidade encerra também um segundo significado: não melhor (em vez do mesmo ou de menos) para todos, mas para uns poucos e igual ou pior para os demais (ENGUIITA, 2010, p. 107).

Por outro lado, *qualidade* não deve ser interpretada apenas em sentido ruim, ideológico, afinal, ter uma formação institucional de qualidade é algo bom. Para Gentili (2010), o significado da *qualidade* e, conseqüentemente, a definição dos instrumentos apropriados para avaliá-la, são espaços de poder e de conflito que não devem ser abandonados. Então, não se trata de condenar a busca pela qualidade, mas de ressignificá-la levando em conta que não existe um único e universal critério para avaliá-la, como tem sido feito nas lutas hegemônicas pela disseminação e universalização de discursos e ideais neoliberais. Para esse autor, o desafio consiste em pensar a qualidade como *um fator indissolúvelmente unido a uma democratização radical da educação e a um fortalecimento progressivo da escola pública*. Enfim, a educação de qualidade não deve ser um privilégio da classe social e economicamente favorecida, mas, sim, um direito inalienável de todos/as os/as cidadãos/ãs, sem distinção.

Convém frisar que o discurso neoliberal de “qualidade em educação” envolve também questões ligadas ao desempenho dos/as professores/as e das escolas. Uma educação de qualidade (agora tomo qualidade em um sentido positivo) é aquela que proporciona ao/à aprendiz o desenvolvimento do intelecto e o pensamento crítico e autônomo, mas também a que propicia qualidade de vida pessoal e intelectual aos/às seus/suas profissionais. Sob esse olhar, o discurso neoliberal da qualidade afasta do debate público questões como direito do/a professor/a a uma boa formação, inicial e continuada; a condições dignas de trabalho e à justa remuneração para responsabilizá-lo/a por sua situação e culpá-lo/a por lutar por condições melhores utilizando-se de estratégias públicas de mobilização grevista.

Conforme detalhamos nos Capítulos 2 e 4, verifica-se que o discurso hegemônico da qualidade tem potencial para *dissimular*, nos termos de THOMPSON

(1995), as causas do problema educacional *deslocando* o foco para seus efeitos, por exemplo, o baixo desempenho das escolas e o baixo rendimento dos/as estudantes, apontados pelas avaliações institucionais nacionais. Esse discurso é tão disseminado, naturalizado e legitimado em diferentes tempos-espacos que, muitas vezes, os/as próprios/as envolvidos/as no processo educacional assumem essa “culpa” e passam a se autorregular em nome de resultados melhores, internalizando o discurso neoliberal hegemônico. Daí a importância de estudos que buscam problematizar tais questões.

1.3 O/A professora/a como categoria profissional

A primeira reflexão que trago aqui é em relação ao acréscimo “como categoria profissional” ao termo “o/a professor/a” que aparece como título desta seção. É uma curiosa redundância justificada pelo fato de o/a professor/a não ser visto/a por muitos/as como um/a profissional como metalúrgicos/as, advogados/as, engenheiros/as. Ora, um/a profissional subentende um trabalho e uma remuneração, direitos e deveres e, frequentemente, conflitos. Todavia, se isso é algo normal para qualquer profissional, com relação ao trabalho docente, os discursos são outros. Associar a atividade docente ao sagrado pode ser um obstáculo para a assunção, por parte dos/as docentes, de uma identidade profissional sólida e crítica, o que, como observa Rêses (2008), pode ter contribuído para que só tardiamente os/as professores se organizassem em associações e sindicatos.

Os trabalhadores/as brasileiros/as começaram a reconstruir sua independência sindical, segundo Caron (2009), no período de redemocratização, após 1985. As greves, então, além de instrumento de luta em prol de melhorias, transformaram-se em mecanismos de mudanças sociais e legitimação das classes trabalhadoras. Assim, os sindicatos ressurgem como entidades que têm o objetivo de organizar os/as trabalhadores/as na luta por reivindicações econômicas, como por melhores salários, melhores condições de trabalho e de vida. Nesse sentido, eles buscam melhorar as condições gerais de trabalho, defender a estabilidade no emprego e representar os/as trabalhadores/as. Nesse cenário, como pontua Caron (2009), o movimento sindical cresceu e, apesar das dificuldades, as greves do magistério público consolidaram-se e conseguiram ocupar, nos primeiros anos da redemocratização, um espaço político jamais imaginado anteriormente pela categoria.

Rêses (2008, p. 67) destaca a importância da organização dos/as docentes em sindicatos: entidades que trabalham, em princípio, na construção de uma “identidade docente” única e homogênea em prol de melhorias para os/as profissionais. Assim, para o autor, a demora ou recusa em associar-se pode ser uma consequência das forças alienantes advindas de ideologias dominantes, “presentes parcialmente no universo simbólico do professorado”.

Outro motivo que justifica a visão diferenciada do/a professora/a como profissional é a natureza do trabalho. No modelo capitalista de produção, no qual interessa às classes privilegiadas o lucro dos produtos que as classes de trabalhadores/as produzirão, o/a professor da escola pública é visto como profissional que realiza um “trabalho imaterial”, pois seu produto não é tangível, material (RIDENTI, 2001, p. 65). Além disso, esse “produto”, ou melhor, a educação, é representada/propagada, ideologicamente, como nobre ou sagrada. Uso propagada porque a pesquisa sugere que essa seja mais uma estratégia utilizada pelo governo e por grupos hegemônicos para *naturalizar* a situação de desvalorização docente, uma vez que, se internalizada/inculcada a ideia de que o/a professor/a é um sacerdote e trabalha por amor à profissão, torna-se desnecessário pensar em recompensas, como uma remuneração digna. Segundo esse discurso, ele/a não precisaria de dinheiro, somente o aprendizado de seus pupilos já seria recompensador. Esse discurso ideológico emerge em períodos de crise, sobretudo, nos quais os/as professores/as se mobilizam em atividades grevistas para lutar por seus direitos. Nesses períodos de crise, são veiculados por parte da grande mídia discursos ideológicos que associam o professorado a “mercenários”, construindo a imagem de supostos “inimigos públicos”, por meio da estratégia de fragmentação pelo *expurgo do outro*, isto é, por meio da construção de um “inimigo” (THOMPSON, 1995), que, nesse caso, seria o/a professor/a, representado/a como descompromissado/a, interesseiro/a, cujo único valor é o salário; “inimigo/a”, pois, da educação como direito civil. A mobilização grevista das universidades públicas federais, que ocorreu em 2001, foi representada pelo jornal *O Globo* como sinônimo de prejuízos à população, intransigência, radicalismo e violência por parte dos/as professores/as, como pontua Pelliccione (2004). Tais construções serão discutidas nos Capítulos 2 e 4.

Giroux (1997) propõe que, para haver mudanças na área educacional, é preciso

que os/as professores/as engajem-se em um debate, desenvolvam uma perspectiva teórica capaz de redefinir a noção do seja a “crise educacional” e, ao mesmo tempo, fornecer uma base para se pensar em alternativas de formação e trabalho diferentes das propostas mais tecnicistas, as quais tendem a desvalorizar o trabalho crítico e intelectual dos/as professores/as, relegando-os/as a meros/as reprodutores/as de conhecimento. Para esse autor, é necessário que o papel da escola e do/a educador/a seja repensado. Quanto ao primeiro, ele defende a existência das escolas como “instituições essenciais para a manutenção e desenvolvimento de uma democracia crítica”; quanto ao segundo, ele ressalta que é “imperativo examinar as forças ideológicas e materiais que têm contribuído para [...] a proletarização do trabalho docente”, ou seja, a tendência a reduzir o trabalho docente a meros aspectos técnicos, isto é, repassar um conhecimento especializado de maneira autômata (GIROUX, 1997, p. 158). A escola deve ser vista, segundo Giroux (1997), como uma instituição econômica, cultural e social inextrincavelmente atrelada ao poder, na qual os/as educadores/as, tendo consciência da relação escola-poder, tornam-se intelectuais transformadores/as capazes de promover mudanças, educacionais e sociais.

Em nossa concepção crítica, como instituições e práticas sociais, a educação, as práticas de ensino-aprendizagem, a escola, envolvem formas de (inter)ação, pessoas, isto é, educadores/as, alunos/as, diretores/as, coordenadores/as, com suas crenças, valores, histórias, relações sociais de poder, de luta hegemônica, em um mundo material específico, centralmente organizado em torno de atividades discursivas. Dessa forma, é possível identificar, no ambiente escolar, redes de discursos que incluem os discursos governamental, pedagógico/acadêmico, institucional/direção-coordenação, didático-pedagógico, de pais/mães/responsáveis e alunos/as sobre um evento.

No Brasil, se compararmos as várias profissões de nível superior, de semelhante complexidade, podemos perceber que talvez a docência, mais especificamente da educação básica pública, figura entre as menos financeiramente valorizadas. Em razão disso, existe um movimento em defesa de equalização salarial entre profissionais, que permita a construção de relações trabalhistas menos conflituosas nas quais questões de gênero não sejam determinantes. Como observa Rocha (2009, p. 22), alguns estudos apontam para o “processo de desvalorização social do magistério”, o qual está relacionado ao empobrecimento, à feminização e ao adoecimento da categoria, uma vez

que os salários pagos são baixos, os planos de carreira não permitem grande ascensão, nem todos os estados proporcionam planos de saúde, a estrutura educacional é deficiente, faltam recursos financeiros, materiais e humanos, muitas escolas estão dominadas pela violência, enfim, há uma evidente despreocupação com os/as profissionais em educação.

Isso, no entanto, não ocorre por acaso, mas é consequência, também, da doutrina neoliberal, que estabelece outras prioridades, consideradas mais lucrativas, como no processo de *mcdonaldização* já referido. Gentili (2000) afirma que o processo de *mcdonaldização* da escola traz consequências também no campo do currículo e na formação dos/as professores/as. Segundo o autor, dentro dessa proposta de *mcdonaldização*, a formação dos/as docentes compreende um processo simples assim como o de um/a preparador/a de hambúrgueres, no qual o treinamento deve ser rápido e disciplinador, naturalmente feito por *experts* e consultores/as de empresas que certamente nada entendem dos princípios e valores da educação.

Essa formação, competitiva e individualista, legitima a ideia de que a tarefa do/a educador/a seria a transmissão rápida e eficiente de conteúdos para os/as aluno/as atingirem altos índices e se destacarem em testes de avaliação e vestibulares. Outra consequência desse tipo de formação é a negligência com a criticidade e a autonomia, que são objetivos tanto da formação discente quanto docente. Essas práticas ideológicas podem comprometer a constituição da identidade do/a educador/a como grupo social crítico. Conforme Marx (1985[1867], p.70 *apud* Silva 2000, p. 62), “à primeira vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas”. Com isso, o autor propõe compreender o “fetichismo da mercadoria”, o processo pelo qual certas relações tornam-se invisíveis e aparece somente a coisa, o objeto, a mercadoria isolada, desconectada do mundo. Nesse caminho, Silva (2000, p. 64-5), relacionando o social com o educacional, afirma

que um dos objetivos centrais de um currículo crítico deveria ser precisamente e de desfetichizar o social, ao demonstrar seu caráter construído, sua natureza relacional. A vida social nos aparece, ordinariamente, como fetiche, como coisa. Uma perspectiva social e pedagógica crítica deveria nos permitir, como diz Apple, interromper esse processo de fetichização, que é o elemento essencial da construção do senso comum, tornando visíveis as conexões entre essa aparência fetichizada e as relações sociais que ela esconde.

Das palavras de Silva (2000), entendemos que é tarefa do/a docente, primeiro, construir sua identidade como profissional, político/a e militante, consciente das relações que envolvem sua tarefa como educador/a; segundo, educar seus/suas alunos/as orientando-os/as para a desconstrução das redes de práticas que obscurecem as relações de poder. Em suma, trabalhar na tentativa de “desfetichizar” as relações obscuras que envolvem educação e outras questões sociais. Ou, ainda, superar a lógica de aparências em prol de uma lógica explanatória, conforme Fairclough (2003), isto é, observar/estudar os problemas sociais fomentando discussões profundas que desvelem suas causas ocultas não se atendo à superficialidade dos efeitos ideologicamente programados, conforme abordaremos no Capítulo 4.

Conforme problematizado, certos discursos e práticas, tal como a forma de tratamento de “tia”, conferida a professoras, têm potencial ideológico para descaracterizar ou fragmentar o grupo social dos/as profissionais professores/as. Conforme Freire (2009, p. 27),

a tentativa de reduzir a *professora* à condição de *tia* é uma “inocente” armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de *adocicar* a vida da professora, o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais.

Aceitar “ser tia” na escola equivale, na perspectiva freireana, a abrir mão de “ser professora”. Isso não significa menosprezo à figura da *tia*; por outro lado, identificar a professora com a *tia* não trará valorização alguma, mas retirará algo fundamental à *professora*: “sua responsabilidade profissional de que faz parte a exigência política de sua formação permanente” (FREIRE, 2009, p. 13). Sendo assim, quando se transpõe para a *professora* a identidade da *tia*, ou seja, quando esses papéis sociais se hibridizam, resulta em uma pessoa (não uma profissional) que não se rebela, não luta, não faz mobilização grevista.

É preciso pensar, ainda, nos sentidos potencialmente ideológicos dessa identificação: a adesão a uma greve por parte da “tia” pode ser interpretada por parte de pais e mães dos/as alunos/as e da sociedade como uma manifestação de irresponsabilidade e de desamor das tias com seus/suas sobrinhos/as, um abandono que prejudica o aprendizado deles/as. Esse tipo de discurso pode constituir-se um dos obstáculos para a mencionada construção da identidade social docente, a consciência de

grupo social profissional, enfim, a emancipação.

1.4 Professores/as do Distrito Federal – Brasília e as mobilizações grevistas de 2012

Antes de abordar questões mais específicas de educação no Distrito Federal, quero retomar aqui a questão do discurso neoliberal em educação, quer dizer, a problemática da educação de qualidade e a conseqüente visão do “Estado mínimo”. Quando a educação é pensada sob o prisma da *qualidade total*, a ineficiência do Estado no gerenciamento da coisa pública é propagada, então a situação enfrentada cotidianamente em nossas escolas por professores/as e administradores/as educacionais, é apresentada como consequência de métodos ‘atrasados’ e ineficientes de ensino e de currículos inadequados e anacrônicos (SILVA, 2010). Assim, tanto o Estado quanto os/as profissionais em educação são responsabilizados pelo fracasso escolar. Silva (2010, p. 19-20) argumenta que é difícil refutar essa proposta de ‘qualidade total’ mas que ela esconde sua natureza essencialmente política da configuração educacional existente. E explica que

a educação pública não se encontra no presente e deplorável estado principalmente por causa de uma má gestão por parte dos poderes públicos, mas sim, sobretudo, porque há um conflito na presente crise fiscal entre propósitos imediatos de acumulação e propósitos de legitimação (os governos estaduais não remuneram mal os professores apenas porque os governadores são “maus” ou pouco iluminados, mas porque isso compete com os objetivos de financiamento – necessários ao processo de acumulação- mais imediatos). As escolas privadas não são mais eficientes que as escolas públicas por causa de alguma qualidade inerente e transcendental da natureza da iniciativa privada (o contrário valendo para a administração pública), mas porque um grupo privilegiado em termos de poder e recursos pode financiar privadamente uma forma privada de educação (sem esquecer a vantagem de capital cultural inicial – de novo resultante de relações sociais de poder – de seus/suas filhos/as, em cima do qual trabalham as escolas privadas).

De acordo com esse autor, a educação é, então, engenhosamente pensada e organizada para servir aos interesses de grupos privilegiados que podem financiar escolas privadas (em escolas particulares não ocorrem mobilizações grevistas) e, com isso, obter lucro, e, ainda, têm condições de pagar os estudos dos/as filhos/as, os quais serão formados/as para continuarem fazendo parte da elite. Por outro lado, para os/as

pobres, a escola pública com todos os problemas e as deficiências.

É importante salientar que, para Silva (2010), a má remuneração dos/as professores/as é também parte desta estratégia neoliberal que visa a manter “cada macaco em seu galho”, ou melhor, cada classe desempenhando exatamente um pré-determinado papel para que tudo continue igual. Explico melhor: o desestímulo da remuneração dos/as professores/as aliado às condições precárias de escolas públicas pode propiciar uma diferença de acesso dos/as estudantes da escola pública em relação aos/as de escolas particulares aos bons cursos universitários, o que pode acentuar diferenças sociais tendo em vista que, se nada for feito em prol de melhorias para a educação pública, aqueles poderão não ter o direito de escolha, e serem obrigados/as a ingressarem em cursos que “sobrarem” da escolha dos/as privilegiados/as.

O raciocínio neoliberal em educação, no entanto, pressupõe tanto um acesso igualitário ao ensino quanto um/a consumidor/a apto/a a fazer escolhas racionais. Porém, não há acesso igual para todos/as nem todos/as podem fazer “escolhas” racionalmente; por conseguinte, a desigualdade educacional gera a desigualdade social. Além disso, ainda há a responsabilização da escola e, principalmente, do corpo docente por “esse fracasso”. Em Brasília, assim como no restante do país, a qualidade das escolas públicas, normalmente é associada ao número de aprovados em vestibulares. Por isso, a veiculação/disseminação desse discurso ideológico da qualidade no âmbito escolar, constitui-se uma ferramenta que se interpõe à superação do problema.

Em 2001, no governo de Fernando Henrique Cardoso, foi sancionada a Lei 10.172/2001, que estabelece o Plano Nacional de Educação (PNE). Em 2006, foi aprovado um novo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), que abarca toda a educação básica e amplia o percentual da arrecadação dos impostos para a manutenção e o desenvolvimento do ensino. No bojo dos debates sobre a importância de se valorizar a educação, tornaram-se prioritárias medidas que valorizassem os/as docentes, propiciassem o acesso às universidades e criassem um piso salarial nacional. Assim, em 2008, foi aprovada a Lei Nº 11.738, que instituiu o piso salarial nacional dos/as professores/as da educação básica das escolas públicas brasileiras. Conforme Rocha (2009), a UNESCO estabelece dentre os critérios da remuneração docente a compatibilidade com: a) a importância atribuída pela sociedade à função educativa; b) a

remuneração de profissões análogas em termos de formação e c) o nível de vida satisfatório para o/a docente e seus familiares. Essa autora cita o documento para a Organização da Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), publicado em 2005, na Europa, que reconhece a queda do poder aquisitivo dos salários dos/as professores/as e o envelhecimento do corpo docente e aponta para a necessidade de tornar a carreira do magistério mais atrativa como uma estratégia de melhoria para a educação.

Diferenças à parte, é fato que, também no Brasil, é visível o desinteresse por parte dos/as jovens em relação à carreira do magistério, em função de vários fatores, incluindo o salário desanimador, a robusta jornada de trabalho a que o/a profissional é obrigado a cumprir e o reconhecido estresse da profissão. Segundo o Censo Escolar de 2012, o DF possui um quadro com 27.337 profissionais em educação em atividade, entre docentes efetivos e temporários. Desses, 77,86% são mulheres e 22,14% são homens. Os/as que têm até 30 anos são quase 40% do efetivo total, o que aponta para o processo de envelhecimento que também ocorre na Europa. Portanto, é latente a necessidade de valorização da educação e de seus/suas profissionais.

O Governo Federal divulgou, em 2011, dados sobre educação, segundo os quais o Distrito Federal teria um dos melhores sistemas educacionais do País se comparado aos estados brasileiros, mas as manchetes de reportagens veiculadas pelos meios de comunicação indicam problemas parecidos com os vivenciados em escolas no restante do país.

É preciso ressaltar que boa parte dos/as professores/as, hoje, principalmente aqueles/as da escola pública, são vítimas de doenças, situações de violência e desamparo. É muito comum os discursos hegemônicos os/as responsabilizarem por índices ruins de desempenho e raramente reconhecerem seu esforço. Talvez nenhuma categoria seja tão avaliada e cobrada pela população tal como os/as docentes. Muitos/as trabalham em escolas nas quais a violência domina e são vítimas de doenças como a depressão ou a síndrome de *Burnout*. Conforme Carlotto (2011), a docência é considerada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como um das profissões mais estressantes e possui muitos elementos que conduzem à síndrome de Burnout, que é resultado do estresse crônico, típico de situações de trabalho em que o indivíduo sofre muita pressão, vivencia muitos conflitos e não se sente reconhecido ou recompensado

emocionalmente. Um estudo feito em Porto Alegre (RS) revelou alto índice de professores/as com baixa realização profissional, um dos fatores desencadeadores da síndrome. Outro fato que merece atenção é com relação à carga horária: quanto mais elevada, maior o sentimento de desgaste emocional por parte dos/as docentes, conforme se verificou na pesquisa de Carlotto (2011). É importante observar que ter jornadas dobradas (ou triplicadas) é uma constante necessidade na carreira do magistério em razão dos baixos salários. O Distrito Federal, assim como em muitos estados brasileiros, possui um índice alto de professores/as afastados/as da sala de aula por recomendação médica. Segundo a Secretaria de Educação do DF, em fevereiro de 2012, em apenas uma semana de aulas foram recebidos 713 atestados médicos de professores.

Os movimentos grevistas dos/as professores/as da educação básica da escola pública, que aconteceram em vários estados e cidades do nosso país em 2012, não são senão uma das faces do problema de pesquisa em questão. Foram muitas as manchetes de jornais nos diversos estados brasileiros, como: “Cinco mil professores fazem passeata para cobrar o piso em SC” (*Portal Terra*, 12.03.12), “Sindicato estima em 80% paralisação de professores no RS” (*Portal Terra*, 15.03.12); “Professores de São Paulo marcam greve para 14 de março” (*site Rede Brasil Atual*, 16.02.12), “Professores finalizam greve após 115 dias de movimento” (*A tarde*, jornal da Bahia, 03.08.12); “Paralisação de professores da rede pública termina hoje” (*G1 Triângulo Mineiro*, 16.03.12). Em 2012, houve ainda, a paralisação das atividades da maioria das universidades públicas federais e estaduais, um sintoma de que a educação requer cuidados mais sérios.

Já aconteceram muitas mobilizações por parte dos/as professores/as do DF. Caron (2009) assinala que, na década de 1990, o ânimo e a disposição para a luta dessa categoria criou um cenário favorável a mobilizações, mas os governos conservadores conseguiram controlar as pressões e se adaptar a esse novo cenário. As mobilizações tornaram-se cada vez mais longas, o que pode ter contribuído para seu desgaste junto à opinião pública. Segundo esse autor, no DF, de 1998 até hoje, quase todas as mobilizações grevistas de professores/as prolongaram-se acima de 40 dias, com exceção de 2005, com apenas 7 dias parados. A mais recente mobilização terminou depois de 52 dias. Caron (2009) acredita que exista, hoje, um enfraquecimento de movimentos reivindicatórios e reconhece que o mundo do trabalho merece investigações no

momento das mobilizações educacionais para que outros fatores ganhem importância no debate público e acadêmico, tais como: condições materiais e psicológicas de trabalho, precariedade nas relações trabalhistas, intensificação da jornada de trabalho.

As reivindicações do professorado de Brasília contemplavam itens de um acordo assinado pelo Governador Agnelo Queiroz, por ocasião de sua posse em 1º.01.11: reajuste salarial, plano de cargos e salários, plano de saúde, convocação de professores/as concursados/as. Em relação ao salário, o Distrito Federal cumpre a Lei Nº 11.738, de 16 de julho de 2008, do piso salarial. Esse fato é veiculado como uma propaganda do governo do DF, como se não fosse o mero cumprimento de uma lei estabelecida pelo/a Presidente da República, isto é, uma obrigação. Além disso, os discursos governamentais normalmente atribuem ao salário a única causa de uma paralisação de atividades, que indica uma estratégia de construção de identidade profissional como “inimigos interesseiros”, para os/as professores/as mobilizados/as, perante a opinião pública, principalmente perante os pais, as mães e os/as responsáveis pelos/as estudantes, muitos/as dos quais recebem salário ainda inferior, conforme observamos na pesquisa e discutimos no Cap. 4. Neste ano de 2013, o piso salarial foi estabelecido em R\$ 1.567,00. Segundo o Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF), está marcada para 7 de março de 2013 uma assembleia geral, com paralisação, em frente ao Palácio do Buriti, sede do governo do DF.

Convém ressaltar que associar grupos mobilizados, isto é, manifestantes, a pessoas desqualificadas é uma prática recorrente da mídia brasileira. Leal (2009, p. 124) ilustra como a "Marcha das Margaridas", manifestação ocorrida em Brasília, em 2007, organizada pela Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), que reuniu cerca de 14 mil trabalhadoras rurais, foi representada pelo *Jornal de Brasília*, associada "à desordem, à perturbação, ao desrespeito à lei e, portanto, à transgressão". Da mesma forma, o jornal *O Globo*, em 2001, associou as mobilizações dos/as funcionários/as das universidades públicas federais à intransigência, à desordem e à luta por privilégios, e, ainda, acusou os/as professores/as de possuírem baixa produtividade acadêmica (PELLICCIONE, 2004).

Por isso, nesse contexto de cobrança por uma educação digna para filhos/as de pessoas desprivilegiadas, de políticas e promessas de valorização dos/as docentes e, principalmente, de mobilizações grevistas dos/as servidores/as do GDF em educação,

em 2012, é que investigo como esses/as profissionais mobilizados/as são representados/as nas reportagens do *corpus* principal, publicadas pelo *Correio Braziliense*, principal jornal do Distrito Federal, desde que o movimento grevista de 2012 teve início. Como esclareço na Apresentação, o problema social parcialmente discursivo investigado nesta pesquisa são as *representações/discursos* sobre mobilizações grevistas e professores/as em greve que podem ser legitimadas em reportagens jornalísticas/gêneros e inculcadas em *identidades particulares e sociais/estilos*, principalmente dos/as professores/as, mas também de uma gama de atores sociais envolvidos direta ou indiretamente na conjuntura social e nos eventos de mobilização enfocados na pesquisa, tais como estudantes, pais/responsáveis, professores/as, professores/as em formação, governantes, ou seja, de cidadãos/ãs em geral, cujos direitos contemplam a educação. Por isso, objetivamos investigar *representações/discursos* e identificações/estilos potencialmente ideológicas dos eventos de mobilização grevista, bem como dos/as professores/as em greve, nos textos do *corpus* documental principal que materializam o gênero reportagem jornalística, como detalharemos no Cap. 3 (seção delimitação de *corpus* de pesquisa).

Para investigar discursos hegemônicos como esse, que podem legitimar representações e identificações ideológicas dos/as professores/as engajados/as nas mobilizações grevistas ocorridas em 2012, lançamos mão de uma abordagem teórica da linguagem de cunho crítico-explanatório, conforme apresentamos no Cap. 2, a seguir.

Em suma, vimos até aqui como se configura a educação na era do neoliberalismo, isto é, o local e a importância dados a esta e a seus/suas profissionais. No cenário de políticas neoliberais, a educação não é prioridade, pelo contrário, tornam-se relevantes, na agenda neoliberal, itens (ou produtos) que possam fornecer lucro aos seus idealizadores. Para esclarecer de que forma isso acontece, parti de uma reflexão sobre como os neoliberais transplantaram a visão mercadológica para o contexto educacional e como isso repercutiu negativamente em descaso e abandono para com as escolas e os/as trabalhadores/as desta área. O uso de um léxico adequado também foi importante na inculcação desse pensamento, a exemplo do termo “qualidade”, que passou a designar uma série tanto de pré-requisitos para as escolas serem consideradas boas, quanto de metas a serem alcançadas por elas. A importância da mídia na atualidade e o trabalho que ela desenvolve na legitimação ou refutação dos discursos

sociais foi mencionada, mas será melhor discutida no Cap. 4, seção 4.2. Como parte da caracterização da conjuntura, refletimos sobre o papel do/a professor/a nessas mudanças e suas lutas em defesa de políticas de melhorias para a educação. Chegamos ao contexto de educação no Distrito Federal, espaço no qual se insere o tema desta pesquisa, apresentando quem são esses/as profissionais mobilizados/as em busca das respostas para um acordo firmado entre eles/as e o governo.

CAPÍTULO 2

Análise de Discurso Crítica – Aspectos Teóricos

Neste capítulo, apresento brevemente as origens dos estudos do discurso, começando pela contribuição de Foucault; depois, apresento a Análise de Discurso Crítica (doravante ADC), destacando, primeiramente, seus aspectos ontológicos e epistemológicos. Nessa perspectiva, é apresentada uma interpretação do mundo social segundo o Realismo Crítico, sua constituição organizada em estratos que correspondem a *mecanismos, eventos e experiências*, sua relação com a forma de produzir conhecimento e sua relação com as práticas sociais, tudo isso orientado para a mudança social. Em seguida, volto-me para os aspectos teóricos da ADC com vistas a esclarecer seus conceitos e justificar sua escolha como proposta crítico-explanatória. Por fim, destaco outros conceitos imprescindíveis para uma melhor compreensão da ADC como ciência transdisciplinar. Em relação às categorias de análise utilizadas nesta pesquisa, optei por não incluí-las neste capítulo. Assim, elas serão apresentadas, descritas e exemplificadas no Capítulo 4.

2.1 Teoria social do discurso

Foucault (2009 [1971]) define o discurso não como o que simplesmente traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. Isso significa que o discurso está imbricado nas lutas pelo poder, aliás, o discurso é uma das ferramentas com as quais se luta pelo poder.

Fairclough (2008 [2001]) reconhece que os estudos de Foucault sobre o discurso foram de grande relevância para o desenvolvimento das Ciências Sociais, pois sua abordagem de análise de discurso é amplamente levada em consideração pelos cientistas sociais. Nesse caminho, Fairclough (2008, p. 62) defende:

O trabalho de Foucault representa uma importante contribuição para uma teoria social do discurso em áreas como a relação entre discurso e

poder, a construção discursiva dos sujeitos sociais e do conhecimento e o funcionamento do discurso na mudança social.

A importância dos estudos iniciais, denominados de ‘arqueologia’, de Foucault, segundo Fairclough (2008, p. 74), reside em dois pontos teóricos principais: o primeiro é a visão constitutiva do discurso, “o discurso constitui os objetos de conhecimento, os sujeitos, e as formas sociais do ‘eu’, as relações sociais e as estruturas conceituais” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 64); o segundo é a “ênfase na interdependência das práticas discursivas de uma sociedade ou instituição”, isto é, o fato de os textos produzidos retomarem textos anteriores ou anteciparem os posteriores, estabelecendo um diálogo com eles, a chamada intertextualidade.

Já na segunda fase foucaultiana, a da “genealogia”, Fairclough (2008, p. 74) observa que é acrescido o poder na discussão sobre a linguagem, ou seja, Foucault “localiza o discurso e a linguagem no coração das práticas e dos processos sociais”, portanto o poder está imerso (e implícito) nas relações sociais.

Na discussão sobre sistema de poder, Foucault (2004) apresenta duas imagens de sistemas históricos de disciplina e coerção, que são formas de manter a sociedade controlada/disciplinada: “a disciplina-bloco, a instituição fechada, estabelecida à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer parar o mal, romper as comunicações, suspender o tempo” (FOUCAULT, 2004, p. 172), esta seria uma forma de controle mais acirrada e radical com o indivíduo encarcerado; e “*a disciplina-mecanismo*: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis para uma sociedade que está por vir”, uma referência ao “panóptico de Bentham²”. Vale ressaltar que o panóptico “pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos”, enfim “é uma máquina eficiente que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder” (FOUCAULT, 2004, p. 167).

² O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar (FOUCAULT, 2004, p. 165-6).

Nessa perspectiva, além de fonte de poder, o discurso é, também, uma forma de coerção do indivíduo, uma vez que, para Foucault (2009, p. 8-9),

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Isso nos remete aos estudos de van Dijk (2010) sobre os padrões de acesso ao discurso. Para esse autor, o discurso é semelhante a outros recursos sociais relevantes que constituem a base do poder, cujo acesso é distribuído desigualmente; assim os grupos sociais têm acesso desigual à mídia e às outras formas de produção e divulgação de discursos, conforme veremos na seção 4.2, no Capítulo 4.

Para fins de operacionalização da teoria de Foucault na Teoria Social do Discurso, Fairclough oferece uma abordagem para a realização de análises textuais situadas e, também, uma nova concepção sobre a visão constitutiva do discurso, considerando a possibilidade de mudança nas relações de poder por meio de lutas hegemônicas (FAIRCLOUGH, 2008).

Com base em princípios do Realismo Crítico (RC) (BHASKAR, 1989, *apud* RESENDE, 2009), a ADC delimita sua visão de mundo para o desenvolvimento de sua abordagem teórico-metodológica com vistas à promoção da mudança social favorável a minorias. Conforme Resende (2009, p. 19), “ontologia diz respeito ao modo como se entende a natureza do mundo social, aos componentes essenciais da realidade social”. Mason (2002 *apud* RESENDE, 2009) reconhece que, para o planejamento de uma pesquisa qualitativa, é imprescindível primeiramente se pensar em uma perspectiva ontológica, uma vez que não existem verdades que possam ser consideradas universais.

2.2 Análise de Discurso Crítica: aspectos ontológicos e epistemológicos

Bhaskar (1989, *apud* RESENDE, 2009), expoente do Realismo Crítico, propõe entender a realidade social como organizada ou dividida em três estratos: o *potencial*, o *realizado* e o *empírico*³. O primeiro é o domínio dos objetos, de suas estruturas,

³ Autores/as traduzem de diferentes formas os termos “real”, “actual” e “empirical”. Aqui optei pela tradução de Fairclough (2003), apresentada em Resende (2009).

mecanismos e poderes causais e se refere ao que pode existir independentemente de se tornar ou não um objeto empírico. O segundo diz respeito ao que ocorre de fato, isto é, torna-se realidade; é, portanto, o domínio dos *eventos*, que passam ou não por nossa experiência, isto é, o que acontece independentemente de nós tomarmos conhecimento deles ou não. O terceiro é o domínio das *experiências* efetivas, isto é aquilo que conseguimos captar/compreender/conhecer do domínio realizado, ou melhor, aquilo que assimilamos de nossa experiência empírica. Sendo assim, nem tudo que pode acontecer, acontece e nem tudo que acontece podemos/conseguimos captar. Bhaskar (1998 *apud* RESENDE, 2008) propõe um mapa ontológico para relacionar o potencial, o realizado e o empírico, como estratos da realidade social e os elementos sociais:

Quadro 2.1 - Estratificação de realidade

	Domínio do Potencial	Domínio do realizado	Domínio do Empírico
Mecanismos	√		
Eventos	√	√	
Experiências	√	√	√

Fonte: Bhaskar (1998 *apud* RESENDE, 2009, p. 22).

Para ilustrar dois desses três níveis, Resende (2008, p. 20) faz uma analogia com uma pessoa desempregada. Esta pode possuir toda a capacidade para trabalhar, isto é, pode ser potencialmente capaz de realizar uma atividade profissional, se obtiver um emprego. Todavia, se essa pessoa não conseguir uma ocupação e permanecer desempregada, sua capacidade de exercer uma atividade não desaparece, continua a existir no plano *potencial* ainda que não se concretize no plano do *realizado*.

Assim, a capacidade laboral diz respeito à instância do *potencial*, enquanto que o “trabalho efetivo” está no nível do *realizado*. Porém, para os/as realistas críticos/as, não é possível ter acesso ao domínio do *potencial*, pois, além de ser o mais abstrato dos três, só pode ser alcançado por meio dos outros dois, isto é, dos *eventos* (menos abstratos) e das *experiências* (mais concretas). É importante frisar que o Realismo Crítico distingue duas dimensões do conhecimento: uma dimensão ontológica, que diz respeito à

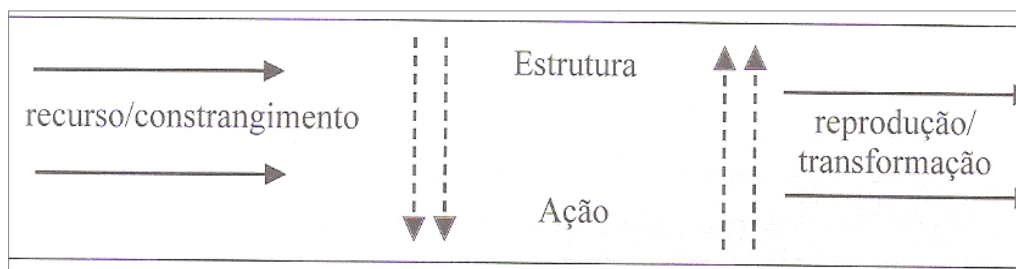
realidade independente do ser, dos objetos do mundo ou do conhecimento sobre ambos; e uma dimensão epistemológica, que se refere ao nosso conhecimento sobre a realidade ou sobre os objetos (RAMALHO, 2009; SAYER, 2000).

Nessa concepção, como explica Sayer (2000), cada estrato da realidade possui suas próprias estruturas distintivas e seus mecanismos que geram efeitos imprevisíveis e diferentes no mundo. Por esse motivo, não seriam válidas conclusões acerca de uma sucessão de eventos, porque estes, ainda que parecidos, nunca se repetem, isto é, nunca são os mesmos. Isso significa que há especificidades em cada evento que o tornam único, portanto, seus efeitos também são diferentes. Nas palavras de Sayer, 2000 citado por RAMALHO, 2009, p. 5,

pesquisas sociais não podem ser feitas pela investigação de eventos que se sucedem com regularidades empiricamente observáveis, uma vez que eventos sociais, por não serem pré-determinados e dependerem de condições contingentes, podem ocorrer de muitas maneiras diferentes.

De acordo com Bhaskar (1989 *apud* Ramalho 2009), o RC propõe uma abordagem crítico-explanatória para estudos sociais, que procura contemplar a natureza estratificada da realidade, incluindo as entidades, as estruturas e os mecanismos (visíveis ou invisíveis) que existem e operam no mundo. Como parte dessa abordagem, o RC propõe uma compreensão transformacional da atividade social, a seguir:

Figura 2.1 – Modelo transformacional da atividade social



Adaptado de Bhaskar (1998 *apud* RESENDE, 2009).

Nessa proposta, seus elementos são interdependentes, isto é, a estrutura (abstrata) e a ação humana não estão isoladas, pelo contrário, estão em um movimento contínuo, transformacional de ir e vir, influenciando-se mutuamente. Ramalho (2009, p. 7) esclarece a proposta:

Por um lado, segundo o movimento descendente da seta, a ação humana depende de regras e recursos (incluindo mecanismos e seus poderes causais) disponíveis na estrutura social, mas ao mesmo tempo em que essa estrutura, na qualidade de *meio*, é facilitadora, por *permitir* a ação, ela também é *constrangedora*, pois, de certa forma, “regula” condutas. Por outro lado, segundo o movimento ascendente da seta, o uso de regras e recursos de estruturas sociais por atores sociais pode resultar em *reprodução* ou *transformação* de tal estrutura, como *resultado*. Assim, *ação* e *estrutura* constituem-se transformacional e reciprocamente, de maneira que uma não pode ser separada da outra nem reduzida a ela. Atores sociais, à medida que agem, fazem uso da estrutura social, (re)articulando mecanismos e poderes causais, e a (re)produzem, gerando no mundo diversos efeitos imprevisíveis.

Resende (2009) observa que as estruturas são tanto condição como resultado (dados os recursos e os constrangimentos) da agência humana, que ao mesmo tempo as reproduz ou as transforma; porém acrescenta que estrutura e ação são historicamente assimétricas, isto é, a estrutura é sempre prévia, por conseguinte, a mudança (ou reprodução) potencial que os atores sociais poderão operacionalizar, por meio de sua agência, será em estruturas posteriores. Em outros termos, a estrutura permite a ação que a reproduzirá ou transformará, mas essa reprodução ou mudança somente ocorrerão em “um tempo 2”, quer dizer, um tempo depois. A autora complementa que existe, entre essas duas instâncias, uma outra, intermediária, que são as práticas sociais. Práticas sociais são um conceito fundamental para a teoria da ADC, por isso na seção seguinte elas serão explicadas.

Nesse sentido, a estrutura política educacional faz parte de outras macroestruturas sociais das quais depende, mas também regula as práticas educacionais, determina o funcionamento da educação, quais recursos lhe serão destinados, que importância terá no cenário nacional. Por outro lado, essa mesma estrutura, apesar de constranger, também oferece possibilidades de mudanças, uma vez que, segundo essa ontologia, a atividade social pode ser transformada. Conforme vimos no Capítulo 1, as mudanças nos diversos setores da vida social, imprimidas por ações hegemônicas de líderes neoliberais, atingiram o setor educacional, mas isso não significa que devemos aceitar essas ideias e essas consequências como fatais ou legítimas; pelo contrário, as pesquisas orientadas pelo RC têm por objetivo problematizar e promover, por meio da ação, as mudanças sociais.

De acordo com Ramalho (2009, p. 7), as pesquisas orientadas pelo RC baseiam-se na análise de *mecanismos causais* e seus *efeitos potenciais* em determinados contextos, o/a pesquisador/a parte dos domínios *actual* (realizado) e *empírico*, para investigar mecanismos causais que operam em nível *real* (potencial), gerando efeitos particulares em sociedades, com atenção voltada, sobretudo, para causas e efeitos envolvidos em relações de poder.

Nesse sentido, Bhaskar (1998 *apud* PAPA, 2008) ratifica que toda investigação sobre o ser social deve contemplar a estrutura social e seus mecanismos ou processos que geram fenômenos, pois muitas vezes esses mecanismos são negligenciados. Bhaskar ainda apresenta uma proposta emancipatória que sugere:

- (i) conhecer os reais interesses;
- (ii) possuir ambos: a) a habilidade e os recursos, isto é, o poder, e b) a oportunidade de agir sobre eles;
- (iii) estar disposto a fazer isso.

Na visão de Bhaskar, a emancipação significa libertação e ela não pode ser acontecer somente com a consciência, tem de ser concretizada na prática. Papa (2008, p. 23-4) apresenta a visão de Bhaskar salientando que as pessoas possuem estruturas internas negativas, que precisam ser superadas, "a fim de florescer a verdadeira essência do ser humano, que é a estrutura interna da solidariedade, liberdade e fraternidade". Assim, para mudar as estruturas, elas precisam emancipar-se e depois emancipar os outros. A autora lembra, ainda, que para Baskhar (2003), é preciso penetrar nas raízes dos problemas sociais, isto é, conhecê-los profundamente, para depois agir de maneira solidária, em prol da emancipação e da transformação social de outros.

Dessa forma, os/as pesquisadores/as em ADC, orientados/as pela ontologia do RC, buscam não só a investigação de problemas sociais/discursivos mas também sugerir formas de superá-los.

É relevante ressaltar que esta pesquisa, dado seu escopo, não contempla objetivos ligados à intervenção prática em áreas particulares. Em outras palavras, não me propus a sugerir ações concretas no sentido de tentar superar o problema sociodiscursivo, no entanto, a reflexão em torno das representações midiáticas (nesse caso, da imprensa escrita) sobre as mobilizações grevistas dos/as docentes de 2012

pode, sim, contribuir para problematizar representações de mobilizações grevistas docentes na mídia.

Com base nessa compreensão de mundo, a Análise de Discurso Crítica dialoga com a Ciência Social. O termo ADC foi cunhado por Fairclough, em 1985, em um artigo, no periódico *Journal of Pragmatics* (RESENDE & RAMALHO, 2006). A ADC é uma ciência relativamente nova, firmou-se como disciplina em meados de 1990 (WODAK, 2003 *apud* RESENDE & RAMALHO, 2006). Silva (2012, p. 226) complementa que a ADC

chega ao Brasil em 1993, pelo trabalho pioneiro de Izabel Magalhães, na Universidade de Brasília (UnB), com a sigla ADC, o que marca a entrada do 'grupo de Brasília' no cenário dos estudos do discurso, voltados para textos e eventos em diversas práticas sociais, bem como para descrever e interpretar a linguagem no contexto sócio-histórico e político.

Assim sendo, a ADC é uma abordagem transdisciplinar, isto é, dialoga com disciplinas como as Ciências Sociais Críticas e a Linguística Sistêmica Funcional, e possui um arcabouço teórico-metodológico, isto, é uma teoria e um método para explicar, interpretar e explanar questões discursivas sócio-historicamente situadas. Dessa forma, reúne estudos sociais e estudos de linguagem.

Essa abordagem científica baseia-se em uma concepção de linguagem vista como parte da vida social interconectada dialeticamente a outros momentos (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 2007 [1999]). Isso significa que existe uma ligação dialética entre linguagem e sociedade, uma é parte da outra, pois as pessoas na sociedade vivem suas vidas e interagem usando, para isso, a linguagem. Além disso, os problemas sociais são também, em parte, problemas de linguagem. Nessa perspectiva, não se pode investigar um problema social, analisando apenas questões sociais, como também não se podem investigar problemas discursivos, analisando apenas a linguagem, caso se pretenda ter uma visão mais profunda de questões sociais. Para a ADC, isso significaria reduzir problemas sociais à ação humana e problemas discursivos à linguagem como se essas duas instâncias não estivessem conectadas. Sendo a linguagem, nos estudos discursivos críticos, parte da vida social, constitui-se uma ferramenta essencial, usada tanto para estabelecer e sustentar relações de poder, quanto para contestá-las (RAMALHO & RESENDE, 2011). Outros conceitos centrais da ADC são *discurso* e *práticas sociais*.

Nessa perspectiva, a análise que faço aqui do problema *representações/discursos sobre mobilizações grevistas e professores/as em greve que podem ser legitimadas em (inter)ações/gêneros e inculcadas em identidades particulares e sociais/estilos* não contemplou apenas questões conjunturais, quer dizer, ligadas à situação social atual dos/as docentes, legislação, direitos e deveres, políticas educacionais, contemplou também discursos/representações que foram veiculados pela mídia (no caso desta pesquisa, o jornal *Correio Braziliense*). Isso porque, como defende Pacheco (2006, p. 141),

as representações construídas em práticas discursivas são todas elas elementos de constituição de novas representações, pois é na característica dialógica dos textos que se encontram os elementos para sustentação, construção, reconstrução, valorização ou desvalorização das identidades.

2.3 Linguagem e discurso

Definir discurso não é uma tarefa simples. Fairclough (2003) propõe dois sentidos: como um substantivo abstrato, com o significado de linguagem (incluindo outros tipos de semioses), como elemento da vida social; mais concretamente, como substantivo contável, com o significado de maneiras particulares de representar o mundo ou parte dele. Em Chouliaraki e Fairclough (2007), encontramos essa distinção: quanto à primeira acepção, discurso como *um momento das práticas sociais* e, quanto à segunda, como *um modo de representação*, diz respeito aos discursos (pode ser pluralizado) veiculados na sociedade, materializados em textos diversos, sobre os quais os/as analistas de discurso se debruçam em investigações.

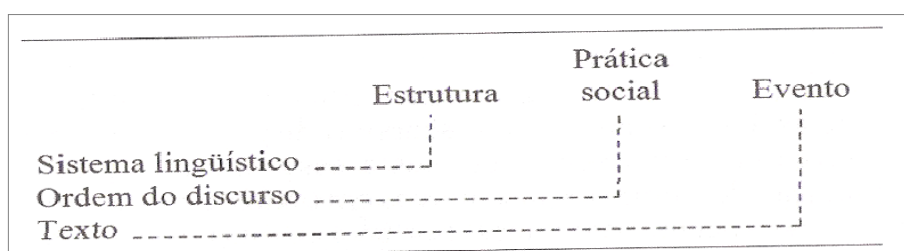
Sendo o discurso um modo de ação, de representação e de identificação, é parte da ação social, de eventos sociais e condutor potencial de ideologias (ver subseção 2.4), portanto pode ser utilizado para a instauração, reprodução de ideologias ou transformação social. Por meio dele podemos nos autoafirmar como indivíduos ou como grupo social, daí a necessidade de investigar nesta pesquisa, além de discursos sobre o/a professor, discursos do/a professor para verificar suas próprias representações e se elas estão articuladas em discursos hegemônicos.

Conforme já citado, para a ADC, o mundo é um sistema aberto, no qual a estrutura (abstrata) tanto constrange quanto permite a ação social e esta, por sua vez,

reproduz ou transforma a estrutura (posteriormente). Em um nível intermediário – entre as estruturas mais abstratas e os eventos mais concretos – estão as práticas sociais. Além disso, a ADC compreende a linguagem (ou semiose) como um dos estratos da sociedade, logo, um dos momentos da prática social. Disso decorre a concepção da linguagem como parte irreduzível da vida social interconectada dialeticamente com outros momentos do social, comentados adiante (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 2007).

A relação entre os elementos da estruturação social (do Realismo Crítico) e da estrutura discursiva, em termos de abstração/concretude, é apresentada na Figura 2.2:

Figura 2.2 – Relação entre estrutura social e estrutura discursiva



Adaptado de Resende (2009, p. 33).

Nessa perspectiva, no nível mais abstrato da estrutura social, temos o sistema lingüístico; no nível intermediário, está a prática social, que corresponde às (redes de) ordem do discurso; no nível mais concreto, temos o evento empírico, que corresponde ao texto. As estruturas sociais definem o potencial, isto é, o que pode, de fato, acontecer (o evento), mas não o determinam. Há entre esses dois elementos, uma entidade; a prática social. Resende (2009, p. 33) explica que

assim como a relação entre o potencial presente nas estruturas sociais e a concretização de eventos é mediada pelas práticas sociais, entidades organizacionais intermediárias no sentido de que organizam esse potencial em relação a campos específicos da atividade social, também a relação o potencial dos sistemas lingüísticos e os textos produzidos em eventos discursivos é mediada pelas ordens do discurso, que se referem a permanências relativas de aspectos discursivos em práticas sociais específicas.

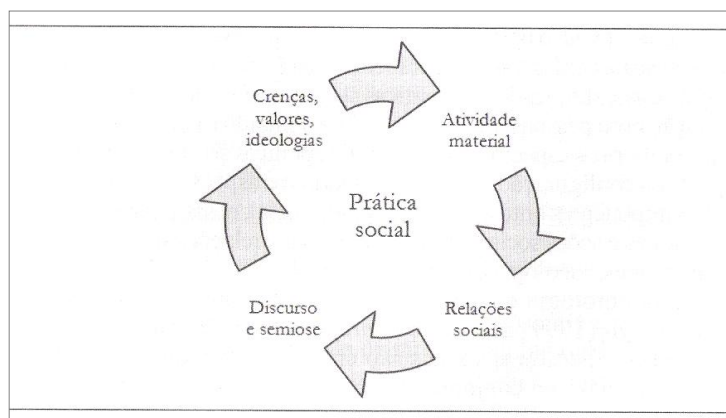
Assim, as pesquisas em ADC investigam eventos sociais e textos, que são o material empírico do/a pesquisador/a sem, naturalmente, esquecer a relação desses com os outros elementos que compõem a vida social. As ordens do discurso compreendem o

aspecto essencialmente discursivo das práticas sociais e apresentam três elementos, a saber: gêneros, discursos e estilos, os quais serão comentados no Capítulo 4.

As práticas sociais compreendem, de acordo com Chouliaraki e Fairclough (2007, p. 21), “maneiras situadas temporal e espacialmente pelas quais os indivíduos aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agirem juntos no mundo”. São caracterizadas pela articulação de quatro elementos inter-relacionados (mas não reduzidos um ao outro): discurso, relações sociais, fenômeno mental (crenças, valores, desejos, ideologias) e atividade material.

Esses momentos da prática social estão representados na Figura 2.3, a seguir:

Figura 2.3 – Momentos da prática social



Fonte: Resende (2009, p. 31).

É importante frisar que esses elementos, embora apareçam separados no quadro, funcionam/realizam-se simultaneamente, de forma articulada e em uma relação dialética, uma vez que se influenciam reciprocamente. Para Chouliaraki e Fairclough (2007), os momentos da prática não se reduzem ao discurso, uma vez que o discurso é apenas um desses momentos e uma alteração na configuração interna de um momento causa uma alteração na configuração da prática.

Conforme Chouliaraki e Fairclough (2007, p. 22), as práticas possuem três características essenciais: a) “elas são formas de produção da vida social”; b) “cada prática está inserida em uma rede de relações com outras práticas” e c) “as práticas sempre têm uma dimensão reflexiva: pessoas sempre geram representações do que elas fazem como parte do que elas fazem”. Dessa forma, é importante entender a vida social organizada em torno das práticas sociais para podermos investigar os discursos (mais

concretos) levando em consideração que eles fazem farte de uma prática social. Julgar que as práticas se resumem ao discurso é imaginar possibilidades (ou um poder) que o sistema linguístico sozinho não possui, assim como creditar toda a responsabilidade da mudança apenas na agência humana é esquecer que a estrutura social *permite* mas também *constrange*.

Por esse motivo, este estudo analisa, além da conjuntura na qual as políticas atuais de educação estão inseridas, as práticas sociais ligadas à educação, isto é, a própria atividade de ensinar; as crenças, os valores e as ideologias de que derivam as representações de docentes (os discursos) veiculadas pela mídia; as relações sociais, que envolvem professores/as, estudantes, governo, produtores/as de notícias e poder. Tudo isso, pensado a partir de um evento situado temporal e espacialmente: as mobilizações de docentes em prol de melhorias para a educação, em Brasília, no ano de 2012.

2.4 Ideologia e hegemonia

Discursos materializam ideologias que podem circular e serem disseminadas em contextos sociais. Ideologia é um conceito bastante complexo. Para Eagleton (1997), o contexto discursivo é muito importante, portanto, não se pode analisar um enunciado, se é ideológico ou não, sem observar o contexto discursivo. E completa sugerindo que “a ideologia tem mais a ver com a questão de quem está falando o quê, com quem e com que finalidade do que com as propriedades linguísticas inerentes de um pronunciamento” (EAGLETON, 1997, p. 22).

Para Fairclough (2003), ideologias são representações de aspectos do mundo que podem contribuir para o estabelecimento, manutenção de relações assimétricas de poder, dominação e exploração. Essa visão ‘crítica’ de ideologia, como uma modalidade de poder, contrasta com várias visões ‘descritivas’ de ideologia como posições, atitudes, crenças, perspectivas, entre outros, de grupos sociais sem referência a relações de poder e dominação entre tais grupos.

Dada a quantidade de acepções e, principalmente, as contradições aí presentes, faz-se necessário esclarecer que conceito de ideologia adotado nesta pesquisa é o proposto por Thompson (1995), um conceito de ideologia negativo e que diz respeito a um conjunto de práticas discursivas que servem para assegurar, manter e legitimar

relações assimétricas de poder, quer dizer, dominar grupos desprivilegiados, subjugando-os. Essa definição deriva do ideário marxista, especificamente da *concepção epifenômica* da ideologia, segundo a qual “a ideologia é um sistema de ideias que expressa os interesses da classe dominante, mas que representa relações de classe de uma forma ilusória” (THOMPSON, 1995, p. 54).

Para Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 26), “ideologias são construções de práticas a partir de perspectivas particulares posicionadas que forjam ou suprimem contradições, antagonismos, dilemas de acordo com seus interesses e projetos de dominação”. Dessa forma, se ideologias são construções discursivas, ou seja, representações, então a ideologia está imbricada na relação entre o discurso e outros momentos da prática social, sendo, portanto, um meio utilizado para legitimar o poder de grupos hegemônicos.

Hegemonia é um conceito proposto por Gramsci (1966 *apud* GRUPPI, 1978), apresentado como algo que opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer (GRUPPI, 1978). Se uma mudança no modo de pensar pode ser gerado de uma mudança na estrutura e vice-versa, então a hegemonia é um “equilíbrio instável” das relações sociais, das lutas pelo poder. Existe entre o discurso e a hegemonia uma estreita ligação, pois o discurso é o espaço onde são travadas as batalhas para se manter no poder. Este é considerado fluido, líquido, portanto necessita o tempo todo ser mantido, corroborado, sustentado por quem deseja manter-se “com ele”. Para isso, usam-se estratégias para tentar viabilizar esse “empoderamento”. Nesse sentido, dizemos que as lutas hegemônicas são constantes e a hegemonia é, pois, não estável. É importante frisar que da mesma forma que grupos privilegiados usam o discurso para sustentarem relações assimétricas, grupos não privilegiados podem, por meio do discurso, tentar reverter essas tais relações. Assim, como em círculo, grupos podem se movimentar, ou se revezar, justamente porque a hegemonia, sendo instável e provisória, depende o tempo todo de práticas discursivas orientadas ideologicamente que a sustentem, dentre outras estratégias. Por conseguinte, ideologia e hegemonia são conceitos que se entrecruzam.

Pensar nessa instabilidade da hegemonia e que existem “brechas” estruturais a serem identificadas e ações positivas (ou criativas) que podem ser tomadas é a força que

impulsiona a esperança dos/as pesquisadores/as em ADC e dos grupos que lutam por mudanças.

Thompson (1995, p. 79) sugere que formas simbólicas, isto é, “espectros de ações e falas, imagens e textos produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles como significativos”, podem ser utilizadas ideologicamente a fim de sustentar formas opressoras de dominação. Assim, ele propõe cinco modos gerais de operação da ideologia, a saber: *legitimação*, *dissimulação*, *unificação*, *fragmentação* e *reificação*. Cada *modus operandi* possui suas próprias estratégias de construção simbólica, que não são consideradas inerentemente ideológicas, mas que, a depender da forma como são construídas, podem servir para manter ou subverter, estabelecer ou minar relações de dominação (THOMPSON, 1995).

A *legitimação* consiste em estabelecer e sustentar relações de dominação por apresentá-las como justas ou dignas de apoio, isto é, como legítimas. Thompson (1995) ilustra que Weber distinguiu três tipos de bases sobre as quais a legitimação se sustenta: bases racionais (que apelam para a legalidade de certas regras), bases tradicionais (que apelam para a inviolabilidade das tradições imemoráveis) e bases carismáticas (que apelam para o caráter excepcional da imagem de uma pessoa vista como autoridade). Essas bases podem ser construídas por meio de estratégias de construção simbólica que são *racionalização*, *narrativização* e *universalização*. Por meio da primeira, o/a produtor/a de uma forma simbólica constrói uma rede de raciocínio que busca defender ou justificar relações ou instituições sociais para persuadir o público de que esse raciocínio é digno de apoio. Por meio da segunda, o produtor conta histórias memoráveis sobre o passado a fim de justificar o presente como parte de uma tradição eterna e legítima. Por meio da terceira, o produtor apresenta acordos institucionais que são interessantes ou vantajosos para poucos como se assim o fossem para todos.

A *dissimulação* consiste em estabelecer ou sustentar relações de poder ao ocultar, negar, dissimular ou, ainda, representar de uma maneira que desvie a atenção ou que oculte as relações ou processos existentes. Ela pode ser expressa por estratégias diversas, entre as quais Thompson (1995) arrola o *deslocamento*, a *eufemização* e o *tropo*. Quanto à primeira, há uma recontextualização de termos de um determinado campo que são utilizados em outro, assim há uma transferência de conotações positivas ou negativas para pessoas, objetos ou instituições; a segunda realiza-se por meio de

valorações positivas para relações sociais, ações ou instituições, assim dissimulando certas instabilidades; a terceira é entendida como o uso de figuras de linguagem com o intuito de, por exemplo, apagar relações de conflito.

A *unificação* é a construção simbólica de uma identidade coletiva sem levar em consideração aspectos que possam separá-los. A *padronização* e a *simbolização da unidade* são as estratégias usadas para unificar. A primeira diz respeito à referência a padrão, cujos fundamentos são partilhados e aceitos; a segunda implica a construção de símbolos de unidade, de identidade ou identificação coletiva, como bandeiras nacionais ou hinos, que são difundidos por um determinado grupo.

A *fragmentação* consiste em segmentar ou dividir grupos ou indivíduos que, se unidos, poderiam constituir obstáculo para a manutenção do poder. São suas estratégias a *diferenciação*, em que são feitas distinções entre grupos ou indivíduos, realçando justamente aquilo que os desunem a fim de desestabilizar as lutas hegemônicas, e *expurgo do outro*, que se realiza com a construção de um inimigo, representado como mau ou ameaçador, e que deve ser expurgado da sociedade.

Por fim, a *reificação* é a representação do estado transitório das coisas e das pessoas como se fosse natural e permanente, eliminando ou obscurecendo o caráter sócio-histórico dos fenômenos. As estratégias de *reificação* são: *naturalização*, *eternalização* e *nominalização/passivização*. Na primeira, uma dada situação é tomada como natural ou resultado inevitável, independente da ação humana; na segunda, fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como imutáveis, perenes e eternos; a nominalização, de caráter mais gramatical, diz respeito à transformação de processos em nomes, tornando-os genéricos ou vagos, e na passivização os atores são omitidos, conseqüentemente apaga-se a agência humana (ou a responsabilidade) como se os fenômenos acontecessem sem sua interferência.

O Quadro 2.2 resume esses *modus operandi* da ideologia, propostos por Thompson (1995).

Quadro 2.2 – Modos de operação da ideologia, segundo Thompson (1995)

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
LEGITIMAÇÃO Relações de dominação são representadas como legítimas	RACIONALIZAÇÃO (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações) UNIVERSALIZAÇÃO (interesses específicos são apresentados como interesses gerais) NARRATIVIZAÇÃO (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente)
DISSIMULAÇÃO Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas	DESLOCAMENTO (deslocamento contextual de termos e expressões) EUFEMIZAÇÃO (avaliação positiva de instituições, ações ou relações) TROPO (sinédoque, metonímia, metáfora)
UNIFICAÇÃO Construção simbólica de identidade coletiva	PADRONIZAÇÃO (um referencial padrão proposto como fundamento compartilhado) SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva)
FRAGMENTAÇÃO Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante	DIFERENCIAÇÃO (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo) EXPURGO DO OUTRO (construção simbólica de um inimigo)
REIFICAÇÃO Retratação de uma situação transitória como permanente e natural	NATURALIZAÇÃO (criação social e histórica tratada como acontecimento natural) ETERNALIZAÇÃO (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes) NOMINALIZAÇÃO/PASSIVIZAÇÃO (concentração da atenção em certos temas em detrimento de outros, com apagamento de atores e ações)

Adaptado de Ramalho e Resende, 2011, p. 27-8, com base em Thompson (1995, p. 52).

Como observam Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 26), se “ideologias são construções de práticas a partir de perspectivas particulares posicionadas”, isso implica que ideologias são, em princípio, representações/discursos, e tais representações podem ser legitimadas em gêneros e inculcadas em identidades. Nesse sentido, pesquisa em gêneros, como reportagens, notícias e informes publicitários se e/ou como a ideologia foi utilizada como instrumento para legitimar discursos hegemônicos.

Acerca da construção das identidades, hoje, é refutada a visão do indivíduo como uno, o que permanece o mesmo, inalterado; pelo contrário, os estudos culturais indicam "a existência de um 'eu' altamente performativo" (HALL, 2009, p. 103), isto é, de identidades múltiplas e fragmentadas, construídas por meio dos discursos, práticas e posições que podem ser contraditórias. Essa fragmentação das identidades ocorreu devido a mudanças estruturais que sacudiram o mundo, solaparam os mecanismos que lhe davam estabilidade e abalaram as crenças do ser humano.

Giddens (2002) destaca que o indivíduo, hoje, vive uma crise de identidade decorrente de profundas mudanças que alteraram o cenário local e global e que afetaram profundamente as relações entre as pessoas. Para esse autor, "a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência" (GIDDENS, 2002, p. 9). Nesse novo contexto de globalização neoliberal, desde que se tenha acesso a recursos materiais, com as novas tecnologias, tudo pode ser feito em qualquer hora ou lugar; trabalhar, estudar, viajar a distância fazem parte de nosso cotidiano. A grande mídia hoje exerce um papel central, construindo, divulgando e disseminando discursos que, em geral, estão alinhados com pensamentos e ideologias de grupos hegemônicos, o que pode servir para construir ou legitimar identidades sociais. Dessa forma, "a experiência, canalizada pelos meios de comunicação, desde a primeira experiência da escrita, tem influenciado tanto a autoidentidade quanto a organização das relações sociais" (THOMPSON, 2002, p. 12).

As identidades, conforme Castells (2008, p. 23), "organizam significados", ou seja, identificações simbólicas por parte dos atores. É importante observar que as identidades são, parcialmente, "resultado de atos de criação linguística" (SILVA, 2009, p. 76). Se as identidades são construídas no bojo das práticas sociais, é necessário compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, dentro de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas que envolvem relações de poder. Castells (2008, p. 24) distingue três formas e origens de construção de identidades: a *legitimadora*, a *de resistência* e a *de projeto*. A primeira é construída por instituições dominantes para legitimar seu poder de dominação; a segunda é criada por atores em posição desprivilegiada para tentar sobreviver; a terceira é construída por atores que desejam uma nova identidade que lhes assegure uma nova posição social.

Sob esse olhar, as identidades dos/as professores/as podem ser, parcialmente, construídas, desconstruídas ou legitimadas nas interações sociais e representadas em discursos que permeiam conversas informais, textos institucionais ou de jornais, revistas e outros meios de comunicação.

Em resumo, foi possível observar, neste capítulo, que Foucault proporcionou impulso aos estudos críticos do discurso, propondo uma visão constitutiva deste, ampliada por Fairclough, ao sugerir uma concepção mais dialética, segundo a qual o sujeito é constituído pelo discurso mas também o constitui, isto é, é moldado por este, mas também possui a capacidade de moldá-lo. Foucault também evidencia o poder da linguagem na sociedade, pois para ele discurso é poder, portanto ambos caminham juntos. Em seguida, vimos que o Realismo Crítico parte da interpretação da realidade concebida pelos estratos *potencial*, *realizado* e *empírico*, os quais se relacionam aos *mecanismos*, aos *eventos* e às *experiências*, respectivamente. O RC entende que os atores sociais têm uma liberdade constringida, ou seja, as estruturas sociais possuem contingências (recursos) mas também constringimentos (regras) para a ação humana; em outras palavras, por um lado, elas oprimem, por outro, o ator social tem a possibilidade de refletir sobre sua própria ação e promover mudanças. A ideia da possibilidade de emancipação dos atores é ponto de contato entre a ADC e o Realismo Crítico. Em seguida, refletimos sobre o papel da linguagem (discurso) nas práticas sociais como um momento das quais ela é parte e está interligada aos outros momentos (“atividade material”, “relações sociais”, “crenças, valores e ideologias”). Discursos disseminam, legitimam ideologias, que são construções discursivas de um grupo sobre algo (ou alguém) de maneira persuasiva e consensual com vistas a sustentar relações assimétricas de poder. Para isso, nas lutas pela sustentação de hegemonias, a linguagem é utilizada como uma das ferramentas de lutas hegemônicas. Finalmente, como a pesquisa almeja, dentre outros objetivos, identificar representações potencialmente ideológicas sobre as mobilizações grevistas de docentes, em Brasília, no ano de 2012, que possam ser inculcadas em identidades sociais, refletimos sobre questões envolvendo a construção das identidades.

CAPÍTULO 3

Abordagem teórico-metodológica da pesquisa

Estudar representações das mobilizações dos/as professores/as em Brasília, no ano de 2012, pela grande mídia impressa, requer uma investigação qualitativa, uma vez que esta abordagem trabalha com descrição, interpretação e explanação de questões sociais. Portanto, neste capítulo, apresento o caminho teórico-metodológico percorrido para a realização desta pesquisa. Na primeira seção, apresento características da pesquisa qualitativa e discuto o delineamento da pesquisa de cunho predominantemente documental, com utilização de técnica de natureza etnográfica. Na segunda seção, discorro sobre a ADC como abordagem científica de investigação de problemas sociodiscursivos com vistas à crítica explanatória. Por último, apresento os objetivos bem como as questões de pesquisa, além de apresentar o *corpus* de pesquisa, momento em que discuto o uso de entrevistas semiestruturadas como estratégia de ampliação de *corpus* e detalho o processo de geração desse material.

3.1 Sobre a pesquisa qualitativa

O paradigma científico interpretativista, como uma alternativa ao positivismo, possibilita investigar certas questões que não podem ser investigadas à luz do positivismo, pois não há como observar o mundo isolado de suas práticas e seus significados vigentes (BORTONI-RICARDO, 2008). Em pesquisas orientadas pelo paradigma interpretativista, a capacidade de observação e interpretação do/a pesquisador/a é importante e este/a é visto/a como agente, uma vez que observa o mundo e tenta interpretar seus fenômenos, assim, não é mais um/a relator/a passivo/a. Dessa forma, quando desejamos analisar dados empíricos por meio da interpretação, como é o caso deste estudo, a pesquisa qualitativa é certamente a abordagem metodológica mais indicada.

Conforme Denzin e Lincoln (2006, p. 17), a pesquisa qualitativa “consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo”. Essas práticas situam o/a observador/a no mundo, portanto podem transformá-lo em uma série de representações, que incluem notas de campo, entrevistas, fotografias, lembretes. É justamente por ter esse caráter interpretativo e por dar importância ao contexto e ao/a pesquisador/a para investigar problemas do mundo que essa abordagem coaduna-se com a Análise de Discurso Crítica.

Flick (2004) afirma que a importância desse tipo de pesquisa deve-se à pluralização das esferas de vida, as quais exigem certa sensibilidade para estudar empiricamente certas questões. De fato, seria inviável investigar questões que envolvem discursos e poder por meio de uma abordagem quantitativa, simplesmente. Nessa perspectiva, seria impossível analisar materiais empíricos como estudo de caso, experiência pessoal, introspecção, por métodos mais objetivos. A pesquisa qualitativa oferece, pois, um suporte para dar conta de interpretar esses dados. Isso, entretanto, não significa, conforme Bauer e Gaskell (2002), que apenas esse tipo de pesquisa utilize a interpretação, pois em análises de estatísticas a interpretação se faz presente. Sendo assim, as abordagens qualitativa e quantitativa não se excluem, pelo contrário, complementam-se.

É importante ressaltar que, como a pesquisa qualitativa abarca uma série de materiais que descrevem momentos e significados rotineiros da vida das pessoas, o/a pesquisador/a, para uma compreensão mais efetiva do assunto pesquisado, lança mão de uma variedade de práticas interpretativas (DENZIN & LINCOLN, 2006). Dessa forma, o/a pesquisador/a torna-se um *bricoleur*, isto é alguém que “costura, edita e reúne pedaços da realidade, um processo que gera e traz uma unidade psicológica e emocional para uma experiência interpretativa” (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 19).

A pesquisa qualitativa não possui uma teoria própria, por isso é utilizada em muitas disciplinas, como é o caso da ADC. Flick (2004, p. 20) cita alguns aspectos essenciais da pesquisa qualitativa, como por exemplo: a) *perspectivas dos/as participantes e sua diversidade*; b) *reflexividade do/a pesquisador/a e sua pesquisa*; c) *variedade de abordagens e métodos na pesquisa qualitativa*. Ainda segundo o autor, o caminho é escolher os métodos de acordo com o problema a ser pesquisado, não o contrário. Nesse sentido, a ADC possui um arcabouço teórico-metodológico apropriado

para investigar questões que envolvem problemas sociais com aspectos discursivos (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), conforme detalho na seção 3.2.

A respeito de *perspectivas dos/as participantes e sua diversidade*, a pesquisa qualitativa tenta analisar o problema em foco a partir de significados subjetivos e sociais de seus participantes, isto é, investiga o problema sob diversas perspectivas ou sob o olhar dos diversos participantes (FLICK, 2004). Aqui analiso representações dos/as próprios/as docentes (como eles/as se representam, em entrevistas etnográficas) e sobre docentes (como são representados/as pelo jornal *Correio Braziliense*, em reportagens). Assim, trago a perspectiva da grande mídia impressa, representada pelo jornal *Correio Braziliense*; a perspectiva da categoria profissional, pela representação do Sinpro-DF sobre as mobilizações grevistas, que ocorreram em 2012, em Brasília, e, por fim, a perspectiva dos/as docentes sobre carreira, profissão, (des)valorização no cenário em que são veiculados discursos de melhorias para a educação e valorização do professor/a.

Com referência à *reflexividade do/a pesquisador/a e sua pesquisa*, Flick (2004) encara a subjetividade tanto do/a pesquisador/a quanto dos/as colaboradores/as pesquisados/as como parte do processo e julga que reflexões destes/as, impressões, irritações, sentimentos constituem parte da interpretação. Mas isso não significa que as pesquisas qualitativas resultem em descrições pessoais e conclusões subjetivas. Em ADC, para esclarecer esse ponto, o/a pesquisador/a assume uma posição em relação ao problema investigado e não se esconde sob o véu da imparcialidade científica; segundo, seu olhar foca o uso situado da linguagem como evento social empírico, bem como as estruturas e práticas sociais, por meio de categorias sociais e linguístico-discursivas. Isso não significa que ele/a seja apenas um/a intérprete de textos, mas um/a pesquisador/a que lança mão de categorias de análise para tirar conclusões. Em outras palavras, ele/a investiga instâncias discursivas como parte de eventos sociais, por meio de um processo complexo que envolve tanto a compreensão quanto a explanação (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Esses autores fazem distinção entre esses dois processos; para eles, a *compreensão* resulta de diferentes arranjos das propriedades textuais e conjunturais, isto é, posições sociais, conhecimento e valores; já a *explanação* redescreve propriedades de textos usando um quadro teórico que situa o texto na prática social. Dessa forma, o/a pesquisador/a une uma base teórica a um material empírico a fim de investigar em textos seus efeitos potenciais e chegar à crítica social. Neste

estudo, a discussão mais social concentra-se nos Cap. 1 e 2, e as análises linguístico-discursivas que realizo serão apresentadas no Capítulo 4.

Já no tocante à *variedade de abordagens e métodos*, em consonância com Denzin e Lincoln (2006), Flick (2004) corrobora a ideia de que a pesquisa qualitativa não tem como base um único referencial teórico-metodológico, mas lança mão de abordagens diversificadas. Tais possibilidades vão ao encontro da ADC, por ser uma abordagem heterogênea, interdisciplinar e utilizar, por exemplo, categorias de análise oriundas da Linguística Sistêmico-Funcional.

Isso posto, opto aqui por uma pesquisa qualitativa, na qual analiso reportagens, informes publicitários, e realizo entrevistas de natureza etnográfica com o objetivo de ampliar o *corpus*.

3.2 A Análise de Discurso como abordagem teórico-metodológica

No capítulo 2, discorri sobre o arcabouço teórico da ADC, com foco nos aspectos ontológicos, epistemológicos e sua interface com outras ciências. Nesta seção, apresento a ADC como abordagem teórico-metodológica para a investigação de questões que envolvem linguagem e poder, afinal a ADC é, ao mesmo tempo, uma teoria e um método, isto é, uma abordagem que dispõe de uma base teórica e metodológica para estudos sobre a linguagem e sua relação com outros elementos da vida social (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999).

Nessa perspectiva, segundo Ramalho e Resende (2011), a Análise de Discurso Crítica oferece ferramentas analíticas para o mapeamento de conexões entre aspectos semióticos e não essencialmente semióticos com dois objetivos, a saber: investigar mecanismos causais e seus efeitos ideológicos e pensar em opções para tentar superar relações assimétricas de poder que podem ser legitimadas em/por textos. Dessa forma, uma vez que discursos se materializam em textos, estes constituem o material empírico do/a analista.

Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), apresentam uma proposta de arcabouço teórico-metodológico para a ADC, com base na proposta crítica explanatória do RC, o qual está apresentado no Quadro 3.1, a seguir :

Quadro 3.1 – Abordagem teórico-metodológica da ADC

1. Percepção de um problema social com aspectos semióticos
2. Identificação de obstáculos para que o problema seja superado <i>a) Análise da conjuntura</i> <i>b) Análise da prática particular:</i> <i>(i) práticas relevantes</i> <i>(ii) relação do discurso com outros momentos</i> <i>c) Análise de discurso</i> <i>(i) análise estrutural: as ordens de discurso</i> <i>(ii) análise interacional</i>
3. Investigação da função do problema na prática
4. Investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos
5. Reflexão sobre a análise

Fonte: Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60).

A pesquisa crítico-explanatória parte de um *problema social com aspectos semióticos*, isto é, uma questão social que envolve poder, potencialmente sustentada por discursos particulares. Nesse sentido, este estudo foca as representações/discursos potencialmente ideológicas sobre mobilizações grevistas e professores/as envolvidos/as que podem ser legitimadas em (inter)ações/gêneros da mídia impressa e inculcadas em identidades particulares e sociais/estilos. A preocupação com os discursos sobre as mobilizações grevistas é lícita, uma vez que, conforme já referido no Cap. 2, discursos veiculam ideologias e essas servem para legitimar ou alterar, assegurar ou reverter relações de poder, portanto, as reportagens do jornal *Correio Braziliense* podem servir a propósitos de grupos hegemônicos, além de contribuir para a construção de identidades sociais (dos/as professores/as) enfraquecidas ou empoderadas.

A seguir, o/a pesquisador/a tenta identificar os *obstáculos* que se interpõem à resolução do problema, fazendo as seguintes análises: (a) da conjuntura; (b) da prática particular; (c) de discurso. A *análise da conjuntura* detalha a configuração das práticas nas quais o discurso está inserido; nesta pesquisa, foi possível perceber que em países em que políticas neoliberais ditam regras, a educação não é prioridade, portanto seus/suas profissionais não são valorizados/as. Nosso país ocupa o 88º lugar de 127 no *ranking* de educação feito pela Unesco, ficando atrás da Argentina, do Chile, do Equador e da Bolívia. Ainda que essa classificação seja parte da cartilha neoliberal, que

é contumaz em transformar itens imensuráveis em estatísticas, é necessário refletir sobre a própria pesquisa, sobre nossa posição, por que estamos no final “da fila” e o que fazer para melhorar observando nossas próprias especificidades. Isso não significa que devamos dar uma satisfação ao mundo mas aos/às nossos/as educadores/as e às nossas crianças.

A *análise da prática particular* também foi concretizada no Capítulo 1, em que vimos que o debate sobre a educação brasileira gira em torno da suposta “qualidade”, que, nos discursos particulares, é atribuída exclusivamente aos atores escolares (professores/as, alunos/as e demais membros da comunidade escolar) sem qualquer relação com a estrutura educacional, além de os discursos sobre a implementação de políticas de valorização da carreira do magistério ficarem ainda no nível da teoria, o que provoca os movimentos reivindicatórios anualmente. Vimos, ainda, rapidamente (a discussão será aprofundada no Capítulo 4, seção 4.2) como a prática particular da imprensa é contumaz em representar particularmente manifestações de grupos sociais, normalmente, realçando aspectos negativos.

Isso posto, na *análise de discurso* (ou semiose) desta pesquisa, que diz respeito à análise situada de textos, observando simultaneamente a estrutura e a interação, ou melhor, focando na relação entre as ordens de discurso da rede de práticas (conjuntura) pesquisada, bem como da análise interacional de textos particulares, investigamos formas e significados em textos relacionados a maneiras de (inter)agir/gêneros, maneiras de representar/discurso e a maneiras de identificar(se)/estilos nas reportagens do *Correio Braziliense* e nas notícias do Site do Sinpro-DF. Tal investigação visa a cotejar os discursos sobre os mesmos eventos, isto é, como esses veículos de comunicação representam as mobilizações dos/as professores/as. Além de analisar interacionalmente esses textos, também utilizamos, como *corpus* ampliado, entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco professoras/colaboradoras a fim de investigar discursos criativos, legitimadores ou de resistência, e para fornecer subsídios para a análise textual das reportagens e notícias. Para isso, lancei mão de categorias linguístico-discursivas relacionadas aos três principais significados do discurso (interacional, representacional e identificacional), propostos por Fairclough (2003).

Dando sequência à abordagem teórico-metodológica proposta pela ADC, o passo seguinte é a *investigação do problema na prática*, que se relaciona com “se” e

“como” o problema tem uma função na prática social pesquisada. Nessa perspectiva, verifica-se a quem interessa o problema para, em seguida, investigar formas de superá-lo uma vez que as pesquisas visam à mudança social.

A *investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos* do problema passa pela análise do *corpus* com vistas a mapear ações discursivas e práticas que possam ser tomadas em prol da resolução do problema pesquisado. Nesse sentido, é válido ressaltar a relação transformacional entre estrutura e ação, o que permite mudanças. Nas Considerações Finais, retomo essa etapa do estudo.

Por fim, no procedimento de *reflexão sobre a análise*, que, de fato, permeia todo o fazer investigativo, pensamos sobre os limites e alcances da pesquisa. Assim, ao longo da dissertação e, mais especificamente nas Considerações Finais, indico reflexões sobre questões ligadas à educação no Brasil, aos discursos dos/sobre os/as docentes, à constituição de identidades e representações, porque julgo que a educação é uma área em que mudanças devem ser concretizadas e, para isso, primeiro é preciso pensar, refletir, discutir, e isso parte normalmente de quem está incomodado com o problema.

3.3 Objetivos e questões de pesquisa

No momento em que os discursos políticos ressaltam tanto a importância da educação, isto é, na conjuntura em que se fomentam políticas de valorização do magistério, a qual implica, simultaneamente, formação profissional inicial, condições de trabalho, salário e carreira e formação continuada (ver Cap. 1), esta pesquisa tem o seguinte objetivo geral:

Investigar *representações/discursos* sobre mobilizações grevistas e professores/as em greve que podem ser legitimadas em reportagens jornalísticas/gêneros e inculcadas em *identidades particulares e sociais/estilos*, principalmente dos/as professores/as, mas também de uma gama de atores sociais envolvidos direta ou indiretamente na conjuntura social e nos eventos de mobilização enfocados na pesquisa, tais como estudantes, pais/responsáveis, professores/as, professores/as em formação, governantes, ou seja, de cidadãos/ãs em geral, cujos direitos contemplam a educação.

A partir desse objetivo geral, delineio os seguintes objetivos específicos de pesquisa:

1. Descrever/delimitar a conjuntura social na qual ocorreram as reivindicações dos/as professores/as por melhorias para a educação bem como a prática particular dos/as envolvidos/as nessa conjuntura (professores/as, governantes, mídia);
2. Discernir representações/identificações sobre a mobilização grevista de 2012 e sobre professores/as nas reportagens publicadas em 2012 pelo jornal *Correio Braziliense*;
3. Apontar aspectos acionais e interacionais do gênero situado *reportagem* jornalística, materializado nos textos do *corpus* principal;
4. Identificar relações interdiscursivas entre o discurso das reportagens da grande mídia, do Sinpro-DF e das professoras colaboradoras entrevistadas, tendo em vista o mapeamento de relações mais disciplinadoras ou mais criativas sobre aspectos da conjuntura do problema de pesquisa.

A partir desses objetivos específicos, formulo as seguintes questões de pesquisa:

1. Qual é a configuração da conjuntura social na qual ocorreram as reivindicações dos/as professores/as por melhorias para a educação bem como qual é a prática particular dos envolvidos nessa conjuntura (professores/as, governantes, mídia)?
2. Quais são as representações/identificações sobre a mobilização grevista de 2012 e sobre professores/as nas reportagens publicadas em 2012 pelo jornal *Correio Braziliense*?
3. Quais são aspectos acionais e interacionais do gênero situado *reportagem* jornalística, materializado nos textos do *corpus* principal?
4. Há relações interdiscursivas entre o discurso das reportagens da grande mídia, do Sinpro-DF e das professoras colaboradoras entrevistadas? Tais relações são mais disciplinadoras ou mais criativas sobre aspectos da conjuntura do problema de pesquisa?

Para alcançar o objetivo 1, realizei revisão de bibliografia de estudos sociais críticos que tratam desses temas, cujos resultados principais são apresentados no Cap. 1, no qual fiz a delimitação da conjuntura e da prática social particular. Para investigar as questões constantes nos objetivos 2 e 3, lancei mão de pesquisa de cunho documental e sincrônico, cuja fonte de informações são dados formais, que ainda não receberam tratamento científico (OLIVEIRA, 2008), a exemplo das reportagens do jornal *Correio Braziliense* e das notícias do Sinpro-DF. Oliveira (2008) aconselha a complementação dos dados por meio de entrevistas, por exemplo, o que realizei no intuito de atingir o objetivo 4, conforme esclareço mais adiante.

Nesta pesquisa, investigo representações sobre docentes em reportagens sobre as mobilizações grevistas dos/as professores/as, publicadas pelo jornal *Correio Braziliense*, durante os meses em que a greve perdurou (3 meses, de março a maio de 2012). Foram coletados 22 textos, entre “reportagens” e “notas de imprensa”; todavia, para uma melhor sistematização, denominei todos os textos “reportagens” e numerei-as de 1 a 22, seguindo ordem cronológica (ver Quadro 3.2, na seção seguinte), à exceção do texto 22, que data de 14.04.12. Além desses textos, com igual fim, analisei “Informes Publicitários” do Governo do Distrito Federal (GDF), e 01 página de Opinião, seção Sr. Redator (cartas ou e-mails enviados pelo/a leitor/a), a qual nomeei Texto 22, deste período, também veiculados no *Correio Braziliense*. Para caracterizar os discursos dos/as professores/as como categoria organizada e comparar com o discurso veiculado pelo *Correio Braziliense*, analisei notícias do Sindicato dos Professores/as do DF (SINPRO-DF), publicadas no site do Sindicato⁴, sobre os mesmos eventos. Dessa forma, coletei as notícias do site do Sinpro-DF que deram cobertura a um mesmo evento a fim de cotejar as representações dos dois veículos de comunicação.

A entrevista em profundidade (GASKELL, 2002) é uma metodologia bastante utilizada por pesquisadores/as de Ciências Sociais e analistas críticos/as de discurso. Isso se deve ao fato de se pressupor que

o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram. Assume-se que essas construções constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial. O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa fornece, pois, os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (GASKELL, 2002, p. 65).

Destarte, no intuito de atingir o objetivo 4, realizei entrevistas qualitativas semiestruturadas "com um único respondente" (GASKELL, 2002, p. 64) com professoras do ensino fundamental de uma escola pública do DF, situada no Plano

⁴ O endereço do site do Sinpro-DF: <http://www.sinprodf.org.br/>

Piloto. Para preservar a identidade das professoras, nomeei-as como Clara, Júlia, Milena, Patrícia e Ana. Conforme mencionado, o objetivo foi analisar como as professoras se autorrepresentam/identificam como grupo social e se internalizam representações veiculadas pelo *Correio Braziliense*.

3.4 Sobre a constituição do *corpus*

Conforme já mencionei, o *corpus* desta pesquisa é composto de duas partes: uma de caráter documental, e outra, como forma de ampliação, de natureza mais etnográfica, composta por cinco entrevistas qualitativas semiestruturadas. Quanto à primeira, compõem o *corpus* principal 22 reportagens (constam no Anexo A) do jornal *Correio Braziliense*, sobre as mobilizações grevistas dos/as professores/as, coletadas durante o período da greve, ou seja, de 9 de março a 8 de maio de 2012 (ver Quadro 3.2, abaixo), mais quatro (04) informes publicitários do GDF (constam no Anexo A1), publicados no mesmo jornal nesse período. Tais textos foram numerados de 1 a 4 e constam no Quadro 3.3.

O jornal *Correio Braziliense* foi fundado em 1960, possui uma tiragem diária de 57 mil exemplares e é o jornal de maior circulação de Brasília, por conseguinte, minha escolha deu-se em razão da importância e do alcance deste veículo de comunicação. Na busca por investigar também os discursos dos/as docentes, como grupo social, analisei nove textos (notícias, as quais constam no Anexo B) do Sindicato dos Professores/as do Distrito Federal (SINPRO-DF), disponíveis em sua página na internet.

O Sinpro-DF teve como embrião a Associação Profissional dos Professores do DF e foi fundado em 14 de março de 1979. Até outubro de 2005, representava os/as professores/as das escolas públicas e privadas, ano em que foi fundado o sindicato exclusivo dos/as educadores/as das escolas particulares. Atualmente possui cerca de 32 mil filiados/as, entre professores/as e orientadores/as da ativa e aposentados/as da Secretaria de Educação do DF. A gestão do Sindicato é colegiada, formada por treze secretarias. Tal entidade possui uma página na internet, de onde coletei essas informações e as notícias sobre a greve.

A escolha das notícias veiculadas pelo Sindicato foi uma tarefa difícil, tendo em vista a grande quantidade de material disponível passível de integrar o *corpus*. Quanto ao material do *Correio Braziliense*, a análise contemplou todas as reportagens

publicadas no período da greve. Estabeleci critérios de seleção para o material oriundo do site do Sinpro-DF e fiz, então, um recorte: selecionei as notícias do Sinpro-DF sobre a greve com base nos fatos noticiados e nas datas das reportagens do *Correio Braziliense*, numerei de 1 a 9, conforme consta no Quadro 3.4. Dessa forma, pude analisar os desdobramentos da greve e confrontar duas visões sobre alguns fatos específicos das mobilizações docentes.

Quadro 3.2 – Composição do *corpus* principal - Reportagens do *Correio Braziliense*

TEXTO	TÍTULO DA REPORTAGEM	DATA DA PUBLICAÇÃO
1	Prejuízo para todos	9/03/12
2	Greve atinge 25% das escolas	13/03/12
3	Negociações avançam pouco	14/03/12
4	Paralisação continua	21/03/12
5	Professores decidem manter a greve	28/03/12
6	Impasse continua	10/04/12
7	Greve completa um mês	11/04/12
8	Professores e GDF sem acordo	13/04/12
9	Greve segue pelo menos até terça-feira	14/04/12
10	Professores fazem protesto em mostra	15/04/12
11	Greve no ensino dura 38 dias	18/04/12
12	Professores rejeitam nova proposta	20/04/12
13	GDF vai cortar o ponto de grevistas	23/04/12
14	Alunos ociosos nas escolas	24/03/12
15	Paralisação continua	25/04/12
16	Grevistas invadem anexo do Buriti	27/04/12
17	Grevistas desocupam Buriti	28/04/12
18	Nova proposta aos professores	1º/05/12
19	Greve termina após 52 dias	3/05/12
20	Reposição de aulas começa em 12 de maio	4/05/12
21	Reposição até 29 de dezembro	8/05/12
22	Página Opinião, seção Sr. Redator	14/04/12

Fonte: Jornal *Correio Braziliense* (Anexo A)

Quadro 3.3 – Composição do *corpus* paralelo - Informes publicitários do GDF

INFORME PUBLICITÁRIO	DATA DA PUBLICAÇÃO
1	11/03/12
2	8/04/12
3	16/04/12
4	23/04/12

Fonte: Jornal *Correio Braziliense* (Anexo A1)

Quadro 3.4 – Composição do *corpus* paralelo - Notícias do Sinpro-DF

NOTÍCIA	TÍTULO DA NOTÍCIA	DATA DA PUBLICAÇÃO
1	Categoria aprova, por ampla maioria, greve geral a partir de segunda	7/03/12
2	Estudantes do Gama fazem ato em apoio à luta dos professores	8/03/12
3	Corte de ponto não nos intimida: categoria tem compromisso com estudantes	12/03/12
4	Greve: ato público reúne milhares em Águas Claras	14/03/12
5	Governo não apresenta proposta e categoria decide manter a greve	10/04/12
6	Estudantes fazem mobilização na Bienal do Livro	16/04/12
7	Professores(as) cobram prioridade para Educação no Orçamento	25/04/12
8	Professoras e professores ocupam a Secretaria de Administração do GDF	26/04/12
9	Categoria suspende a greve! Aulas voltarão à normalidade a partir desta quinta (03/05)	2/05/12

Fonte: Site Sinpro-DF (Anexo B)

Em relação à segunda parte, como consta dos objetivos, realizei cinco entrevistas com professoras, (constantes no Anexo C) em uma escola pública, situada no Plano Piloto, no mês de junho de 2012. É uma escola de ensino fundamental, de pequeno porte, com ensino integral, cujo corpo docente é formado exclusivamente por professoras, entre concursadas e contratadas para trabalho temporário. As entrevistas foram realizadas em junho/12, no turno vespertino, período destinado à Coordenação Pedagógica e à preparação de materiais para o desenvolvimento de projetos e para as aulas. As professoras dessa escola ministram suas aulas no turno matutino. O contraturno é destinado à realização de atividades de planejamento das aulas, reuniões com a coordenadora pedagógica, realização de cursos junto à Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), organização de eventos, como foi o caso da festa junina. No Quadro 3.5, a seguir, apresento informações sobre as entrevistas:

Quadro 3.5 - Composição do *corpus* - Entrevistas com professoras

ENTREVISTA	PROFESSORA	DATA DA REALIZAÇÃO
1	Clara	5.06.12
2	Júlia	14.06.12
3	Milena	21.06.12
4	Patrícia	22.06.12
5	Ana	22.06.12

Fonte: Produção da autora (Anexo C)

Um dos problemas enfrentados pelo/a pesquisador/a na entrada em campo é a questão da disponibilidade dos/as colaboradores/as, isto é, o acesso às pessoas que farão parte da pesquisa (FLICK, 2004). Quanto a esse item, posso afirmar que não tive muitas dificuldades. Fiz várias visitas à escola para conseguir audiência com a diretora, submeter minha pesquisa a sua apreciação, conseguir autorização e verificar a disponibilidade das colaboradoras. Concluída essa etapa, agendei uma data para a apresentação do projeto às colaboradoras e, enfim, marquei local e hora para realizar entrevista com cada uma delas separadamente. O fato de eu me identificar como professora do Colégio Militar de Brasília facilitou-me o contato mais do que como pesquisadora. Houve interesse por parte de algumas em conhecer um pouco da realidade e prática pedagógica de lá e isso abriu caminho para muitas conversas; percebi esse contato se transformou em entrevistas mais longas porque essas pareciam se sentir mais à vontade. Houve contratemplos, como quando cheguei à escola no horário combinado para realizar uma entrevista e a professora estava ocupada com os preparativos para a festa junina, e desencontros de horários, mas considero que isso é parte da vida e do trabalho do/a pesquisador/a.

CAPÍTULO 4

Analisando os dados da pesquisa

Neste capítulo, procedo à análise de discurso, isto é, à análise dos dados à luz de categorias linguístico-discursivas da ADC. Primeiro, apresento brevemente a Linguística Sistêmico-Funcional, compreendida como ferramenta que oferece suporte para a análise linguística dos textos. A exemplo de Fairclough (2003), também relaciono as três macrofunções da linguagem – ideacional, interpessoal e textual (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004) – com os três principais significados dialéticos do discurso, que são materializados em textos: acional, identificacional e representacional. Em seguida, partindo das questões de pesquisa, analiso os textos (reportagens do *Correio Braziliense*, notícias do Sinpro-DF, informes publicitários do Governo do Distrito Federal e entrevistas semiestruturadas) buscando mapear traços de maneiras de inter-agir, de representar e de ser/identificar nos textos, como parte, direta ou indireta, e constituinte dos eventos de mobilização grevista pesquisados.

4.1 A análise de textos como parte da análise de discurso

A teoria linguística que fundamenta a análise de textos em ADC é a Linguística Sistêmico-Funcional, que concebe a linguagem numa perspectiva funcionalista. A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma teoria da linguagem que explica o papel que a língua desempenha na cultura e no mundo. Envolve uma gramática “sistêmica” e “funcional” por dois motivos: primeiro, por ter o objetivo de explicitar como se desenvolvem os sistemas gramaticais como um potencial para construir significados sociais, como um recurso de que dispõem as pessoas para configurar suas experiências no mundo e interagir com os outros; segundo, por ter como uma de suas preocupações centrais investigar o funcionamento da linguagem em um dado contexto (GHIO & FERNANDEZ, 2005). Fairclough (2003) considera a LSF um valioso recurso para a análise de discurso crítica por apresentar uma evidente preocupação com a relação entre a linguagem e os outros elementos e aspectos da vida social. Dessa forma, o referencial da LSF é utilizado pelos/as analistas de discurso para a análise de textos situados. Os

estudiosos da LSF, Halliday e Matthiessen (2004, p. 29), propõem que a linguagem, em nossas interações sociais, possui as funções básicas de significar nossa experiência e agir no mundo. Em outras palavras, a linguagem possui a função de “construir a experiência humana” uma vez que, segundo esses autores, não há experiência humana que não se transforme em algo significativo.

Nessa perspectiva, Halliday e Matthiessen (2004) apresentam três macrofunções presentes simultaneamente na linguagem: a ideacional, a interpessoal e a textual. A primeira está ligada à representação das experiências, isto é, “os textos representam aspectos do mundo (o mundo físico, o social e o mental)” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 26-7). A segunda refere-se à ação, uma vez que os textos “interpretam as relações sociais entre participantes de eventos sociais e as atitudes, os desejos e os valores dos participantes” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 27). A terceira, a macrofunção textual, refere-se à organização coerente das partes dos textos e sua conexão com o contexto, isto é, abarca os aspectos estruturais do texto, como questões gramaticais, semânticas. Sobre esta, Silva (2007, p. 2) salienta a sua importância ressaltando que “a investigação da estrutura linguística, na interioridade, revela as necessidades a que a linguagem serve na sua exterioridade”.

Para Fairclough (2003), é possível localizar nos textos significados que remetem à inter-ação, à representação e à identificação, respectivamente os significados *acional*, *representacional* e *identificacional*, os quais são propostos a partir da operacionalização das macrofunções da LSF. Conforme o autor, a *representação* relaciona-se à *macrofunção ideacional* de Halliday, e a *inter-ação* aproxima-se da *macrofunção interpessoal*. Fairclough não separa uma função específica para os textos (macrofunção textual), mas integra essa função à inter-ação, portanto ela seria parte do *significado acional*. Além disso, Fairclough (2003) propõe que textos, além de serem formas de ação e representação, são maneiras de se identificar, isto é, apresentam também um *significado identificacional*.

É importante frisar que esses três significados aparecem simultaneamente nos textos, isto é, ao mesmo tempo em que agimos por meio do discurso, representamos o mundo, com nossos valores e crenças, e identificamos a nós mesmos/as e a outrem. Fairclough (2003) sugere uma correspondência entre ação e gêneros, representação e discurso, identificação e estilo. Gêneros, discursos e estilos são elementos das ordens

de discurso. Essas são entidades intermediárias entre *sistema linguístico* e *textos*, estão, portanto, no nível das práticas sociais e possibilitam, organizam e controlam a variação linguística (RAMALHO & RESENDE, 2011).

Analisar gêneros, discursos e estilos em textos é produtivo uma vez que esses envolvem as pessoas no evento, suas relações com o conhecimento e com os outros participantes, suas crenças, relações de poder. Os significados materializados nos textos podem ser investigados por meio de categorias com as quais estão ligados, que constituem formas e significados textuais e nos permitem alcançar os contextos de onde emergem significações discursivas.

4.2 Mídia, práticas jornalísticas e gêneros discursivos

Conforme discutimos no Cap. 1, seção 1.1, Fairclough (2003) define ‘novo capitalismo’ como as reestruturações planejadas e executadas por idealizadores/as do sistema econômico neoliberal, as quais tiveram sérias consequências em todas as áreas da vida social. Para esse autor, não podemos ignorar essas mudanças uma vez que elas têm um efeito peremptório em nossas vidas e repercutem decisivamente em todas as esferas da vida social, a exemplo da educação.

No contexto de exploração do trabalho, os/as professores/as tiveram seus salários reduzidos e sua importância diminuída, consoante observa Pacheco (2006); as escolas públicas foram abandonadas sem manutenção e sem investimentos, pois os dirigentes neoliberais desamparam áreas que não oferecem o almejado lucro material, como vimos no Cap. 1, também na seção 1.1. Ainda que sejam mantidas políticas paliativas de incentivo à educação, tais como ampliação de vagas nas universidades, formação continuada de professores/as, faltam esforços para proporcionar aos/às docentes condições mais dignas de trabalho, reconhecimento e remuneração condizente.

Nessa nova configuração do mundo social, o homem experiencia riscos que as gerações anteriores não experimentaram, a influência dos acontecimentos distantes sobre eventos próximos e sobre o eu torna-se cada vez mais comum. Isso ocorre graças ao trabalho da mídia, que rompe as barreiras espaço-temporais, logo transforma o mundo em uma grande aldeia global. E, conforme aponta Marshall (2003, p. 23), “o

jornalismo é a linguagem que codifica e universaliza a cultura hegemônica e legitima a lógica do mercado”, portanto, uma vez legitimados e propagados os valores neoliberais, o mercado vira uma espécie de “totem social” para o qual convergem os desejos de boa parte da sociedade.

Os meios de comunicação produzem e difundem *bens simbólicos* por meio da transmissão da informação, como propõe Thompson (1998). Para esse autor, no período atual, eles têm um papel muito importante na divulgação de ideias. É indiscutível que os textos veiculados pela mídia apresentem visões do mundo social, legitimando as posições daqueles que mais lhe interessam por meio da reprodução ou transformação de delas. Sendo assim, é fato que as novas tecnologias de informação possuem enorme influência na era do novo capitalismo. A essas transformações e suas consequências Castells (2008, p. 366) chama de “política informacional” e acrescenta que ela reconfigura o debate político e as estratégias de busca de poder. Para esse autor, a mídia, seja ela impressa ou eletrônica, é o espaço onde se travam as lutas políticas e “sem ela, não há meios de adquirir ou exercer poder” (CASTELLS, 2008, p. 367).

O conteúdo veiculado pelos meios de comunicação pode conferir poder. Um jornal pode, por meio de suas notícias, seus editoriais, suas reportagens, suas seções dedicadas ao leitor, construir os textos de uma forma que influencie os/as leitores/as, noticiando os fatos sob apenas um ângulo, incluindo depoimentos, excluindo partes relevantes de um evento, enfim, apresentando ao público uma versão manipulada dos acontecimentos. Dessa forma, a mídia tem o poder de influenciar o pensamento, as crenças dos/as cidadãos/ãs, pode, portanto ser imprescindível para, por exemplo, eleger de um/a candidato/a. Para Thompson (1998, p. 21), poder é “um fenômeno social penetrante, característico de diferentes tipos de ação e de encontro, desde as ações reconhecidamente políticas dos funcionários públicos até os encontros mais prosaicos nas ruas”. Ele distingue quatro tipos de poder: *econômico*, *político*, *coercitivo* e *simbólico*. O primeiro é derivado da ação humana produtiva, por isso inclui matéria-prima, meios de produção, produtos de consumo e capital financeiro; o segundo é oriundo da atividade de coordenação dos indivíduos e da regulamentação dos padrões de sua interação; o terceiro é o poder militar, implica o uso ou ameaça da força física para subjugar o outro; o quarto “nasce na atividade de produção, transmissão e recepção do significado das formas simbólicas” (THOMPSON, 1998, p. 24), ou, segundo

Bourdieu (1989, p. 8), o poder simbólico é um “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem”. Dessa forma, o poder simbólico subentende também a capacidade de intervenção dos atores no curso dos acontecimentos e na transmissão dessas formas simbólicas. Seguindo essa trilha, Castells (2008) afirma que, embora a mídia seja o espaço da política, isso não significa que ela determine as decisões que as pessoas tomarão, afinal, nos últimos tempos, tivemos exemplos em que o uso de inserções publicitárias não foi suficiente para eleger um candidato ou referendar uma ideia.

Apesar de terem a possibilidade de interferência na produção de materiais simbólicos, nem todos os indivíduos efetivamente têm o poder de manuseá-los uma vez que nem todos têm acesso a eles. É imprescindível pensar em quem escreve/fala para quem, sobre o quê, em que situação, e como os atores sociais são representados (van DIJK, 1991 *apud* AZEVEDO, 2003). Isso porque aqueles/as que ocupam posições privilegiadas dentro de instituições dispõem do acesso aos meios de comunicação, tanto na fase de produção das notícias quanto na fase de consumo. Isso significa que os padrões de acesso à mídia são diferentes para os grupos sociais. O acesso de um grupo desprivilegiado à mídia é, segundo van Dijk (2010, p. 98), “uma condição crucial para sua participação na definição pública de sua situação”. Isso porque normalmente questões relevantes para minorias são negligenciadas, a credibilidade de seus discursos é posta em xeque, principalmente se criticam (ou reivindicam algo de) grupos privilegiados, e suas acusações a elites *nunca* são aceitas sem questionamento (van DIJK, 2010, p. 100). Como veremos mais adiante, os discursos dos/as professores/as durante as mobilizações são questionados por meio da intertextualidade (subseção 4.2.2) e sua voz deslegitimada. Portanto, um estudo crítico de textos oriundos da mídia envolve, necessariamente, tanto a análise das condições de acesso à mídia quanto da estrutura do texto, relevância na organização da notícia, pois

o controle discursivo da mídia é decisivo na construção de ideologias, na formação da opinião pública, gerando modelos estereotipados dos grupos que não têm seus discursos legitimamente reverberando na mídia (AZEVEDO, 2003, p. 24).

Thompson (1998) realça a importância dos meios de comunicação na atualidade, mas desaprova a ideia de que o espectador seja um sujeito passivo, pronto a receber e a

aceitar acriticamente tudo o que é veiculado. A relevância da linguagem é defendida por Fairclough (2003, p. 7), que incorpora à análise de temas sociais a análise de textos a fim de "refletir sobre como a teoria social pode dialogar com a análise textual e como a análise de texto pode aprimorar a pesquisa social".

Em relação à educação, a mídia é contumaz em propagar o 'discurso do heroísmo' ao associar professores/as a vocação de heróis e heroínas, por meio de narrativas protagonizadas por esses/as profissionais de longínquos recônditos brasileiros que, a despeito da falta de recursos em meio a enormes dificuldades, conseguem "fazer milagres" e desenvolver um excelente trabalho. A pretexto de fazer homenagens aos/às mestres exemplares, grupos privilegiados fortalecem o nexos entre a atividade docente e o sacerdócio. Uma vez inculcada a ideologia de que a recompensa de fazer o bem, típica dos/as heróis/heroínas, já é suficiente recompensa, não haveria razão (nem necessidade) para remunerar bem o/a profissional porque ele/a já estaria realizado/a. Encontrei, nas falas das colaboradoras, exemplos desse discurso. Quando perguntei se sentiam-se valorizadas pelos/as pais/mães, pelo governo e pelos alunos/as, a resposta foi unânime em relação à valorização pelas crianças, conforme excertos abaixo:

- (1) É...eu sinto... não sei se é porque é uma coisa que eu gosto tanto... assim, não espero... assim, valorização, nem da direção, reconhecimento, eu faço porque eu gosto, e eu fico assim, feliz só de ver o progresso das crianças, o desenvolvimento, ainda mais que eu trabalho com alfabetização, então eu até falo que é uma ... é assim... a colheita é no mesmo ano, a gente faz e já... né... eles já leem, então já tem ali, eu acho que com isso eu fico até meio... assim alheia a essas coisas... assim, ai, será que me valorizam, né?... assim.. eu nem percebo, eu nem vi esses 23 anos passarem, um dia desses eu fiz as contas e ...23? nem me ...nem reparei... (risos) (Professora Milena - Entrevista 3)
- (2) Sim, eu acho que trabalhar com essa faixa etária me proporciona isso, eu acho que os meus alunos, sabe.. tem um pouco daquela relação assim, de mãe... sabe, eu acho que existe uma coisa muito maior, muito maior do que o fato... ah! é uma professora! [...] é totalmente diferente, "tia você chegou!" e corre e abraça e beija... e quando às vezes, no espaço da sexta pra segunda-feira, eles já chegam na segunda-feira falando "eu fiquei com saudade de você, eu pensei em você", então você percebe que você tem um reconhecimento muito grande... (Professora Júlia - Entrevista 2)

Foi possível perceber a alegria, nas entrevistas, quando elas falavam de seus alunos/as. Em (1), a fala da colaboradora ratifica o discurso de que a valorização por parte dos/as alunos/as já é uma recompensa. Em (2), além disso, há a menção à "tia" e a identificação com a figura materna. Como vimos em Freire (2009), seção 1.3, essa fusão "professora-tia" pode ser uma armadilha ideológica que impede a assunção de seu papel

social e profissional.

Além disso, esse vínculo com o sacerdócio pode acarretar o ideário de que todos/as os/as professores ‘deveriam’ ser assim, isto é, todos/as deveriam trabalhar por vocação, portanto quem luta por condições dignas, por um salário melhor ou por reconhecimento social pode ser representado como mercenário. Esse tipo de discurso hegemônico pode também inculcar a ideia da superfluidade de políticas voltadas para a melhoria da educação. Isso significa que, ao se enfatizar o discurso do heroísmo, colocando o sucesso da educação sob a responsabilidade do/a professor/a, os insucessos também lhe serão atribuídos. E mais: não se discutem (ou *ocultam-se, dissimulam-se*) as razões do problema da falta de recursos, gerada pelas políticas paliativas para a educação. Normalmente, o discurso da imprensa não problematiza questões educacionais como o abandono de escolas ou a negligência do governo, em outras palavras, seus textos tecem apenas uma lógica de aparências a respeito do problema, e não explicações causais para desfeticizá-lo, conforme Marx propõe (ver seção 1.3 do Cap. 1).

Já sabemos que é possível identificar nos textos os três principais significados dialéticos do discurso, os quais estão relacionados inter-ação, à identificação e à representação em práticas sociais. Tratarei nesta seção do significado acional, que está ligado à ação humana por meio da linguagem, portanto esta seção é dedicada à análise de gêneros, que são “o aspecto especificamente discursivo de maneiras de ação e interação no curso de eventos sociais” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 65) e das categorias de análise ligadas à inter-ação que são relevantes no *corpus* de pesquisa.

As concepções existentes para gêneros são muitas. Alguns autores os concebem como estruturas rígidas, outros apresentam definições que se aplicam mais aos textos e outros, ainda, falam em gêneros textuais. Portanto, utilizamos aqui o conceito adotado por Fairclough (2003), orientado pelos estudos de Bakhtin (1997, p. 280), que propõe o termo *gêneros do discurso* para caracterizar os “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Para esse autor, os gêneros do discurso são infinitos uma vez que são infinitas as instâncias de uso da linguagem associadas à atividade humana.

Outro aspecto que merece atenção sobre os gêneros diz respeito à sua heterogeneidade, isto é, ao fato de não terem uma configuração rígida (razão pela qual gêneros são considerados como “relativamente estáveis”), o que dificultaria o trabalho

de classificação. Bakhtin (1997) realça a importância do estudo dos gêneros por estarem ligados à ação humana e adverte que ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero leva ao formalismo e à abstração, o que por sua vez, distanciam a língua da vida: “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a língua penetra na vida” (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Os gêneros variam em termos de abstração, isto é, há gêneros mais abstratos, mais estáveis e mais fluidos. Fairclough (2003), em relação aos níveis de abstração, parte da classificação proposta por Swales (1990). São *pré-gêneros*, *gêneros desencaixados* e *gêneros situados*. Os pré-gêneros são categorias mais abstratas, transcendem práticas particulares e podem aparecer em meio a outros gêneros menos abstratos; como exemplo, Fairclough (2003) cita a narrativa, a descrição e a conversação. Os *gêneros desencaixados* são menos abstratos, normalmente surgem ou são recontextualizados em decorrência da reestruturação do novo capitalismo e adaptam-se a novas práticas, a exemplo da entrevista. Já os *gêneros situados* são mais estáveis e específicos de práticas sociais particulares, como é o caso da reportagem (FAIRCLOUGH, 2003).

É válido observar, também, que há textos que possuem composições inovadoras, quer dizer, hibridizam vários gêneros. Um *website*, por exemplo, apresenta vários gêneros como narrativas, arquivos, propagandas, imagens etc.

4.2.1 Estrutura genérica e relações semânticas: reportagens, notícias e informes publicitários

Serão analisadas, nesta subseção, as reportagens do jornal *Correio Braziliense*, as notícias veiculadas no site do Sinpro-DF, ambas sobre as mobilizações grevistas dos/as docentes, em 2012, e os informes publicitários do GDF, também veiculados no *Correio Braziliense*, no mesmo período. É importante destacar que investigo a composição genérica das reportagens, como elas foram organizadas em termos de pauta, boxes, uso de micronarrativas/depoimentos, e informes publicitários, com seus aspectos interacionais. Além disso, observo as relações semânticas presentes nas reportagens, o que colabora para a construção de uma lógica das aparências ou lógica explanatória.

Lage (1987) considera que reportagem diferencie-se de notícia por não dar cobertura a um fato ou a uma série de fatos mas apresentá-los mais amiúde, analisá-los sob um ângulo. Para esse autor, a reportagem consiste em levantar um assunto conforme uma perspectiva preestabelecida, enquanto a notícia seria o "relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante" (LAGE, 1987, p. 16). O autor complementa essa distinção em termos da pauta: a pauta para a notícia é a indicação de fatos, continuidade de um evento ou seu desdobramento, enquanto que, para a reportagem, a pauta indica a maneira como o assunto será abordado, as ilustrações, o tempo de apuração, tamanho etc, o que requer um cuidado maior e um planejamento diferenciado.

O Informe Publicitário é um produto da pós-modernidade, quando "a lógica publicitária penetra e materializa-se no espaço do jornalismo" (MARSHALL, 2003, p. 119). Trata-se de um gênero desencaixado que funde informação e publicidade, ou nas sábias palavras de Marshall (2003, p. 120), "é o exercício que inocula o interesse privado no espaço público da imprensa e investe de legitimidade o gene clandestino da lógica publicitária". Tal gênero é um dos vários modelos do jornalismo transgênico, caracterizado pela hibridização ("cruza os cromossomos da informação aos cromossomos da publicidade"), e é apresentado sob a forma de *desfiguramento*, publicidade paga, disfarçada de notícia, com identificação de informe publicitário.

4.2.1.1 O jornal *Correio Braziliense* e as notícias do SINPRO-DF

Meu objetivo aqui é analisar como o jornal *Correio Braziliense* (as reportagens sobre a greve dos/as docentes e informes publicitários do GDF) figura como (inter)ação dentro das práticas sociais e sua relação com os demais momentos da prática social na busca por responder a questão de pesquisa 3 (Cap. 3, seção 3.3). Vale ressaltar que esse material data do período da greve pela educação, ocorrida de março a maio de 2012, em Brasília. Em relação às notícias do Sinpro-DF, não as analisarei uma a uma, pois elas são utilizadas para comparar duas representações potencialmente diferentes, ou seja, dois discursos antagônicos (assim como para explicar certas "ausências" (FAIRCLOUGH, 2003).

Que o ser humano age discursivamente, nós já sabemos. Sabemos também que os veículos de comunicação se prestam ao papel de informar à população sobre os fatos do mundo. Mas como o fazem, que ideologias veiculam, como representam uma ou outra categoria profissional é o nosso interesse investigar. Lustosa (1996) afirma que notícia não é o fato, mas o relato do fato. Dessa forma, noticiar é uma ação em termos de representação dos fatos. O autor afirma também que “a notícia é um produto colocado à venda e que atende à lógica e às exigências de mercado” (LUSTOSA, 1996, p. 17). Sendo assim, a notícia que lemos em um jornal ou uma revista é nada menos que uma versão dos fatos que interessa a um ou outro grupo divulgar ainda que se pregue a imparcialidade jornalística.

Para Lage (1987, p. 15), para realizarem seu trabalho de produção de uma matéria jornalística, seja ela de jornal ou de revista, “os repórteres apuram e processam as informações segundo procedimentos padronizados, sem muita ingerência ou até consciência deste processo”. Todavia, ainda que, segundo esse autor, a matéria pareça “brotar como em uma geração espontânea”, acredita-se que esse processo não seja assim tão aleatório ou inocente. Lage (1987, p. 15) deixa implícito que o/a jornalista, ao seguir um modelo, um padrão, não tem noção ou responsabilidade sobre o que escreve, entretanto afirma que o que é publicado (ou não) é orientado pelas leis de mercado ou por “conveniências que traduzem o jogo dos grupos de pressão ou entidades abstratas como o interesse nacional”. Assim, seria ingenuidade pensar que o processo de escolha do que será publicado (ou não) obedece a leis naturais, pelo contrário, as prioridades que ocuparão as capas de jornais e revistas ou o que será “apagado” segue a lógica do jogo de interesses de donos dos meios de comunicação ou de seus/suas patrocinadores/as e anunciantes.

A neutralidade jornalística é, para Lustosa (1996, p. 22), “um mito cotidianamente desfeito nas redações, a partir da elaboração da pauta que determina a forma de se buscar os fatos, o conteúdo pretendido e, eventualmente, indica os propósitos da editoria”. Acerca da pauta das reportagens do *Correio Braziliense* ou do que se considerou relevante ou irrelevante publicar sobre a greve, comparando com as notícias veiculadas pelo site do Sindicato dos Professores/as do DF (SINPRO-DF), considere relevante não serem noticiados fatos como passeatas e movimentos de apoio à greve docente. Das 22 (vinte e duas) reportagens do *Correio Braziliense* que

compõem o *corpus* (ver Anexo A), nenhuma notícia o apoio de autoridades políticas e apenas uma inclui o apoio de estudantes. Mas pôde-se verificar tal apoio à classe docente, nas notícias do Sinpro-DF, o que podemos apreciar nos excertos a seguir:

- (3) Estudantes do Gama fazem ato em apoio à luta dos professores. (Notícia 2 - Sinpro-DF, 8/03/2012)
- (4) Alunos do Gama, organizados pela União Municipal dos Estudantes Secundaristas das escolas públicas do Gama (UMES), realizaram ato em apoio à campanha do Sinpro e por melhorias na estrutura das escolas. (Notícia 2 - Sinpro-DF, 8/03/2012)
- (5) Apoio da UNE – Outros segmentos estudantis também mostraram apoio à luta dos professores e professoras do DF. Na última sexta-feira (04), representantes da União Nacional de Estudantes (UNE), da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e de diversos grêmios estudantis estiveram reunidos com a direção do Sinpro... (Notícia 2 - Sinpro-DF, 8/03/2012)
- (6) Estudantes de várias regionais e líderes do movimento estudantil levaram seu apoio à mobilização da categoria, participando ativamente da manifestação. (Notícia 4 - Sinpro-DF, 14/03/2012)
- (7) A deputada Érika Kokai (PT-DF), mais uma vez, manifestou seu apoio à mobilização dos professores. (Notícia 4 - Sinpro-DF, 14/03/2012)
- (8) A professora e ex-deputada Rejane Pitanga reforçou o discurso de Érika, ao afirmar que não haverá desenvolvimento no DF sem investir na educação. (Notícia 4 - Sinpro-DF, 14/03/2012)
- (9) Um grupo de estudantes vestiu a camisa da luta e panfletou durante a tarde desta segunda-feira (16) na I Bienal do Livro e da Leitura de Brasília. (Notícia 6 - Sinpro-DF, 16/04/2012)

Lustosa (1996) sugere que o processo de criação dos textos implica distanciamento dos fatos e neutralidade do veículo de comunicação, todavia julgo que há certa incoerência em suas palavras, pois o próprio autor afirma que a "neutralidade é um mito", conforme anteriormente citado. Noticiar (ou não) um evento, o que é uma escolha do jornal, aponta para a falta de imparcialidade. As notícias são escolhidas e organizadas para representar um evento sob a ótica dos que detêm o poder, portanto apresentam uma visão unilateral (LEAL, 2005).

Sobre a representação desses eventos, van Leeuwen (2008) explica que há diferença entre o que as pessoas fazem, no evento concreto, e o que é falado sobre o que as pessoas fazem, isto é, as representações discursivas. Isso porque são muitas as maneiras de representar as práticas sociais em um evento específico, incluindo ou excluindo partes do evento, por exemplo. Nesse caso, incluir o apoio de estudantes e entidades estudantis, como a UNE (União Nacional dos Estudantes), a UMES (União

Municipal dos Estudantes Secundaristas) e a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), aos/às professores/as poderia modificar a recepção das mobilizações pela população uma vez que o apoio de estudantes e entidades estudantis poderia ser visto como relevante e contribuiria para dar legitimidade às mobilizações. Da mesma forma, a inclusão do apoio de autoridades do cenário político poderia contribuir para a recepção do movimento sob outro ângulo. A divulgação de tal apoio poderia fomentar discussões mais abrangentes em torno de questões ligadas à educação, o que não ocorreu. Conforme assinala Leal (2005), o discurso da imprensa não estimula a formação de uma consciência crítica do leitor em relação aos problemas de sua cidade ou país.

Nesse sentido, como observamos na pesquisa, o apoio é *negado* pelo Jornal de maior importância da capital, e o foco de atenção das reportagens é desviado para outros aspectos; nos termos de Thompson (1995), opera ideologicamente a *dissimulação* por meio do *deslocamento*, conforme seção 2.4, do Capítulo 2.

Quando analisamos os textos (ou as interações) no que diz respeito aos gêneros, segundo Fairclough (2003, p. 70), observamos a *atividade*, isto é, “o que as pessoas estão fazendo discursivamente”, as *relações sociais* entre os participantes e as *tecnologias de comunicação*.

Em relação à atividade, Fairclough (2003) sugere que a análise de eventos sociais deve, primeiro, separar atividades essencialmente discursivas e não discursivas. Desse ponto de vista, pode-se afirmar que a atividade do/a jornalista do *Correio Braziliense* em produzir as reportagens sobre as mobilizações dos/as professores/as da rede pública do DF é essencialmente semiótica uma vez que envolve atividade de escrever/relatar aspectos da greve, assim como são igualmente semióticas as atividades de produção das matérias para o site do sindicato dos/as professores/as e as entrevistas que realizei junto a docentes de uma escola pública do Plano Piloto, que fazem parte do *corpus* ampliado desta pesquisa.

No tocante às *relações sociais* entre os/as participantes, Fairclough (2003) propõe que, no Novo Capitalismo, as relações entre as pessoas ou entre as instituições e as pessoas podem ocorrer de várias formas e envolvem sempre relações de poder. Podem ocorrer face a face, como em um bate-papo, ou a distância, como é o caso da relação entre o *Correio Braziliense* e os/as potenciais leitores/as. Já foi dito, no capítulo

3, que o *Correio Braziliense* é o jornal mais importante da capital. Isso significa que ele possui o que van Leeuwen (2008) denomina "autoridade especializada", é um jornal de tradição em Brasília, perito no que faz. Em decorrência disso, o que este veículo traz como notícia pode, de antemão, ser tomado como "a verdade" e, então, ser reproduzido sem conferência dos fatos ou reflexão sobre eles. Tal prestígio junto aos/às leitores/as denota o poder que esse veículo de comunicação possui para construir ou legitimar a imagem que as pessoas poderão construir dos/as professores/as. E mais, pode também, influenciar na constituição da própria identidade docente, pessoal e social.

Retomando os exemplos de (3) a (9), no que diz respeito ao apoio às manifestações dos/as docentes, reportado pelo site do Sinpro-DF e *apagado* pelo *Correio Braziliense*, não foi possível investigar, por meio desta pesquisa, as razões para tal *apagamento*. Uma vez que textos geram efeitos no mundo, como afirma Fairclough (2003), não noticiando o apoio aos/às professores, o *Correio Braziliense* nega ao/à leitor/a uma informação que poderia gerar efeitos diferentes. Em outras palavras, quando o *Correio Braziliense* não noticia o apoio ao movimento grevista, principalmente dos/as estudantes, o veículo de comunicação não abre a possibilidade de um diálogo público mais abrangente em torno das razões e dos possíveis benefícios das reivindicações e pode contribuir para legitimar e inculcar a ideologia de que se trata de um movimento de pessoas "mercenárias e descomprometidas".

Por fim, acerca das *tecnologias de comunicação* que envolvem a interação, pode-se afirmar que, apesar de reportagens de jornal serem consideradas um gênero situado, as novas tecnologias têm modificado a rede de práticas sociais, o que resulta em mudanças nas formas de comunicação. Nesse sentido, a relação jornal-leitor é "quase-interação mediada" (THOMPSON, 1998), isto é, uma interação monológica, na qual o remetente não recebe uma resposta direta e imediata do destinatário. Para esse autor, as interações são de três tipos: "face a face", "mediada" e "quase-interação mediada". Ele define a *primeira* como aquela em que os participantes "partilham um mesmo sistema referencial de espaço e de tempo", é dialógica e propicia aos interlocutores uma gama de recursos ("deixas simbólicas"), a exemplo de expressões faciais e mudanças de entonação, o que facilita o entendimento das mensagens (THOMPSON, 1998, p. 78). A *segunda* exige um suporte técnico, como papel, fios elétricos porque ocorre não necessariamente com a presença dos/as participantes, estes/as podem estar em contextos

espaciais ou temporais distintos, a possibilidade de uso de deixas simbólicas é, então, restrita. Vale, ainda, esclarecer que segundo, Thompson (1998), a *terceira* é produzida para um número indefinido de receptores/as potenciais, isto é, o fluxo de comunicação é predominantemente de sentido único e este tipo de interação não possui o grau de reciprocidade das outras duas formas.

Quanto à relação do/a leitor/a com o *Correio Braziliense*, é *quase-interação mediada*, como já citado, e, apesar de esse tipo de interação ser monológico, podemos pensar que existe um "quase-diálogo". O leitor dialoga com o jornal por meio da continuidade da aquisição, do julgamento que faz sobre o veículo, da concordância ou discordância, materializadas nas seções reservadas ao leitor, por meio de cartas, e-mails e outros. Desse "quase-diálogo", isto é, das cartas do leitor selecionadas para publicação no *Correio Braziliense*, sobre as mobilizações dos/as professores/as, a maior parte trazia críticas ao movimento grevista e opiniões desfavoráveis aos/às docentes, como pode ser ilustrado pelo texto 22, no Anexo A. Fairclough (2003) denomina esse tipo de interação "unidirecional mediada" e destaca a importância da análise de gêneros, nesse caso, do jornal, para a promoção de mudanças tecnológicas, econômicas e sociais.

Lustosa (1996, p. 86) lembra algumas características marcantes do jornal: relata o que passou no dia anterior; oferece ao leitor um exame analítico e uma reflexão sobre os acontecimentos; é abrangente, pois abarca uma infinidade de temas; combina texto escrito, imagem, fotografia e outras semioses; é temporal, no dia seguinte perde a validade. Todavia, se o jornal do dia anterior perece e perde sua função, o mesmo não se dá com as ideias que ele veicula. Estas permanecem e são, depois, reforçadas por notícias no mesmo jornal. Para Richardson (2007, p. 6), "o jornalismo existe para permitir aos cidadãos uma compreensão melhor de suas vidas e de sua posição mundo", mas quando se apresenta uma versão dos fatos, isto é, uma perspectiva norteada por algum interesse, pode ser essa a caracterização que o/a leitor/a terá sobre os fatos e pode ser a partir daí que ele/ela assumirá sua posição. Dessa forma, é inútil falar em imparcialidade, tendo em vista que o uso da linguagem jornalística é político (RICHARDSON, 2007).

Ainda que os jornais não utilizem tecnologias de comunicação tão avançadas como os *websites* o fazem, a linguagem utilizada em jornais é uma ferramenta que não deve ser desprezada, por conseguinte, deve ser analisada. Richardson (2007, p. 10-1)

propõe uma visão da linguagem jornalística como *social, legitimadora de identidades, ativa, ligada ao poder e política*. Dessa forma, ela é, para o autor, um local-chave de naturalização de desigualdades e neutralização de divergências.

Os jornais frequentemente trazem histórias para ilustrar as reportagens com “intenção referencial”, isto é, dar abertura para questões de verdade, ou melhor, questões sobre a relação entre a história e os eventos reais; ou “explanatória”, que comparamos à “focalização”, quer dizer, as narrativas são utilizadas nos jornais para darem sentido aos eventos que incorporam um ponto de vista particular (FAIRCLOUGH, 2003, p. 85). Analisando as reportagens do jornal *Correio Braziliense*, em termos de estrutura genérica, pôde-se identificar o uso do pré-gênero *narrativas* como forma de legitimar discursos. Algumas reportagens apresentaram micronarrativas episódicas mescladas ao texto, conforme exemplos a seguir:

- (10) Professora da rede particular de ensino, Jaciara Barbosa, 34 anos, moradora de Águas Claras, teve de voltar com a filha para casa. Elas chegaram ao Elefante Branco, na 908 Sul, na manhã de ontem, e descobriram que as aulas estavam suspensas. Segundo a filha de Jaciara, Bruna Luysa Alves Barbosa, 13 anos, a direção não avisou que as aulas seriam suspensas. “Só não foi viagem perdida porque meu filho teve atendimento de educação especializada. Acho que a greve é necessária, mas prejudica a vida dos estudantes”, ponderou. (Texto 2 – *Correio Braziliense*, 13/03/12)
- (11) Apesar da greve, a bancária Fabiana Jung Matos, 41 anos, moradora da Asa Norte, seguiu a rotina normal de deixar os filhos, os gêmeos Bruno e Lucas Matos, 10 anos, na escola. Eles estudam no Centro de Ensino Fundamental da 107 Sul. Embora seja solidária ao movimento, ela achou bom que os filhos continuem em aula durante a paralisação. “Sem isso, sei que a categoria não vai conquistar benefícios, que são um direito. Mas a gente que tem filho na rede pública também fica preocupado. Acredito que o sindicato possa buscar uma solução sem prejudicar a sociedade”, defendeu. (Texto 2 – *Correio Braziliense*, 13/03/12)
- (12) Por conta da assembleia, motoristas que voltavam para casa no horário do almoço enfrentaram engarrafamento de pelo menos quatro quilômetros. Por volta do meio-dia, assim que a categoria concluiu as votações, os manifestantes invadiram a pista do Eixo Monumental em frente ao Palácio do Buriti e pararam o trânsito por 20 minutos. (Texto 5 – *Correio Braziliense*, 28/03/12)
- (13) O engarrafamento chegou à Rodoviária do Plano Piloto e causou atraso de até 40 minutos para quem tentava ir à Praça do Buriti. “Não acho isso justo. Estou indo ao tribunal, que abre às 12h, e só tenho uma hora de almoço. É complicado”, reclamou a analista judiciária Lívia Borges, 32 anos. Muitos dos motoristas só descobriram o motivo do engarrafamento ao chegar ao desvio. “São os professores? Isso atrapalha o trabalho, já era para eu estar no Buriti há uns 20 minutos”, lamentou o motorista Júnior Eliese Nunes, 30. (Texto 7, *Correio Braziliense*, 11/04/12)

- (14) É ruim se a greve continuar, porque nós vamos perder todo o recesso, reclamou Thiago da Cruz, aluno da 6ª série do Centro de Ensino Fundamental (CEF) 15. Ontem, ele teve aula de ciências e matemática, nos primeiros horários do dia. Por volta das 11 h, Thiago estava liberado e a mãe, a gerente de compras Ana Iara Lima Batista, 34 anos, teve de sair do trabalho para buscá-lo. “É uma situação muito complicada para os pais que trabalham. A greve faz com que os alunos fiquem muito ociosos”, reclamou. (Texto 14, *Correio Braziliense*, 24/04/12)
- (15) “Consumo de álcool” - “Na QNM 21/23 de Ceilândia, dezenas de estudantes passam o tempo do lado de fora do colégio. Encostado no muro do Centro de Ensino Fundamental (CEF) 4, um grupo de adolescentes usava ontem uma garrafa pet para beber álcool. Ao verem o carro da reportagem, os meninos se dispersaram. Distantes a 50 metros do primeiro grupo, três jovens usavam droga sem serem incomodados. A situação deixa muitos pais ainda preocupados. “Quando não tem aula, os estudantes ficam do lado de fora e por aqui é muito perigoso. Orientei meu filho a ir direto para casa quando sair da escola””, disse a panfleteira Cleonice Maria Ferreira, 35 anos. (Texto 14 - *Correio Braziliense*, 24.04.12)

Como notamos na pesquisa, o que as narrativas têm em comum em meio às reportagens que tratam da paralisação dos/as professores/as do DF é que todas elas evidenciam fatos negativos (sublinhados), isto é, informam ao leitor do jornal sobre “transtornos ocorridos durante o evento”. No exemplo (10), temos a “quase viagem perdida” da mãe e da filha; no exemplo (11), a preocupação da mãe com a greve; nos exemplos (12) e (13), o transtorno causado pelo engarrafamento das vias públicas; no exemplo (14), o medo de perder o recesso e a ociosidade dos alunos; no exemplo (15), a narrativa, intitulada “Consumo de álcool”, associa o movimento grevista ao consumo de álcool e outras drogas. Dessa forma, por meio dessas narrativas, o *Correio Braziliense* vincula uma história real ao evento real (a greve) e, focalizando aspectos negativos, apresenta/veicula sua visão particularmente negativa dos fatos.

Tais narrativas constituem-se, pois, uma forma de legitimar discursos. Como Fairclough (2003) observa, narrativas jornalísticas apresentam um evento distinto, fragmentado, que exclui outros relacionados; por conseguinte, apresentam um ponto de vista particular, legitimando-o. O autor conclui, citando Allan (1999), que elas “são orientadas para regular e controlar eventos, e as formas como as pessoas respondem a eventos” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 85). Nesse sentido, a *narrativização*, estratégia de construção simbólica da *legitimação*, foi utilizada, uma vez que a reportagem é construída por meio de narrativas que ratificam a posição do jornal adotada frente ao tema. Exemplos dessas representações negativas foram observados nos discursos de

algumas professoras/colaboradoras (ver mais adiante exemplos (77) e (78)), o que confirma as palavras de Allan (1999).

Outro aspecto que merece atenção, ainda em relação à estrutura das reportagens do *Correio Braziliense*, é a apresentação de boxes (espaços com informações adicionais) “Para saber mais”, “Entenda o caso”, os quais complementam a reportagem trazendo mais informações sobre assuntos ligados à movimentação grevista. Vejamos os exemplos abaixo:

- (16) Para saber mais – DF paga três vezes o piso (Texto 1, *Correio Braziliense*, 09.03.12)
- (17) Entenda o caso – Veja as principais reivindicações dos professores e Veja o que diz o GDF (Texto 1, *Correio Braziliense*, 09.03.12)
- (18) Reivindicações – O que a categoria quer e O que o GDF vem fazendo (Texto 2, *Correio Braziliense*, 13.03.12)
- (19) Reivindicações – O que a categoria quer e O que o GDF vem fazendo (Texto 3, *Correio Braziliense*, 14.03.12)
- (20) Sem acordo – Confira os principais pontos da proposta oferecida pelo GDF (Texto 12, *Correio Braziliense*, 20.04.12)
- (21) Memória (Texto 17, *Correio Braziliense*, 28.04.12)
- (22) Cronologia (Texto 19, *Correio Braziliense*, 3.05.12)
- (23) Itens do acordo (Texto 19, *Correio Braziliense*, 3.05.12)
- (24) Cronologia da greve (Texto 21, *Correio Braziliense*, 8.05.12)

Esses boxes, conforme já citado, trazem mais informações sobre a paralisação. Qual seria a função deles? A que propósito eles se prestam? Depois de analisados, pode-se perceber não “o propósito”, mas os efeitos potenciais, nos termos de Fairclough (1999, 2003) desses textos na configuração das reportagens. O exemplo (16) situa-se na primeira reportagem sobre as mobilizações. Ele possui o subtítulo em letras grandes e negrito, “DF paga três vezes o piso”. Esse subtítulo, estruturado por meio de *afirmação categórica*, nos termos de Fairclough (2003), pode ter o efeito de desconstruir a legitimidade da reivindicação salarial, um dos aspectos das mobilizações. Consequentemente, poderá ser disseminada, de antemão, a ideia de que o salário dos/as docentes é um privilégio, se comparado à realidade do restante do país. Assim sendo, qual seria o motivo de tais reivindicações?

Em relação ao exemplo (17), igualmente, uma análise quantitativa mostra certa assimetria: no boxe “Veja as principais reivindicações dos professores”, há uma lista contendo quatro itens (reivindicações dos/as professores/as: reestruturação do Plano de Carreira, aumento salarial, convocação dos/as concursados/as, plano de saúde) enquanto em “Veja o que diz o GDF”, há cinco itens (supostos benefícios oferecidos pelo GDF aos/às docentes: melhoria do auxílio-alimentação, de R\$ 198,00 para R\$ 304,00; aprovação da Lei da Gestão Democrática; reajuste de 13,83% em 2011; retorno de 1,5 mil professores/as afastados/as; oferta de cursos de licenciatura na UnB). Assimetria semelhante pode ser conferida nos exemplos (18), constante na Figura 4.1 e (19), Figura 4.2 a seguir.

Figura 4.1 - Boxe Reivindicações (*Correio Braziliense*, 13.03.12)

>> Reivindicações

O que a categoria quer

- » Revisão do plano de carreira, com isonomia salarial e as carreiras de nível superior do GDF, previsto para janeiro de 2012
- » Implantação do plano de saúde
- » Nomeação dos professores aprovados em concurso
- » Salário justo para os educadores temporários
- » Aumento dos recursos repassados às escolas para investimento em materiais pedagógicos e de infraestrutura;
- » Discutir sobre a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e criar a Lei de Responsabilidade Educacional;

O que o GDF vem fazendo

- » Concedeu reajuste de 13,83% em 2011
- » Contratou 400 professores efetivos
- » Está implantando a gestão democrática nas escolas
- » Aumentou o valor do auxílio-alimentação em 55%
- » Reformou 300 escolas, quase a metade de toda a rede pública
- » Aprovou o pagamento dos professores contratados temporariamente nos moldes dos professores efetivos
- » Oferece curso de licenciatura na UnB para mais de 800 professores que possuem o ensino médio
- » Complemento da licenciatura plena para mais de 540 professores que possuem a licenciatura curta
- » Especialização a 700 professores por meio de parceria com a UnB
- » Formação continuada para 10 mil docentes na Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação

Fonte: Texto 2, *Correio Braziliense*, 13.03.12

Figura 4.2 - Boxe Reivindicações 2 (*Correio Braziliense*, 14.03.12)

» Reivindicações

O que a categoria quer

- » Revisão do plano de carreira, com isonomia salarial e as carreiras de nível superior do GDF, previsto para janeiro de 2012
- » Implantação do plano de saúde
- » Nomeação dos professores aprovados em concurso
- » Salário justo para os educadores temporários
- » Aumento dos recursos repassados às escolas para investimento em materiais pedagógicos e de infraestrutura;
- » Discutir sobre a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e criar a Lei de Responsabilidade Educacional;

O que o GDF vem fazendo

- » Concedeu reajuste de 13,83% em 2011
- » Contratou 400 professores efetivos
- » Está implantando a gestão democrática nas escolas
- » Aumentou o valor do auxílio-alimentação em 55%
- » Reformou 300 escolas, quase a metade de toda a rede pública
- » Aprovou o pagamento dos professores contratados temporariamente nos moldes dos professores efetivos
- » Oferece curso de licenciatura na UnB para mais de 800 professores que possuem o ensino médio
- » Complemento da licenciatura plena para mais de 540 professores que possuem a licenciatura curta
- » Especialização a 700 professores por meio de parceria com a UnB
- » Formação continuada para 10 mil docentes na Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação
- » Dará continuidade ao grupo de trabalho, responsável pelos estudos para a reestruturação do plano de carreira, com prazo até 30 de abril para a finalização da nova estrutura;— Até 30 de setembro, o GDF vai analisar os impactos financeiros da implementação do novo plano;— Estuda a implantação do plano de saúde aos servidores do GDF no segundo semestre deste ano

Fonte: Texto 3, *Correio Braziliense*, 14.03.12

Como podemos observar nas figuras 4.1 e 4.2, são seis itens/reivindicações dos/as docentes em ambos os exemplos na seção “O que a categoria quer”, e dez itens/concessões aos/às trabalhadores/as em educação no exemplo (18) e onze no exemplo (19), na seção “O que o GDF vem fazendo”. Ora, se o que os/as docentes reivindicam é sempre em número menor do que o GDF já oferece, por que então esses/as profissionais estariam mobilizados/as?

No que diz respeito ao exemplo (20), o boxe “Sem acordo” (Figura 4.3), mais adiante, traz uma lista, contendo cinco elementos, com as principais propostas oferecidas pelo GDF. Juntando partes do texto, como o título da reportagem *Professores rejeitam nova proposta*, o título do boxe *Sem acordo*, o subtítulo dele *Confira os principais pontos da proposta oferecida pelo GDF*, mais a lista com cinco elementos,

pode-se chegar a um “todo”, no qual pode ficar subentendido que a categoria não está aberta ao diálogo uma vez que seriam apresentadas muitas propostas pelo GDF e a classe rejeitaria todas.

Já foi dito no início das análises que o *Correio Braziliense* deixa implícita uma visão desfavorável em relação às mobilizações e aos/as docentes. Os exemplos (21), (23) e (24) trazem os principais fatos do período. Da análise, desses boxes, ficou evidente o alinhamento do discurso deste Jornal ao discurso do GDF. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) foi utilizada, no exemplo (21) (Texto 17, Anexo A) como um argumento para justificar o não atendimento às reivindicações, uma estratégia de legitimação que van Leeuwen (2008) denomina de *autorização*, aquela que evoca uma autoridade legitimadora, que pode ser pessoa (*expert*), lei, costume, mais especificamente, nesse caso, a *autoridade impessoal*, evocada pela LRF.

Por fim, ainda sobre o uso e os efeitos desses boxes na estrutura das reportagens, o exemplo (23) traz uma lista contendo doze elementos, os quais seriam o resultado do acordo entre governo e professores/as. A lista com os doze itens é grande, o que em uma leitura rápida e desatenta pode simular o resultado das mobilizações. Ora, se nos exemplos (18) e (19) são apresentadas as seis reivindicações dos/as docentes e aqui são doze itens acordados, seria o Governo do Distrito Federal muito generoso? Por que motivo, então, os/as professores/as passaram 52 dias em greve? Podemos entender essa estruturação de reportagem como um exemplo de *dissimulação* (THOMPSON, 1995), construída por meio da *eufemização*, uma vez que ela apresenta valorações positivas para a instituição GDF.

No quadro 4.1, listei os quatro primeiros “Itens do acordo”:

Quadro 4.1 – Itens do acordo entre governo e professores

<p>“Continuidade das negociações”</p> <p>“Retomada, a partir de setembro de 2012, das discussões sobre a reestruturação do plano de carreira e seus impactos”</p> <p>“Garantia da participação do Sinpro em mesa de discussão sobre o orçamento da educação pública do Distrito Federal, especialmente no que diz respeito ao Fundo Constitucional do DF e ao Fundeb”</p> <p>“Encaminhamento à Câmara Legislativa, em 30 dias, de proposta contendo os pontos consensuais da estrutura do plano de carreira que não tenham impacto financeiro”</p>
--

Com base no Texto 19 – *Correio Braziliense* (ver Anexo A).

Esses itens do acordo lidos e analisados são, nada menos, que novas promessas. Diagramados dessa forma, isto é, à direita da página, o (novo), ocupando a coluna

inteira, de cima a baixo, podem ter o efeito de chamar mais a atenção do leitor e simular a generosidade do GDF. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), o arranjo composicional dos textos permite a concretização de diferentes significados, isso se aplica tanto a imagens quanto à diagramação de textos verbais. Em outras palavras, a disposição das informações/imagens tem valores diferentes e pode influenciar na maneira como o significado será construído pelo leitor/telespectador: a sociedade ocidental realiza a leitura da esquerda para a direita e de cima para baixo; assim, organizado no sentido horizontal, os textos trazem informações já conhecidas (dadas) à esquerda e novas à direita. Acima, ficam as informações do campo do desejo, do sonho, o que os autores chamam “*ideal*”; abaixo ficam as informações do campo da realidade “*real*”. Os boxes ocupam um espaço à direita, como vemos na Figura 4.3; representam, pois, o “novo”, aquilo de que o leitor passará a ter conhecimento, além de ocuparem não só o espaço do “ideal” com também o do “real”, no sentido vertical. Logo, essa coluna tem sua importância realçada pelo Jornal e a suposta legitimidade do GDF propagada. Fica evidente, assim, fechamento da diferença (os cenários de negociação da diferença serão explicitados na subseção 4.2.2), consensualmente, entre discurso do jornal e do GDF:

Figura 4.3 - Reportagem com boxe "Sem acordo", *Correio Braziliense*, 20.04.12

Professores rejeitam nova proposta

» Sem acordo

Confira os principais pontos da proposta oferecida pelo GDF

» MARA PULJIZ
» THAIS PARANHOS

Sem acordo com o Governo do Distrito Federal (GDF), os professores decidiram estender a greve pelo menos até a próxima terça-feira. Em assembleia na manhã de ontem, a categoria votou a rejeitar as propostas do Executivo. Amanhã, durante as comemorações do aniversário de Brasília, os docentes prometem fazer mais um protesto. A concentração será às 9h no Teatro Nacional. O Ministério Público do DF e Territórios (MPDFT), por sua vez, ingressou na Justiça com pedido de ilegalidade e abusividade da paralisação, que hoje completa 40 dias.

Em reunião na última quarta-feira com o secretário de Administração Pública, Wilmar Lacerda, os professores consideraram insuficiente a proposta feita pelo governo, que inclui o pagamento de auxílio-saúde de R\$ 110, a partir de julho deste

Janine Moraes/CB/DA Press



Após assembleia, docentes fizeram ato público em frente ao Buriti

ano (veja quadro). “Infelizmente, o momento e a realidade financeira e orçamentária por que passa este governo, aliados aos limites impostos pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), nos impedem de avançar como gostaríamos no atendimento

das reivindicações”, informou a Secretária de Administração do DF, em nota.

Bandeiraço

Hoje, às 8h, está previsto um bandeiraço na Residência Oficial



Tempo que dura a greve dos professores da rede pública de ensino do Distrito Federal

do governador, em Águas Claras. Como de costume, a manifestação de ontem provocou reflexos no trânsito da região central da cidade e teve o apoio da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Os professores fecharam as seis faixas do Eixo Monumental em

frente ao Palácio do Buriti e o tráfego precisou ser desviado. O engarrafamento chegou à Rodoviária do Plano Piloto. A pista só foi liberada depois das 12h.

Além de professores e metroviários, outras categorias ameaçam cruzar os braços. A CUT planeja uma reunião na próxima terça-feira para discutir uma possível greve geral dos servidores locais. Ontem, os agentes de atividades penitenciárias iniciaram uma paralisação de 24 horas. Eles querem reajuste e melhores condições de trabalho.

Para o MP, a greve dos professores deve ser questionada na Justiça porque a categoria não estaria mantendo o percentual mínimo de docentes nas escolas. A ação proposta pela Promotoria de Defesa da Educação (Proeduc) prevê multa diária de R\$ 50 mil ao Sindicato dos Professores do DF (Sinpro), caso a paralisação seja mantida.

Colaborou Lucas Tolentino

» Incorporação da gratificação por dedicação exclusiva, a Tidem, em quatro parcelas, num período máximo de quatro anos

» Divulgação do edital de convocação para contratação de professores e profissionais da educação após encerramento da greve

» Auxílio-saúde no valor de R\$ 110 para todos os professores a partir de julho de 2012

» Conclusão das discussões sobre a reestruturação do plano de carreira

» Envio imediato de projeto à Câmara Legislativa propondo nova redação para o artigo 15 da Lei do Plano de Carreira. Com isso, haverá a regularização da situação de aproximadamente 12 mil professores, por meio da progressão horizontal, daqueles que ingressaram com ensino médio ou licenciatura curta e concluíram, posteriormente, o nível superior

Fonte: *Correio Braziliense* (refere-se ao exemplo (20), Texto 12, de 20.04.12, Anexo A)

Nota-se, também, a representação altamente generalizada dos “pontos da proposta oferecida pelo GDF”, na Figura 4.3, representados em nominalizações (“incorporação”, “divulgação”, “conclusão”, “envio”). Fairclough (2003) destaca que eventos podem ser representados de maneira mais concreta, por meio da representação de ações em eventos e os atores envolvidos, ou, de maneira mais abstrata por nominalizações, as quais consistem na transformação de um verbo em um substantivo. Dessa forma, essas “propostas do GDF” figuram como entidades, portanto a questão do tempo em “será incorporada?”, “foi incorporada?” não é levantada. Essa forma de representação pode, ainda, suprimir os participantes, isto é, excluir os agentes, nesse caso, o GDF, cuja responsabilidade lhe é retirada. Isso também pôde ser verificado nas Figuras 4.1 e 4.2. Ainda que na Figura 4.1 predominem processos e não nominalizações, os processos são altamente generalizados e associados ao, também generalizado, ator social “GDF”, o que nos remete à estratégia de legitimação autorização (por autoridade institucional), conforme salienta van Leeuwen (2008).

Ainda em relação à construção das reportagens do *Correio Braziliense*, contrastando com as notícias do Sinpro-DF, fica evidente a diferença das relações semânticas entre orações e sentenças. Observar as relações semânticas e gramaticais é importante para pesquisar construções discursivas da legitimação. Fairclough (2003) propõe que um gênero específico pressupõe um tipo de relação semântica, por exemplo, em uma reportagem esperam-se mais relações *hipotáticas* que *paratáticas*, porque esse tipo de gênero apresenta fatos indicando também suas causas, suas consequências e finalidades, o que serve para construir um argumento de maneira racional, contribuindo para a legitimação de discursos. As *relações hipotáticas* são construídas por meio de relações gramaticais causais, finais, temporais, enfim, por orações subordinadas; as *relações paratáticas*, por orações com hierarquia gramatical equivalente, ou seja, coordenadas entre si. A predominância de um tipo de relação semântica pode indicar a abordagem do texto voltada para uma *lógica explanatória* ou para uma *lógica de aparências*. Esta é construída por meio de relações gramaticais paratáticas (coordenadas) ou elaborativas (explicativas, retificadoras), por isso a discussão do tema nos textos ocorre de maneira mais superficial; aquela já envolve uma exposição na qual predominam relações gramaticais hipotáticas (subordinadas), portanto são apresentadas

relações de causa-consequência, concessão, finalidade, o que converge para uma discussão mais aprofundada, consistente e racional. Vejamos os exemplos abaixo:

- (25) Em assembleia realizada na manhã de ontem, no estacionamento do Teatro Nacional, os professores decidiram manter a paralisação iniciada há 34 dias. **Depois da votação, os manifestantes caminharam até o Palácio do Buriti e interditaram o Eixo Monumental, por volta das 12h.** (Texto 9, *Correio Braziliense*, 14.04.12)
- (26) Os professores decidiram manter a greve por tempo indeterminado. **A decisão foi tomada pela maioria das 7 mil pessoas, segundo a Polícia Militar, que participaram da assembleia em frente ao Palácio do Buriti.** (Texto 4, *Correio Braziliense*, 21.03.12)
- (27) Os professores não deram trégua e bradaram gritos de protesto contra o Governo do Distrito Federal durante a cerimônia. **Só interromperam a revolta quando Wole Soyinka, nigeriano vencedor do Prêmio Nobel de Literatura (1986) e um dos homenageados da Bienal ao lado de Ziraldo, teve sua vez ao microfone.** (Texto 10, *Correio Braziliense*, 15.04.12)
- (28) Hoje os alunos ainda podem cumprir a rotina normal. **Todas as escolas terão aula, pois é necessário cumprir um tempo mínimo de 72 horas, exigido por lei, antes de se iniciar uma greve.** (Texto 1, *Correio Braziliense*, 09.03.12)
- (29) A greve dos professores chega ao 17º dia hoje. **Ontem, os docentes decidiram, em assembleia, continuar com a paralisação.** (Texto 5, *Correio Braziliense*, 28.03.12)

Ao tratar das relações entre orações pelos mecanismos de coesão textual, Halliday e Matthiessen (2004) distinguem três tipos de relações lógico-semânticas entre orações: *elaboração*, *extensão* e *realce*. Ocorre a primeira quando a oração que expande o significado da outra acrescentando-lhe mais informações, isto é, reafirma, esclarece, exemplifica, comenta, por meio de expressões-chave do tipo ‘isto é’, ‘ou seja’, ‘por exemplo’. Todavia, como observa Fairclough (2003), nem sempre haverá uma marca linguística explícita, isto é, uma conjunção. Em relação à segunda, uma oração expande o significado de outra introduzindo algo novo por meio de adição, deslocamento ou alternativa (‘e’, ‘ou’, ‘mas’...). Na terceira, uma oração destaca o significado de outra, indicando-lhe uma circunstância de tempo, espaço, modo, causa ou condição, o que é expresso por meio de conjunções do tipo ‘quando’, ‘se’, ‘para’, ‘porque’, ‘por causa de’ (RAMALHO & RESENDE, 2011, p. 123).

Como observamos no estudo, a construção linguística das reportagens obedece a uma certa regularidade, a de sentenças (períodos) paratáticas com ou sem uso da conjunção, o que podemos observar nos exemplos (25), (26), (27), (28) e (29) em que

se estabelece relação de explicação ou de adição. Em sua maioria, as reportagens não trazem relações de causa, consequência ou finalidade quando o assunto são as mobilizações, o que proporcionaria uma discussão mais explanatória, aprofundada sobre o evento, buscando resgatar sua estrutura e conjuntura sociais. Dessa forma, quando se trata das paralisações dos/as docentes, o texto é construído pela sucessão de enunciados que se somam uns aos outros sem problematização ou indicação de causas; ficam, portanto, no nível das aparências. Comparando com as notícias do Sinpro-DF, verificou-se que são frequentes as construções que utilizam relações gramaticais hipotáticas, das quais selecionei para fins de exemplificação relações semânticas de finalidade (sublinhadas), conforme ilustram exemplos abaixo:

- (30) Os professores do DF decidiram entrar em greve por tempo indeterminado a partir do dia 12 de março, para lutar pelo cumprimento do acordo e contra o descaso do GDF com a Educação e os educadores. (Notícia 1, Sinpro-DF, 7.03.12)
- (31) O que nos levou à greve é um acordo de abril do ano passado que não foi cumprido, principalmente em dois itens: plano de saúde e reestruturação do plano de carreira, para que ao longo de 2012, 2013 e 2014 conquistássemos a isonomia salarial com as demais carreiras de nível superior. (Notícia 3, Sinpro-DF, 12.03.12)
- (32) A categoria seguiu unida até a porta do Palácio do Buriti, ocupando toda a pista, para pressionar o governador Agnelo Queiroz a receber a comissão de negociação. (Notícia 5, Sinpro-DF, 10.04.12)

Analisando esses exemplos, verificamos que o evento é tratado, linguisticamente, de maneira mais concreta e aprofundada, explorando a lógica das causas-consequências da mobilização, uma vez que são apresentados os propósitos ou as finalidades das ações dos/as professores. Assim, verificamos que, ao contrário dos textos do jornal da grande mídia, as notícias do Sinpro-DF filiam-se à lógica explanatória, pois buscam explicar a finalidade das ações empreendidas e as justificativas e os objetivos das mobilizações.

4.2.1.2 Os informes publicitários do GDF

Fazem parte do objeto de análise desta pesquisa informes publicitários (ver Anexo A1) que o Governo do Distrito Federal veiculou no jornal *Correio Braziliense* durante a greve dos/as professores/as. Como vimos no início desta seção, informes publicitários são gêneros desencaixados, que mesclam publicidade e informação. Eles são um gênero relativamente recente que simulam dar informação, mas fazem

propaganda, um exemplo do chamado *jornalismo transgênico* (MARSHALL, 2003). O GDF lançou mão desse artifício, durante o período das mobilizações docentes, isto é, pagou ao *Correio Braziliense* para veicular a propaganda do governo.

Fairclough (2008, p. 259) evoca Habermas (1985) para ressaltar a diferença entre ação de linguagem “estratégica” e “comunicativa”, afirma que a “publicidade é discurso ‘estratégico’ por excelência” e explica que a linguagem estratégica tem o objetivo de compor imagens de pessoas, organizações e mercadorias em outro sentido, quer dizer, construindo uma identidade ou personalidade para elas. Ao utilizar os informes publicitários, há uma clara tentativa de se construir uma imagem positiva do GDF perante a opinião pública. A reflexão que trago está ligada ao espaço que esses textos, considerados *gênero desencaixado*, nos termos de Fairclough (2003), ocupam na estrutura do jornal: os informes estão localizados no "Caderno Cidades (Política e Economia no DF)", uma seção dedicada a assuntos sérios e de interesse geral; não se trata de anúncios com imagens coloridas, como é comum em jornais e revistas; são em preto e branco e trazem o título em letras maiúsculas e grandes “Negociação com os Professores”, seguido de “Esclarecimentos” centralizado logo abaixo, conforme, a seguir.

Figura 4.4 - Informe publicitário 1 (*Correio Braziliense*, 11.03.12)

Informe Publicitário

NEGOCIAÇÃO COM OS PROFESSORES

ESCLARECIMENTOS

O GDF vem cumprindo o acordo com o SINPRO:

- Concedeu reajuste de 13,83%, o maior do país em 2011.
- Contratou 400 professores efetivos.
- Está implantando a gestão democrática nas escolas.
- Aumentou o valor do auxílio alimentação em 55%.
- Reformou 300 escolas, quase a metade de toda a rede pública.
- Aprovou o pagamento dos professores contratados temporariamente nos moldes dos professores efetivos.
- E mais: está ofertando o curso de licenciatura na UnB para mais de 800 professores que possuem o ensino médio, o complemento da licenciatura plena para mais de 540 professores que possuem a licenciatura curta e especialização a 700 professores através de parceria com a UnB, além de formação continuada para 10 mil docentes na EAPE.

Isso é valorizar o profissional da educação.
O GDF adotou recentemente medidas que visam à contenção das despesas com pessoal, tendo em vista os limites impostos pela Lei de Responsabilidade Fiscal, o que impede o governo de conceder reajuste salarial neste momento. O alcance destas medidas será avaliado e assim que os resultados possibilitarem, o GDF dará continuidade às discussões para a conclusão da reestruturação da carreira do magistério público.

O GDF continua aberto ao diálogo.
A greve neste momento não contribui em nada para o processo de negociação, além de prejudicar a população e afetar a qualidade da educação no Distrito Federal.

Secretaria de Educação



GDF
Juntos por um novo DF

Fonte: *Correio Braziliense*, 11.03.12, Anexo A1.

Figura 4.5 - Página do jornal *Correio Braziliense* com Informe publicitário, de 16.04.12

Cidades
+ política e economia no DF

Editor: Marcelo Tokarski
marcelotokarski@dfabr.com.br
Tela: 3214-1119/3214-1113/Fax: 3214-1185
Assinamento ao editor: 3242-1000
cidades.df@dfabr.com.br

Brasília, segunda-feira, 16 de abril de 2012 - CORREIO BRAZILIENSE - 17

MEIO AMBIENTE

Arcção na natureza

de ARIADNE SARKIS
e ADRIANA BERNARDES

Quem chegou a Brasília quando a cidade ainda vivia a dicotomia entre a limpeza em número de habitantes e a inoponência de sua arquitetura lembra como as madrugadas eram frias e como o vento entrava por qualquer fresta despercebida. É que o clima atmosférico, assim como tantos outros atores de um ecossistema, são sensíveis à densidade da vegetação de um lugar. E, quando o cerrado some para dar lugar a asfalto, não é apenas a temperatura que acompanha a mudança. Sem a devida compensação ambiental e a execução de práticas sustentáveis, vêm as enchentes, a erosão, a poluição do ar e o comprometimento dos recursos hídricos.

Muitas dessas consequências já fazem parte do cotidiano do jovem Distrito Federal. Pequenas pancadas de chuva são capazes de provocar alagamentos na área central de Brasília, arrastar casas e causar desmoronamentos fatais nas cidades periféricas. Crescem as áreas de erosão nos locais de onde se retirou a vegetação nativa sem dar nova destinação ao solo, seja para habitação ou agricultura. "O desmatamento é um dos maiores tipos de perda da biodiversidade", afirma o professor de ecologia e presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paranoá, Paulo Salles.

A lógica é simples. Quanto menos vegetação há, menor é a infiltração da água no solo. Com isso, os lençóis freáticos são cada vez menos abastecidos, comprometendo o uso humano desse recurso. A água que não tem como ser absorvida acaba se acumulando nas superfícies. Isso potencializa a chance de alagamentos nas cidades, principalmente onde o estabelecimento urbano foi até a impermeabilização do piso, sem ser acompanhado por obras estruturais que substituam o que o solo virgem faz por si só.

O Plano Piloto e regiões como Lago Sul e Park Way, onde ainda há muita área verde, sofrem menos do que cidades como Ceilândia, Riacho Fundo e Sambaíba, onde é difícil encontrar pausas verdes na paisagem. A falta de planejamento adequado para a reforma da Estrada Parque Taguatinga (EPTC) é visível em dias chuvosos. Os alagamentos são capazes de inviabilizar o trânsito. Até hoje, a chamada Linha Verde não tem um projeto paisagístico definido.

Além disso, quando a chuva infiltra, as plantas liberam a água paulatinamente. Retida na superfície, a evaporação é muito mais rápida. Salles explica que, embora o cultivo agrícola seja menos agressivo do que a combinação de concreto e asfalto, a remoção da cobertura vegetal original para dar lugar às lavouras

No Limite

Atualmente, a produção de água no DF quase empata com o consumo do bem: produzimos 8,9m³ por segundo e temos a demanda média de 7,5m³ por segundo. Ou seja, o consumo abocanha 86% da produção.

exaure o solo, especialmente quando se trata de monocultura. Com o solo empobrecido de nutrientes, os produtores têm de recorrer cada vez mais aos fertilizantes para manter a produtividade. Isso aumenta a chance de contaminação dos rios", explica.

Calor

A pernambucana Marinete Silva de Lima, 53 anos, não lembra o dia certo em que recebeu da Sociedade de Habitações de Interesse Social (SHIS) a casa própria, em Ceilândia, na qual moraria por 32 anos. Mas lembra como, em volta da nova moradia, havia um cerrado sem fim e como o tempo era mais ameno. "Tra um frio danado aqui. Ventava muito. O inverno era muito bravo naquela época. Eu, que vinha do Nordeste, passei muito frio", relembra a aposentada. Ela viu crescer a parte da cidade que ficaria conhecida como P Sul. Hoje uma das mais intensamente habitadas de Ceilândia. Na aridez de uma cidade sem árvores que produzem sombra, a impressão de Marinete é, na verdade, reflexo de uma constatação científica.

Na estrutura do Instituto Brasília Ambiental (Ibram) existe um setor que avalia periodicamente a temperatura do solo no Distrito Federal. O acompanhamento teve início em 2010 e reúne informações dos últimos 28 anos. Os mapas revelam que, quanto maior a ocupação urbana, maior é a perda de cobertura vegetal e mais alta é a temperatura da superfície do solo. O Programa de Monitoramento do Campo Técnico do DF usa uma imagem de satélite e, no futuro próximo, poderá identificar as áreas que favorecem a formação das chamadas ilhas de calor.

Para se ter uma ideia de como está mais quente, em 1984, a temperatura da superfície do solo na Asa Sul variava de 12°C a 16°C no mês de setembro. Em Ceilândia, um pouco mais alta: de 14°C a 20°C. Já em 2011, os termômetros registraram de 18°C a 20°C na Asa Sul e de 18°C a 28°C em Ceilândia. Enquanto na Asa Sul, o aquecimento girou entre 2°C e 4°C graus, em Ceilândia foi de 4°C a 8°C (veja arte). Entre os centros urbanos, o Plano Piloto tem as temperaturas mais baixas. É perceptível a elevação do calor na Asa Norte e no Eixo Monumental, onde há menos árvores, em comparação com a Asa Sul.

A ocupação desordenada do solo, sem compensação nem práticas sustentáveis, reduz a infiltração de água no terreno, comprometendo os recursos hídricos. Como resultado, vem a escassez de água, surgem as enchentes e a erosão, e a temperatura do ar sobe



Alagamento em via marginal da EPTC: problema é recorrente na altura de Vicente Pires, que cresceu desordenadamente até virar região administrativa

NEGOCIAÇÃO COM OS PROFESSORES ESCLARECIMENTOS

Informe Publicitário

O Governo do Distrito Federal, em mais um esforço para acabar com a greve dos professores, fez novas propostas, mas o SINPRO não aceitou:

- 1) Definição de calendário para a realização das eleições das equipes de direção de escolas e dos Conselhos Escolares.
- 2) Divulgação do edital de convocação para contratação de professores e profissionais da educação em substituição às vacâncias decorrentes de aposentadorias, exonerações e falecimentos desde 1º de janeiro de 2012.
- 3) Quitação escalonada, em 2013 e 2014, da dívida oriunda de acerto de contas de exercícios anteriores: 50% em 2013 e 50% em 2014.
- 4) Envio de Projeto de Lei à Câmara Legislativa propondo nova redação para o art. 15 da Lei do Plano de Carreira, corrigindo sua inconstitucionalidade.
- 5) Incorporação integral da TIDEM, em seis etapas anuais, a partir do terceiro quadrimestre de 2013.
- 6) Garantia aos aposentados de incorporação total da TIDEM, vinculada ao cumprimento da percepção da gratificação nos últimos 19 meses de exercício.

O GDF está fazendo a sua parte, mas a intransigência do SINPRO só prejudica os alunos.



Fonte: Jornal *Correio Braziliense*, de 16.04.12 (Anexo A 1).

Ao refletir sobre mudanças discursivas, Fairclough (2008) propõe três tendências, a *democratização*, a *comodificação* e *tecnologização do discurso*. Aqui, interessa-me a terceira por estar ligada à publicidade, da qual o informe publicitário 1 é

um exemplo. Fairclough (2008, p. 265) sugere que as tecnologias discursivas estão relacionadas com o conhecimento sobre a linguagem, o discurso e o poder, elas “produzem mudança discursiva por meio de um planejamento consciente” e “envolvem simulação: em particular, a simulação para propósitos estratégicos”.

Dessa forma, é possível identificar os informes publicitários como um exemplo dessa tecnologização, uma vez que esse gênero apresenta publicidade dissimulada de informação e possui o objetivo de criar uma imagem positiva do GDF perante a sociedade, durante o período das paralisações. Sua estrutura genérica não é típica da publicidade, com imagens coloridas e textos com letras de variados tamanhos, o que logo é identificado pelo/a leitor/a como propaganda; a estrutura é análoga à de uma reportagem ou notícia, com disposição gráfica semelhante e texto apenas verbal. Inseridos em um espaço destinados a notícias, misturados a notícias sobre assuntos da realidade, como meio ambiente, segurança pública e trânsito podem se passar por informação. O gênero que o texto materializa, “Informe Publicitário”, aparece definido na parte superior, quase invisível em letras de tamanho minúsculo; o logotipo, que identifica o anunciante fica abaixo de todo o texto, o que pode passar despercebido pelo/a leitor/a.

Nesse sentido, os informes publicitários podem ser tomados como um gênero de governança, uma vez que organizam a relação institucional governo-opinião pública e gerenciam as práticas sociais, são marcados pela recontextualização, isto é, a apropriação de uma prática social dentro de outra (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999) e incluem, conforme Fairclough (2003), gêneros promocionais, que têm o propósito de ‘vender’ produtos, marcas, organizações ou indivíduos. Nesse caso, o gênero informe publicitário tem o objetivo de “vender” a imagem do GDF no contexto da greve.

Em decorrência da recontextualização, um texto que materializa um gênero (publicidade) figura em outra prática (reportagem), incorporando suas características. Assim, o Informe Publicitário do GDF que simula ser reportagem pode assumir propósitos, em princípio, comunicacionais (ou seja, da ação mais comunicativa, orientada para a compreensão e não necessariamente a obtenção de resultados) de reportagem e funcionar com a legitimidade desta.

Enfim, por meio da análise dos gêneros discursivos, de sua estrutura genérica e das relações semânticas dos textos, fica clara a tendência do *Correio Braziliense* para construir um consenso favorável ao GDF. Nesse sentido, o jornal apresenta uma visão desfavorável às movimentações grevistas ao:

- (a) construir as pautas das reportagens excluindo fatos relevantes;
- (b) utilizar micronarrativas ou depoimentos que somente ressaltaram aspectos negativos sobre as paralisações;
- (c) incluir nas reportagens boxes nitidamente legitimadores do discurso governamental;
- (d) construir os textos utilizando relações semânticas e gramaticais que trataram superficialmente as mobilizações sem indicar as causas ou as finalidades.

A investigação das reportagens demonstrou, conforme Thompson (1995), a *negação* (THOMPSON, 1995) do apoio estudantil e de segmentos sociais, o que é um dado importante para a compreensão das mobilizações grevistas. Percebeu-se a utilização do *deslocamento*, estratégia de *dissimulação* (THOMPSON, 1995), como forma de desviar o foco da atenção dos/as leitores/as para outros aspectos do evento, notadamente negativos. Assim, como discursos veiculam ideologias, pudemos identificar o modo de operação *dissimulação*, já que a cobertura jornalística parcial ocultou relações sociais importantes entre os participantes dos eventos. Dos modos de operação (ver Cap. 2, seção 2.4), identificamos, também, a *universalização* e a *fragmentação*. Foi apresentado um ponto de vista particular, o do governo do DF, como se fosse de toda a população, a *universalização*. Nesse sentido, tentou-se universalizar a ideia de que as mobilizações grevistas só trazem prejuízos a todos. Por fim, percebeu-se a *fragmentação*, a divisão nós (governo e população) *versus* eles/elas (os/as docentes), tanto nos exemplos de narrativas, quanto nos boxes e nos informes publicitários, em que se constrói uma imagem negativa "deles/as", os/as quais seriam os/as inimigos/as da educação (*expurgo do outro*), com base na abertura para diferença, isto é, no reconhecimento da diferença entre dois lados (governo e docentes), ou na acentuação/intensificação dos conflitos entre esses dois atores.

4.2.2 Intertextualidade

A intertextualidade é uma categoria analítica ligada mais diretamente ao significado acional/relacional. Ela é definida como “a presença material de outros textos dentro de um texto – citações” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 39), portanto refere-se ao fato de um texto ser cheio de fragmentos de outros textos, isto é, apresentar vozes particulares diversas. Para construir tal teoria, Fairclough (2003, 2008) baseou-se no conceito de dialogismo, de Bakhtin (1997), para quem enunciados distintos confrontados um com o outro, lidando com um mesmo tema, ainda que superficialmente, constroem uma relação dialógica entre si. Mas as citações não são a única maneira de percebermos esse “diálogo” nos textos, pois a intertextualidade pode manifestar-se também por meio do resumo do que foi dito, escrito ou pensado, do discurso direto, indireto ou indireto livre (FAIRCLOUGH, 2003).

Ao analisar a intertextualidade, é importante observar quais “vozes” estão presentes e quais estão ausentes, ou melhor, quais são incluídas e quais são excluídas. O autor dos textos pode incluir ou excluir pessoas/categorias. Dessa forma, é possível identificar nos textos, além da voz do autor, articulações ou não com vozes externas. Isso significa que os discursos subjacentes a essas vozes podem ser convergentes e harmônicos ou podem apresentar-se sob outra perspectiva, isto é contrapor-se. Uma maneira de investigar essas vozes é, conforme mencionado, por identificação de discursos *direto* e *indireto*. O primeiro é aquele em que se transcreve *ipsis litteris* o discurso de outrem, normalmente as aspas marcam esse tipo de discurso; o segundo normalmente é introduzido por um verbo *dicendi* e aparece misturado à voz do autor. O uso deste último, por exemplo, traz certas implicações: uma vez que os discursos do autor e de quem relatou algo são fundidos, pode-se atribuir ideologicamente alegações que, de fato, não foram feitas.

As vozes que emergem nos discursos podem, nos termos Fairclough (2003, p. 41-2), contribuir para a criação de cinco cenários que propiciem desde a “abertura” até o “fechamento para a diferença”, isto é, o diálogo entre as vozes relatadas nos textos nem sempre é harmônico e pode apresentar-se de cinco maneiras diferentes. Vamos aos cenários:

Quadro 4.2 - Cenários de negociação da diferença

- (a) uma abertura para, aceitação de reconhecimento de diferença; uma exploração da diferença, como em ‘diálogo’ no sentido mais rico do termo;
- (b) uma acentuação da diferença, conflito, polêmica, uma luta pelo sentido, normas, poder;
- (c) uma tentativa de resolver ou superar a diferença;
- (d) colocar a diferença entre parênteses, um foco nos aspectos comuns, solidariedade;
- (e) consenso, uma normalização e aceitação das diferenças de poder que suprime ou coloca a diferença de sentido e normas entre parênteses.

Fonte: Fairclough (2003, p. 41-2).

Nas reportagens do *Correio Braziliense*, foram encontradas muitas instâncias de discurso direto e indireto, como é comum em textos desse gênero. Essas instâncias de discurso incluem as vozes dos/as professores/as (representantes, dirigentes do Sinpro-DF), do governo (governador, secretários), dos pais, das mães, dos/as alunos/as e da população. Verificamos, ao todo, 70 instâncias de vozes dos/as docentes contra 71 do governo do DF nas reportagens do *Correio Braziliense*. Um dos objetivos de pesquisa é investigar aspectos acionais e interacionais do gênero situado reportagem jornalística, materializado no *corpus* principal. Portanto, interessa-nos aqui analisar as inter(ações) por meio da intertextualidade, isto é, quais as vozes aparecem (ou são suprimidas) e como elas são articuladas.

Bakhtin (2006) orienta que a inércia do discurso direto pode ser atenuada pelo verbo que introduz a citação ou por observações e réplicas feitas pelo/a autor/a do texto. Isto quer dizer que, conquanto esse tipo de discurso pareça neutro, seu uso traz implicações ideológicas. Esse pensamento coaduna-se com a ideia de que “eventos e interações sociais variam em termos da orientação para diferença, assim como ocorre com os textos como parte dos eventos sociais” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 42).

Em relação ao uso do discurso direto e indireto, nas reportagens do *Correio Braziliense*, foi relevante notar certas recorrências: a voz do governo do DF, por meio do governador ou de seus representantes, foi ou constantemente ratificada pelo jornal (o que está sublinhado) ou não havia comentários em sentido contrário, consoante observamos nos exemplos abaixo:

- (33) "Dialogar é uma marca de um governo democrático. Vamos continuar conversando sobre o plano de carreira. Mas como a população pode entender uma greve de uma categoria que teve 13%, quase 14% de reajuste? Talvez seja o maior do Brasil, é duas vezes a inflação". [...] Ele refere-se ao reajuste de 13,83%, concedido à

categoria em 2011 e dividido em três parcelas. A primeira, de 6,36%, foi paga em 2011; a segunda, de 4,7%, em setembro do mesmo ano, e a última, de 2,69%, deve ser aplicada ao próximo salário. (Texto1, *Correio Braziliense*, 09.03.12)

- (34) "Os professores do DF também ganham três vezes mais do que o piso nacional da educação. Agora não é possível ter aumento porque colocaria o DF na ilegalidade". [...] Desde o início da greve, a categoria pressiona o GDF a usar os R\$ 285 milhões do Fundo Constitucional do DF para cobrir o reajuste salarial. No entanto, o argumento do governo é de que a manobra seria ilegal. (Texto 7, *Correio Braziliense*, 11.04.12)
- (35) Os professores consideraram insuficiente a proposta feita pelo governo, que inclui o pagamento de R\$ 110, a partir de julho deste ano (veja quadro). Infelizmente, o momento e a realidade financeira e orçamentária por que passa este governo, aliados aos limites impostos pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), nos impedem de avançar como gostaríamos no atendimento das reivindicações. (Texto 12, *Correio Braziliense*, 20.04.12)
- (36) "Esperamos que os professores tenham bom senso e pensem nos estudantes que estão sem aulas. Há uma decisão judicial e os educadores precisam cumpri-la". A liminar do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDF) foi concedida na última sexta-feira pelo desembargador José Divino e Oliveira, atendimento, atentando ao pedido da 2ª Promotoria de Justiça e Defesa da Educação (Proeduc) do Ministério Público do Distrito Federal e dos Territórios (MPDFT). (Texto 13, *Correio Braziliense*, 23.04.12)

No exemplo (33), depois do discurso do Governador do DF, o jornal explicita como foram divididos os reajustes proporcionados aos/às docentes. No exemplo (34), após a fala do governo, o jornal esclarece a questão da ilegalidade a que o governo se refere. Em (35), o jornal apresenta proposta do governo à classe por meio da remissão a um quadro contendo cinco itens que teriam sido oferecidos pelo governo e rejeitados pela categoria. Em (36) há, no trecho destacado, uma continuidade por meio do esclarecimento da decisão judicial.

Em suma, o *Correio Braziliense* corrobora, ratifica, esclarece, justifica as declarações feitas pelo governo, em um diálogo perfeitamente alinhado, que se mistura a ponto de parecer um só, portanto o cenário de negociação da diferença aí presente é o do *consenso*, isto é, o fechamento ou supressão da diferença. Isso nos remete à legitimação por *racionalização*, isto é, a construção de uma rede de raciocínios que justificam/apoiam o ponto de vista governamental a fim de que ele seja considerado digno/válido.

Já acerca das vozes dos/as professores a análise mostrou diferenças: antes ou depois do discurso dessa categoria, que aparece em itálico, o jornal geralmente refuta as

ideias apresentadas, que aparecem sublinhadas, *acentuando a diferença*. Vejamos os exemplos abaixo:

- (37) *"Exigimos pelo menos uma média do que ganham os profissionais de nível superior da capital", complementou* (voz da diretora de imprensa do Sinpro-DF). Um professor da rede pública com dedicação exclusiva e que trabalhe 40 horas semanais recebe 4.226, a maior remuneração do país. (Texto 1, *Correio Braziliense*, 09.03.12)
- (38) *"Foram quatro reuniões nas duas últimas semanas, sem nenhuma proposta. Entendemos que há uma intransigência do governo", avaliou.* (voz do diretor do Sinpro-DF). Segundo ele, o reajuste pode ser concedido com verba do Fundo Constitucional, no entanto o secretário de Administração rebate. "São 9,9 bilhões do fundo para este ano. Desse valor, quase 9 bilhões são para gasto com pessoal. O restante, menos de 10%, será direcionado para infraestrutura de hospitais, escolas, etc. Não podemos usá-lo para reajuste salarial. Seria um erro do GDF", argumentou. (Texto 3, *Correio Braziliense*, 14.03.12)
- (39) *Além disso, ele disse que o sindicato tenta "de todas as formas, abrir um diálogo com o GDF."* (voz do diretor do Sinpro-DF). [...] Além disso, segundo Denilson, o diálogo continua aberto e pelo menos 90% das reivindicações da categoria já foram negociadas. (Texto 5, *Correio Braziliense*, 28.03.12)
- (40) De acordo com um levantamento da Secretaria de Educação, feito na última sexta-feira, 42% dos cerca de 27 mil professores estão parados. O Sinpro, por sua vez, alega que aproximadamente 65% dos profissionais cruzaram os braços. Nenhuma escola do DF parou completamente. (Texto 5, *Correio Braziliense*, 28.03.12)
- (41) *"Essa situação é uma vergonha, imoral. Não propuseram nada para este ano", reclamou Washington Dourado, diretor jurídico do Sinpro. O governo apresentou seis propostas, entre elas a incorporação integral da Titularidade de Dedicação Exclusiva ao Magistério (Tidem) em seis parcelas a partir de 2013; o pagamento da dívida oriunda de acerto de contas de exercícios anteriores, metade em 2013 e metade em 2014; e a divulgação do edital de convocação para contratação de 129 professores e profissionais da educação para suprir as vagas decorrentes de aposentadorias, exonerações e falecimentos desde 1º de janeiro deste ano.* (Texto 8, *Correio Braziliense*, 13.04.12)

Os exemplos mostram que as instâncias discursivas referentes à voz dos/as docentes são plenamente refutadas e seus discursos deslegitimados. Isso é feito ou pelo próprio jornal ou por outras vozes utilizadas para esse fim. Nesses cenários, a voz do jornal *acentua* a diferença: no exemplo (37), o jornal não utiliza conjunção que indique oposição, mas constrói uma *relação contrastiva* (de oposição, contraste), nos termos de Fairclough (2003), entre o período que exemplifica a voz dos/as professores/as e o seguinte, ressaltando que a categoria recebe a maior remuneração do país.

Em relação ao exemplo (38), o *Correio Braziliense* tenta desconstruir a "intransigência" da fala do diretor do Sinpro-DF, utilizando uma *relação contrastiva*

("no entanto"), a qual apela para uma *autoridade especializada* (van LEEUWEN, 2008), isto é, de alguém com expertise, nesse caso, o secretário de Administração. Os exemplos (39) e (40) assemelham-se, a voz do Sinpro-DF é posta em xeque, confirmando o que van Dijk (2010) sugere sobre a relação discurso, acesso e poder: quando grupos criticam ou reivindicam algo de elites, seus discursos são sempre questionados (ver seção 4.2). Em (39), o contraponto é o discurso do representante do governo, fundido ao do jornal, por meio de uma afirmação; observe que o jornal usa as aspas no discurso do sindicato demarcando uma distância entre as vozes, o que não ocorre em seguida com a voz do governo, a qual é internalizada. Em (40), "um levantamento feito", ação concreta e realizada, contradiz uma alegação ("o Sinpro [...] alega"), ou seja, uma conjectura, uma suposição, uma possibilidade, enfraquecida/suplantada também por uma *afirmação categórica* "Nenhuma escola parou completamente".

Por fim e ao cabo, no exemplo (41), o jornal contradiz "Não propuseram nada para este ano", com a afirmação de que "o governo apresentou seis propostas", listando as tais propostas. Além disso, a seleção lexical do processo verbal (verbo *dicendi*) "reclamou" é ideológica, uma vez que é uma atribuição do/a autor/a da reportagem, conforme analisaremos na seção 4.3.2 (Seleção lexical, avaliação e presunções valorativas). Dessa forma, há uma deslegitimação da voz dos/as professores/as e, possivelmente, dos sentidos das mobilizações.

Quando as vozes apresentadas são de pais, mães e alunos ou motoristas, todas trazem uma perspectiva negativa em relação à greve, tal como vimos nas micronarrativas das reportagens, na subseção 4.2.1.1, e dão suporte ao posicionamento do jornal, desfavorável à causa dos/as docentes, conforme ilustram alguns exemplos:

- (42) "Eu acho que os grevistas só prejudicam os estudantes. Pelo menos os temporários darão aula. A greve atrapalha muito os alunos. Temos vestibular e PAS e não dá para ficar perdendo aula". (Yonka Johana Coelho, estudante, Texto 2, *Correio Braziliense*)
- (43) "Eu estou preocupada e os meus pais também. Vou estudar com base em que, se eu não tenho aula?" (Victória Lucena Cassimiro, estudante, Texto 16, *Correio Braziliense*)
- (44) "Os alunos já foram muito prejudicados. A reposição é bastante sacrificante e a maioria dos estudantes não comparece às escolas no sábado. É preciso um esforço muito grande de pais e professores". (pai, Texto 21, *Correio Braziliense*)

Podemos perceber, como ilustram os exemplos (42) e (43), que a voz das alunas serve de reforço ao discurso do jornal para descaracterizar as mobilizações e os/as docentes, uma vez que o foco são aspectos negativos. O uso de "prejudicados", em (44), estabelece um diálogo entre as vozes do pai e do governo, revelado pela recorrência do termo "prejuízo" nas falas deste último. A fala da aluna, em (43), está localizada em uma seção da reportagem intitulada "Apoio dos alunos". No entanto, em virtude do complemento "*desabafou a jovem, que faz parte de um contingente de meio milhão de estudantes da rede pública prejudicados com a greve*", o apoio da aluna é posto em dúvida.

Conforme Fairclough (2003), analisar gêneros é relevante porque eles estão ligados à (inter)ação em meio às práticas sociais. Da análise da intertextualidade, nos textos do *corpus*, foi possível identificar a *legitimação* da voz institucional do governo do DF. Nos cenários de negociação da diferença, houve formação do consenso em relação à voz do governo e acentuação da diferença em relação à voz dos/as docentes. A inclusão de outras vozes contribuiu para a formação do consenso, isto é, da aceitação das diferenças de poder. Além disso, foi possível identificar, em meio à cadeia intertextual, o modo de operação *fragmentação*, por meio da estratégia *expurgo do outro*, a qual, conforme vimos na subseção anterior, contribuiu para a criação de um inimigo simbólico. Portanto, nas reportagens, o discurso do jornal alinhou-se ao do governo e contestou o discurso dos/as docentes.

4.3 Representações e identificações em reportagens e notícias

Discursos figuram em práticas como formas de (inter)ação e identificação, mas também como maneiras particulares de representar o mundo: “formas de representar aspectos do mundo, os processos, as relações e estruturas do mundo material, o mundo mental, sentimentos, crenças e o mundo social” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124). Como as pessoas ocupam posições diferentes no mundo, suas representações dos aspectos do mundo também são diferentes. Esses discursos podem ser compreendidos como recursos para legitimar situações/posições ou para modificá-las. Em outras palavras, eles servem para legitimar ou subverter relações opressoras de poder. Nesta seção,

análise nos textos do *corpus* quais são as representações veiculadas no jornal *Correio Braziliense* e nas notícias do Sinpro-DF sobre os/as docentes e o movimento grevista do ano de 2012 por meio das categorias linguísticas ligadas ao significado representacional (*representação de atores sociais, seleção lexical*) e identificacional (*avaliação e presunções valorativas*).

Ao analisar discursos, tentamos identificar como eles representam parte do mundo, isto é, quais são os temas principais a que eles dão destaque, quais são postos em segundo plano e quais são omitidos. Além disso, analisamos sob qual ângulo ou ponto de vista os temas são representados, uma vez que discursos são organizados de uma perspectiva particular (FAIRCLOUGH, 2003). Além disso, discursos também são articulados dialeticamente a estilos, formas de identificação, o que podemos investigar por meio da *avaliação*, isto é, da apreciação implícita ou explícita que fazemos sobre as pessoas, as instituições, as coisas. A avaliação pode ser materializada de várias formas: explicitamente, por meio de declarações com juízo de valor (afirmações explícitas); declarações com modalidade deôntica (de caráter de obrigação), avaliações afetivas (explícitas, usando processos mentais afetivos, tais como reflexões, sentimentos e percepções), ou implicitamente, por meio de presunções valorativas (sem marcadores textuais).

A inter-relação entre as categorias dos significados representacional e identificacional, nesta seção, deve-se à dialética que envolve os significados bem como ao esforço de atingir o objetivo específico 1 de pesquisa, qual seja, investigar aspectos representacionais e identificacionais de professores/as. Assim, nesta seção, análise as seguintes categorias: representação dos atores sociais, seleção lexical e avaliação e presunções valorativas.

4.3.1 Representação de atores sociais

O objetivo aqui é analisar os textos do *corpus* para identificar quais são as representações acerca dos/as professores/as mobilizados/as em greve, uma vez que discursos particulares representam eventos e atores segundo suas posições ideológicas. van Leeuwen (2008) sugere que não existe uma relação de equivalência entre a ação representada linguisticamente e ação social, portanto, a agência nos eventos nem sempre

corresponde à agência linguística, tendo em vista que nem sempre o/a autor/a do texto posiciona o ator, na oração, no local do agente. Isso significa que as representações dos atores sociais em um texto podem “incluir ou excluir, para servir aos interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem” (van LEEUWEN, 2008, p. 28). Dessa forma, o autor organizou um inventário sociossemântico que relaciona formas de representação dos atores a realizações linguísticas. Ao escolher representar os/as professores/as, por exemplo, como agentes ou pacientes, um veículo de comunicação opta por um tipo de representação que se associa a seu discurso particular, o que pode implicar ideologias.

Conforme van Leeuwen (2008) propõe, os atores podem ser incluídos ou excluídos. A exclusão pode ocorrer de duas maneiras: por supressão, que é a exclusão total, na qual não há qualquer referência aos atores no texto, ou por colocação em segundo plano, na qual pode haver menção no texto por meio de uma atividade que os identifica, mas eles não são enfatizados. A inclusão se materializa de muitas formas, a saber: ativa ou passivamente, ou seja, as representações podem incluir mas ofuscar ou realçar a agência, por personalização ou impersonalização, por meio do papel desempenhado, genérica ou especificamente, isto é, por classe ou identidades individuais etc.

Nesta pesquisa, analiso as representações do *Correio Braziliense* para identificar quais elementos estão incluídos, quais são excluídos e a quais é dado maior relevo. As reportagens e notícias sobre as mobilizações grevistas de 2012 incluem os seguintes atores sociais: professores/as e seus representantes legais, governos e seus representantes, estudantes, pais/mães e cidadãos em geral. Todavia, em virtude da delimitação da pesquisa, aqui somente analisarei nas reportagens do *Correio Braziliense* como são representados os/as estudantes e os/as professores/as.

É possível representar ações e atividades humanas expressas discursivamente por seleções no sistema de transitividade. Este sistema diz respeito à transferência de uma atividade de um agente para um paciente (CUNHA & SOUZA, 2007). Mas a transitividade não é considerada uma propriedade categórica do verbo, ela é contínua, isto é, na oração podemos observar a relação entre o verbo e seus argumentos (sujeito e objetos, na nomenclatura da gramática tradicional). O sistema de transitividade envolve questões sintáticas e semânticas, uma vez que existem várias formas de representar o

mesmo evento (do ponto de vista do agente ou do afetado), e essas representações trazem significações diferentes. Dessa forma, observamos como as orações são construídas de forma a realçar ou suprimir a agência dos atores, por meio de *processos*, *participantes* e *circunstâncias*. Analisamos os *processos* materializados nos verbos; os *participantes*, que ocupam o lugar do sujeito ou complemento da oração; as *circunstâncias*, que aparecem no local destinado aos adjuntos adverbiais. Tal análise permitirá investigar “quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias” (CUNHA & SOUZA, 2007, p. 54).

Cunha e Souza (2007, p. 54-55) definem *processos* como “os elementos responsáveis por codificar ações, eventos, estabelecer relações, exprimir ideias e sentimentos, construir o dizer e o existir”. As autoras assinalam que “os participantes são os elementos envolvidos com os processos, de forma obrigatória ou não” e as circunstâncias “são as informações adicionais atribuídas aos diferentes processos, as quais se realizam por meio de advérbios ou sintagmas adverbiais”. Os processos têm suas especificidades e podem ocorrer de seis maneiras, que correspondem aos seis tipos, a saber: os três principais: os materiais, os mentais e os relacionais; e os três secundários: os comportamentais, os verbais e os existenciais.

Acerca do sistema de transitividade, Fairclough (2003) observa que existem dois tipos principais de processos materiais: o *transitivo* (ator + processo + afetado) e o *intransitivo* (ator + processo ou afetado + processo), sendo que os processos materiais transitivos podem se concretizar nas formas ativa ou passiva, nesta última, com ou sem os agentes.

Nos textos do *Correio Braziliense*, percebe-se a inclusão dos/as estudantes, o que se dá por meio da *passivização* (sublinhado), em processos predominantemente materiais. Vejamos os exemplos a seguir:

- (45) A medida vai prejudicar mais de 550 mil alunos, que ficarão sem aula a partir de segunda-feira. (Texto 1, *Correio Braziliense*, 09.03.12)
- (46) Segundo a denúncia, eles (os professores) liberaram os alunos e permaneceram na escola. (Texto 2, *Correio Braziliense*, 13.03.12)
- (47) O diretor, Wilson de Sousa Filho, orientou os estudantes a comparecerem ao colégio somente nos horários em que tiverem aula. (Texto 2, *Correio Braziliense*, 13.03.12)

Nos exemplos (45) a (47), os/as estudantes figuram como *afetados* pela ação dos agentes, portanto, não agem, são receptores da ação de outros atores. Isso, segundo Fairclough (2003, p. 150), é relevante, pois, “quando os agentes estão na forma ativa, sua capacidade de ação, de fazer as coisas acontecerem, de controlar os outros é acentuada”, ao passo que “na forma passiva, o que é acentuado é o seu assujeitamento ao processo, sendo afetados pelas ações dos outros”. Verificamos também muitas instâncias nas quais os/as estudantes são representados como agentes (sublinhado), conforme abaixo:

- (48) Na QNM 21/23 de Ceilândia, dezenas de estudantes passam o tempo todo do lado de fora do colégio. (Texto 14, *Correio Braziliense*, 24.04.12)
- (49) Enquanto isso, estudantes ficam na porta ou mesmo dentro dos colégios à espera de atividades. (Texto 14, *Correio Braziliense*, 24.04.12)
- (50) Alunos da rede pública amargam dias de angústia. (Texto 14, *Correio Braziliense*, 24.04.12)
- (51) Por volta das 16h, 32 alunos do Centro Educacional 123 de Samambaia engrossaram o movimento. (Texto 16, *Correio Braziliense*, 27.04.12)
- (52) Na manhã de ontem, ela e os colegas Luan da Costa, 17 anos, Carlos Rubens Prateado, 18 anos, Maurembergue Santos, e Ana Clara Oliveira, 16, conversavam encostados no muro de uma casa. (Texto 14, *Correio Braziliense*, 24.04.12)

Nos exemplos de (48) a (52), os/as estudantes são representados/as ativamente, no entanto, é importante analisar quais ações lhes são atribuídas e quais suas implicações. Diferentemente do exemplo (52), no qual os atores são nomeados, a referência aos estudantes é predominantemente genérica. São raras as ocorrências nas quais os estudantes são representados *por nomeação*. Nos casos em que isso ocorre, a representação por nomeação está associada a narrativas ou opiniões que reforçam desvantagens das mobilizações docentes para os/as estudantes (ver exemplos (14), (42) e (43) deste Capítulo). As ações protagonizadas por esses possuem, no contexto, conotação negativa: "amargam dias de angústia", exemplo (50), ou são triviais, como nos exemplos (48) "passam o tempo todo do lado de fora do colégio", (49) "ficam na porta ou mesmo dentro dos colégios à espera de atividades" e (52) "conversavam encostados no muro de uma casa". Essas são ações banais, típicas de estudantes "desinteressados/as e pouco reflexivos/as". As *circunstâncias* de lugar, nesse contexto, "do lado de fora do colégio", exemplo (48), "na porta", exemplo (49), "no muro de uma casa", exemplo (52), contribuem para a depreciação das ações empreendidas pelos/as

estudantes assim como das reivindicações dos/as docentes mobilizados/as. O exemplo (51) é o único, nas 22 reportagens coletadas do Jornal, em que é a ação dos/as estudantes é representada em termos de apoio às lutas dos/as professores/as. Conforme já citado, na subseção 4.2.1.1., o *Correio Braziliense*, à exceção deste exemplo, *apaga* de suas páginas o apoio dado pelos/as estudantes à causa da educação.

Ressalte-se que, na análise das representações sobre estudantes, a agência desses/as não é enfatizada. Eles/as figuram, principalmente, como *afetados* ou protagonizam ações triviais (“conversavam”), o que sugere falta de engajamento com os propósitos da mobilização. Em oposição a essa representação, o site do Sinpro-DF noticia o envolvimento de estudantes nas manifestações que ocorreram durante as mobilizações. Em outras palavras, esses atores sociais são representados ativamente, conforme exemplos (53) a (57), a seguir, e inicialmente discutidos na seção 4.2.1.1, em que analisamos a seleção de assuntos/temas para a pauta de reportagens:

- (53) Estudantes do Gama fazem ato em apoio à luta dos professores (Notícia 2 - Sinpro-DF, 8/03/2012)
- (54) Alunos do Gama, organizados pela União Municipal dos Estudantes Secundaristas das escolas públicas do Gama (UMES), realizaram ato em apoio à campanha do Sinpro e por melhorias na estrutura das escolas. (Notícia 2 - Sinpro-DF, 8/03/2012)
- (55) Apoio da UNE – Outros segmentos estudantis também mostraram apoio à luta dos professores e professoras do DF. (Notícia 2 - Sinpro-DF, 8/03/2012)
- (56) Estudantes de várias regionais e líderes do movimento estudantil levaram seu apoio à mobilização da categoria, participando ativamente da manifestação. (Notícia 4 - Sinpro-DF, 14/03/2012)
- (57) A mobilização contou com a presença de vários estudantes, que entregaram aos visitantes que percorriam os espaços da Bienal um material informativo enumerando as reivindicações dos professores e as razões que levaram a categoria a entrar em greve. (Notícia 6 - Sinpro-DF, 16/04/2012)

Nesta amostra, a principal ação protagonizada pelos/as estudantes é apoiar as mobilizações, logo divergências marcam as representações acerca dos/as estudantes pelos dois veículos de comunicação. No *Correio Braziliense*, são passivos, beirando à ociosidade; quando ativos, protagonizam ações vulgares se pensarmos que o movimento estudantil protagonizou ações que alteraram completamente o cenário nacional, a exemplo do *impeachment* do presidente Collor, em 1992. É relevante perceber que essa representação dos/as alunos/as como passivos/as pode ser uma estratégia de legitimação

do discurso hegemônico, que dissemina a ideia de que as movimentações reivindicatórias só trazem prejuízos. Representar dessa forma os/as estudantes pode fazer recair a responsabilidade sobre as lutas e sobre os/as professores/as que causariam o abandono dos/as estudantes nas escolas. Mais um exemplo de construção discursiva do *expurgo do outro*, que implica apresentar um grupo social associado a um inimigo (THOMPSON, 1995). Já nas notícias do Sinpro-DF, os/as estudantes entregam material informativo sobre a greve (exemplo (57)), fazem ato de protesto (exemplos (53) e (54)), apoiam os/as professores/as (exemplos (52) a (56)), ações típicas de pessoas que têm poder e estão mobilizadas, um discurso que os/as associa a militantes e legitima a luta dos/as docentes.

Os/as docentes são os principais atores representados neste *corpus*. Isso significa que eles/as aparecem uma infinidade de vezes nos textos dado o evento que realizam. Então, selecionei algumas instâncias a fim de investigar as representações, primeiro, no *Correio Braziliense*, e, segundo, nas notícias do Sindicato, a fim de confrontar tais representações/discursos particulares. Vale observar que a análise das representações feitas pelo sindicato deve-se à necessidade de comparação; não é, aqui, tomada como "a lícita", uma vez que, sendo do sindicato, já pressupõe um tipo de representação, o que não ocorre com o Jornal. Em função do objetivo 2 (ver Cap. 3, seção 3.3), isto é, discernir representações/identificações sobre professores/as durante um evento situado, penso que a análise dos processos ligados à ação é imprescindível (sublinhei os processos e marquei em itálico alguns participantes e algumas circunstâncias). Vejamos os exemplos a seguir.

(58) Os manifestantes tomaram o gramado do Palácio do Buriti e invadiram o Eixo Monumental, fechando as seis faixas da via. (Texto 8, *Correio Braziliense*, 11.04.12)

(59) Professores fazem protesto em mostra".[...] Os professores não deram trégua e bradaram gritos de protesto contra o Governo do Distrito Federal durante a cerimônia. (Texto 10, *Correio Braziliense*, 15.04.12)

(60) Após assembleia, os professores fizeram ato público em frente ao Palácio do Buriti: mais uma vez o trânsito ficou parado *na hora do almoço no Eixo Monumental*. (Texto 11, *Correio Braziliense*, 18.04.12)

(61) Grevistas invadem anexo do Buriti (Texto 16, *Correio Braziliense*, 27.04.12)

(62) Grevistas desocupam Buriti (Texto 17, *Correio Braziliense*, 28.04.12)

Ocorre a inclusão dos/as professores por meio da *ativação*, isto é, eles/as são os/as agentes que provocam a ação. Cabe refletir, então, que tipo de ação eles/as protagonizam e em que circunstâncias. Assim, percebemos que o Jornal destacou representações de ações que trouxeram consequências negativas para a população, conforme exemplos (58) e (60), os quais revelam problemas no trânsito. Para representar a ocupação da sede do governo (Palácio do Buriti), o Jornal seleciona o termo *invadir* (exemplo (61)), assim como ocorre em (58). Isso revela um posicionamento, conforme veremos na subseção seguinte (seleção lexical, avaliação e presunções valorativas). As *circunstâncias* das ações servem de reforço à representação negativa. No exemplo (60), o trânsito parado aparece como consequência dos protestos, tal transtorno é intensificado pela circunstância espacial (Eixo Monumental, uma das principais vias públicas de Brasília) e temporal (hora do almoço). As ações de (58) e (59) representam de maneira negativa os/as professores/as pois há associação, por meio dos processos, a invasores/as e baderneiros/as, o que é reforçado, na instância (59), pela *circunstância* espaço-temporal onde a ação ocorre, na cerimônia de abertura da ("mostra") I Bienal do Livro e da Leitura, momento solene, portanto seria inadequado para protestos.

A representação dos/as docentes como baderneiros/as pode ser identificada também por meio da análise dos participantes. Nos exemplos (58), "o gramado do Buriti" e "o Eixo Monumental"; (59) "o Governo do Distrito Federal"; (61) "anexo do Buriti" são participantes afetados pela agência dos/as professores/as, em textos jornalísticos que apenas listam ações, segundo a lógica das aparências. O veículo de comunicação é enfático em ressaltar consequências dessas ações para a população, como a lentidão do trânsito e a ocupação de locais públicos (sede do governo). Seguindo essa linha, é importante destacar, que, no exemplo (59), o *afetado* é uma autoridade, o que redimensiona a representação da ação docente.

Fairclough (2003) menciona que não é produtivo analisar eventos em comparação com a verdade uma vez que esta é difícil de ser definida/presumida, mas em comparação com outras representações. O mesmo vale para os atores. Por isso, analiso também as representações sobre os/as professores/as sob o olhar do Sinpro-DF, a partir dos exemplos abaixo, nos quais sublinhei os atores e marquei em itálico os processos:

- (63) As professoras e professores do DF decidiram entrar em greve por tempo indeterminado a partir de 12 de março, para lutar pelo cumprimento do acordo e contra o descaso do GDF com a Educação e com os educadores. (Notícia 1, Sinpro-DF, 7.03.12)
- (64) Da Praça do Buriti, munida de bandeiras, apitos e vuvuzelas, a categoria seguiu unida até a porta do Palácio do Buriti, ocupando toda a pista para pressionar o governador Agnelo Queiroz a receber a comissão de negociação. (Notícia 5, Sinpro-DF, 10.04.12)
- (65) As professoras e professores do DF lotaram o auditório do edifício-sede do Detran para a primeira audiência pública de discussão do orçamento. (Notícia 7, Sinpro-DF, 25.04.12)
- (66) Professoras e professores ocupam a Secretaria de Administração do GDF. (Notícia 8, Sinpro-DF, 26.04.12)
- (67) Categoria suspende a greve! Aula voltará à normalidade a partir desta quinta (03/05). (Notícia 9, Sinpro-DF, 2.05.12)

Aqui os atores são representados, em todos os exemplos, por funcionalização, isto é, pela função que exercem, e as representações sugerem união da categoria, o que pode ser verificado em (64), pela circunstância de modo ("unida"), e em (65) pela conotação do processo "lotar", que indica a quantidade significativa de professores/as engajados/as. Faz-se necessário, também, observar a marcação genérica dos atores sociais "professoras e professores" (63), (65) e (66), o que pode ser revelador da presença e da importância feminina nas mobilizações, fato que não ocorre nas reportagens do *Correio Braziliense*. Portanto, são representações diferentes dos mesmos atores em um mesmo evento. É importante observar que, nas entrevistas, houve menção à necessidade de união dos/as professores/as como sugestão de melhorias para a categoria, conforme observamos nas respostas exemplificadas a seguir:

- (68) Olha só, eu acho assim, que para melhorar a nossa situação, primeiro ponto: a união, a união dos professores, então falarmos a mesma língua, a mesma linguagem, se lutar, vamos lutar por todos, né... não ser... é... individualista... (Professora Patrícia - Entrevista 4)
- (69) Talvez mais respeito, de uns com os outros, mais união... e respeito, acho que tudo começa pelo respeito, ética, tem que ter muita ética, sobre isso não ocorre muito. (Professora Ana - Entrevista 5)

As professoras/colaboradoras, nos trechos sublinhados, ressaltam a união como um valor que fortaleceria a categoria e ajudaria a promover mudanças. No entanto, essas duas entrevistadas não participaram das mobilizações. Uma por ter contrato temporário com a secretaria de educação e a outra, por motivos pessoais.

Em suma, verificamos que diferentes discursos representam de maneira diferente as crenças, os valores, as pessoas, as relações sociais, o mundo material, enfim, o mundo social, como observa Fairclough (2003). Não se trata de pensar onde está a verdade ou qual das representações corresponde àquela considerada "a verdadeira". Isso não está em discussão nem existe uma representação "verdadeira". Investiguei aqui como o *Correio Braziliense* representou os/as docentes no momento da paralisação porque representações podem ser legitimadas em gêneros e inculcadas em identidades pessoais e sociais, conforme saliento nos objetivos de pesquisa, na seção 3.3. Isso significa que parte do ponto de vista apresentado pelo Jornal, notadamente negativo, pode influenciar a constituição tanto da representação quanto da identificação docente. Foram construídas, pelo veículo de comunicação, representações ideológicas, fragmentadas, que apresentaram os/as manifestantes como baderneiros/as, radicais e intransigentes, o que coincide com a observação de Pelliccione (2004), na subseção 1.3. Essa caracterização, como um inimigo potencial, reforça a estratégia discursiva, já observada no *corpus*, de expurgo do outro (THOMPSON, 1995).

4.3.2 Seleção lexical, avaliação e presunções valorativas

As seleções lexicais que realizamos para representar (e construir) a vida social revelam nossas visões (de) e nossas posições no mundo. Segundo Fairclough (1999, 2003), discursos lexicalizam o mundo de modos particulares; conseqüentemente, analisar discursos investigando o léxico utilizado pode trazer respostas sobre representações particulares investidas de ideologias. Nesse sentido, investigo a *seleção lexical* nas reportagens que compõem o *corpus* a fim de investigar representações e identificações construídas nos textos.

Processos de identificação materializam-se, sobretudo, por meio de estilos em textos, que são "o aspecto discursivo das maneiras de ser" (FAIRCLOUGH, 2003, p. 160), isto é, das identidades. Eles se realizam por meio de aspectos linguísticos, como fonológicos, de vocabulário. Aqui, interessam-nos as formas e os significados implicados em avaliações e presunções valorativas. A *avaliação* é uma categoria ligada diretamente ao significado identificacional e diz respeito ao que o/a autor/a considera que é bom ou ruim, desejável ou não (FAIRCLOUGH, 2003). Por meio da *avaliação*, as

pessoas indicam de que maneira e com o quê se identificam, ou seja, como é estruturada sua identidade social ou pessoal. Já as *presunções valorativas* são avaliações implícitas que fazemos sobre o mundo.

Em relação ao léxico utilizado para representar os/as docentes e as paralisações, já apontei exemplos, como "reclamou", em (41), para indicar a fala do diretor do Sinpro-DF. Um processo que desqualifica e reduz a importância do diretor, dada a conotação negativa que o termo carrega. Não há no *corpus* principal nenhuma instância de voz do governo introduzida por esse processo. Vamos a outros exemplos:

(70) Prejuízo para todos (Texto 1, *Correio Braziliense*, 09.03.12)

(71) Agnelo admite dialogar com os professores, mas não adianta que não há recursos para aumento salarial. Categoria inicia greve na segunda-feira, atrapalhando 550 mil alunos (Texto 1, *Correio Braziliense*, 09.03.12)

(72) Primeiro dia de paralisação dos professores incomoda pais e alunos, que reclamam do movimento (Texto 2, *Correio Braziliense*, 13.03.12)

(73) Assembleia da categoria foi em frente ao Palácio do Buriti: transtorno no Eixo Monumental na hora do almoço". (Texto 5, *Correio Braziliense*, 28.03.12)

(74) Impasse continua (Texto 6, *Correio Braziliense*, 10.04.12)

(75) Parados há 34 dias, os docentes invadiram a abertura da 1ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura (Texto 10, *Correio Braziliense*, 15.04.12)

(76) Alunos ociosos nas escolas (Texto 14, *Correio Braziliense*, 24.04.12)

A escolha do vocábulo "prejuízo", exemplo (70), na manchete da primeira reportagem sobre as mobilizações, estabelece relações de interdiscursividade com o discurso da economia. Como vimos no Cap. 1, seções 1.1 e 1.2, a educação, na conjuntura neoliberal, é tratada como um negócio e a escolha lexical representa esse aspecto do mundo capitalista que somente visualiza o lucro. Isso mostra a colonização da ordem de discurso empresarial de outros setores da sociedade, incluindo a educação e sua ordem de discurso. Percebe-se, também, que é feita uma avaliação do evento, por meio de uma declaração com juízo de valor, o que ocorre explicitamente. Nessa perspectiva, "prejuízo" indica uma avaliação extremamente negativa do evento.

Em relação aos exemplos (71), (72) e (73), o léxico selecionado é, claramente, de conotação negativa, portanto a avaliação é a de que as mobilizações são indesejáveis, nos termos de Fairclough (2003). O Jornal não se identifica com as mobilizações grevistas, pelo contrário, há uma rejeição delas e uma condenação de seus/suas agentes. O termo *impasse*, exemplo (74), também possui conotação negativa, logo reforça a

representação desfavorável aos/às professores/as. Em (75), o Jornal seleciona invadir para representar a presença dos/as professores/as na abertura da Bienal, o que merece atenção e dá mais indícios do posicionamento ideológico do veículo de comunicação, favorável a apenas uma parte dos atores envolvidos no evento, ou seja, os governantes. "Invadir" significa "ocupar à força" enquanto "ocupar" não está vinculado ao uso da força, é, portanto, menos agressivo. Ressalte-se, ainda, que a abertura da Bienal não é um evento reservado, custeado com verbas particulares. Tal uso tem sentido potencial para agregar à mobilização dos/as docentes o estigma semelhante ao inculcado ao MST, de desrespeito à lei, à propriedade privada e ao uso de violência, construído por boa parte da imprensa brasileira, como conclui Pelliccione (2004). Em (76), o jornal usa "ociosos" para representar os/as alunos/as, na conjuntura das mobilizações, por conseguinte, a carga semântica negativa do termo soma-se às representações depreciativas das mobilizações dos/as docentes, que contribuem para deslegitimar o movimento.

Observamos que nas reportagens do Jornal as avaliações são, em sua maioria, explícitas e recorrentes. Os vocábulos "prejuízo" e "prejudicados" foram insistentemente repetidos nos textos; o uso de vocabulário com conotação depreciativa para representar o movimento também foi recorrente. Logo, as avaliações foram feitas, predominantemente, por meio de afirmações explícitas com juízo de valor. Com isso, percebemos a identificação do Jornal com o governo, ou seja, o fechamento da diferença, a formação do consenso, uma vez que os discursos se alinham, e conseqüentemente, há a legitimação desses.

Talvez em virtude da divulgação dessas representações depreciativas, nas entrevistas com professoras/colaboradoras, foram identificadas referências às mobilizações como "desgastantes", "professores desacreditados" quando perguntei a opinião delas sobre tais eventos. Vejamos os exemplos abaixo:

(77) "Ah! É sempre útil, né... mas acho que foi muito desgastante, os colegas se desgastaram, que foi um momento que a gente não via muita possibilidade de ganho, né... então foi desgastante...mas teve.. né... teve os ganhos também..." (Professora Milena - Entrevista 3)

(78) "Olha só, foi válida, mas teve uma participação pequena da categoria, um pouco por estarem, ou estarmos desacreditados, né ... alguns com o governo, alguns com o próprio" (Professora Patrícia - Entrevista 4)

Como já mencionei, o poder da imprensa em disseminar discursos é muito grande a ponto de até os/as envolvidos/as os internalizarem ou reproduzirem-nos total ou parcialmente, como vimos em (77) e (78). Além disso, foi relevante ver reproduzida por uma colaboradora a ideia de remunerar bem os professores não precisa estar entre as prioridades do governo, uma vez que isso não traria benefícios, conforme vemos no exemplo (79), abaixo, uma reprodução do discurso do heroísmo, mencionado na seção 4.2.

(79) É, na própria... quando eu estudei na própria universidade federal também, lá dentro era a mesma coisa, ah vamos fazer greve pra melhorar a qualidade da educação, não sei... não melhora, eu não vejo assim, eu acho que o que melhora é uma mudança de postura da pessoa, mas compromisso, mais comprometimento, mais responsabilidade, claro que o salário é importante pra gente, lógico, mas eu não vejo isso como um principal motivo, não acho mesmo. (Professora Patrícia - Entrevista 4)

Se, por um lado, algumas colaboradoras reproduzem os discursos hegemônicos, por outro, outras os problematizam, o que demonstra uma certa consciência das práticas particulares que envolvem os discursos jornalísticos. Vejamos os exemplos (80) e (81):

(80) os professores quando vão fazer greve, vão ser conhecidos né... como vagabundos que não querem trabalhar que o salário tá ótimo, então eu acho que as coisas não vão mudar, pelo que eu tô vendo, eu acho que não, espero que mude... (Professora Clara - Entrevista 1)

(81) a imprensa massacra os professores, e claro que faz isso por causa do governo, o governo não valoriza... a educação não é prioridade, pelo menos eu não vejo assim... (Professora Ana - Entrevista 5)

Com essas afirmações (sublinhadas), as professoras demonstram que têm consciência tanto das práticas jornalísticas em depreciar a categoria, conforme já observei, quanto da articulação dos discursos da imprensa com os do governo. Esses exemplos acentuam a diferença entre as vozes do governo e dos/as professores/as, ou seja, constroem conflito. Essa polêmica com a voz institucional pode indicar a construção, entre as colaboradoras, de uma identidade de resistência, nos termos de Castells (2008).

Considerações finais

Nesta pesquisa crítica, investigamos representações/discursos da imprensa escrita sobre professores/as de Brasília engajados/as em mobilizações pela educação, mais especificamente no Jornal *Correio Braziliense*. A motivação para tal estudo, conforme esclareço na Apresentação, foi o paradoxo entre o discurso político de "vamos valorizar a educação" e a prática de remunerar mal e reproduzir certos estereótipos.

Para empreender tal jornada, baseei-me no arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica, a qual propõe a investigação de um problema sociodiscursivo que instiga o/a pesquisador/a. A ADC estabelece um diálogo com outras disciplinas, como as Ciências Sociais, portanto parte de minha pesquisa é respaldada por estudos sociais críticos.

Em relação à questão de pesquisa 1, sobre a configuração da conjuntura social na qual ocorreram as reivindicações dos/as professores/as e da prática particular desses/as e da mídia jornalística, verificamos que, embora exista um discurso muito divulgado sobre a importância de melhorar a educação, as políticas neoliberais não a tomam como prioridade, isto é, os discursos dos/as dirigentes ainda não se transformaram em ações; talvez em virtude disso, os/as professores/as, quase anualmente, sejam levados/as a se mobilizar por melhorias no campo da educação. A análise da prática particular mostrou muitos/as docentes engajados/as no movimento. É importante ressaltar que essa categoria, ao término de suas mobilizações, organiza um cronograma de reposição dos dias parados, fato incomum em outras áreas. Sobre a prática jornalística, em coberturas sobre manifestações sociais, verifiquei, como resultado de pesquisa, muitos exemplos de representações parciais e ideológicas.

Sobre a questão de pesquisa 2, a investigação de representações ou identificações de professores/as nessa conjuntura, percebemos que as reportagens do Jornal *Correio Braziliense*, no *corpus*, associam a luta docente a transtornos no trânsito e a "prejuízos para todos". Tais respostas me intrigaram uma vez que, hoje, faz parte da cartilha do politicamente correto enfatizar a "importância da educação para o desenvolvimento do país", ao menos com palavras. Todavia, não se valoriza uma área

sem valorizar seus/suas agentes. As respostas encontradas para essa questão foram a representação de um inimigo simbólico (*expurgo do outro*, nos termos de Thompson, 1995), uma “súcia intransigente, radical e baderneira”. Para chegar a essa conclusão, lancei um olhar crítico sobre o léxico utilizado para construir as reportagens, explicitamente de conotação negativa, construída por meio de seleção de uma gama de palavras com carga semântica depreciativa.

No tocante à questão 3, analisando os textos dos *corpus* em relação à composição, verifiquei que eles convergiam para legitimar o discurso do governo do DF: a pauta que excluiu fatos importantes do evento, bem como relações estruturais mais profundas; a parcialidade que ignorou aspectos relevantes das práticas dos/as docentes mobilizados/as; as maneiras de inter-agir e representar em reportagens, por exemplo pelas relações semânticas de legitimação construídas nos textos, de modo a corroborar o discurso governamental e problematizar/deslegitimar o discurso dos/as professores/as; as estratégias de legitimação e de fragmentação utilizadas para isso; os anúncios publicitários pagos para legitimar o discurso do governo por meio da simulação de informação.

Em relação à pergunta 4, percebemos o discurso do capitalismo avançado articulado com o discurso do campo educacional. É a identificação, presente no capítulo 2, das transformações do novo capitalismo, as quais ditam novas formas de vida, novos valores, novas maneiras de inter-agir, de ser, e novo léxico, o que inclui uma nova recontextualização dos valores educacionais, associados agora aos projetos e ideais mercantis. A presença do discurso empresarial foi recorrente nas representações desde a primeira reportagem "Prejuízo para todos", o que confirma a transmutação da linguagem de um setor para outro, bem como os processos de colonização da economia em outros campos da vida social. Aliás, é com o que o título da dissertação dialoga. É esse discurso mercantil que questiono "Prejuízo para todos?", todos, quem? Em síntese, os resultados apontam para processos de disseminação de discursos hegemônicos como se fossem universais, legitimando-os. Ora, as reportagens do *Correio Braziliense* não apresentaram senão o discurso do governo do DF, ou melhor, elas não legitimaram senão a visão do governo, como se fosse a visão da população.

A respeito do papel da mídia, nesse cenário, ficou claro que ela detém o poder simbólico, de manipular, de construir visões de mundo, crenças, de deslegitimar

mobilizações reconhecidamente legítimas. Não obstante, pode também construir, informar, legitimar, enfim, pode denunciar injustiças sociais e dar voz a grupos que necessitam ser ouvidos, como desejamos que seja a atuação da mídia na sociedade. Os resultados indicam uma identificação do veículo de comunicação com o governo, uma vez que seus discursos eram plenamente articulados como se fossem uma só voz, pelo fechamento da diferença entre os dois campos e os dois discursos – do governo e da grande mídia. Portanto, as críticas que tecemos aqui problematizam o papel social da imprensa como formadora de opinião.

Como a mídia possui o poder de disseminar e legitimar crenças e ideologias e, conseqüentemente, influenciar a constituição de identidades sociais, preocupo-me com esses discursos. Se são enfatizados apenas aspectos negativos de uma categoria, é possível que os/as profissionais não se identifiquem com ela e a rejeitem. Pude perceber essa ausência de identificação com a própria categoria, em relatos de algumas colaboradoras, as quais realçavam a importância da união dos/as docentes a fim de obterem melhorias, mas, na prática, não se uniram aos/as manifestantes. Conseqüentemente, a classe docente e suas lutas poderão ser enfraquecidas. Por isso, retomo a visão crítica da ADC, a vida social como um sistema aberto, composto por estruturas que constroem, mas permitem a ação e a mudança social. Por acreditar na dialética da transformação da atividade social, os/as pesquisadores/as em ADC voltam-se para questões que os/as incomodam. Nesse sentido, penso que a reprodução dessas representações depreciativas dos/as docentes, aqui identificadas, pode, sim, concorrer para a constituição enfraquecida da identidade docente, pois, como pontua Pacheco (2006), as identidades são construídas na relação dialógica dos textos e, nessa relação, novas identidades são assumidas, contestadas, legitimadas, valorizadas ou desvalorizadas. Assim sendo, é preciso refletir sobre essas representações veiculadas, dentro e fora da Academia, para questioná-las, para não tomá-las como "a legítima", até porque as identidades são múltiplas e não existe uma apenas considerada legítima.

Foi objetivo pesquisar nos discursos dos/as professores/as colaboradores/as se havia traços de internalização de discursos hegemônicos. Julgo ser positiva a resposta, pois identifiquei referências às mobilizações como "desgastantes", "professores desacreditados", mas sobretudo encontrei discursos contra-hegemônicos, os quais demonstraram a percepção das práticas particulares da imprensa, como a parcialidade

em noticiar fatos relativos às mobilizações, a articulação de discursos do Jornal com o governo, o que aponta para a constituição de uma identidade social de resistência, nos termos de Castells (2008).

É imprescindível pensar na escola como um espaço contraditório, isto é, um local de reprodução ou de resistência da lógica da dominação. Assim, conforme salienta Giroux (1997, p. 29), "os professores precisam desenvolver um discurso e conjunto de suposições que lhes permita atuarem mais especificamente como intelectuais transformadores".

Apoio-me na análise das entrevistas com as professoras/colaboradoras para concluir essas considerações. Ainda sobre a existência (ou não) de processos criativos nos discursos das professoras/colaboradoras, não foi possível identificá-los, mas identifiquei uma esperança contagiante em quem possui 26 anos de magistério e uma alegria de quem está ali por gostar e de identificar com o magistério. De qualquer forma, foi relevante perceber, também, na fala das novatas, a esperança de mudanças mais em virtude do risco de desaparecimento da profissão do que do reconhecimento de sua importância, e a decepção de quem já procura outra opção de trabalho.

Essa decepção, identificada na voz de uma jovem colaboradora, é muito significativa, tendo em vista que, no início da carreira, a empolgação é natural. Portanto, almejo que este trabalho contribua também para a promoção do debate acadêmico em torno dessas questões, com vistas ao fortalecimento das lutas pela educação e da carreira do magistério.

Não tenho respostas para a pergunta "como promover a mudança", mas é válido lembrar que a responsabilidade pela mudança é de quem é afetado. E, como a pesquisa trata de discursos, as ideias de Giroux (1997, p. 163) podem ser um caminho:

os intelectuais transformadores precisam desenvolver um discurso que una a linguagem da crítica e a linguagem da possibilidade, de forma que os educadores sociais reconheçam que podem promover mudanças. Desta maneira, eles devem se manifestar contra as injustiças econômicas, políticas e sociais dentro e fora das escolas. Ao mesmo tempo, eles devem trabalhar para criar as condições que deem aos estudantes a oportunidade de tornarem-se cidadãos que tenham o conhecimento e coragem para lutar a fim de que o desespero não seja convincente e a esperança seja viável.

Por fim, acredito na mudança, seja em razão de pressões, seja pelo reconhecimento da importância do magistério. Como, nesta pesquisa, concluí que as

representações sobre os/as docentes foram predominantemente negativas, tomo de empréstimo as palavras da Pacheco (2006, p. 142) para lembrar que "ter consciência das vozes que habitam os textos e nossas mentes pode levar-nos a constituir novas identidades docentes, mais valorizadas socialmente".

Referências bibliográficas

- APPLE, M. W. Consumindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas baratas. In: COSTA, M. V. (Org.). *Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2000. p. 25-43.
- APPLE, M. W. O que os pós-modernistas esquecem: capital cultural e conhecimento oficial. In: GENTILI P. A. A. & SILVA, T. T.(Orgs.) *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. 13ª ed., Petrópolis: Vozes, 2010, p. 179-204.
- AZEVEDO, K. F. *O acesso dos excluídos do espaço discursivo do jornal*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco. 2003.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUER, M. W. & GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7ª ed., Trad. Pedrinho A. Guareschi. Vozes: São Paulo, 2002.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BOURDIEU, P. A demissão do Estado. In: BOURDIEU, P.(coord.) *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 215–224.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertram Brasil S.A, 1989.
- CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout em professores: prevalência e fatores associados. PUCRS. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Out- Dez 2011, Vol. 27, Nr. 4, p. 403-410.
- CARON, M. M. F. A educação de braços cruzados: velhas contradições, novos atores. Breve debate histórico/reflexivo sobre as greves educacionais do magistério público. *Associativismo e sindicalismo docente no Brasil*. Seminário para discussão de pesquisas e constituição de rede de pesquisadores. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), 2009. Disponível em: <http://nupet.iesp.uerj.br/arquivos/caron.pdf>
- CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol II. O Poder da Identidade. Trad. Klauss B. Gerhardt. 6ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COSTA, M. V. Discutindo a escola básica em tempos de neoliberalismo: uma conversa introdutória. In: COSTA, M. V. (Org.). *Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2000, p. 13-24.

CUNHA, M. A. F. & SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EAGLETON, T. *Ideologia: uma introdução*. Trad. Luís Carlos B. C. Vieira. São Paulo: Boitempo, 1997.

ENGUITA, M. F. O discurso da qualidade e a qualidade do discurso. In: GENTILI, P. A. A. & SILVA, T. T. (Orgs.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. 13ª ed., Petrópolis: Vozes, 2010, p. 93-110.

FAIRCLOUGH, N. A Análise Crítica do Discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, C. (Org.) *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. vol 2. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001, p. 31- 81.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse.: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008 [2001].

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 18ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29ª ed., Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, P. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W. & GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 64 – 89.

GENTILI, P. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVA T. T. & GENTILI, P. *Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. Brasília: CNTE, 1996.

GENTILI, P. A Mcdonaldização da escola: a propósito de “Consumindo o outro”. In: COSTA, M. V. (Org.). *Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2000, p. 45-60.

GENTILI P. A. A. & SILVA, T. T.(Orgs.) *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. 13ª ed., Petrópolis: Vozes, 2010.

GHIO, E. & FERNANDEZ, M. D. *Manual de Lingüística Sistémico Funcional*. El enfoque de M.A.K. Halliday y R. Hasan. Aplicaciones a la lengua española. Universidad Nacional del Litoral: Santa Fé, Argentina, 2005.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIROUX, H. A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GRUPPI, L. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9ª ed., Petrópolis: Vozes, 2009.

HALLIDAY, M & MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3ª ed., Arnold: London, 2004.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.

INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). História da Prova Brasil e do Saeb. Disponível em <http://www.inep.gov.br/>.

KRESS, G. & van LEEUWEN, T. *Reading Images: the grammar of visual design*. 2ª ed., New York: Routledge, 2006.

LAGE, N. *Estrutura da notícia*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

LEAL, M. C. D. O discurso jornalístico sobre privatizações e protestos nas ruas. *DELTA: Documentação de estudos em Linguística teórica e aplicada*; volume 21, número spe, páginas 73-92. 2005.

LEAL, M. C. D. Quem são eles? A questão da identidade em manifestações de rua. In: SILVA, D. E. G., LEAL, M. C. D., PACHECO, M. C. N. (Orgs.) *Discursos em questão: representação, gênero, identidade, discriminação*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009, p. 115-126.

LUSTOSA, E. *O texto da notícia*. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

MARSHALL, L. *O jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus, 2003.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

PACHECO, M. C. N. *Identidade e intertextualidade em narrativas de docentes e em textos de leis federais brasileiras, de 1960 a 2000*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2006.

PAPA, S. M. B. I. *Prática pedagógica emancipatória: o professor reflexivo em processo de mudança - um exercício em Análise Crítica do Discurso*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008.

PELLICCIONE, A. L. P. *A greve docente de 2001 no noticiário de O Globo e do Adufrj: um diálogo de surdos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

RAMALHO, V. Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico: princípios para uma abordagem crítica explanatória do discurso. *XII Conferência anual da Associação Internacional para o Realismo Crítico*, 2009. Disponível em: <http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/7T.pdf>

RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica da publicidade: um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil*. Covilhã: Livros LabCom, 2010. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/ramalho-analise-2010.html>

RAMALHO, V. Contato de gêneros discursivos: hibridismos na Comunicação em saúde. *Papia*, v.21, p. 101-116, 2011.

RAMALHO, V. Gêneros discursivos e ideologia: elementos para estudos críticos In: MELO, Iran (org.). *Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2012, p. 139-187.

RAMALHO V. & RESENDE V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes, 2011.

RESENDE V. M. *Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas, SP: Pontes, 2009.

RESENDE, V. & RAMALHO, V. Inequality and representation: critical discourse analysis of news coverage about homelessness In: PASCALE, M. (org.) *Social inequality & the politics of representation: a global landscape*. California: SAGE, 2012, v.1, p. 21-34.

RESENDE, V. & RAMALHO, V. "Ivan: o andarilho-jardineiro": representação discursiva da situação de rua em um texto de mídia escrita In: CORACINI, M. J. (org.). *Identidades silenciadas e (in)visíveis: entre a inclusão e a exclusão*. Campinas: Pontes, 2011, p. 83-99.

RESENDE V. M. & RAMALHO V. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RÊSES, E. S. *De vocação para profissão: organização sindical docente e identidade social do professor*. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, 2008.

RICHARDSON, J. E. *Analysing newspapers: an approach from Critical Discourse Analysis*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

RIDENTI, M. *Classes sociais e representações*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2001.

ROCHA, M. C. *Políticas de valorização do magistério: remuneração, plano de carreira, condições de trabalho – uma análise da experiência de Belo Horizonte*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2009.

SILVA, D.E.G. Critical Discourse Analysis and the Functional Bases of Language. In: BÁRBARA, L. & SARDINHA, T. B. (Orgs.), *Proceedings of the 33rd International Systemic Functional Congress*. São Paulo: PUC-SP, 2007, p. 932-949.

SILVA, D. E. G. Estudos críticos do discurso no contexto brasileiro: por uma rede de transdisciplinaridade. In: *EUTOMIA: Revista de Literatura e Linguística*, vol. 2, p. 224-243. Recife: UFPE, 2012. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/v2/category/edicao-9-ano-v-jul2012>

SILVA, D. E. G. & RAMALHO, V. Discurso, imagem e texto verbal: uma perspectiva crítica da multimodalidade. *ALED - Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v.12, p.7 - 29, 2012.

SILVA, T. T. A “Nova” direta e as transformações na pedagogia política e na política da pedagogia. In: Gentili P. A. A. & Silva T. T. (Orgs.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. 13ª ed., Petrópolis: Vozes, 2010, p. 9-29.

SILVA, T. T. A produção social de identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, 9ª ed., Petrópolis: Vozes, 2009, p. 73-102.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Trad. Wagner Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1998.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. 2ª ed. Trad. Judith Hoffnagel e Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2010.

VAN LEEUWEN, T. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008, p. 23-54.

ANEXOS

Os anexos desta dissertação constam no CD abaixo e foram organizados da seguinte forma:

Anexo A - Reportagens do *Correio Braziliense*

Anexo A1 - Informes publicitários do GDF

Anexo B - Notícias do Sinpro-DF

Anexo C - Entrevistas com professoras/colaboradoras

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



» TRÂNSITO

DESRESPEITO FLAGRANTE

No início do Setor de Indústrias Gráficas (SIG), um retorno fechado pelo Departamento de Estradas de Rodagem (DER) na quarta-feira pegou muitos motoristas de surpresa. Apesar da mudança definitiva, ontem, o **Correio** flagrou (foto) vários carros invadindo a contramão, inclusive veículos oficiais, causando risco de acidentes. O local dava acesso rápido e fácil ao Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) e, sem alternativa, os motoristas precisam avançar cerca de 300 metros até a próxima entrada. Segundo o superintendente de trânsito do DER, Murilo Souza, o retorno foi fechado por questão de segurança. "É justamente para evitar acidentes. Muitos motoristas usavam o retorno para chegar ao TJDFT, mas, como o trecho é muito curto, ficavam ocupando a pista", explicou. Segundo Souza, a infração é gravíssima. "O motorista ganha sete pontos na carteira, além de multa de R\$ 191,54", completou o superintendente. A partir dos próximos dias, fiscais devem monitorar o local.

Ed Alves/CB/D.A Press



» VIOLÊNCIA

MORTO COM DOIS TIROS

Um homem morreu (foto) e um adolescente ficou gravemente ferido após serem baleados a caminho do trabalho, no Conjunto 11 da Área de Desenvolvimento Econômico (ADE) de Águas Claras. O crime ocorreu por volta das 6h15 de ontem. Atingido por dois disparos, um deles na cabeça, Felipe Alves da Silva, 19 anos, morreu no local. Até o fechamento desta edição, o adolescente de 17 permanecia internado em estado gravíssimo no Hospital de Base. Ele levou quatro tiros. Para a polícia, os crimes podem estar relacionados a acerto de contas. "Sabemos que os dois eram usuários de drogas, o que pode ser uma forte motivação", afirmou o delegado Lúcio Valente, plantonista da 21ª Delegacia de Polícia (Taguatinga Sul). A arma utilizada na ação, um revólver calibre .38, não foi encontrada no local.

» TRANSPORTE PÚBLICO

ÔNIBUS PERDE RODAS

Um ônibus da linha 158.1 da empresa Viação Planalto (Viplan) perdeu as duas rodas traseiras enquanto se aproximava do Brasília Shopping, na quarta-feira, por volta das 22h. O veículo que seguiria para a Estrutural, acabou desviado para a calçada, para evitar maiores prejuízos. Ninguém ficou ferido, de acordo com a Central Integrada de Atendimento e Despacho (Ciade) da Polícia Militar. Uma das rodas cruzou a pista e parou no canteiro central da W3. A outra atingiu um veículo que estava parado no semáforo. O **Correio** não conseguiu entrar em contato com Wagner Canhedo Filho, presidente da companhia. A Transporte Urbano do Distrito Federal (DFTrans) investigará o fato.

» JARDIM BOTÂNICO

FESTA PELOS 27 ANOS

O Jardim Botânico de Brasília completou ontem 27 anos. As comemorações começaram de manhã e só terminaram às 19h, com a Pedalada da Lua Cheia. Nem a chuva atrapalhou o grupo de ciclistas. Durante a tarde, foi inaugurada uma mostra de fotografias, de Rubens Matsushita. Os visitantes também contaram com a presença de integrantes da orquestra Camarata, regida pelo maestro Camilo Pereira, que tocaram violino, viola, violoncelo e contrabaixo. Também fizeram parte da programação uma palestra sobre mobilidade sustentável e o plantio de um pequiheiro na unidade de conservação. O Jardim Botânico fica na SMDB Conjunto 12, no Lago Sul. O ingresso individual custa R\$ 2. O horário de funcionamento é das 9h às 17h. As segundas-feiras, a área fica fechada para o público.

» TRABALHO INFANTIL

CONSTRUTORA É MULTADA

A empresa que permitiu que um garoto de 11 anos dirigisse um trator terá que pagar multa de R\$ 31 mil. A Secretaria de Obras do DF advertiu e multou a Geotec, responsável pela construção de um estacionamento público em Ceilândia, por irregularidades. A notificação foi feita após a denúncia de um cinegrafista amador no fim de fevereiro, que filmou uma criança dirigindo a máquina de trabalho no local da edificação. A Geotec foi multada em 5% do valor do contrato, que é de R\$ 620 mil. O Governo do DF declarou, em nota, que repudiava qualquer trabalho realizado por menores de idade. O contrato foi mantido para evitar que a comunidade seja penalizada com a paralisação da obra. Na defesa apresentada, a empresa alegou que desconhecia a participação do menino e que já rompeu o contrato com a empresa subcontratada. A empresa poderá recorrer da multa.

EDUCAÇÃO / Agnelo admite dialogar com os professores, mas adianta que não há recursos para aumento salarial. Categoria inicia greve na segunda-feira, atrapalhando 550 mil alunos

Prejuízo para todos

» MANOELA ALCÂNTARA

Professores da rede pública de ensino decidiram entrar em greve por tempo indeterminado. A medida vai prejudicar a rotina de 550 mil alunos, que ficarão sem aulas a partir de segunda-feira. A maioria dos 6 mil docentes que participaram da assembleia realizada ontem na Praça do Buriti disseram sim à paralisação. A categoria pede reestruturação do Plano de Carreira em três anos, plano de saúde, equiparação salarial com outras carreiras de nível superior e convocação de concursados. O governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz, no entanto, ressaltou que nenhum tipo de reajuste será concedido a qualquer categoria do Executivo, pois os limites orçamentários previstos na Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) seriam ultrapassados.

Agnelo enfatizou que negociação, diálogo e conversa haverá, mas o valor máximo possível para o gasto com pessoal não poderá ser excedido. "Dialogar é a marca de um governo democrático. Vamos continuar conversando sobre o plano de carreira. Mas como a população pode entender uma greve de uma categoria que teve 13%, quase 14% de reajuste? Talvez seja o maior do Brasil, é duas vezes a inflação", disse o governador durante o evento em que lançou a Unidade Móvel de Saúde da Mulher, em Ceilândia (leia matéria na página 31).

Ele se refere ao reajuste de 13,83% concedido à categoria em 2011 e dividido em três parcelas. A primeira, de 6,36%, foi paga em março de 2011; a segunda, de 4,78%, em setembro do mesmo ano, e a última, de 2,69%, deve ser aplicada no próximo salário. O percentual total corresponde ao crescimento do Fundo Constitucional do DF de 2011, que custeia integralmente a segurança e parcialmente a saúde e a educação com recursos da União. Em 2012, o reajuste foi de 13,94%. "Todos os anos conseguimos aumento de acordo com o crescimento do fundo. Este ano isso não ocorreu. Não existe justificativa", disse a diretora de imprensa do Sindicato dos Professores (Sinpro), Rosilene Corrêa.

Segundo ela, hoje os professores têm uma das menores remunerações das carreiras do GDF. "Exigimos pelo menos uma média do que ganham os profissionais de nível superior da capital", complementou. Um professor da rede pública com dedicação exclusiva e que trabalhe 40 horas semanais recebe R\$ 4.226, a maior remuneração do país.

Paralisação

Hoje, os alunos ainda podem cumprir a rotina normal. Todas as escolas terão aula, pois é necessário cumprir um tempo mínimo de 72 horas, exigido por lei, antes de se iniciar uma greve. Caso contrário, o movimento pode ser considerado ilegal. Neste tempo, os professores deverão avisar pais, alunos e autoridades sobre a suspensão das aulas. Desde novembro, os educadores iniciaram uma contagem regressiva para o indicativo de greve, que acabou confirmado após 113 dias.

De acordo com o Sinpro, todas as reivindicações estavam previstas em um acordo firmado com o governo em abril do ano passado. "Estamos abertos a negociações, mas precisamos que o governo nos apresente uma proposta para pensarmos", afirmou a diretora do sindicato. Rosilene ressaltou que reivindicações como o plano de saúde dependem da LRF, por isso poderiam ser concedidos.

O porta-voz do governo do Distrito Federal, Ugo Braga, enfatizou que não há impasse para essa questão. "O plano de saúde será implantado no segundo semestre de 2012. Os estudos estão prontos desde o ano passado. O problema é que eles queriam isso para janeiro", afirmou.

Colaborou Roberta Machado

Iano Andrade/CB/D.A Press - 8/3/12



A assembleia ontem: docentes tiveram aumento de 13,83% em 2011

» Para saber mais

DF paga três vezes o piso

A reivindicação por melhores salários para os professores da rede pública é nacional. A categoria vai cruzar os braços entre 13 e 16 de março para cobrar dos governos estaduais e das prefeituras o pagamento do piso nacional do magistério. Na última semana, o Ministério da Educação (MEC) anunciou a remuneração mínima para os docentes, de R\$ 1.451. Porém, somente 18 unidades da Federação pagarão valor igual ou superior ao estipulado neste mês.

Entre eles, pelo menos 12 já praticavam piso superior ao exigido antes da resolução. O Distrito Federal está na lista. O salário inicial de um professor que trabalha 40 horas semanais é de R\$ 2.314.

Com as gratificações, adicional por dedicação exclusiva, abono e outros benefícios, a remuneração chega a R\$ 4.226, valor três vezes maior do que o exigido. De acordo com o Sindicato dos Professores do DF, mais de 90% dos educadores da rede na capital têm diploma de nível superior e 56% concluíram uma especialização.

Sancionada em 2008, a Lei nº 11.738 determina o salário mínimo a ser pago aos professores da rede pública de ensino de nível médio e carga horária de 40 horas semanais. Segundo o documento, o montante deve ser reajustado todos os anos, a partir de janeiro. Em 2012, o aumento foi de 22%.

» Entenda o caso

Veja as principais reivindicações dos professores

- » Reestruturação do Plano de Carreira em 2012, 2013 e 2014. É este documento que define direitos e obrigações dos docentes e dá as garantias da carreira. Prevê jornada de trabalho e salários.
- » Aumento salarial. O pedido é que as remunerações sejam equivalentes à média do que é pago a outras categorias de nível superior.
- » Convocação imediata de todos os concursados aprovados na seleção realizada em 2010.
- » Criação e implementação imediata de plano de saúde da categoria.

Veja o que diz o GDF

- » Em 2011, o auxílio-alimentação teve reajuste: passou de R\$ 198 para R\$ 304, um aumento de 53,5%.
- » Aprovação da Lei da Gestão Democrática para a Rede Pública de Ensino, com eleições previstas para maio deste ano.
- » Reajuste de 13,83% concedido em 2011.
- » Retorno de 1,5 mil professores que encontravam-se em convênios, nas áreas administrativas da própria secretaria e das Regionais de Ensino, para salas de aula.
- » Oferta, pela UnB, do curso de licenciatura a mais de 800 professores que possuem apenas o ensino médio e complemento da licenciatura plena a mais de 540 professores que possuem a licenciatura curta, além de curso de especialização para 700 docentes.

SEXTA 09 MARÇO

LUZIANIA - GO
Parque de exposições

Jorge & Mateus
100% OPEN BAR

18 NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

BACKSTAGE PRIVILEGE	EXTRAVIP (OPENBAR)	EXTRAVIP OPENBAR: CERVEJA REFRI ÁGUA VODKA NACIONAL EM FRENTE AO PALCO	BACKSTAGE WHISKY VODKA IMPORTADA ENERGÉTICO CERVEJA PREMIUM REFRI. ÁGUA E SALGADOS FRIOS VISTA PRIVILEGIADA BOATE EXCLUSIVA MAKE UP & SPA SERVIÇO DE GARÇON ESTACIONAMENTO EXCLUSIVO
---------------------	--------------------	--	--

PONTOS DE VENDA:

LUZIANIA: KM TELECOM NEXTEL 3622.2008
MOMBASSA 3601.2015
BAR DO RICARDINHO
CHOPPERIA DOS FORGADO
FARMÁCIA POPULAR (SETOR LESTE)
PANIFICADORA DELÍCIA (J. INGÁ)
VALPARAÍSO: QUIOSQUE NEXTEL 3627-3307 (SHOPPING SUL)
E ACADEMIA PERFORMANCE
CRISTALINA: D GUSTH
OCIDENTAL: FARMÁCIA DO BIGODE
GAMA: CREPE MANIA E COOL CAT
TAGUATINGA: CASA DO COWBOY
BRASÍLIA: LOJAS MORMAII
A+TURISMO - FEIRA DOS IMPORTADOS

DIVIDIMOS EM 3X NO CARTÃO

61. 3622-2008
3627-3307 / 3601-2015

oquevemporai.com

shows de abertura :
Bruno & Leandro
Jorge Henrique
Junior & Marlon

DJ'S
GUSTAVO CARVALHO
PAULO MELLO

PROMOÇÃO:
Clube
105.5 fm

EDUCAÇÃO

Greve atinge 25% das escolas

Primeiro dia de paralisação dos professores incomoda pais e alunos, que reclamam do movimento. Haverá assembleia no dia 20

» LUIZ CALCAGNO
» ROBERTA ABREU

O primeiro dia de greve dos professores da rede pública de ensino atingiu de 20% a 25% das 649 escolas do Distrito Federal, segundo a Secretaria de Educação. No entanto, mesmo sem divulgar dados, o Sindicato dos Professores (Sinpro-DF) acredita que o movimento é o maior dos últimos 10 anos. Ontem, o governo admitiu que os grevistas podem ter os dias descontados, apesar de não anunciar formalmente o corte de ponto. "Se o servidor não está indo ao trabalho, as faltas são computadas", afirmou o secretário de Educação, Denilson Bento da Costa. Segundo ele, o governo insiste no diálogo e, inicialmente, não vai à Justiça contra a paralisação da categoria. Os professores voltam a se reunir em assembleia no próximo dia 20.

O secretário de Administração Pública, Wilmar Lacerda, confirmou estar aberto a conversas. "Temos um encontro marcado com representantes do Sinpro hoje ou amanhã. Queremos mostrar a eles que esse não é o momento para a concessão de reajustes. Não é que o governo não queira, mas está impedido, para não ultrapassar o limite prudencial (Lei de Responsabilidade Fiscal)", afirmou.

O movimento começou com moderada adesão nas escolas públicas. O **Correio** percorreu 11 estabelecimentos de ensino e, apesar da greve, em todos havia profissionais em salas de aula. A reportagem esteve em colégios de Taguatinga, do Guarã e do Plano Piloto. Duas de três escolas classe de Taguatinga funcionaram normalmente, assim como o Centro de Ensino Fundamental da 107 Sul, na Asa Sul. Segundo o secretário de Educação, a pasta recebeu informações sobre uma escola de São Sebastião. "Segundo a denúncia, eles (professores) liberaram os alunos e permaneceram na escola. Se o servidor adere à greve, deve assumir as consequências", disse Bento. O **Correio** não conseguiu contato com o centro de ensino.

No Setor Leste, na 611 Sul, apenas três mestres lecionaram, de português, biologia e matemática. No Centro de Ensino Médio de Taguatinga Norte, o diretor, Wilson de Sousa Filho, orientou os estudantes a comparecerem ao colégio somente nos horários em que tiverem aula. Segundo ele, cerca de 20% dos educadores aderiram à greve no período matutino. "Na greve, cada dia é diferente. Amanhã, o Sinpro pode passar aqui e convencer outros a

Fotos: Gustavo Moreno/CB/D.A Press



No Elefante Branco, na 908 Sul, alguns pais reclamaram que a direção não informou sobre a suspensão das aulas a partir de segunda-feira



Fabiana, com Bruno e Lucas: "Solução sem prejudicar a sociedade"

pararem", disse. Já nas escolas classe nº 16 e nº 27, também em Taguatinga Norte, os diretores não quiseram conversar com a reportagem.

Em Taguatinga Sul, no Centro de Ensino Médio Ave Branca (Cemab), a direção disponibilizou os nomes dos professores que entraram em greve para os alunos se organizarem. Pela manhã, 18 dos 28 docentes cruzaram os braços. A diretora da instituição, Wanda Lúcia de Lima, informou que poucos alunos faltaram no período matutino. "Os professores que dão aula estão pegando os primeiros horários e também juntamos algumas turmas", contou. No Centro Educacional nº 2, no Guarã 2, a

vice-diretora, Quênia Rocha, optou por não adiantar as aulas. "Mantivemos toda a grade, para respeitar a greve. Não vamos beneficiar ninguém."

Negociações

Professora da rede particular de ensino, Jaciara Barbosa, 34 anos, moradora de Águas Claras, teve de voltar com a filha para casa. Elas chegaram ao Elefante Branco, na 908 Sul, na manhã de ontem, e descobriram que as aulas estavam suspensas. Segundo a filha de Jaciara, Bruna Luysa Alves Barbosa, 13 anos, a direção não avisou que as aulas seriam suspensas. "Só não foi viagem perdida porque o

» Reivindicações

O que a categoria quer

- » Revisão do plano de carreira, com isonomia salarial e as carreiras de nível superior do GDF, previsto para janeiro de 2012
- » Implantação do plano de saúde
- » Nomeação dos professores aprovados em concurso
- » Salário justo para os educadores temporários
- » Aumento dos recursos repassados às escolas para investimento em materiais pedagógicos e de infraestrutura;
- » Discutir sobre a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e criar a Lei de Responsabilidade Educacional;

O que o GDF vem fazendo

- » Concedeu reajuste de 13,83% em 2011
- » Contratou 400 professores efetivos
- » Está implantando a gestão democrática nas escolas
- » Aumentou o valor do auxílio-alimentação em 55%
- » Reformou 300 escolas, quase a metade de toda a rede pública
- » Aprovou o pagamento dos professores contratados temporariamente nos moldes dos professores efetivos
- » Oferece curso de licenciatura na UnB para mais de 800 professores que possuem o ensino médio
- » Complemento da licenciatura plena para mais de 540 professores que possuem a licenciatura curta
- » Especialização a 700 professores por meio de parceria com a UnB
- » Formação continuada para 10 mil docentes na Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação

meu filho teve atendimento de educação especializada. Acho que a greve é necessária, mas prejudica a vida dos estudantes", ponderou.

Apesar da greve, a bancária Fabiana Jung Matos, 41 anos, moradora da Asa Norte, seguiu a rotina normal de deixar os filhos, os gêmeos Bruno e Lucas Matos,

10 anos, na escola. Eles estudam no Centro de Ensino Fundamental da 107 Sul. Embora seja solidária ao movimento, ela achou bom que os filhos continuem em aula durante a paralisação. "Sem isso, sei que a categoria não vai conquistar benefícios, que são um direito. Mas a gente que tem filho na rede pública

» Eu acho...



"Eu acho que a greve só prejudica os estudantes. Pelo menos os temporários darão aula. A greve atrapalha muito os alunos. Temos vestibular e PAS e não dá para ficar perdendo aula."

Yonka Johana Coelho, 16 anos, moradora de Santa Maria, estudante do 3º ano do Setor Leste



"Eu acho que o governo deveria cooperar com os professores. Eles não estão pedindo tanto. Não estou gostando da greve. Temos provas, temos conteúdo para estudar."

Victória Lucena Cassimiro, 17 anos, moradora do Lago Sul, estudante do 2º ano do Elefante Branco

também fica preocupado. Acreditado que o sindicato possa buscar uma solução sem prejudicar a sociedade", defendeu.

O presidente do Sinpro, Washington Dourado, espera que haja avanço nas negociações. "Queremos propostas concretas e não pedidos para que tenhamos paciência", disse.

SAÚDE

Agnelo inaugura posto em Brazlândia

» THÁIS PARANHOS

Após nove meses de reforma, o governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz, reinaugurou oficialmente ontem o Centro de Saúde nº 1 de Brazlândia. A unidade ficou fechada entre abril e dezembro de 2011 para reparos

nas partes elétrica, hidráulica e de saneamento. Reabriu as portas para a população no início deste ano. Também foi feita a pintura no prédio. Até hoje, o governo promoveu reformulações em 13 centros de saúde. A recuperação custou R\$ 945 mil aos cofres públicos.

Desde 1981, quando foi inaugurado, o Centro de Saúde nº 1 de Brazlândia nunca havia passado por uma grande intervenção. "A nossa expectativa é ampliar em 30% o atendimento, mas o mais importante é melhorá-lo", defendeu o coordenador-geral de saúde da cidade, Paulo Lisbão. A unidade compreende uma região com 20 mil moradores e atende cerca de 4 mil pessoas por mês. "Além das especialidades básicas, como clínica médica e pediatria, temos o programa de tuberculose e de hebiatria, especializada em adolescentes", explicou.

O governador do DF lembrou que a reforma do centro de saúde beneficiará não só a população de Brazlândia. Segundo ele, mais de 60% dos atendimentos de outras regiões administrativas do DF e do Entorno. "Vamos nos organizar, diminuir as filas e melhorar o atendimento. A marca do governo é cuidar da população. Vamos reforçar a atenção primária de saúde", garantiu Agnelo.

A auxiliar de serviços gerais Aline Dias, 26 anos, mora em Águas Lindas (GO), mas

prefere receber atendimento em Brazlândia. Com um filho de dois meses, sempre que precisa de um médico recorre ao Centro de Saúde nº 1. "Aqui, é muito melhor e, com a reforma, o ambiente está mais agradável, mais limpo. A gente pode esperar pela consulta com mais conforto", afirmou.

Participação popular

Na última sexta-feira, Agnelo assinou um projeto de lei para criar o Sistema de Gestão de Ouvidoria do Distrito Federal

(Sigo/DF). O objetivo é melhorar o atendimento ao cidadão, modernizar a gestão pública e incentivar a participação popular nas atividades do governo. A iniciativa foi apresentada durante a abertura da 1ª Conferência Distrital de Controle Social e Transparência (Consocial-DF) e será enviada à Câmara Legislativa do DF. A ideia é classificar e registrar todas as manifestações recebidas pelo sistema e respondê-las em, no máximo, 40 dias. A população pode entrar em contato com o governo por meio do número 156.

» Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG quadra 02 lote 340, setor gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

» Sepultamentos realizados em 12 de março de 2012

» CAMPO DA ESPERANÇA

Alaide Bezerra Pereira, 83 anos
Celso José Rodrigues, 69 anos
German Lehm Muller, 77 anos
João Ribeiro Guimarães, 59 anos
José Francisco Dias, 81 anos

Luis Gustavo Borges, menos de 1 ano
Marina Pinto de Souza, 94 anos
Rafael das Silva Santos, 22 anos

» TAGUATINGA

Dioclecio Lopes da Silva, 65 anos

Francisco Pereira de Souza, 71 anos
José Rosendo dos Santos Neto, 65 anos
Juan Diego Rodrigues Lira de Oliveira, menos de 1 ano
Moises Gomes de Santana, 83 anos

» GAMA

Antenor Francisco, 75 anos
João de Souza Vaz, 72 anos
João Paulo Braga de Jesus, 31 anos
Maria da Conceição Linhares da Silva, 87 anos

» PLANALTINA

Maria Alves de Toledo, 86 anos
Maycon da Cruz Silva, 17 anos

» SOBRADINHO

Richard Márcio Lima Dias, 17 anos

» JARDIM METROPOLITANO

Mario Lidinon Brito de Castro, 27 anos
Jhonatas Alves Barauna, 18 anos
João Saviniano Andrade Mac Ginity, 83 anos
Yolanda de Andrade, 92 anos

GREVE

Negociações avançam pouco

Em reunião com professores, governo reitera a impossibilidade de reajuste, mas promete estudar a reestruturação do plano de carreira e a implantação de plano de saúde

» ROBERTA ABREU

O impasse entre os professores e o Governo do Distrito Federal continua. Representantes do GDF e do Sindicato dos Professores (Sinpro-DF) se reuniram na noite de ontem e o governo reiterou a impossibilidade de conceder reajustes salariais em 2012, em respeito à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). No entanto, prometeu dar continuidade aos estudos para a reestruturação do plano de carreira, principal reivindicação da categoria, e acenou com a possível implantação de plano de saúde no segundo semestre deste ano. Sem esconder a insatisfação, os educadores afirmaram que a greve continua e se encontram hoje, às 9h, em frente à residência oficial do governador Agnelo Queiroz, em Águas Claras, para uma manifestação. No próximo dia 20, haverá assembleia, na Praça do Buriti, para definir os rumos da greve.

Apesar da paralisação, que começou na segunda-feira, a maioria das 649 escolas do DF continua de portas abertas. Mesmo sem um dado oficial, a Secretaria de Educação acredita que de 30% a 40% dos professores tenham aderido à greve. Na reunião de ontem, estiveram presentes os secretários de Administração Pública, Wilmar Lacerda, de Educação, Denilson Bento da Costa, de Planejamento, Edson Ronaldo Nascimento, e de Fazenda, Marcelo Piancastelli. Em uma carta entregue à categoria, o governo se compromete a dar continuidade ao grupo de trabalho, responsável pelos estudos de reestruturação do plano de carreira, com prazo até 30 de abril para a finalização da nova proposta. Até o 30 de setembro, os impactos financeiros

devem ser analisados, mas não há data para que a proposta saia do papel. O governo prevê também a implantação do plano de saúde a todos os servidores do GDF no segundo semestre de 2012.

“Explicamos aos professores que estamos no limite da Lei de Responsabilidade Fiscal e não temos a possibilidade de oferecer uma proposta salarial no momento. Vamos manter o diálogo e queremos que eles entendam”, afirmou Wilmar Lacerda. O secretário disse saber da importância da categoria e acredita no diálogo para resolver a questão. “A causa deles é justa, mas o Estado tem limites”, reiterou. Segundo ele, a princípio, não serão tomadas medidas contra a greve. “É um direito e vamos respeitar.”

Intransigência

O presidente do Sinpro, Washington Dourado, afirmou que a categoria só vai ceder após o governo apresentar uma proposta concreta. “Foram quatro reuniões nas duas últimas semanas, sem nenhuma proposta. Entendemos que há uma intransigência do governo”, avaliou. Segundo ele, o reajuste pode ser concedido com verba do Fundo Constitucional, no entanto, o secretário de Administração rebate. “São R\$ 9,9 bilhões do fundo para este ano. Desse valor, quase R\$ 9 bilhões são para gasto com pessoal. O restante, menos de 10%, será direcionada para a infraestrutura de hospitais, escolas, etc. Não podemos usá-lo para reajuste salarial. Seria um erro do GDF”, argumentou.

Segundo o presidente do Sinpro, a adesão ao movimento se intensificou ontem. “Temos cerca de 75% de professores em greve. Não vamos recuar”, afirmou

Gustavo Moreno/CB/D.A Press



Insatisfeitos, os professores continuam em greve: hoje haverá manifestação em frente à casa do governador e, no dia 20, será realizada nova assembleia

»» Intenção de economizar

Em 29 de fevereiro, o governo anunciou um pacote de medidas para conter o gasto com pessoal. Entre as providências para ajustar as contas em 2012, estão, principalmente, a suspensão de reajustes salariais, o corte de 2 mil cargos comissionados, a redução de 10% no salário pago aos integrantes do primeiro escalão do Executivo e a suspensão da contratação de servidores. A intenção é economizar R\$ 153 milhões para não ultrapassar o limite prudencial, estabelecido pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). A LRF estabelece que os governos só podem aplicar, na folha de pagamento, até 49% do que arrecadam. No entanto, o limite prudencial, espécie de sinal de alerta, é de 46,55%. No início de 2012, a taxa chegou a 46,1%.

Dourado, apesar do número diferente apresentado pela Secretaria de Educação. Em relação ao possível corte de ponto, ele considera o ato um “autoritarismo”. “A greve é por avanço salarial e os professores estão preparados para esse tipo de enfrentamento. Qualquer retaliação será recebida com maior adesão à greve”, garantiu. Por enquanto, não há novos encontros agendados com representantes do governo.

O secretário de Administração Pública lembrou os investimentos do GDF na educação em

2011 e garantiu que, assim que as contas estiverem em dia, convoca uma reunião para apresentar o plano de reestruturação de carreira. “Vamos manter o diálogo sempre. Queremos o servidor bem remunerado. No ano passado, quando tínhamos a possibilidade, concedemos 13% aos professores. A prioridade do governo é a educação, reformamos escolas, criamos uma gestão democrática. Assim que tivermos as condições fiscais, vamos apresentar a proposta”, garantiu Wilmar Lacerda.

»» Reivindicações

O que a categoria quer

- » Revisão do plano de carreira, com isonomia salarial e as carreiras de nível superior do GDF, previsto para janeiro de 2012
- » Implantação do plano de saúde
- » Nomeação dos professores aprovados em concurso
- » Salário justo para os educadores temporários
- » Aumento dos recursos repassados às escolas para investimento em materiais pedagógicos e de infraestrutura;
- » Discutir sobre a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e criar a Lei de Responsabilidade Educacional;

O que o GDF vem fazendo

- » Concedeu reajuste de 13,83% em 2011
- » Contratou 400 professores efetivos
- » Está implantando a gestão democrática nas escolas
- » Aumentou o valor do auxílio-alimentação em 55%
- » Reformou 300 escolas, quase a metade de toda a rede pública
- » Aprovou o pagamento dos professores contratados temporariamente nos moldes dos professores efetivos
- » Oferece curso de licenciatura na UnB para mais de 800 professores que possuem o ensino médio
- » Complemento da licenciatura plena para mais de 540 professores que possuem a licenciatura curta
- » Especialização a 700 professores por meio de parceria com a UnB
- » Formação continuada para 10 mil docentes na Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação
- » Dará continuidade ao grupo de trabalho, responsável pelos estudos para a reestruturação do plano de carreira, com prazo até 30 de abril para a finalização da nova estrutura;— Até 30 de setembro, o GDF vai analisar os impactos financeiros da implementação do novo plano;— Estuda a implantação do plano de saúde aos servidores do GDF no segundo semestre deste ano

ENSINO SUPERIOR

UnB abre inscrições para vestibular na sexta-feira

» ANA POMPEU

O semestre na Universidade de Brasília mal começou e já foi dada a largada para o próximo processo seletivo. O segundo vestibular de 2012 terá inscrições abertas na próxima sexta-feira. Os candidatos a calouros podem se inscrever pela internet até 9 de abril. Esta edição promete não surpreender os participantes. Como a primeira prova do ano apresentou várias mudanças significativas (veja **Para saber mais**) nos critérios de avaliação, a próxima não terá novidades. A UnB oferece 97 opções de cursos. Os interessados vão concorrer a 4.184 vagas, distribuídas em quatro campi.

A expectativa era de que o curso de fonoaudiologia fosse ofertado pela primeira vez na universidade, no câmpus de Ceilândia. Ele chegou a constar do edital da seleção, com 34 vagas, mas, no fim da tarde de ontem, o Centro de Seleção e de Promoção de Eventos (Cespe), órgão que produz e aplica o teste, informou que a estreia deve ficar para o primeiro vestibular de 2013. “Para que novos cursos estejam na nossa lista, eles têm de ser aprovados pelo Conselho Universitário e isso ainda não ocorreu. Às vezes, os processos administrativos demoram mais do que imaginamos”, explica o coordenador do Cespe, Paulo Portela.

A participação no vestibular poderá ser confirmada no www.cespe.unb.br/vestibular/2vest2012. A taxa de inscrição é de R\$ 100. A adesão para treineiros, que não concorrem às vagas, custa R\$ 75. O pagamento deve ser efetuado até 20 de abril. Quem não tem condições de pagar pode pedir a isenção da taxa no mesmo período determinado

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Felipe de Oliveira (E), Felipe Farias e Fernanda Melo se preparam para encarar as provas da UnB: mais tranquilos

para matrículas. O benefício é concedido a candidatos que fazem parte do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico). A isenção poderá ser solicitada no ato da inscrição.

A relação dos candidatos com pedidos aceitos será divulgada em 12 de abril. Alunos da rede pública do DF, matriculados no terceiro semestre do terceiro segmento da educação de jovens e adultos (EJA), ou equivalente, estão dispensados do pagamento, embora tenham que requisitar o benefício. O candidato que precisar de atendimento especial para realização das provas deve especificar as necessidades e entregar cópia do CPF e do laudo médico. A instituição também separa vagas para o sistema de cotas para negros. O câmpus Darcy Ribeiro

tem 3.474 oportunidades. Dessas, 700 estão reservadas para os cotistas. Nos campi de Ceilândia, Gama e Planaltina, são 149 vagas.

Preparação

Os estudantes têm até o começo de junho para se preparar — as provas estão previstas para os dias 2 e 3. Com a divulgação do edital, os postulantes intensificam os estudos para aproveitar os dois meses e meio que restam até a seleção. Além das aulas do cursinho pré-vestibular pela manhã, Felipe de Oliveira Moura, 17 anos, dedica-se por pelo menos mais quatro horas no período da tarde. “Venho de escola pública, onde o foco não era o vestibular. A gente chegava a se contaminar pela falta de compromisso de colegas e da escola mesmo. Aqui, o esquema é dife-

rente”, explica Felipe. Ele pretende cursar comunicação social.

Mesmo depois de aprovado em matemática na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Felipe Farias, 18 anos, deixou o curso para voltar às salas de aula dos cursinhos e tentar uma vaga na federal de Brasília. “UnB e USP (Universidade de São Paulo) são o sonho de qualquer um. Agora, vou me inscrever em engenharia aeroespacial, então, vale muito o esforço”, argumenta.

Como a prova não terá mudanças nos critérios de avaliação, os estudantes estão mais tranquilos. Para Fernanda Melo, 17 anos, toda prova envolve cansaço mental pela longa duração. “Um vestibular já é uma experiência bem desgastante, mas, seguindo as dicas de ler com calma, duas vezes para entender bem, facilita”, afirma.

»» Para saber mais

As últimas mudanças

A interpretação e a construção de textos em língua portuguesa passaram a ter mais peso na seleção da UnB desde a última edição do vestibular. As mudanças se mantêm para as provas de junho, que terão, no mínimo, quatro questões do tipo D (com respostas discursivas). O candidato será eliminado caso não atinja nota mínima de 20% da pontuação total para as per-

guntas do tipo D. A ideia de valorização da escrita também está presente na redação. Além de eliminatória, ela passou a ser classificatória. Diferentemente de anos anteriores, o candidato pode entrar com recurso quanto à nota da redação. No caso das provas objetivas, os critérios de eliminação são os mesmos, isto é, o candidato terá de atingir nota maior do que zero.

»» Fique atento

2º VESTIBULAR DE 2012

» **Inscrições:** de 16 de março a 9 de abril de 2012 (exclusivamente pelo site www.cespe.unb.br/vestibular/2vest2012). Quem não tiver acesso à internet pode se inscrever, das 8h às 12h e das 13h às 17h, nos seguintes locais: câmpus Darcy Ribeiro, no Instituto Central de Ciências (ICC), ala norte, mezanino; no Núcleo de Práticas Jurídicas da Faculdade de Direito, em Ceilândia; e nos campi do Gama e de Planaltina.

» **Taxas:** R\$ 100 para candidato e R\$ 75 para treineiro

» **Data das provas:** 2 e 3 de junho de 2012

» **Locais de prova:** No DF, em Brasília, Brazlândia, Ceilândia, Gama,

Planaltina, Sobradinho e Taguatinga. Em Goiás, Formosa, Goiânia e Valparaíso. Em Minas Gerais, Uberlândia.

NÚMERO DE VAGAS

» **Plano Piloto:** 3.474 vagas distribuídas em 86 cursos. Do total, 700 são reservadas ao sistema de cotas para negros

» **Planaltina:** 170 vagas distribuídas em quatro cursos. Do total, 34 são reservadas ao sistema de cotas para negros.

» **Ceilândia:** 294 vagas distribuídas em seis cursos. Do total, 59 são reservadas ao sistema de cotas para negros
Gama: 280 vagas para o curso de Engenharia. Do total, 56 são reservadas ao sistema de cotas para negros

ENERGIA ELÉTRICA

Socorro contra os apagões

CEB adquire subestação móvel, que entrará em ação nas regiões afetadas pelas constantes faltas de luz. Mais equipamentos serão adquiridos até junho, de acordo com a estatal, para barrar os transtornos frequentes enfrentados pelos brasilienses

» ANA POMPEU

Os apagões fazem parte da rotina do brasiliense. Para ajudar a combater o problema, um passo foi dado ontem. O Distrito Federal acaba de ganhar uma subestação móvel de fornecimento de energia. Em testes há três meses, o equipamento está fixado em Taguatinga para possibilitar os reparos necessários na unidade instalada na região. Por enquanto, a subestação fica estacionada na cidade para amenizar a sobrecarga de 28% nos horários de pico de consumo. A Companhia Energética de Brasília (CEB) adquiriu o equipamento, produzido em Santa Catarina, por cerca de R\$ 7 milhões, feito sob medida para o DF.

Com capacidade de 20 megawatts, ele poderia atender a uma cidade do tamanho de Brazlândia, ou seja, 16 mil domicílios. A estrutura é montada sobre rodas, pode ser transportada em um caminhão e presta socorro em situações de emergência. Recompõe a energia na região com problema, fazendo com que a população tenha o menor prejuízo possível e possibilitando os reparos na rede fixa.

No último fim de semana, quase 260 mil pessoas ficaram sem luz em Águas Claras, Sobradinho, Park Way, Ceilândia e Guarã 2. Os consumidores já perderam a paciência depois de incontáveis falhas na interrupção de energia, que ocasionam queima de equipamentos e eletrodomésticos, além de outros prejuízos. Enquanto em 2010 832 usuários reclamaram dos serviços da CEB, no ano passado, o número saltou

Pedro Ventura/GDF



Subestação móvel começou a ser testada em Taguatinga, onde a sobrecarga no fornecimento de energia chega a 28% nos horários de pico

para 1.091, o que significa aumento de 31% das queixas. Os dados são da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

Moradora da QNM 38, em Taguatinga Norte, a dona de casa Maria Gelza Alves, 60 anos, teve televisão, computador e impressora queimados no último domingo. "Vou reclamar porque eu não tenho condições de pagar tudo isso de novo", lamenta. De acordo com ela, a energia caiu e voltou várias vezes em poucos minutos, provocando um curto-circuito na televisão. "Deu um clarão e aí saiu

fogo de todos os lados (na TV)", conta. O caso dela não é isolado. Na quadra, outras pessoas relatam problemas a interrupção do fornecimento do serviço.

Licitações

O governo garante que até junho, com a aquisição de novos equipamentos, a população vai começar a sentir a melhora no serviço de fornecimento de energia. O presidente da CEB, Rubem Fonseca, confirma que outros investimentos estão a caminho.

"Teremos mais uma subestação e dois transformadores móveis, além de geradores. Estamos fazendo 89 quilômetros de rede de transmissão. No ano passado, realizamos grandes licitações e em abril, maio e junho, as pessoas vão ver o retorno delas", detalha.

A reforma na subestação de Taguatinga ainda não tem prazo para ser concluída e, portanto, não existe previsão para que a estrutura móvel possa atender outras regiões. "Esse tipo de obra fica pronta em um ano, um ano e meio", diz o presidente da CEB. Ao mesmo

tempo, outras três subestações estão passando por ajustes finais. Durante esse período, funcionários da CEB também recebem treinamento para operar e fazer a manutenção na estrutura.

O governador Agnelo Queiroz conheceu o novo equipamento na manhã de ontem. De acordo com ele, em pouco tempo, O DF estará pronto para receber as demandas que chegam com os grandes eventos previstos. "Temos a Copa das Confederações, em 2013, e Copa do Mundo, em 2014. A empresa de energia tem que ser saudável,

» Abrangência

» A CEB tem 33 subestações distribuídas pelas regiões administrativas do DF.

» O suprimento de energia é realizado, principalmente, por Furnas Centrais Elétricas, por meio das subestações Brasília Sul, Brasília Geral e Samambaia, com capacidades de 900 megawatts, 240 MW e 450 MW, respectivamente, e pelas usinas de Corumbá IV, com 127 MW de potência instalada, e Corumbá III, com 93 MW de potência instalada.

» A extensão das linhas é 915 km.

» Das 31 regiões administrativas do Distrito Federal, cinco são mais afetadas pelos apagões: Taguatinga, Lago Norte, Asa Norte, Águas Claras e Ceilândia.

» Segundo a Aneel, o total de queixas dos consumidores cresceu 31,12% em 2011 em comparação com 2010.

lucrativa, de grande capacidade técnica para assegurar à população estabilidade e dar a segurança energética necessária ao funcionamento dos poderes públicos", diz. Segundo ele, os investimentos pela estatal serão de aproximadamente R\$ 130 milhões e podem aumentar. "Existe um plano em discussão com a Eletrobras para investirmos mais R\$ 107 milhões com a aquisição dessas novas estruturas", ressalta. Em 2010, a CEB teve prejuízo de R\$ 32 milhões. O balanço do ano passado deve ser conhecido nos próximos dias.

Informe Publicitário



Ano I nº 38

INFORMA
Brasília

Rua Tabapuã, 540 - S. Paulo/SP
PABX (11) 3040-9800
FAX (11) 3040-9955
www.ciee.org.br

Informativo Semanal do Centro de Integração Empresa-Escola - CIEE (Entidade filantrópica e de assistência social)

Presidente do Conselho de Administração: Ruy Martins Altenfelder Silva - Presidente Executivo: Luiz Gonzaga Bertelli

ADVOCACIA GERAL ABRE CADASTRO RESERVA

O CIEE está com inscrições abertas para processo seletivo destinado à formação de cadastro reserva para o programa de estágio da Advocacia Geral da União (AGU) em Brasília, assim como em várias cidades de todo o País. Podem participar estudantes a partir do 1º ano do ensino médio; de educação de jovens e adultos/supletivo de nível médio; e a partir do 4º semestre de diversos cursos do ensino superior. A bolsa-auxílio para ensino médio é de R\$ 203 e 290, para

jornada de 4 a 6 horas, respectivamente. Para o ensino superior a bolsa-auxílio é de R\$ 364 e 520 (para jornada de 4 ou 6 horas). Os estagiários também terão direito a auxílio-transporte. O processo seletivo será dividido em duas etapas, composta por provas no CIEE e entrevista com gestores das unidades da AGU. As inscrições podem ser feitas até as 17 horas da próxima quarta-feira (28/3) pelo site www.ciee.org.br, onde consta o edital com mais informações.

STJ RENOVA PARCERIA COM CIEE

O Superior Tribunal de Justiça (STJ) acaba de renovar parceria com o CIEE, após pregão eletrônico realizado neste mês. Assim, os estagiários de vários cursos continuarão a ter a oportunidade de vivenciar, na prática, a realidade do trabalho num alto tribunal. A parceria com o STJ, bem como as mantidas com as demais cortes brasileiras que confiam a administração de seus programas de estágio ao CIEE, é uma

das maiores chancelas à seriedade do trabalho desenvolvido pela organização, que há 48 anos atua em favor da capacitação profissional de jovens. Vale destacar que, além do STJ, todos os outros órgãos superiores do Poder Judiciário contam com estagiários do CIEE: Supremo Tribunal Federal (STF), Tribunal Superior do Trabalho (TST), Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e Superior Tribunal Militar (STM).

SEBRAE-SP CONTRATA APRENDIZES

O recrutamento de jovens de 28 cidades interessados em ingressar no programa de aprendizagem do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (Sebrae-SP) bateu recorde, atraindo seis mil candidatos. O Sebrae-SP é parceiro do Aprendiz Legal, programa oferecido pelo CIEE e pela Fundação Roberto Marinho que auxilia organizações a cumprir a Lei 10.097/2000, contratando jovens entre 14 e 24 anos, com serviços que vão desde o recrutamento de candidatos até a realização de cursos de formação teórica.



Assinatura do convênio CIEE/Sebrae-SP: presidentes Alencar Burti (Sebrae-SP) à esq., Ruy Martins Altenfelder Silva (Conselho de Administração do CIEE) e Luiz Gonzaga Bertelli (Executivo do CIEE), à dir.

Para contato: CIEE Brasília/DF: EQSW 304/504, Lote 02 – Ed. Atrium Sudoeste – Fone: (61) 3701-4800
Site: www.ciee.org.br

EDUCAÇÃO

Elio Rizzo/Esp.CB/D.A Press



Assembleia da categoria foi em frente ao Palácio do Buriti: transtorno no Eixo Monumental na hora do almoço

Professores decidem manter greve

» LUIZ CALCAGNO

A greve dos professores chega ao 17º dia hoje. Ontem, os docentes decidiram, em assembleia, continuar com a paralisação. Hoje, eles prometem fazer mobilizações nas escolas para convencer colegas a aderir ao movimento. Cerca de 5 mil pessoas compareceram à votação em frente ao Palácio do Buriti. Eles pedem equiparação salarial com outros funcionários públicos de nível superior do Distrito Federal. De acordo com o secretário de Educação, Denilson Bento da Costa, se o governo desembolsar o aumento pedido, estará desrespeitando a Lei de Responsabilidade Fiscal, que fixa o limite de gastos com pessoal em 49% da receita corrente líquida.

Por conta da assembleia, motoristas que voltavam para casa no horário do almoço enfrentaram engarrafamento de pelo menos quatro quilômetros. Por volta do meio-dia, assim que a categoria concluiu as votações, os manifestantes invadiram a pista do Eixo Monumental em frente ao Palácio do Buriti e pararam o trânsito no local por 20 minutos. Ao mesmo tempo que gritavam palavras de ordem com os manifestantes, representantes do

Guerra de números

A greve prejudica cerca de 550 mil estudantes. De acordo com um levantamento da Secretaria de Educação, feito na última sexta-feira, 42% dos cerca de 27 mil professores estão parados. O Sinpro, por sua vez, alega que aproximadamente 65% dos profissionais cruzaram os braços. Nenhuma das escolas do DF parou completamente.

Sindicato dos Professores do DF (Sinpro) pediam que o grupo "tivesse calma" e que não invadisse ou depredasse a sede do governo local. Policiais militares e seguranças do órgão fizeram um cordão de isolamento ao redor do prédio.

De acordo com Washington Dourado, diretor do Sinpro, o movimento deve durar até que o governo mude o posicionamento. Além disso, ele disse que o sindicato tenta "de todas as formas, abrir um diálogo com o GDF". "Parte do dinheiro que o GDF recebe do Fundo Constitucional vai para a Secretaria de Educação. Eles podiam muito bem repassar essa quantia para os professores em vez de nos pagar com verba própria", reclamou.

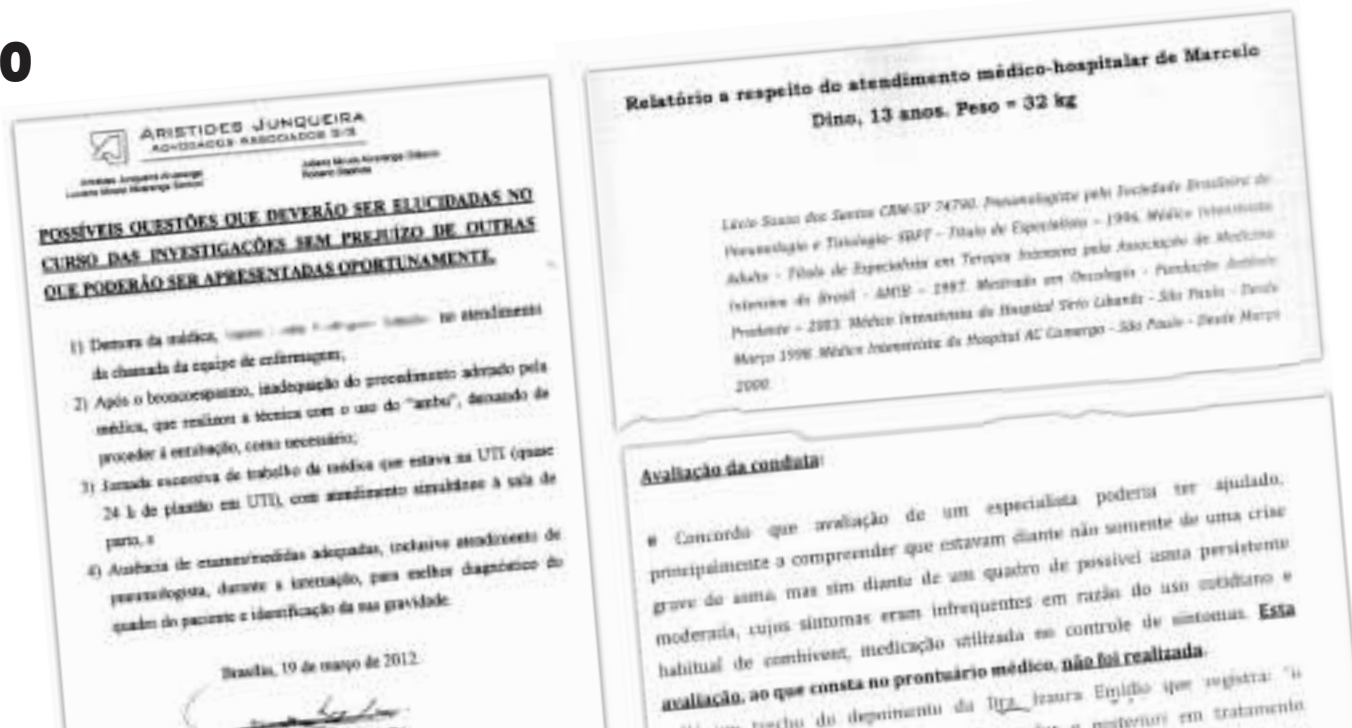
No limite

O secretário de educação, Denilson Bento da Costa, ressalta que o GDF não tem nenhuma possibilidade de reajustar o salário dos professores no momento. Além disso, segundo Denilson, o diálogo continua aberto, e pelo menos 90% das reivindicações da categoria já foram negociadas. "Só podemos falar sobre reajuste quando conseguirmos diminuir os custos de pessoal. Eles (os professores) têm que avaliar até que ponto podemos negociar. Isso já foi dito e documentado", afirmou.

Ainda segundo o chefe da pasta, os docentes receberam reajuste em 2011 de 13,83%, o dobro da inflação e de qualquer reajuste para a categoria em outros estados. "Temos três anos pela frente e estamos cumprindo com tudo que nos propusemos à categoria. Nós, inclusive, chegamos a apresentar uma proposta de reformulação de carreira que foi negada pelo sindicato", disse. "Trabalhamos pelo diálogo, pela negociação, e esperamos que isso aconteça no decorrer dessa semana. Lamentamos pela greve. A falta de aulas prejudica a todos", completou.

CASO MARCELO DINO

Fac-símile do questionário que será apresentado pelos advogados contratados pela família de Marcelo Dino, a fim de identificar a responsabilidade pela morte do menino



Fac-símile de trecho do relatório elaborado pelo pneumologista e intensivista Lúcio Souza dos Santos, com base no prontuário de atendimento do garoto Marcelo Dino, morto em 14 de fevereiro

Especialista vê falhas no socorro

A pedido da família, pneumologista de um hospital de São Paulo analisa o prontuário do garoto. Para ele, atraso na intubação do paciente, que sofria de problemas respiratórios, pode ter sido determinante para o óbito. Parentes ingressaram com recurso no CRM

» KELLY ALMEIDA

A família de Marcelo Dino, morto depois de uma crise de asma, enviou uma petição ao Conselho Regional de Medicina (CRM), para que a entidade apure a conduta dos médicos que atenderam o menino no Hospital Santa Lúcia antes de ele morrer em 14 de fevereiro. O pedido foi feito com base em um relatório elaborado na semana passada, a pedido da família, por um pneumologista e intensivista. O especialista apontou falhas no socorro prestado ao garoto. A Polícia Civil e o hospital, porém, ainda não tiveram acesso ao documento de 13 páginas. Marcelo, filho do presidente do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), Flávio Dino, morreu cerca de 18 horas após receber os primeiros atendimentos.

Em fevereiro, o CRM havia aberto uma sindicância para investigar a atuação dos médicos e as circunstâncias da morte. O pedido enviado na última segunda-feira pelo advogado da família do ex-deputado federal Flávio Dino (PCdoB-MA) reforça a atuação do conselho no caso. O documento entregue ao órgão traz informações do relatório assinado pelo médico Lúcio Souza dos Santos, intensivista do Hospital Sirio-Libanês, em São Paulo, e pneumologista membro da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia (SBPT). Lúcio fez uma análise técnica e avaliou o atendimento de Marcelo baseado em uma cópia do prontuário médico do garoto e na experiência profissional. Na avaliação de Santos, houve um atraso na intubação do paciente, que sofria graves problemas res-

» Entenda o caso

Jovem passou mal na escola

Em 13 de fevereiro, Marcelo Dino teve uma crise asmática no Colégio Marista, na 609 Sul, enquanto praticava atividades esportivas. O garoto recebeu socorro na enfermaria da instituição. A família dele foi acionada e o estudante deu entrada no Hospital Santa Lúcia pouco depois do meio-dia. O garoto foi internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Na manhã do dia seguinte, Marcelo acordou, tomou banho sozinho e encaminhou mensagens de texto para amigos falando que receberia alta e voltaria para casa. Momentos depois, ele se sentiu indisposto e recebeu broncodilatador, medicamento indicado para tratamento de doenças pulmonares. Às 6h, a crise asmática voltou e Marcelo queixou-se de desconforto e dificuldade de respirar. Os médicos tentaram reanimá-lo com medicamentos e massagens, mas o paciente não respondeu. No mesmo dia, o tio de Marcelo, o procurador da República Nicolau Dino, registrou uma ocorrência na 1ª Delegacia de Polícia, na Asa Sul, acusando o hospital de negligência.

Facebook/Reprodução



Marcelo Dino morreu na UTI do Hospital Santa Lúcia, onde estava internado por causa de crise de asma

piratórios. "Considero que o atraso, ainda que de poucos minutos (pelo menos 10 minutos, talvez mais tempo), foi determinante para o óbito", observa o médico.

No relatório, o pneumologista observa que os médicos não detectaram a gravidade da

doença de Marcelo Dino, à época com 13 anos. "Estavam diante não somente de uma crise grave de asma, mas sim diante de um quadro de possível asma persistente moderada, cujos sintomas eram infrequentes em razão do uso cotidiano e

habitual de medicação utilizada no controle de sintomas." Por meio da assessoria de imprensa, o Sirio-Libanês informou que Lúcio atuou de forma independente na elaboração do laudo, que não representa a posição do hospital paulista.

Defesa

De acordo com o médico Cícero Henriques Neto, diretor técnico do Hospital Santa Lúcia, o procedimento adotado pela equipe que socorreu Marcelo Dino foi correto. "A transferência

do paciente para a UTI foi feita de forma imediata. Se os médicos não tivessem detectado a gravidade do caso, ele não teria ido à UTI", explicou. O diretor informou também que Marcelo foi submetido à intubação e ventilação. "Ele só não foi submetido à ventilação mecânica porque não havia expansibilidade pulmonar, mas todos os equipamentos estavam disponíveis", ressaltou. Todos os documentos e procedimentos referentes ao atendimento do garoto, segundo Cícero, foram encaminhados à Polícia Civil.

A família de Marcelo Dino deve encaminhar o relatório à Polícia Civil. O delegado-chefe da 1ª Delegacia de Polícia, Anderson Espindola, informou que ainda não tem conhecimento do conteúdo do documento, mas que, assim que recebê-lo, irá anexá-lo ao inquérito. "Esse documento não vai influenciar a investigação, mas pode ajudar sim. Da mesma forma que os médicos pediram para anexarmos alguns artigos, vamos anexar esse relatório da família. Todas as informações são importantes", afirmou Espindola.

Até agora, pelo menos nove pessoas, entre familiares e funcionários do hospital, foram ouvidas pelos investigadores da 1ª DP, na Asa Sul. A investigação está no Tribunal de Justiça, mas deve voltar para a unidade policial. O delegado pediu mais 60 dias para a conclusão do inquérito, a contar do dia em que o documento voltar para a delegacia. "Ainda não temos nada concreto. Estamos investigando e vamos ouvir pelo menos mais sete pessoas", completou o delegado.

Colaborou Roberta Machado

EDUCAÇÃO

Paralisação continua

» LUCAS TOLENTINO

Os professores decidiram manter a greve por tempo indeterminado. A decisão foi tomada pela maioria das 7 mil pessoas, segundo a Polícia Militar, que participaram da assembleia em frente ao Palácio do Buriti. A categoria avalia que as negociações com o Governo do Distrito Federal não avançaram desde o início da paralisação, dia 12 último.

O Sindicato dos Professores (Sinpro-DF) estima que as escolas mais afetadas são as de Planaltina, Brazlândia e São Sebastião. Os centros educacionais do Guará, do Plano Piloto e do Cruzeiro são os com menor número de adesão ao movimento. Após reunião com a Presidência da Câmara Legislativa, o diretor do Sinpro, Washington Dourado, afirmou que os deputados prometeram intermediar um acordo com o governo. Nova assembleia está marcada para terça-feira na Praça do Buriti.

Francophonie

ROYAL TULIP LUXURY HOTELS

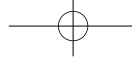
BRASILIA ALVORADA

FESTIVAL GASTRONÔMICO SEMANA DA FRANCOFONIA

17 A 24 DE MARÇO DE 2012 - DAS 19H AS 23H

LOCAL: HOTEL ROYAL TULIP BRASÍLIA ALVORADA - PUB THE OLD BARR

VALOR POR PESSOA: R\$ 58,00 (NÃO INCLUI BEBIDAS)



Política no DF

24 • Cidades • Brasília, terça-feira, 10 de abril de 2012 • CORREIO BRAZILIENSE

SEGURANÇA PÚBLICA / Substituição do comandante da Polícia Militar, que era uma indicação do presidente da Câmara Legislativa, Patrício (PT), deve fazer com que o Executivo encontre dificuldades para aprovar projetos de lei de seu interesse

Troca expõe crise

» LILIAN TAHAN

Patada pelos índices de violência que atingiram patamares inaceitáveis no Distrito Federal, a troca no comando da Polícia Militar expõe, além do problema de segurança pública, uma desavença política. A queda do coronel Sebastião Gouveia repercutirá na relação entre o governo e a Câmara Legislativa. O militar era uma indicação do presidente da Câmara, Patrício (PT). A saída de Gouveia, portanto, confronta a vontade do chefe do Legislativo, que tende a retribuir com má vontade aos interesses do Executivo. Embora uma medida considerada essencial para responder à

escalada da violência e diminuir o desgaste causado pelos índices crescentes de crimes, a substituição no comando da PM foi um movimento calculado politicamente. Ao trocar o líder da PM, Agnelo sabe que terá de contornar problemas com Patrício. Na condição de presidente da Câmara, ele tem o poder de controlar, por exemplo, o que entra ou o que deixa de entrar na pauta da Casa. No ano passado, quando Patrício planejava colocar uma pessoa da confiança dele na Administração do Gama, fez uso de seu poder de escolha. Até conseguir a liberação do governo, ele segurou a pauta por um mês e 15 dias. Emplacou, assim, o cunhado Márcio Palhares no cargo. No início do

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press - 14/12/11



Patrício pode retribuir a troca de comando com má vontade sobre os interesses do Executivo na Câmara

ano, Patrício teve respaldo suficiente para influenciar na substituição do coronel Rosback — pessoa próxima a Agnelo Queiroz (PT), que coordenou a segurança da campanha do então candidato ao GDF — por Sebastião Gouveia, da cota pessoal de Patrício.

Reeleição

O objetivo atual de Patrício é garantir a reeleição na presidência da Câmara. Para tanto, ele necessita do apoio do governador Agnelo e do vice, Tadeu Filippelli (PMDB),

que tem ascendência sobre os distritais. Mas o governo não demonstra simpatia com a recondução do petista no cargo. Avalia que, embora ele seja um colega de partido, age muito por conta própria, tem rompantes de rebeldia, e dá trabalho na rotina de negociação entre o Legislativo e o Executivo.

Para ser reeleito, Patrício precisa antes mudar a Lei Orgânica do Distrito Federal e incluir a possibilidade na legislação. A alteração, no entanto, depende da vontade de, pelo menos, 16 deputados, muito para ignorar a

ajuda governista. Hoje, no entanto, a permanência de Patrício conta mais com a simpatia de opositoristas, como Eliana Pedrosa (PSD) e Celina Leão (PSD), do que com os próprios correligionários do PT.

Entre governistas a avaliação é de que Patrício, em busca de interesses políticos, escolheu o lado corporativo e acabou roendo a corda com o Executivo. Há 56 dias, os militares iniciaram a Operação Tartaruga para pressionar por aumento de salário. A desmobilização do policiamento

» Impasse continua

A reunião entre o comando de greve do Sindicato dos Professores (Sinpro) e o secretário de Administração do DF, Wilmar Lacerda, no início da noite de ontem, terminou sem acordo. Os docentes mantiveram o discurso de só voltar à sala de aula se conseguir a reestruturação da carreira e o reajuste salarial. O secretário, por sua vez, repetiu que os gastos implicariam violação da Lei de Responsabilidade Fiscal, já que o Distrito Federal está no limite de gasto de pessoal. Os professores decidem hoje os rumos da paralisação, que completou um mês. O porta-voz do GDF, Ugo Braga, reforçou o posicionamento do secretário. "É verdade que há superavit e que as contas estão em ordem. Mas também é verdade que, no que se refere às despesas, há um limite que não pode ser ultrapassado. Estamos em um impasse que não é do GDF, mas dos professores", afirmou.

foi combustível para a violência, o que inevitavelmente chamuscou o governo.

Para apagar o incêndio, o governo agiu no sentido de retomar o controle de uma área nevrálgica. Ao nomear o secretário adjunto de Segurança, Suamy Santana, para o comando da PM, Agnelo dá mais poderes ao secretário Sandro Avelar e à chefia da Casa Militar, liderada pelo coronel Leão, um entusiasta do novo comandante da PM. Procurado, Patrício preferiu não comentar a mudança na Polícia Militar.

SAÚDE DA MULHER



Caminhão da Mulher ficará na Estrutural nas próximas três semanas

Unidade móvel amplia acesso a exames

» ROBERTA ABREU

As moradoras da Cidade Estrutural já podem ser atendidas pela equipe de saúde do Caminhão da Mulher. Nele, são oferecidos exames de ultrassonografia, mamografia e papanicolau (de prevenção do câncer de colo de útero). Essa é a terceira região a receber a unidade móvel, que está estacionada desde ontem ao lado do centro de saúde da cidade. Depois de passar pelo Condomínio Pôr do Sol, em Ceilândia, e pela área rural de Planaltina, ela deve permanecer na Estrutural por três semanas. Itapoã é a próxima cidade a receber o atendimento.

Inaugurado no Dia Internacional da Mulher, em 8 de março, o veículo atendeu às moradoras de Ceilândia por duas semanas e realizou 1.176 exames. Para ter acesso à consulta médica, a mulher deve apresentar documentos pessoais, além do comprovante de residência. A mamografia é recomendada a pacientes com mais de 40 anos. Para os outros exames, não há pré-requisitos. No entanto, o papanicolau não é indicado para quem já tenha realizado o exame há menos de um ano.

A costureira Maria Pereira da Silva, 63, é moradora da Estrutural e vai aproveitar a passagem da carreta para fazer os exames

» Fique atento

Atendimento

De segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h. As senhas são distribuídas no início de cada turno. São realizados por dia 40 mamografias, 50 ultrassonografias e 40 exames de papanicolau. Do total de vagas oferecidas, 80% são reservadas às moradoras da cidade onde o caminhão está estacionado.

preventivos. "A vinda do caminhão é muito boa porque é difícil marcar consulta no posto de saúde. Tem sempre muita

gente", comentou. Há três anos sem se submeter ao exame de papanicolau, ela afirmou que vai aproveitar a oportunidade. "Quero fazer tudo o que tiver direito", completou.

O governador Agnelo Queiroz esteve no lançamento do serviço na cidade para verificar as instalações e acompanhar o atendimento à população. Ele considerou o projeto um sucesso. "Tanto em Ceilândia quanto na área rural de Planaltina, a frequência foi maravilhosa. Estamos levando a saúde onde a população precisa, onde o acesso à informação e o deslocamento para as unidades hospitalares são difíceis", disse o governador, durante a visita.

» Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG quadra 02, lote 340, setor gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 9 de abril de 2012

» Campo da Esperança

Adir Soares Nunes, 66 anos
Antônio Inácio de Souza, 87 anos
Deuseni Rodrigues de Souza Barros, 54 anos

Francisco José Gomes, 54 anos
Geraldina Vasconcellos Gobbo, 93 anos
Josias Luiz Sobrinho, 63 anos
Maria Aparecida de Sousa, 65 anos

Maria da Graça Nascimento de Souza, 61 anos
Marival Gualberto Ribeiro, 71 anos
Ramona da Silva Machado, 70 anos
Vicente Ferreira de Barros, 55 anos

» Taguatinga

Antônia Dias da Silva, 83 anos
Caio Vinicius da Silva Lima, 20 anos
Cláudio Pereira da Silva, 38 anos
Francisco de Assis Guedes Braz, 38 anos
Isabel Maria da Cruz Carvalho, 54 anos
Letícia Conceição de Lacerda, 32 anos
Maria Galeno da Silva, 76 anos
Teresinha de Jesus Veloso, 79 anos

» Gama

Alonso Silviano de Paula, 62 anos
Jaqueline Araújo do Nascimento, 16 anos
Lucas Andrade Marques, 17 anos
Maria Francisca Correia, 78 anos

» Planaltina

Ariel Breno Marques, 15 anos

» Brazlândia

Maria Geralda Soares da Silva, 65 anos

» Sobradinho

Antônio Lúcio do Nascimento, 93 anos
Maria Lima da Silva, 68 anos

» Jardim Metropolitano

Daniel Santos Maranhão (sepultado), 24 anos
Antônio Amaro da Silva (sepultado), 76 anos
Maria Dorotea Melo de Araújo (cremação), 73 anos

CARMEN RAMOS DA COSTA

MISSA DE SÉTIMO DIA

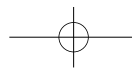
Lincoln Moreira da Costa, marido; Tânia Costa e Roberto Costa, filhos; netos e bisnetos agradecem as manifestações de carinho e solidariedade por ocasião do falecimento de sua querida e saudosa Carmen e comunicam a realização da missa de 7º dia, a ser realizada na **terça-feira, dia 10 de abril de 2012, às 19 horas, na Igreja São Camilo de Lellis (entrequadra 303/304 Sul).**

CORONEL RODRIGO OCTÁVIO CESAR JORDÃO RAMOS



MISSA DE 7º DIA

A TURMA ASPIRANTE MEGA convida seus integrantes, amigos e familiares, para a Missa de 7º Dia do querido **JORDÃO** que será realizada no dia **11 de abril, às 20h30min., na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (QL 06/08 - Lago Sul).**



EDUCAÇÃO / Em assembleia, professores da rede pública decidiram manter a paralisação ao menos até sexta-feira. Depois da reunião, na manhã de ontem, eles ocuparam o Eixo Monumental, causando congestionamento e irritando motoristas

Greve completa um mês

» ROBERTA MACHADO

Os professores da rede pública de ensino decidiram manter a greve da categoria, que hoje completa um mês. A opção de permanecer com braços cruzados foi feita em assembleia realizada na manhã de ontem. Em seguida, os manifestantes tomaram o gramado do Palácio do Buriti e invadiram o Eixo Monumental, fechando as seis faixas da via. O movimento causou um engarrafamento que passou dos 3km e durou mais de duas horas. A greve prossegue ao menos até sexta-feira, quando haverá nova assembleia.

O Sindicato dos Professores do DF (Sinpro-DF) se reuniu com o governo na segunda-feira para negociar o fim do movimento, mas, sem proposta de aumento salarial, a categoria votou pela continuação da greve. "Esperamos que a proposta comece a se materializar, porque até agora tem sido tudo nas intenções", criticou Rosilene Corrêa, diretora do Sinpro. Para pressionar o GDF a retomar as negociações imediatamente, pouco antes das 12h, os cerca de 7 mil professores presentes à assembleia transferiram o protesto para o jardim do Palácio do Buriti e fecharam o Eixo Monumental, sentido Estrada Parque Indústria e Abastecimento (Epia).

Alguns professores chegaram a hastear uma bandeira vermelha com as marcas da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Sinpro no mastro do palácio, ao lado da bandeira nacional. Policiais militares formaram um cinturão em volta do prédio, mas não houve tentativas de invasão.

O trânsito foi redirecionado para a Via S1 (sentido Rodoviária) e para a rua que contorna o Palácio do Buriti. O desvio foi controlado pelo 1º Batalhão de Polícia de Trânsito (BPTTran). O engarrafamento chegou à Rodoviária do Plano Piloto e causou atraso de até 40 minutos para quem tentava ir à Praça do Buriti. "Não acho isso justo. Estou indo ao tribunal, que abre às 12h, e só tenho uma hora de almoço. É complicado", reclamou a analista judiciária Lívia Borges, 32 anos. Muitos dos motoristas só descobriam o motivo do engarrafamento ao chegar ao

Ed Alves/CB/D.A Press



O Eixo Monumental, sentido Epia, foi bloqueado pelos manifestantes no início da tarde de ontem: congestionamento de 3 quilômetros, que durou mais de duas horas

desvio. "São os professores? Isso atrapalha o trabalho, já era para eu estar no Buriti há uns 20 minutos", lamentou o motorista Júnior Eliese Nunes, 30.

Às 14h, a comissão de 10 representantes da categoria retornou da reunião com o GDF. Somente então, o trânsito foi liberado. Os professores foram recebidos pelo secretário de Governo, Paulo Tadeu, pelo secretário de Administração Pública, Wilmar Lacerda, e pela secretária adjunta de Educação, Maria Luíza Fonseca do Valle. O encontro resultou na marcação de uma nova reunião, prevista para hoje, às 10h. Os professores prometem esperar mais uma vez em frente ao Buriti até o fim do debate.

Negociação

No último ano, os docentes da rede pública do DF receberam um aumento do auxílio-alimentação de 55%, além de

um reajuste salarial de 13,83%. Um novo aumento, segundo argumenta o governo, iria contra a lei de Responsabilidade Fiscal, que fixa o limite de gastos com pessoal em 49% da receita corrente líquida. "Os professores do DF também ganham três vezes mais do que o piso nacional da educação. Agora, não é possível ter aumento, porque colocaria o DF na ilegalidade. O apelo que eu faço é que os professores voltem para a legalidade", afirmou, ontem, o governador Agnelo Queiroz.

Desde o início da greve, a categoria pressiona o GDF a usar os R\$ 285 milhões do Fundo Constitucional do DF para cobrir o reajuste salarial. No entanto, o argumento do governo é de que a manobra seria ilegal. O Sinpro-DF calcula que 60% dos 20 mil professores estejam em greve.

Colaborou Mara Puljiz

Oswaldo Reis/Esp. CB/D.A Press



Bandeira do Sinpro foi hasteada no Palácio do Buriti



Agora, não é possível ter aumento, porque colocaria o DF na ilegalidade"

Agnelo Queiroz, governador do DF

R\$ 3,5 MIL

Salário médio dos professores da rede pública do DF

» Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG quadra 02 lote 340, setor gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Facebook/Reprodução



Sepultamentos realizados em 10 de abril de 2012

Campo de Esperança

Fátima Gomes da Silva Pinto, 58 anos

"A alegria era uma característica marcante dela. Fazia amizade e conquistava as pessoas com facilidade, graças à simpatia que tinha", traduziu o cinegrafista Luiz Gonzaga Pinto, 59 anos, o Carequinha, marido da jornalista Fátima Gomes da Silva Pinto, que morreu na madrugada de ontem em decor-

rência de falência múltipla de órgãos. Carioca e filha única, Fátima mudou-se para Brasília aos 10 anos, quando o pai, funcionário do Senado, precisou ser transferido para a capital do país. A jornalista começou a sua longa carreira como repórter na sucursal de *O Globo*, passou pelo *SBT* e terminou os dias na *TV Globo*, como editora do *Jornal da Globo*. Foi lá que conheceu o amor da sua vida, Carequinha, com quem namorou por dois anos e se casou em

1979. Fátima teve dois filhos com o cinegrafista. Um deles, João Paulo, 31, seguiu a carreira dos pais e hoje é jornalista de uma agência internacional. O caçula, Eduardo, 28, formou-se em publicidade. O velório e o enterro de Fátima ocorreu na tarde de ontem no Cemitério Campo da Esperança e foi marcado pela emoção e homenagens de amigos e colegas de trabalho. Além da paixão pela profissão, a jornalista adorava viajar com o marido e os filhos. Duas semanas antes de ser internada no Hospital Santa Helena, em 12 de março, ela e a família se preparavam para mais uma viagem, desta vez para o Japão. Fátima deu entrada na unidade de saúde com um quadro de esofagia e precisou ser levada direto para a UTI. Há poucos dias, o quadro clínico dela piorou, quando teve parada renal, pneumonia e infecção generalizada. "Éramos um casal apaixonado. Agora, somente a presença dos meus filhos me dará forças para continuar a viver sem a presença dela", finalizou Carequinha.

Antônio de Souza Sobrinho, 75 anos
Francisco Paulo Andrade de Souza, 38 anos
João Elias de Araújo, 81 anos
Marcelino da Silva, 82 anos
Maria Pontes Gomes, 64 anos
Nadeja das Mercês Vieira, 76 anos
Vanderlei José de Santana, 50 anos
Wilson de Almeida Lima, 86 anos

» Taguatinga

Antônio Costa da Silva, 73 anos
Deolinda Rosa Soeiro Fonseca, 89 anos
Eufrosina Carlos dos Santos, 73 anos
Fabrício Barbosa Soares, 22 anos
Felisbela Viana Diniz, 65 anos
Maria do Socorro Pinheiro Barros, 70 anos
Peterson Alves de Souza, 34 anos

Raylan da Silva Alves, 17 anos

» Gama

Amauri Rodrigues dos Santos, 21 anos
Antônio Rabêlo Ferreira, 34 anos
João Fernandes de Oliveira, 69 anos
Manoel Anastácio da Silva Filho, 45 anos
Noel Bento da Silva, 78 anos

Planaltina

Aldenir de Sousa Araújo, 72 anos

» Brazlândia

Não houve sepultamento

» Jardim Metropolitano

Sem sepultamentos

» Cremação

Terezinha de Jesus Pereira, 66 anos
Reinaldo Menna de Barros Falcão Boson, 63 anos
Núbia Moreira Barros Mazza, 50 anos

RODRIGO OCTAVIO CESAR JORDÃO RAMOS (Cel. Jordão)

A família agradece as manifestações de carinho, amor e amizade e convida para a **Missa de 7º Dia** a ser celebrada no dia **11/04/2012 (4ª feira), às 20h30min., na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – Lago Sul.**

SAÚDE / Quatro médicos e um enfermeiro do Hospital Regional de Santa Maria denunciam que reforma em tubulação no leito 19 matou 13 pessoas entre julho do ano passado e janeiro deste ano. Secretaria de Saúde abrirá sindicância para investigar o caso

Mortes suspeitas em UTI

» MARA PULJIZ
» BRAITNER MOREIRA

Monique Renne/CB/D.A Press - 11/11/10



Segundo denúncia, a reforma no sistema de tubulação do leito trocou oxigênio por ar comprimido

Pelo menos 13 pacientes que ocuparam o leito 19 da unidade de terapia intensiva (UTI) do Hospital Regional de Santa Maria podem ter morrido por causa de uma troca de tubulação, entre julho do ano passado e janeiro deste ano. A denúncia foi feita por um enfermeiro e quatro médicos da unidade de saúde. "Por causa dessa reforma irresponsável, colocaram ar comprimido no lugar do oxigênio", afirmou Ivan Rodrigues, ex-diretor administrativo do hospital, exonerado ontem. Por meio de assessoria de imprensa, a Secretaria de Saúde informou que as obras, necessárias, foram realizadas com o auxílio de técnicos.

O ex-diretor do hospital de Santa Maria garante ter tentado entregar pessoalmente a um gestor da Secretaria de Saúde os relatórios que confirmavam as 13 mortes. "Responderam me dizendo que não iam receber a documentação porque não tinha valor algum", denunciou. A mudança na estrutura teria começado a ser realizada em 6 de julho do ano passado, mas a

relação entre a reforma e as mortes só foi percebida em janeiro deste ano. No fim daquele mês, o leito acabou bloqueado após a constatação da falha. O quarto segue interditado.

O secretário adjunto de Saúde, Elias Fernando Mizziara, afirmou ter conhecimento de cinco mortes ocorridas no leito. "Solicitamos que a direção do hospital apurasse se as mortes

ocorreram por causa da troca dos gases ou se aqueles já eram pacientes em estado grave. Também queríamos saber se existiam outras pessoas internadas naquele leito. A resposta

Os pacientes começavam a saturar (atingir o nível adequado de oxigênio), mas morriam, sem conseguir estabilização. Só depois que um enfermeiro constatou que a tubulação estava trocada"

Ivan Rodrigues, ex-diretor administrativo do Hospital Regional de Santa Maria

que abrirá sindicância para apurar a administração de Ivan Rodrigues, oficialmente afastado da unidade de saúde por má gestão. O ex-diretor, no entanto, afirma ter sido demitido por retaliação aos relatórios. "Por que ele só veio tornar a denúncia pública três meses depois, coincidentemente quando foi exonerado do cargo?", indagou o secretário adjunto.

Ameaças

O problema foi percebido por um enfermeiro, no início do ano. "Os pacientes começavam a saturar (atingir o nível adequado de oxigênio), mas morriam, sem conseguir estabilização. Só depois que um enfermeiro constatou que a tubulação estava trocada", relatou Rodrigues. Ele deve procurar hoje o Ministério Público do DF e Territórios e uma comissão de direitos humanos para protocolar a denúncia. O ex-diretor da unidade afirma que passou a receber ameaças de morte após a revelação do caso, mas garante estar com a consciência limpa. "Isso poderia ter acontecido com meus filhos, não quero ficar com o peso dessas mortes na minha vida", desabafou.

EDUCAÇÃO

UnB debate punições aos trotes violentos

» THALITA LINS

Daniel Ferreira/CB/D.A Press - 16/3/12



Em 16 de março, 34 estudantes de mecânica tiveram de se ajoelhar em área verde do campus da Asa Norte enquanto os veteranos colocavam bebidas alcoólicas na boca dos calouros

Dois semanas depois de estabelecer as normas de convivência da Universidade de Brasília (UnB), o Conselho Universitário da instituição (Consuni) define hoje a punição aos responsáveis por trotes sujos e pela realização de festas nos Centros Acadêmicos. A reunião, marcada para as 15h, na reitoria, discutirá as possíveis penalidades para quem for flagrado no câmpus. Os possíveis castigos irão desde a suspensão até a expulsão do autor das brincadeiras de mau gosto ou das confraternizações sem autorização da universidade.

Durante a sessão no auditório da reitoria, no câmpus da Asa Norte, estarão presentes o relator do documento, o conselheiro e diretor da Faculdade de Comunicação, David Renault; o reitor da UnB, José Geraldo de Sousa Junior; e a decana de Assuntos Comunitários, Carolina Cássia Batista. No último dia 30, o Consuni se encontrou para votar o texto-base. Dos conselheiros que participaram do evento, 42 votaram a favor das novas normas. Não houve voto contra. Seis alunos que representavam o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UnB se abstiveram.

A resolução, de autoria do professor David Renault, proibiu a realização de trotes considerados violentos e as festas nas áreas do centro acadêmico, entre outras questões (leia quadro). Os conselheiros esperam que, de uma a duas semanas, o documento, assinado pelo reitor da UnB, José Geraldo de Sousa Júnior, seja publicado no site da universidade. Depois disso, as novas normas serão colocadas em prática.

Responsabilidade

No dia em que foi aprovada a lista de regras de convivência, o DCE apresentou um documento contendo propostas de mudanças em relação à original. Entre as considerações, há um item que pede a liberação do trote aos novatos, desde que eles queiram participar do ritual. "Na reunião passada, o relator da mesa de convivência fez uma minuta que, ao nosso ver, tem alguns pontos que precisam ser melhorados. Por isso, apresentamos um parecer adicional a ela. Todos nós nos abstivemos porque não aprovamos

» Memória

Abusos no câmpus

Na segunda quinzena de março, três casos de trote sujo envolvendo estudantes da Universidade de Brasília (UnB) indignaram a população. O primeiro episódio de brincadeiras constrangedoras resultou no coma alcoólico de dois calouros de agronomia e de ciências contábeis. Durante uma espécie de confraternização em um bar na 408 Norte, eles fizeram consumo excessivo de cachaça e acabaram no hospital.

Um dia depois, em 16 de março, 34 estudantes de mecânica ajoelharam-se em uma área verde

ao lado da Faculdade de Tecnologia, enquanto veteranos despejavam vodca e tequila nas bocas dos recém-aprovados no vestibular. O Correio também presenciou intimidações com um equipamento de choque para aqueles que não participassem da recepção.

Seis dias depois, cerca de 40 calouros de ciências contábeis repetiram as cenas de humilhação em um gramado ao lado da Faculdade de Estudos Sociais e Aplicados (FA). Nesse trote, os estudantes passavam por um questionário envolvendo a vida e a orientação sexual de cada um. Eram obrigados a ir para a frente de uma roda, gritar o nome e dizer se eram heterossexuais ou homossexuais, além da posição preferida na cama.

o material, pois alguns pontos não são bons. Principalmente em relação à proibição de qualquer forma de trote", afirmou o coordenador-geral do DCE, o estudante do 7º semestre de direito Octávio Torres, 21 anos.

O relator do documento, o professor David Renault, afirmou ao Correio que não haverá mudanças quanto à proibição dos trotes, mesmo com a apresentação do parecer dos alunos. Segundo o conselheiro, a próxi-

» Novas regras

» É proibido o trote que submete qualquer membro da comunidade acadêmica a ações de tortura, a tratamento ou castigo cruel, desumano e degradante, a constrangimento e a situações de discriminação de qualquer natureza. O trote será combatido com medidas pedagógicas e educativas, sem prejuízo às sanções legais cabíveis.

» As atividades acadêmicas, como aulas teóricas, práticas, experimentais, bem como os espaços físicos destinados a eles, devem ter condições de acesso, sonoridade e de salubridade para o pleno funcionamento das aulas.

» É proibido fumar em qualquer área edificada ou fechada.

» É expressamente proibida a comercialização de bebidas alcoólicas nos espaços acadêmicos, bem como em outras instalações dos câmpus, salvo em casos de prévia autorização.

» Reuniões de confraternização, recepção de ingressantes ou encerramento de semanas acadêmicas não poderão exceder o horário das 22h30. Elas podem se estender até a meia-noite, se autorizado previamente por autoridade competente.

» Toda e qualquer atividade que não faça parte da rotina administrativa e acadêmica deve ser aprovada previamente pela instituição.

» Professores e GDF sem acordo

Representantes do Sindicato dos Professores (Sinpro) e do Governo do Distrito Federal (GDF) se reuniram na noite de ontem para mais uma rodada de negociação — a quarta desta semana. Mais uma vez, os sindicalistas saíram insatisfeitos e a tendência é de manter a greve, que completa hoje 33 dias. "Essa situação é uma vergonha, imoral. Não propuseram nada para este ano", reclamou Washington Dourado, diretor jurídico do Sinpro. O governo apresentou seis propostas, entre elas, a incorporação integral da Titularidade de Dedicção Exclusiva ao Magistério (Tidem) em seis parcelas anuais a partir de 2013; o pagamento da dívida oriunda de acerto de contas de exercícios anteriores, metade em 2013 e metade em 2014; e a divulgação do edital de convocação para contratação de 129 professores e profissionais da educação para suprir as vagas decorrentes de aposentadorias, exonerações e falecimentos desde 1º de janeiro deste ano. O governo só vai se manifestar após a assembleia da categoria, hoje, às 9h, em frente ao Teatro Nacional.

ma reunião foi marcada também para fazer uma possível revisão de alguns destaques apresentados pelos integrantes do DCE, não aceitos pela maioria do corpo do Consuni. "Alguns dos estudantes acreditam que a

punição para quem faz o ritual e as festas nos centros acadêmicos são de responsabilidade individual. Ao meu ver, a punição tanto pode ser do indivíduo quanto do próprio centro acadêmico", esclareceu Renault.

EDUCAÇÃO / Mesmo com a prisão de Marcelo Valle pela Polícia Federal, o site criado por ele para disseminar ideias racistas e preconceituosas foi atualizado com mais mensagens ameaçadoras aos estudantes da Universidade de Brasília

“Célula dormiente será ativada”

» SAULO ARAÚJO

A prisão de Marcelo Valle não significou o fim das ameaças aos estudantes da Universidade de Brasília (UnB). Na tarde de ontem, o site criado pelo jovem brasiliense voltou a ser atualizado com mensagens ameaçadoras. Os textos incitam o extermínio de alunos de ciências sociais. Na página hospedada na Malásia, um radical explica que o ataque previsto para ontem foi abortado devido à presença ostensiva da polícia. “Fomos obrigados a retroceder... principalmente os cursos de antropologia e sociologia estão na nossa mira”, diz o texto.

Um perfil numa rede social lembrou que a Operação Tartaruga da Polícia Militar facilitaria o ataque. “A PM no DF está em greve e comemorando cada morte que ocorre. A célula dormiente será ativada a qualquer momento”, afirma. O **Correio** apurou que a Polícia Federal no Paraná, responsável pela prisão de Marcelo, identificou alguns autores dessas mensagens. A prisão deles deve ocorrer em breve. “Ele (Marcelo) está colaborando nos interrogatórios e já teria, inclusive, fornecido nomes de três ou quatro pessoas que compartilham senhas desses sites e das redes sociais”, explicou o chefe da Regional de Investigação e Combate ao Crime Organizado do Paraná, delegado Wagner Mesquita, responsável pela detenção de Marcelo e o empresário paranaense Emerson Rodrigues, 32 anos.

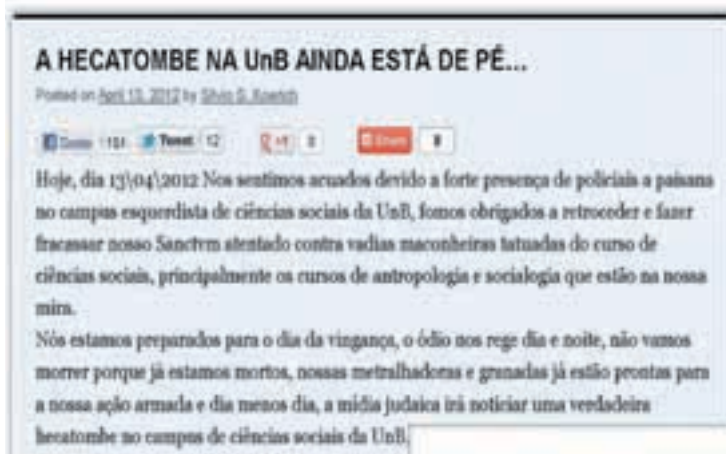
O reitor em exercício da UnB, João Batista de Sousa, apesar de garantir a segurança da comunidade acadêmica, admitiu ter conversado com um investigador da Polícia Federal sobre o clima tenso no câmpus da Asa Norte. “Recebi um delegado para discutir esses boatos que geraram insegurança na UnB, simplesmente porque segurança tem de ser discutida sempre. Mas não há motivos para pânico”, afirmou.

Ele destacou não existir orientação para fechar departamentos e institutos. Pediu ainda

Oswaldo Reis/Esp. CB/D.A. Press



Medo e insegurança: os corredores do Instituto Central de Ciências (ICC), no câmpus da Asa Norte, ficaram esvaziados ontem à tarde



Site criado por Marcelo Valle foi atualizado ontem com mais ameaças

que todos voltassem à rotina. “O professor tem autonomia para não ministrar aulas se avaliar que o ambiente não favorece, mas queremos deixar claro que tudo está sendo feito para garantir a segurança de todos”, destacou João Batista.

“A coisa era séria”

Enquanto a direção da UnB discute estratégias para devolver a tranquilidade à instituição, o medo predomina entre educadores e estudantes. No Instituto de Psicologia, onde as aulas fo-

Janine Moraes/CB/D.A. Press



João de Sousa, reitor em exercício da UnB: “Não há motivos para pânico”

ram suspensas ontem, a sensação era de instabilidade. Segundo a diretora do curso, Gardênia Abbad, a decisão foi tomada com os chefes de departamentos da graduação, do centro acadêmico, além da equipe de segurança do câmpus.

A docente reclamou da falta de interesse em resolver os problemas relacionados a possíveis ataques. “Durante as reuniões com a reitoria, sempre levantamos esse assunto, mas nunca entrou em pauta. Nunca tivemos um posiciona-

» Eu acho...

Oswaldo Reis/Esp. CB/D.A. Press



“O clima é de medo aqui na UnB. Alguns amigos não vieram com receio de acontecer alguma coisa ruim. A universidade está mais vazia do que o normal. Apesar da corrente de mensagens e ameaças, alguns professores não sabiam de nada e deram aula. Com poucos alunos em sala, eles resolveram suspender as aulas.”

Júlia Capdeville, 18 anos, estudante de ciências sociais da UnB

mento claro deles. Iremos analisar a situação junto ao Conselho Universitário (Consuni) para saber que medidas tomaremos na próxima semana”, disse Gardênia.

Vivian dos Santos, 20 anos, aluna de ciências sociais, conta que passou a se preocupar seriamente em janeiro deste ano, quando mensagens de supostos ataques aos estudantes se tornaram frequentes. Ela denunciou as publicações ao Departamento de Ciências Sociais. “Em janeiro, vi no Facebook comentários sobre essas ameaças aos alunos da UnB. Comentei com uma amiga sobre a situação, mas não acreditamos muito. Somente quando o caso chegou ao departamento vimos que a coisa era séria”, lembrou Vivian. No Instituto Central de Ciências (ICC), os corredores ficaram mais vazios que o habitual na tarde ontem.

Greve segue pelo menos até terça-feira

» THAÍS PARANHOS

Estudantes do Distrito Federal ficarão sem aula pelo menos até a próxima terça-feira. Em assembleia realizada na manhã de ontem, no estacionamento do Teatro Nacional, os professores decidiram manter a paralisação, iniciada há 34 dias. Depois da votação, os manifestantes caminharam até o Palácio do Buriti e interderam o Eixo Monumental,

por volta das 12h. Cerca de 4,5 mil pessoas estiveram no local, segundo a Polícia Militar. Representantes do governo se reuniram com os docentes na noite da última quinta-feira e apresentaram uma proposta com seis itens, mas a categoria rejeitou o acordo.

Por meio da assessoria de imprensa, a Secretaria de Administração e Planejamento informou que não há como oferecer reajuste salarial devido à Lei de Res-

ponsabilidade Fiscal, que impede novos gastos com pessoal em 2012. A proposta apresentada pelo GDF prevê a convocação de 129 professores para cobrir a falta de profissionais, além da incorporação da Tidem, gratificação por dedicação exclusiva, em seis etapas anuais, a partir de setembro de 2013. Mas os docentes não aprovaram. “Há pontos no acordo que foram contemplados no ano passado e o GDF não apre-

sentou avanços financeiros nem o plano de saúde”, disse a diretora do Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro), Rosilene Corrêa.

O governo acrescentou que não pretende recorrer à Justiça para pedir a paralisação do movimento e continua a apostar no diálogo para resolver o impasse. Também não há previsão de nova reunião entre representantes do GDF e a categoria. Diferente-

mente de paralisações anteriores, alguns mestres da Escola de Música de Brasília decidiram aderir à greve. Na próxima segunda-feira, eles realizarão uma maratona musical em frente ao Palácio do Buriti. A manifestação terá início às 11h e só deve acabar no dia seguinte, com a realização de outra assembleia. “Vamos fazer 24 horas de música e convidamos artistas e músicos da cidade”, explicou o professor Joaquim França.

» Advertência e mesmo expulsão

Em decisão divulgada ontem, o Conselho Universitário da Universidade de Brasília (UnB) estabeleceu normas de convivência no câmpus e punições, como advertência e expulsão. Ficam proibidos o trote ou qualquer outra forma de violência que submeta o calouro a ações que lhe atinjam a integridade, a tortura, a tratamento ou castigo cruel e a discriminação. Sobre as festas, a regra diz que toda atividade que não faça parte da rotina acadêmica deve ser aprovada previamente e realizada nos espaços condicionados.

» Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG quadra 02 lote 340, setor gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 13 de abril de 2012

» Campo da Esperança

Benedito Raimundo, 70 anos
Francisca Rodrigues Lacerda, 80 anos
Iraci Vitória Oliveira dos Santos, 55 anos
João Pereira Neto, 72 anos

João Rodrigues da Silva, 48 anos
José Idinei Costa, 71 anos
Julio Arão Gomes de Azevedo, 74 anos
Lídio Rodrigues dos Reis, 82 anos

Luiz Francisco de Freitas, 73 anos
Miguel Faria de Carvalho, 56 anos
Nair Cardozo da Cruz, 87 anos
Nilza Dantas da Costa Garcia, 76 anos

» Taguatinga

João Alves de Souza, 88 anos
Marcos Fernandes de França, 26 anos
Matheus Souza Pereira, 20 anos
Miquêse Laurentino da Silva, 33 anos

Odília Augusta Botelho Torres, 69 anos
Renato Bispo Leite, 40 anos
Severina Cipriano de F. Pereira, 90 anos

» Jardim Metropolitano

Sem cremação e sepultamentos

» Gama

Adalberto R. Nascimento, 44 anos
Alice Ribeiro de Souza, 79 anos
Raimundo Nonato A. Pereira, 82 anos

» Planaltina

Valdeque Nunes da Conceição, 55 anos

» Sobradinho

Adriano Bispo de Oliveira, 34 anos
Francisco Soares de Souza, 76 anos

MISSA DE 7º DIA

MARIA DILZA DOS SANTOS CASAS

A Família de Maria Dilza dos Santos Casas, convida parentes e amigos para Missa de 7º Dia, que será celebrada **hoje 14/04/2012, às 18h30min., na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, situada na 906 Sul Lt. 10/11.**

✝ FÁTIMA GOMES

MISSA DE 7º DIA

Carequinha, João Paulo e Dudu agradecem as manifestações de carinho e convidam para Missa de 7º Dia, a ser celebrada **amanhã, 15 de abril de 2012, às 12 horas, na Igreja Nossa Senhora do Lago - QI 03 Lago Norte.**

» HOSPITAL DE SANTA MARIA

MP AVALIA PRONTUÁRIOS

O responsável técnico pela obra no Hospital Regional de Santa Maria (HRSM) e o funcionário da Secretaria de Saúde que recebeu e homologou a reforma da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) número 4 podem ser responsabilizados criminalmente pelas mortes ocorridas no leito 19, caso seja confirmada a ligação dos óbitos com a inversão de tubos de oxigênio e ar comprimido medicinal. De acordo com o promotor de Defesa da Saúde Jairo Bisol, o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios analisará os prontuários das 13 vítimas e deve ouvir na próxima semana as pessoas citadas no depoimento do ex-diretor administrativo do HRSM Ivan Rodrigues. "Se provarmos pelos depoimentos e prontuários o elo causal entre a inversão e o resultado morte, temos dois níveis de responsabilidade: o de quem fez a obra e de quem a recebeu como estava. Precisamos apurar para penalizar os responsáveis." A Polícia Civil também investiga o caso e já pediu a perícia do leito e listou os envolvidos, entre testemunhas e suspeitos. A 33ª Delegacia de Polícia ouviu na sexta-feira cinco pessoas, entre parentes de vítimas e funcionários do hospital. Amanhã, tanto a Polícia quanto o MP devem continuar as investigações.

» TAGUATINGA

MULHER É SEQUESTRADA

Uma comerciante de 51 anos se tornou refém de um sequestro relâmpago no centro de Taguatinga. Ela foi abordada por dois adolescentes, enquanto saía da garagem do prédio onde mora, na CNB 6. Armado, um dos assaltantes entrou pelo lado do passageiro e o outro sentou no banco traseiro. Os criminosos obrigaram a vítima a dirigir e, depois de cerca de uma hora, a deixaram na DF-001, próximo a Brazlândia. A comerciante saiu ilesa. Os assaltantes, no entanto, levaram o Honda Civic que ela dirigia, pertencente ao filho dele. O caso foi registrado na 17ª Delegacia de Polícia (Taguatinga Norte). Até o fim da tarde de ontem, ninguém havia sido preso.

Daniel Ferreira/CB/D.A Press



» SUDOESTE

HOMENAGEM A PIMENTEL

Foi inaugurado, ontem pela manhã, o Residencial Ministro Marcelo Pimentel. O prédio fica no Sudoeste, na SQSW 300, bloco E. Foi a 602ª obra da empresa Paulo Octavio Investimentos Imobiliários a ficar pronta. O evento contou com a presença do homenageado, o advogado, jornalista, ex-ministro do Trabalho, ex-presidente do Tribunal Superior do Trabalho e atual presidente do Conselho Editorial do Correio, Marcelo Pimentel (foto); o vice-presidente executivo do jornal, Evaristo de Oliveira; e o presidente da empresa, Paulo Octavio. "É uma homenagem justa e merecida porque ele (Marcelo Pimentel) contribuiu muito para nossa sociedade brasileira, para o país e, sobretudo, no campo do direito trabalhista, exercendo cargos de grande importância, além de ser um pioneiro na cidade", afirmou Evaristo. "Agradeço a generosidade. É uma grande homenagem. Nesses quase 70 anos de serviços prestados ao país, já inaugurei várias placas. Mas aqui é diferente. Estou sendo perpetuado em uma obra magnífica", disse o homenageado.

» TRÂNSITO

JOVEM MORRE NA DF-280

No início da tarde de ontem, dois acidentes graves aconteceram no Km 7 da DF-280. O primeiro envolveu dois carros, por voltas das 12h. Fernando Moreira Lima, 15 anos, morreu na hora. Outras duas pessoas ficaram feridas e foram encaminhadas para o Hospital de Base. Poucos metros à frente, um Fiat Palio e um caminhão colidiram. Às 12h15, o motorista do veículo maior perdeu o controle da direção e invadiu a pista contrária. Ele bateu de frente no carro conduzido por Maria da Silva. Além dela, outros três passageiros estavam no automóvel. As vítimas foram encaminhadas para o Hospital Regional de Ceilândia com escoriações leves.

GREVE

Professores fazem protesto em mostra

Parados há 34 dias, os docentes invadiram a abertura da 1ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura

» FELIPE MORAES

A abertura da 1ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura, na Esplanada dos Ministérios, começou tensa e barulhenta, com protestos do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF) — a categoria está em greve há 34 dias. A cerimônia de entrega do Prêmio Brasília de Literatura, prevista para começar às 9h, teve cerca de uma hora de atraso por conta da concentração de manifestantes no acesso principal do espaço da Bienal. A entrada dos professores — de 350 a 400 pessoas, segundo a direção do sindicato —, foi liberada por volta das 10h. Com faixas, bandeiras e apitos, os grevistas lotaram o auditório Nelson Rodrigues, escolhido para abrigar o evento. Acampados perto do Palácio do Buriti, eles continuam paralisados pelo menos até terça-feira, quando haverá nova assembleia. Entre as medidas exigidas pela categoria, está a equiparação salarial com outras carreiras de nível superior.

Os professores não deram tréguas e bradaram gritos de protesto contra o Governo do Distrito Federal durante a cerimônia. Só interromperam a revolta quando Wole Soyinka, nigeriano vencedor do Prêmio Nobel de Literatura



(1986) e um dos homenageados da Bienal ao lado de Ziraldo, teve sua vez ao microfone. "Acabei de chegar da Nigéria, onde participei de um festival literário de sete dias, mas estou impressionado com a animação deste aqui. Nunca pensei que livros pudessem provocar tanta alegria e militância", disse, ovacionado pela plateia, composta tanto de convidados e visitantes quanto de grevistas, a maioria deles em pé, ocupando os corredores.

Thais Romanelli, membro da direção do Sinpro, disse que a Bienal serviu de local estratégico para o movimento dos professores. "Esse lugar é um emblema da nossa revolta, pois trata da leitura, uma questão fundamental para nós. Isso (a Bienal) está sendo feito sem que os professores estejam em sala de aula. Estamos

Bruno Peres/CB/D.A Press



Os docentes lotaram o auditório onde foi realizada a abertura do evento

aqui para dizer que o governo não tem competência com a educação", comentou.

Mesmo em meio aos ruídos do público, o cerimonial seguiu adiante, com o protocolo de discursos de Nilson Rodrigues, coordenador geral da Bienal, e Galeno Amorim, presidente da Fundação Biblioteca Nacional. Após a cerimônia, por volta das 10h45, alguns manifestantes continuaram

protestando. Dezenas de professores seguiram Soyinka e Pereira, que, acompanhados de seguranças, fizeram um passeio pelos espaços da Bienal. Os dois, em carro oficial, deixaram a Esplanada às 11h15. A Bienal Brasil continua até o dia 23, com programação diária das 9h às 22h.

» Leia mais sobre a Bienal do Livro na página 40

HABITAÇÃO

Setor Tororó recebe licença de instalação

» LUIZ CALCAGNO

O governador Agnelo Queiroz entregou, ontem, a licença de instalação do Setor Habitacional Tororó, que fica às margens da DF-140, próximo à Complexo Penitenciário da Papuda. A documentação é o primeiro passo para a regularização de 11 condomínios da região. O Governo do Distrito Federal garantiu que o setor, de classe média e baixa densidade populacional (são 6 mil moradores em um local com capacidade para 40 mil), será exemplo de sustentabilidade e respeito ao meio ambiente. No ato, Agnelo prometeu ainda um parque ecológico para o conjunto, com 127 hectares. Moradores tentam retirar os documentos há cerca de 18 anos.

Em conversa com a imprensa, o governador disse ainda que continuará a regularizar condomínios no DF. Segundo ele, essa será a forma de o GDF acabar com as invasões. "Para combater,

fazemos três ações simultâneas: regularizar o que é passível; impedir parcelamentos e invasões; e executar um programa habitacional para atender 100 mil moradores em quatro anos, até o fim do governo", explicou. O governador criticou a ocupação desordenada do solo de governos anteriores. "A ilegalidade não acontecia por acaso. É um fator de estímulo porque assim não se têm limites e regras, e continua a prática de ocupação desordenada. Era intencional", disse.

Paranoazinho será o próximo condomínio a ser legalizado. Parte dos trabalhos cabem à Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e ao Instituto Brasília Ambiental (Ibram). Agnelo garantiu que iniciará a entrega de escrituras a moradores da Cidade Estrutural até a metade do ano, e lembrou que já avançou no processo de legalização do Por do Sol, em Ceilândia. "Nossa política de regularização é definitiva e dará estabilidade a

Iano Andrade/CB/D.A Press



Agnelo cumprimenta morador: primeiro passo para regularização

um grande número de moradores do DF." O secretário de Meio Ambiente, Eduardo Brandão, disse que a região, que ainda tem muitas áreas a serem ocupadas, será um eixo de desenvolvimento do DF. "Atacam o governo porque estamos nos movimentando", afirmou.

No segundo compromisso do dia, o governador inaugurou 400 metros de asfalto na Marginal da

Estrada Parque Núcleo bandeirante (EPNB), em frente ao bairro Placa das Mercedes, e participou de um almoço de confraternização da Associação Comercial dos Empresários. "Com esse asfalto, quase imperceptível, ainda mais entre crianças-passarinhos, que andam como se estivessem voando e tratam tudo — pedrinhas, sinal, cachorro, buraco, árvore, casa, carro — como uma novidade no viver. Plac-plac-plac, os três meninos seguem o homem e a bicicleta. Ele nunca olha para trás, os garotos não lhe dizem nada. Mas ninguém duvida de que ali há alguém que cuida e três garotinhos que se sentem cuidados. Plac-plac-plac.



Crônica da Cidade

por **Conceição Freitas** >> conceicao@df.dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Huginho, Zezinho e Luizinho

Sete e pouco da manhã, o sol já está despudorado. No semáforo de uma muito movimentada faixa de pedestre, um homem obedece ao sinal vermelho. Conduz uma bicicleta a seu lado. Atrás dele, três garotinhos (teriam 5, 6 e 7

anos?) também esperam o sinal abrir. Têm a pele morena, de um tom bem brasileiro. Os cabelinhos estão cortados à máquina 4. Não há topetes, enfeites, modas. Vestem bermuda, camiseta e casaco de frio. Alguém cuidou de protegê-los da friagem. Talvez tenham saído de casa muito cedo, antes do dia claro. Usam tênis e meia. Cada um leva a sua mochila, diferente uma da outra, como distintas são as estampas das roupas e os calçados. O que têm em comum é a cor da pele, o cabelinho tosado e as claras evidências de que alguém cuida deles — e com esmero.

No sinal verde, o homem atravessa a pista, a passos seguros, sempre condu-

zindo a bicicleta do lado esquerdo. Está de camiseta, jeans e chinelo de borracha. Os três garotinhos seguem atrás dele. O homem nunca olha para trás e os pequerruchos não o convocam. Seguem-no intercalando pequenas corridas, com saltinhos de criança (plac-plac-plac, gritam os tênis) e devaneios infantis.

Enquanto o homem e a bicicleta seguem com a firmeza de uma marcha militar, sempre adiante, sempre adiante, sem olhar para os lados, sem se importar com o ao redor, as crianças dão meia volta em torno do próprio corpo, observam os carros, tentam chamar um cachorro vagabundo. Mas sempre seguindo o homem e a bicicleta. Não re-

clamam, não chamam por aquele que os conduz, não pronunciam uma palavra, nem mesmo uma interjeição. Parecem obedecer a uma lei tácita de silêncio a caminho da escola.

Se o homem e a bicicleta parecem obedecer a uma lei marcial, os garotos seguem-no desalinhadamente. Um mais à frente, outro um pouco mais atrás, e o terceiro, o maiorzinho, por último. Mais saltinhos (plac-plac-plac) para conseguir acompanhar o ritmo forte e regular de quem os conduz. O homem nunca se vira para trás. Não precisa. Ele tem certeza de que Huginho, Zezinho e Luizinho o seguem.

A certa altura, o maiorzinho aumenta

SERVIÇO PÚBLICO / Reunião entre os professores e o GDF acaba sem um acordo. Executivo promete apresentar proposta hoje

Greve no ensino dura 38 dias

» MARA PULJIZ

Os alunos da rede pública de ensino enfrentam hoje o 38º dia sem aulas. Em assembleia realizada na manhã de ontem, os docentes decidiram manter a paralisação. À tarde, a diretoria do Sindicato dos Professores (Sinpro) esteve no Palácio do Buriti para uma nova tentativa de negociação. Em conversa de duas horas com os secretários de Governo, Paulo Tadeu; de Administração, Wilmar Lacerda; e de Educação, Denilson Bento da Costa, eles discutiram soluções para pôr fim à greve. Uma nova proposta do GDF deverá ser apresentada hoje, até as 12h.

A reunião terminou no fim da tarde. O governo voltou a dizer que não haverá reajuste de salário para nenhuma categoria neste momento, em função do limite de gastos com pessoal estabelecido pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). Entretanto, o Executivo promete estudar formas de ganhos para os professores que não representem impacto negativo nas contas do GDF. "Não entraram em detalhes de quais seriam esses ganhos, mas estamos aguardando a retomada das negociações para apresentar as propostas aos professores na assembleia de quinta-feira (amanhã)", disse Washington Dourado, diretor jurídico do Sinpro.

Transtorno

Entre as propostas feitas na semana passada pelo GDF e recusadas pela categoria estão a incorporação integral da gratificação denominada Tidem em seis etapas anuais, a partir do terceiro quadrimestre de 2013, e a quitação escalonada, em 2013 e 2014, da dívida oriunda de acerto de contas de exercícios anteriores.

Durante assembleia realizada ontem em frente ao Palácio do Buriti, cerca de 10 mil professores deram as mãos em volta do prédio e ocuparam três das seis faixas do Eixo Monumental, sentido Rodoviária do Plano Piloto/Estrada Parque Indústrias e Abastecimento (Epia). Mais uma vez, o trânsito ficou complicado por volta de 12h e foi controlado pelo 1º Batalhão de Trânsito da Polícia Militar. Após as 13h, o tráfego começou a fluir normalmente, com a liberação total da pista.

Janine Moraes/CB/D.A Press



Após assembleia, os professores fizeram um ato público em frente ao Palácio do Buriti: mais uma vez, o trânsito ficou parado na hora do almoço no Eixo Monumental

Metrô pode parar de novo

Janine Moraes/CB/D.A Press - 23/3/12

Três meses após o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) do Distrito Federal determinar o fim da paralisação de 37 dias dos metroviários, a categoria ameaça cruzar os braços novamente. Se for aprovada a greve durante assembleia a ser realizada hoje, às 20h, na Estação Águas Claras, a partir das 6h de amanhã, a população voltará a ter dificuldade em utilizar o metrô, principalmente em horários de pico. Caso o movimento seja deflagrado, apenas 30% dos trens vão circular.

Antes da assembleia, às 16h30, a categoria tem reunião marcada com a direção do Metrô e o secretário de Administração Pública, Wilmar Lacerda. Os servidores pedem o fim dos contratos com os terceirizados, a redução da jornada dos empregados, mais trens rodando em horário de pico e funcionários trabalhando nas estações e na segurança, entre outros itens. "Se nenhuma das reivindicações for atendida, a greve estará deflagrada. Mas se houver alguma proposta, nós vamos ponderar e levar para a assembleia", adiantou o diretor conselheiro do SindMetrô/DF, Leandro Santos.



Metroviários decidem hoje se paralisam o sistema de transporte

Encontro

Ontem, os sindicalistas se reuniram para discutir o assunto. "Estamos vivendo um

momento crítico do transporte público no DF e é importante que o governo faça mudanças no sistema para que os usuários não sofram e nem corram

o risco de terem suas passagens aumentadas", disse Leandro Santos. Ele destacou ainda que a categoria cobra melhorias no serviço prestado. "Precisamos de mais trens e do aumento do número de funcionários, pois a demanda aumentou e atualmente o quadro de trabalhadores não é satisfatório", completou.

A assessoria de imprensa da Secretaria de Administração Pública do DF confirmou a reunião com a categoria para hoje e adiantou que o GDF se comprometeu a estudar o acordo coletivo, que venceu. O órgão ressaltou, porém, que, neste momento, a situação financeira do governo mudou, com as contas no limite da Lei de Responsabilidade Fiscal. Sobre a realização de concurso público para a contratação de servidores para o Metrô, a assessoria destacou que, em 29 de fevereiro deste ano, foi publicado um decreto que suspende as seleções para este ano e, portanto, no momento, não haveria como fazer novas contratações. (MP)

» Memória

Suspeita de sabotagem

Em fevereiro deste ano, a 23ª Delegacia de Polícia (P Sul) instaurou inquérito para apurar denúncias de sabotagem no sistema do Metrô. A suspeita recaiu sobre alguns trabalhadores. Funcionários teriam instalado cabos de internet em duas tomadas da sala de descanso dos servidores com a intenção de provocar constantes falhas na circulação dos trens em horário de pico. A troca teria causado sobrecarga no sistema.

Segundo o delegado chefe-adjunto da 23ª DP Rafael Bernardino, a perícia comprovou que as falhas podem ter sido causadas por alguém interessado em provocar a inoperância do sistema. "Estamos tentando identificar os autores, que devem responder pelo crime de atentado contra a segurança de meio de transporte", destacou o delegado. A pena é de dois anos de detenção. Até agora, 55 pessoas foram ouvidas e a polícia ainda analisa as imagens dos servidores que estiveram na sala onde foi identificada a sabotagem. (MP)

» Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG quadra 02 lote 340, setor gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 17 de abril de 2012

Eduardo Santa Maria, 80 anos

O jornalismo brasileiro ficou mais pobre. Depois de uma luta de mais de 10 anos contra o mal de Alzheimer, morreu ontem, aos 80 anos, o jornalista Eduardo Santa Maria. Com uma carreira brilhante, participou intensamente da fundação do *Correio Braziliense*. Ele se mudou do Rio de Janeiro para Brasília em 1959, com a equipe responsável por lançar o maior jornal diário da capital do país.

Desses tempos, por sinal, Santa Maria fazia questão de contar histórias envolvendo o então presidente Juscelino Kubitschek, que, depois de dar expediente no Palácio do

Planalto, passava pela Redação para acompanhar o fechamento das edições, sem, no entanto, fazer qualquer tipo de censura às notícias. Depois, acompanhava a tropa de jornalistas pela noite de uma Brasília ainda em construção.

Santa Maria participou de coberturas históricas, como a deposição do ditador de Cuba Fulgêncio Batista e a ascensão ao poder de Fidel Castro. Entrevistou John Kennedy assim que ele tomou posse como presidente dos Estados Unidos. Santa Maria passou ainda pelos jornais *Última Hora*, *Jornal do Brasil* e *O Dia*. Deixou a viúva Elza, os filhos Eduardo e Paula e cinco netos. Santa Maria foi sepultado no Cemitério de Charitas, em Niterói.

» Campo da Esperança

Carlos Alberto Oliveira, 65 anos
Izaías de Souza, 49 anos
João da Silva, 65 anos
Maria do C. Rondelli da Costa, 87 anos

» Taguatinga

Ana Cristina F. de Vasconcelos, 46 anos

» Gama

José Domingos Filho, 63 anos

» Planaltina

Jaira Avelino Martins, 71 anos
José Sousa Soares, 65 anos

» Brazlândia

Antônia Maria R. de Camargo, 83 anos
Regina Célia da Silva, 52 anos

» Sobradinho

Hylde de Freitas Santos, 74 anos

» Lorigan P. do Nascimento,

45 anos
Wellington dos S. Gonçalves, 18 anos

» Jardim Metropolitano

Deyvid de Almeida Sousa, 19 anos (sepultamento)
Jaci Santana Silva, 66 anos (sepultamento)

» Cremação

Desamparados Bovi Ponce, 71 anos

NOTA DE FALECIMENTO

ADELINA NARDELLI

★ 1928 † 2012

Filhos, netos, genros e noras cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento da nossa querida **Adelina** e convidar para o velório hoje, **18 de abril de 2012, das 9h às 12h, na capela 6, do Cemitério Campo da Esperança.**

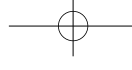


GILCA MARIA RODRIGUES

★ 19/05/1941 † 17/04/2012

NOTA DE FALECIMENTO

Ricardo Alexandre, Sarah, Gilson, Gilda e família com pesar comunicam o falecimento de Gilca Maria Rodrigues, ocorrido ontem; e convidam para o seu sepultamento na **Capela número 1, no cemitério Campo da Esperança, em Brasília, hoje, 18 de abril de 2012, de 09 horas às 11 horas.**



Política no DF

24 • Cidades • Brasília, sexta-feira, 20 de abril de 2012 • CORREIO BRAZILIENSE

SERVIÇO PÚBLICO / Metroviários prometem manter o sistema funcionando normalmente nesta sexta-feira enquanto continuam negociando com o GDF. Ontem, muitos passageiros enfrentaram transtorno para utilizar os trens, principalmente no começo da manhã

Greve no metrô suspensa hoje

» SHEILA OLIVEIRA
» ARTHUR PAGANINI

Menos de 24 horas após deflagrarem greve por tempo indeterminado, os metroviários decidiram, após reunião com representantes do governo, pela suspensão da paralisação por um dia. A categoria promete manter o sistema funcionando normalmente hoje, enquanto continua as negociações com o Executivo. Ontem, a direção do Metrô entrou com uma ação na Justiça do Trabalho pedindo que o movimento seja considerado ilegal e que o número de trens em circulação passe para 70% do total. A frota é composta atualmente por 24 veículos.

O acordo para a suspensão temporária da greve levou em conta a proposta apresentada pelo governo de reduzir a jornada de trabalho dos metroviários de oito para seis horas. Além disso, o sindicato da categoria (SindMetrô) tenta convencer o GDF a pôr fim à terceirização da bilhetagem e pede a contratação de mais funcionários para a manutenção do sistema. Está prevista para hoje, às 20h, na Estação Águas Claras, uma assembleia dos trabalhadores. Caso a paralisação continue, quem quiser participar da festa do aniversário de Brasília amanhã na Esplanada, pode encontrar dificuldades. No começo do ano, os servidores ficaram 37 dias de braços cruzados e alguns são suspeitos de sabotagem no sistema de transporte. A 23ª Delegacia de Polícia (P Sul) investiga o caso.

Quem depende do Metrô enfrentou ontem longa espera e tumulto nas estações. Pela manhã, na Praça do Relógio, em Taguatinga Centro, teve empurra-empurra e choro de alguns passageiros inconformados com mais uma greve da categoria. O dia começou com apenas sete trens em circulação. "Acho um absurdo. Isso demonstra a total falta

Elio Rizzo/Esp.CB/D.A Press



Passageiros enfrentaram longa espera em algumas estações no começo da manhã. Muitos foram pegos de surpresa pela paralisação dos servidores

Elio Rizzo/Esp.CB/D.A Press



Daniela de Oliveira: "Isso (greve) é falta de respeito com a população"

de respeito com a população do DF", disse a servidora pública Daniela de Oliveira, 33 anos.

Muitos passageiros foram pegos de surpresa com a paralisação, deflagrada na noite de quarta-feira pelos metroviários. Na entrada de algumas estações, eles

eram avisados pelos funcionários do Metrô sobre a greve e o tempo de espera dos veículos que, segundo os metroviários, era de 30 minutos. A notícia fez com que muitos desistissem de aguardar o trem e optassem pelos ônibus. "Eles (funcionários) falam que os

Carlos Moura/Esp.CB/D.A Press



Estação da Rodoviária à noite: situação tranquila apenas após as 19h

trens estão demorando para que o povo utilize somente os ônibus e, assim, alegar que a greve está funcionando. Na verdade, está um pouco mais cheio do que o normal, mas não paralisou a cidade", acredita a costureira Jaquane Pereira, 29 anos.

Estratégias

Por volta das 10h, a direção do Metrô-DF anunciou a circulação de mais trens com o intuito de diminuir o tempo de espera dos passageiros nas estações. Segundo o presidente em

exercício da Companhia do Metrô, Nilson Martorelli, os veículos eram pilotados pelos gerentes das estações. "Temos que pensar na população que precisa ir ao trabalho. Essa situação causa muito transtorno e deixa os passageiros estressados. Temos que tentar minimizar esses problemas", explicou.

O SindMetrô questionou a legalidade da medida. De acordo com o secretário de Relações Intersindicais do Sindmetrô, Luciano Costa, o fato de os gerentes pilotarem os trens implica no descumprimento de acordo coletivo da categoria. O Transporte Urbano do Distrito Federal (DFTrans) informou que, em função do movimento, pediu que as empresas de ônibus aumentassem em 150 o total de ônibus em circulação nas linhas atendidas pelo Metrô.

O reflexo da greve pôde ser percebido no trânsito. As principais vias que davam acesso ao Plano Piloto ficaram bastante congestionadas. O bancário Daniel Braga, 35 anos, morador de Águas Claras, acostumado a deixar o carro em casa para seguir de metrô até o trabalho e fugir dos engarrafamentos, mudou de ideia ao se deparar com a lotação dos trens pela manhã. "Acho que com essa greve o jeito é ir de carro", lamentou.

Durante a noite, na volta para casa, os usuários do Metrô também encontraram filas. Na estação da Rodoviária do Plano Piloto, por exemplo, somente por volta das 19h o movimento voltou ao normal. O administrador de empresas Waldemir Martins, morador de Águas Claras, esperou um pouco para não enfrentar filas. "De manhã, esperei por 40 minutos para vir ao centro e, agora, decidi esperar um pouco mais para não ter dificuldade para entrar no metrô", ressaltou.

Professores rejeitam nova proposta

» MARA PULJIZ
» THAIS PARANHOS

Sem acordo com o Governo do Distrito Federal (GDF), os professores decidiram estender a greve pelo menos até a próxima terça-feira. Em assembleia na manhã de ontem, a categoria voltou a rejeitar as propostas do Executivo. Amanhã, durante as comemorações do aniversário de Brasília, os docentes prometem fazer mais um protesto. A concentração será às 9h no Teatro Nacional. O Ministério Público do DF e Territórios (MPDFT), por sua vez, ingressou na Justiça com pedido de ilegalidade e abusividade da paralisação, que hoje completa 40 dias.

Em reunião na última quarta-feira com o secretário de Administração Pública, Wilmar Lacerda, os professores consideraram insuficiente a proposta feita pelo governo, que incluiu o pagamento de auxílio-saúde de R\$ 110, a partir de julho deste

Janine Moraes/CB/D.A Press



Após assembleia, docentes fizeram ato público em frente ao Buriti

ano (veja quadro). "Infelizmente, o momento e a realidade financeira e orçamentária por que passa este governo, aliados aos limites impostos pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), nos impedem de avançar como gostaríamos no atendimento

das reivindicações", informou a Secretária de Administração do DF, em nota.

Bandeiraço

Hoje, às 8h, está previsto um bandeiraço na Residência Oficial



Tempo que dura a greve dos professores da rede pública de ensino do Distrito Federal

do governador, em Águas Claras. Como de costume, a manifestação de ontem provocou reflexos no trânsito da região central da cidade e teve o apoio da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Os professores fecharam as seis faixas do Eixo Monumental em

frente ao Palácio do Buriti e o tráfego precisou ser desviado. O engarrafamento chegou à Rodoviária do Plano Piloto. A pista só foi liberada depois das 12h.

Além de professores e metroviários, outras categorias ameaçam cruzar os braços. A CUT planeja uma reunião na próxima terça-feira para discutir uma possível greve geral dos servidores locais. Ontem, os agentes de atividades penitenciárias iniciaram uma paralisação de 24 horas. Eles querem reajuste e melhores condições de trabalho.

Para o MP, a greve dos professores deve ser questionada na Justiça porque a categoria não estaria mantendo o percentual mínimo de docentes nas escolas. A ação proposta pela Promotoria de Defesa da Educação (Proeduc) prevê multa diária de R\$ 50 mil ao Sindicato dos Professores do DF (Sinpro), caso a paralisação seja mantida.

Colaborou Lucas Tolentino

» Sem acordo

Confira os principais pontos da proposta oferecida pelo GDF

- » Incorporação da gratificação por dedicação exclusiva, a Tidem, em quatro parcelas, num período máximo de quatro anos
- » Divulgação do edital de convocação para contratação de professores e profissionais da educação após encerramento da greve
- » Auxílio-saúde no valor de R\$ 110 para todos os professores a partir de julho de 2012
- » Conclusão das discussões sobre a reestruturação do plano de carreira
- » Envio imediato de projeto à Câmara Legislativa propondo nova redação para o artigo 15 da Lei do Plano de Carreira. Com isso, haverá a regularização da situação de aproximadamente 12 mil professores, por meio da progressão horizontal daqueles que ingressaram com ensino médio ou licenciatura curta e concluíram, posteriormente, o nível superior

» Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG quadra 02 lote 340, setor gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 19 de abril de 2012

» Campo da Esperança

- Abigail Pimentel de Santana, 76 anos
- Cristiane Mirian de Oliveira, 41 anos
- Elenice Dias dos Santos, 57 anos
- Estella Laricchia Martins, 84 anos
- Henrique Teodoro de Mambro, 3 anos

- Isabela Cristina Andrade Santos, 16 anos
- Lenilda Leal Lopes, 50 anos
- Manoel Caldeira de Oliveira, 64 anos
- Marta Eliane de Oliveira, 46 anos
- Renner Nakamura de Moura, 43 anos
- Rodrigo Borges Costa de Souza, 34 anos

- Ziller Bismarck Gomes, 75 anos

» Taguatinga

- Alvino Alves Vieira, 74 anos
- Beneci da Silva Nascimento, 62 anos
- Francisco Barbosa Dantas, 58 anos

- Joana Lopes de Oliveira, 94 anos
- Jonathan Ferreira do Couto, 29 anos
- Leni Mendes dos Santos, 59 anos
- Maria de Lourdes Conceição Barbosa, 73 anos
- Maria José da Silva Dias, 65 anos
- Nobuo Higashiga, 61 anos

- Oliveira Vicente Tadeu, 71 anos
- Raimundo Aniceto Vale de Oliveira, 55 anos
- Vicente Januário Valentino, 73 anos

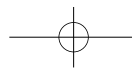
» Gama

- Euzébio Soares Brandão, 53 anos
- Manoel Lucas Sobrinho, 86 anos

- Maria Gonçalves de Carvalho, 68 anos
- Rivalda Pereira Souza da Silva, 60 anos

» Brazlândia

- Almerindo Antunes da Silva, 88 anos



SERVIÇO PÚBLICO

Apesar de a Justiça ter mandado 80% dos professores voltarem ao trabalho, sindicato afirma que a paralisação segue pelo menos até amanhã, quando a categoria faz assembleia

GDF vai cortar o ponto de grevistas

» ALMIRO MARCOS

Os professores em greve não voltarão ao trabalho hoje, apesar da decisão judicial da última sexta-feira, que mandou pelo menos 80% deles retornarem às salas de aula. A posição de manter a paralisação é do sindicato que representa a categoria (Sinpro). Assembleia marcada para amanhã decidirá os rumos do movimento, que completa hoje 43 dias corridos e 30 úteis. O Governo do Distrito Federal (GDF) já avisou que vai cortar o ponto dos docentes que não estão trabalhando e espera que eles cumpram a liminar da Justiça.

Os números quanto à paralisação são divergentes. Enquanto o Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro) fala em cer-

ca de 70% dos servidores de braços cruzados, o GDF informa que tem registro de cerca de 25% dos mais de 30 mil docentes. É destes que o Palácio do Buriti quer cortar o ponto. “Isso já está definido. Quem não estiver trabalhando não irá receber”, destaca o portavoza do GDF, Ugo Braga. O sindicato garante que, se a medida for adotada, os professores não precisarão fazer a reposição, o que pode atrapalhar o ano letivo.

A greve prejudica meio milhão de alunos. “Esperamos que os professores tenham bom senso e pensem nos estudantes que estão sem aulas. Há uma decisão judicial e os educadores precisam cumpri-la”, ressalta Ugo Braga. A liminar do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) foi concedida na última sexta-feira pelo desembargador

José Divino e Oliveira, atendendo ao pedido da 2ª Promotoria de Justiça e Defesa da Educação (Proeduc) do Ministério Público do Distrito Federal e dos Territórios (MPDFT). O Sinpro foi notificado no mesmo dia.

Recurso

Apesar de determinar a retomada de 80% dos professores às atividades e de ter estipulado multa diária de R\$ 45 mil ao Sinpro a partir de hoje, caso a medida não seja cumprida, a Justiça não considerou a greve ilegal. Para o diretor jurídico do sindicato, Washington Dourado, a decisão é contraditória. Ele ressaltou que hoje mesmo a entidade entrará com um recurso no TJDFT contra a liminar. As principais alegações são de que a decisão atinge o direito

de greve da categoria e que educação não é serviço essencial, como são a saúde e a segurança pública.

As tentativas de consenso entre o governo e os professores fracassaram durante a semana. “Temos um acordo assinado por dois secretários em abril de 2011 se comprometendo conosco”, garante Dourado. Para o GDF, vários pontos do acordo já foram cumpridos. “Eles vêm insistindo nisso. Mas os professores foram a categoria que recebeu maior reajuste no ano passado no DF. O governo mantém a posição de negociar e já apresentou várias propostas, todas negadas pelo sindicato. Fica evidente que essa greve tem motivação política. O GDF não irá reajustar salários, até porque está impedido pela Lei de Responsabilidade Fiscal”, afirma Ugo Braga.

CONFRATERNIZAÇÃO

Futebol une índios e brancos

» ARTHUR PAGANINI

Em comemoração ao Dia Nacional do Índio, celebrado na última quinta-feira, Samambaia recebeu ontem uma partida de futebol entre a seleção amadora indígena e a equipe veterana da cidade. Mais do que despontar as promessas das aldeias para o mundo do futebol, o amistoso serviu para integrar duas realidades bem distintas. De um lado, jovens indígenas de diversas etnias, e de outro, brancos nascidos e criados em cidades. Em comum, a paixão pelo futebol e o respeito à diversidade cultural. Resultado final: vitória indígena por 6 x 4.

O diretor esportivo da Seleção Indígena, Carlos Alberto Dias, o técnico Carlinhos, toca o projeto na raça. Com o apoio que recebe da Fundação Nacional do Índio (Funai), onde é funcionário, e de patrocinadores, organiza partidas amistosas para integrar indígenas e brancos. O projeto funciona há 20 anos e ele acredita que futebol é sinônimo de integração. “Queremos divulgar a cultura dos índios e mostrar a todos que eles têm muito talento com a bola e também sonham em representar o Brasil dentro dos campos”, diz. Carlinhos luta para deslanchar o projeto da 1ª Copa Sul-Americana de Futebol Indígena em 2014, que seria realizada em comemoração ao Dia Internacional do Índio, em 9 de agosto.

O técnico dos veteranos de

Janine Moraes/CB/D.A Press



A Seleção Indígena reúne várias etnias: jogo da amizade contra a equipe veterana de Samambaia

Diversas aldeias

A seleção amadora indígena de futebol reúne jovens de diferentes etnias espalhadas pelo país. Todos nasceram e foram criados em suas tribos, mas a maioria deixou suas aldeias para estudar e se integrar à cidade depois de adolescente. Os que permaneceram em aldeias também jogam futebol e fazem do esporte meio de confraternização nas tribos.

Samambaia, Severino Pereira, também acha que partidas amistosas como a de ontem são positivas para o intercâmbio cultural com indígenas. “Isso é bom para eles, para nós e para o futebol, porque divulga o esporte e ajuda a todos a nos conhecermos melhor”, afirma.

Apesar de terem vencido o jogo, os jovens indígenas da seleção amadora realizaram ontem apenas a primeira partida com a formação atual. Ao todo, 12 etnias foram representadas em campo. Os jovens mostraram

disposição e liquidaram a competição no primeiro tempo, abrindo 4 x 0 no placar. Na volta do intervalo, os veteranos de Samambaia se reorganizaram e descontaram, mas não o suficiente para reverter o placar. O cabeça de área Thiago, da etnia Kaiaypó, fez dois gols e comemorou a oportunidade de jogar contra um time mais experiente. “Diminuimos a pegada no segundo tempo, mas, com mais treinamento, vamos nos entreter e fazer mais jogos como esse, se tivermos oportunidade.”

CORREIO DO BRASILIENSE

» ARTIGOS » QUADRINHOS
» DESENHOS » FOTOS DO LEITOR

OMISSÕES DO ESTADO NO ENTRE LAGOS

Na crescente relação das pendências para que Brasília seja efetivamente legalizada, vale dar como um dos exemplos a falta de escrituração de mais de 500 parcelamentos irregulares do solo, surgidos desordenadamente nestes últimos 20 anos por omissão do Estado, que abandona uma população de mais de meio milhão de pessoas.

Essa omissão tem gerado ônus aos detentores dos lotes. O maior desses parcelamentos, assim inconstitucionalmente bitributados, é o Entre Lagos, onde moro desde o começo da última década do século passado. Sempre cobrei que o nome do condomínio só se justificaria historicamente com a retirada do plano original de Brasília do segundo lago, que teria sido e não foi ainda formado pela barragem do Rio São Bartolomeu.

Constato que a área pela Terracap considerada “não desapropriada” acaba de ser ignorada pelo Plano de Ordenamento Territorial (Pdot). Vejo que, além do Pdot, a área é ignorada pelo GDF, MP, TJDFT e outros órgãos competentes. Deixam igualmente no Entre Lagos também ignoradas o seguinte:

a) Grandes áreas de diversas dimensões destinadas aos equipamentos públicos que nunca foram ocupadas pelos órgãos do GDF;

b) O Pdot consegue esquecer ainda no Entre Lagos grandes áreas urbanas de dinamização e várias praças;

c) Esquece ainda importante reserva legal com fronteiras abertas que jamais poderão ser fechadas, pois formam um corredor ecológico;

d) São ignoradas neste maior parcelamento irregular do solo no DF outras importantes áreas como a de APP, matas ciliares, e de proteção de manancial e veredas.

Vale registrar, como um dos primeiros moradores que mais sentem o Entre Lagos como o grande esquecido, os seguintes fatos:

Quando adquiri meu lote de 1.000m², alguns meses depois ao dar notícia disso ao meu saudoso amigo José Aparecido, recebi logo um “parabéns” seguido da informação histórica de que fizera eu um “bom negócio”, e acrescentou aquele saudoso amigo que do projeto original de Brasília sairia no governo de José Sarney o segundo lago.

Chamo a atenção para o que laconicamente disse a Terracap sobre área não desapropriada, que agora se encontra sob investigação de suposta grilagem. Este fato está no processo nº 2006.01.006062-9. Por força de despacho da Dr. Juiz Edilson Eneidino das Chagas, a Câmara Legislativa deverá remeter ao processo de falência da empresa que vendeu os lotes do Entre Lagos “cópia de documentos e informações relativas ao condomínio Mansões Entre Lagos, objeto de investigação na CPI da Grilagem”. E acrescenta ainda no despacho o envio de documentos “relativos à descrição dos bens de titularidade da empresa falida além de outros respeitantes a todos os lotes”.

No momento, enquanto falta clareza política do GDF, que descumpra o TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) firmado com o MPDFT sobre os condomínios, o Tribunal de Justiça já decretou duas nulidades em processos do Entre Lagos: o da sua escritura e todos os atos praticados pela administração condominial a partir de 2003. Assim, aguardo que o cumprimento destas nulidades ocorra por exigência do Ministério Público, que é o fiscal da lei e da sua fiel execução, para exigir que as sentenças já transitadas em julgado sejam respeitadas em favor de todos os moradores bitributados. Do contrário, os tristes exemplos de “leis que não pegam” vão se somar a “sentenças que também não pegam”.

Ézio Pires – jornalista e escritor



Crônica da Cidade

por Chico Neto >> francisconeto.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

A onça instantânea

E a onça, hein, que teria andado a rondar as imediações do Superior Tribunal de Justiça? Até quando se fala em onça, a prudência recomenda usar o futuro do pretérito; vai que a grande felina constituiu alguma representação jurídica que me complique sob o argumento de ter afirmado, sem testemunha ou registro de imagem, que ela

caminhou por aquele ilustre quarteirão.

Dessa estou livre, mas ela, coitada, não. Nem de longe deve fazer parte do rol de preocupações de uma onça a possibilidade de que seus passos sejam alvo de bigbrodagem. Dona Onça, de onde quer que tenha vindo, já teve até a identidade apurada pelas câmeras do local: é uma suçuarana, também conhecida como onça-parda. Também se chegou a estimar o peso dela, cerca de 40kg.

Dona Onça, em seu idioma talvez chamada de Su ou Minha Parda, por certo nem pretendia, mas causou bafafá ao caminhar em pleno meio-dia ao redor do estacionamento do STJ. O

suficiente para, depois de instalada a confusão, aparecer alguém que se lembrou de ter visto um rabo grande passar. Era, claro, o dela, a onça.

Não queria eu, de jeito nenhum, estar na pele de um animal selvagem vestido com a mesma estampa de centenas de peruas rodando em ambiente urbano. Se ela parou por ali, seu habitat deve estar devastado. Tocado o alarme, começaram as buscas, surgiu o alerta de que ela poderia atacar um ser humano e fez-se o fuá. Rolou busca até na área central de Brasília, além de uma varredura na margem do Lago Paranoá. Mas Dona Onça surpreendeu a muitos.

A mim, causou mais que isso. Passei a admirar a destreza da bichana que flertou com o perigo, não causou estrago, passou pelo local o tempo suficiente para sabe lá só ela e conseguiu driblar todo mundo. Nem cães farejadores nem helicópteros a encontraram. Nem rastro deixou, para espanto de quem, tendo assistido ao vídeo, pôde comprovar que não se tratava de uma alucinação.

Especialistas desconfiam que ela mora na reserva do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Água Mineral. Ou morava. Como foi parar no estacionamento do STJ? “Não sei se passa onça ali não, mas rato, tem

muito”, ironizou um funcionário público, capaz de romper laços de amizade familiares de quem lhe revelar o nome. “E raposa também.” Vai entender.

Colocando-me no lugar do exemplar predador momentaneamente perdido num mundo de predadores muito mais perigosos, lamentaria passar por ali justo no horário do almoço e nada almoçar. Triste ainda é não ter como ignorar que o desmatamento anda agressivo no território onde vive a onça. Para todos os lados, pega mal. Mais ainda que nas redondezas do lugar, ainda saudado como santuário natural, há um empreendimento com emblema de ecológico.

Política no DF

22 • Cidades • Brasília, terça-feira, 24 de abril de 2012 • CORREIO BRAZILIENSE

EDUCAÇÃO / Professores da rede pública de ensino do Distrito Federal ignoram decisão judicial e se recusam a voltar às salas de aula. Enquanto isso, estudantes ficam na porta ou mesmo dentro dos colégios à espera de atividades. Pais se mostram preocupados

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Luan (D), com os colegas do 3º ano do ensino médio do Cemab: preocupação com o PAS e o vestibular



Muitos estudantes do Centro Educacional 15 de Taguatinga ficam no pátio à espera de aulas

Alunos ociosos nas escolas

» MARA PULJIZ

A decisão judicial que considerou a greve dos professores abusiva e determinou a volta de 80% dos docentes às salas de aula foi ignorada ontem. O rumo do movimento será definido hoje, às 10h, durante assembleia com a categoria em frente ao Palácio do Buriti, mas a orientação da diretoria do Sindicato dos Professores (Sinpro) é a de manter os braços cruzados enquanto não for selado um acordo com o Governo do Distrito Federal (GDF).

Com o impasse, alunos da rede pública de ensino amargam dias de angústia. A estudante Jaqueline Gabrielle Santos, 17 anos, do 3º ano do Centro de Ensino Médio Asa Branca (Cemab), em Taguatinga, está apreensiva em relação ao vestibular. "Cada dia de greve complica ainda mais a nossa vida, porque estamos no

último ano e precisamos saber do conteúdo para fazer o PAS", disse.

Na manhã de ontem, ela e os colegas Luan da Costa, 17 anos, Carlos Rubens Prateado, 18, Maurombergue Santos, 18, e Ana Clara Oliveira, 16, conversavam encostados no muro de uma casa. Por causa de um acidente na quadra de esportes com um funcionário, eles tiveram as poucas aulas suspensas. "Nunca tem aula normal. Os professores que vêm passam trabalho e prova, mas temos que vir. É ruim porque a gente assiste uma ou duas aulas e vai embora", explicou Luan.

O risco de os estudantes terem de repor o conteúdo nas férias e aos sábados também é um dos motivos de indignação. "É ruim se a greve continuar, porque nós vamos perder todo o recesso", reclamou Thiago da Cruz, aluno da 6ª série do Centro de Ensino Fundamental (CEF) 15. Ontem, ele teve aula de ciências e matemática nos

primeiros horários do dia. Por volta das 11h, Thiago estava liberado e a mãe, a gerente de compras Ana Jara Lima Batista, 34 anos, teve de sair do trabalho para buscá-lo. "É uma situação muito complicada para os pais que trabalham. A greve faz com que os alunos fiquem muito ociosos", reclamou.

Consumo de álcool

Na QNM 21/23 de Ceilândia, dezenas de estudantes passam o tempo do lado de fora do colégio. Encostado no muro do Centro de Ensino Fundamental (CEF) 4, um grupo de adolescentes usava ontem uma garrafa pet para beber álcool. Ao verem o carro da reportagem, os meninos se dispersaram. Distantes a 50 metros do primeiro grupo, três jovens usavam droga sem serem incomodados. A situação deixa muitos pais ainda mais preocupados. "Quando não tem aula, os estudantes fi-



Total de dias que dura a greve dos professores da rede pública de ensino do DF

cam do lado de fora e por aqui é muito perigoso. Orientei meu filho a ir direto para casa quando sair da escola", disse a panfleteira Cleonice Maria Ferreira, 35 anos.

No CEF 4, quatro professores davam aula na manhã de ontem, segundo os adolescentes. "Desse jeito, eu vou ser reprovado, porque

vão passar o conteúdo de uma vez e não vou conseguir acompanhar", acredita Luiz Felipe Lima, 14 anos, aluno da 6ª série. O Sinpro garante que a qualidade da reposição das aulas estará garantida.

Na Justiça

O sindicato entrou ontem pela manhã com uma ação de agravo regimental na Justiça contra a decisão expedida na sexta-feira. "Consideramos que ela atenta contra o direito de greve e praticamente inviabiliza o movimento. Queremos que o colegiado (do Tribunal de Justiça) reveja essa posição", explicou o diretor do Sinpro, Jairo Mendonça. A multa em caso de descumprimento da determinação é de R\$ 45 mil por dia, mas a categoria tem 15 dias para tentar reverter a situação na Justiça.

A fiscalização do cumprimento da decisão ficou a cargo da Promotoria de Justiça de Defesa

da Educação (Proeduc) e da Secretaria de Educação, que começou ontem a fazer um levantamento nas regionais de ensino sobre o funcionamento das escolas. O governo avisou que os professores que não voltarem às salas de aula terão o ponto cortado.

A assessoria de imprensa da Secretaria de Administração informou que o GDF já apresentou três propostas aos professores, recusadas pelo Sinpro, e que fez o máximo permitido pela Lei de Responsabilidade Fiscal. Uma comissão formada pelo senador Rodrigo Rollemberg; o reitor da Universidade de Brasília (UnB), José Geraldo de Sousa; o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/DF), Francisco Caputo; e deputados federais esteve ontem em frente ao Palácio do Buriti, onde os professores estão acampados. Eles querem intermediar uma solução para a greve que, hoje, completa 44 dias.

EXECUTIVO

Rejane Pitanga assume secretaria

» ANA MARIA CAMPOS

Desde a semana passada, a ex-deputada distrital Rejane Pitanga (PT) comanda a Secretaria da Criança do Distrito Federal. Integrante da Articulação, a primeira corrente a declarar apoio a Agnelo Queiroz ainda na fase de escolha do candidato ao Palácio do Buriti, a petista vai cuidar da política para a infância, de combate à exploração sexual de meninos e meninas, além de um tema explosivo, as medidas socioeducativas para jovens e a su-

perlotação do Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje). Um dos temas a ser tratado também é a organização da eleição dos conselhos tutelares no fim do ano.

Rejane substituiu o médico Dioclécio Campos Júnior, integrante da diretoria da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), que deixou o governo depois de um ano e quatro meses de gestão. Desde fevereiro, o governador Agnelo Queiroz queria acomodar Rejane no primeiro escalão. Primeira suplente do PT, ela

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press - 22/2/11



Rejane Pitanga comandará Secretaria da Criança: Caje é desafio

exerceu o mandato de distrital no ano passado quando a deputada Arlete Sampaio (PT) esteve de licença para atuar no Executivo, na função de secretária de

Desenvolvimento Social. Arlete assumiu o mandato parlamentar no início dos trabalhos deste ano e Rejane ficou fora do centro de decisões políticas. Há uma

expectativa, inclusive, de que ela retorne ao mandato ainda nesta legislatura.

Ex-presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT-DF), ela é considerada um quadro importante da Articulação. "A Secretaria da Criança é um desafio e estou achando muito interessante", afirma. "Mas ainda espero contribuir na Câmara Legislativa", disse. Uma das medidas previstas para a Secretaria da Criança é a construção de cinco unidades para abrigar jovens que cumprem medidas socioeducativas, para aliviar a pressão no Caje. A pasta, no entanto, trabalha sempre em parceria com outros órgãos, como as secretarias de Cultura, Trabalho, Desenvolvimento Social, Educação e Obras.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG quadra 02 lote 340, setor gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@qdabr.com.br

Sepultamentos realizados em 23 de abril de 2012

» Campo da Esperança

Arminda Beltrão, 82 anos
Eduardo Charbel Felipe, 30 anos
Maria do Carmo Vitoriano, 72 anos
Petrina Parreira de Brito Guimarães, 77 anos
Rosa Maria Saback Leitão, 62 anos

» Taguatinga

Ana Luzia dos Santos de Oliveira, 63 anos
Cristiane Rodrigues das Dores, 44 anos
Izabel Soares Barreto, 87 anos
Luciano Amorim Santos, 31 anos
Maria de Fátima Silva, 54 anos
Maria dos Remédios Leodido de Moraes, 66 anos
Regino Pereira Trindade, 95 anos

» Gama

Antônio Barbosa Bezerra, 80 anos

» Planaltina

Margarida Nogueira da Costa, 72 anos
Paulo Henrique Barbosa Pires, 25 anos

» Jardim Metropolitano

Sepultamento
Maria Aparecida de Queiroz, 56 anos
Elvis Nunes Ferreira, 22 anos
Elma Costa Nunes, 48 anos

» Cremação

João Batista Teixeira, 87 anos

GEN. FRANCISCO RODRIGUES FERNANDES JÚNIOR

MISSA DE 7º DIA

A família convida parentes e amigos para Missa de 7º Dia, a ser celebrada nesta quinta-feira, dia 26 de abril, às 19 horas, na Paróquia Militar de Santo Expedito na EQN 303/304 - Asa Norte.

AGRADECIMENTO

A família do Gen. Francisco Rodrigues Fernandes Júnior agradece a dedicação e presteza do HMAB - principalmente a Dra. Liane e Equipe.

Janine Moraes/CB/D.A Press



» PROFESSORES

PARALISAÇÃO CONTINUA

Há 46 dias de greve, professores (foto) decidiram em assembleia ontem manter o movimento. Eles desobedeceram, ainda, a determinação judicial de que o serviço prestado pelos educadores é essencial e 80% dos docentes deveriam voltar às salas de aula sob pena de multa de R\$ 45 mil por dia. O advogado do sindicato da categoria, Roberto Gomes Ferreira, entrou com recurso contra a decisão da Justiça. Para ele, a porcentagem determinada acabaria com a paralisação. Ele sugeriu uma delimitação de, no máximo, 50%. O desembargador do Tribunal de Justiça do DF e Territórios (TJDFT) José Divino de Oliveira, que deferiu a liminar do Ministério Público do DF e Territórios (MPDFT), ainda analisa o recurso dos professores. Ele pode reconsiderar a restrição do direito de greve ou levar a decisão para um colegiado de desembargadores, que se reunirá na próxima terça-feira. Até lá, a multa continua valendo. A comissão de negociação dos grevistas se reúne às 17h de hoje com o Governo do Distrito Federal para tentar um acordo.

» LOGOSÓFICA

PALESTRA NA ASA NORTE

Brasília terá palestra sobre evolução humana. O evento ocorrerá em 11 de maio, às 20h, no auditório da Fundação Logosófica, na 704 Norte. Com o tema "A evolução humana: o maior de todos os ideais", o palestrante Jarbas Matos, docente da Fundação Logosófica do Rio de Janeiro, vai falar da logosofia como uma nova cultura para a humanidade e abordar aspectos sobre: a consciência e os pensamentos, o conceito de vida, a direção da vida e a realização de sonhos e ideais, o trabalho como fonte de evolução individual e como superar adversidade. Matos é administrador, especialista em gestão de recursos humanos, consultor na área de liderança, motivação e desenvolvimento do potencial humano. Mais informações: 3326-4205.

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



» VIA ESTRUTURAL

AMBULÂNCIA EM RISCO

Uma ambulância da Secretaria de Saúde do Distrito Federal por pouco não pegou fogo (foto), na tarde de ontem, na Via Estrutural, sentido Taguatinga /Plano Piloto. O carro, uma van, fundiu o motor e uma espessa fumaça se formou. O motorista se dirigia ao Hemo-centro de Brasília, onde os técnicos buscariam sangue a fim de fazer uma transfusão emergencial em um bebê de seis meses, internado no Hospital Regional da Ceilândia. O incidente fez com que outro veículo fosse acionado. O imprevisto não comprometeu a saúde do recém-nascido.

» PIRATARIA

PRODUTOS APREENDIDOS

Operação Choque de Ordem, realizada ontem, na plataforma superior da Rodoviária do Plano Piloto e próximo a um shopping da W3 Sul, em Brasília, resultou na apreensão de 2.200 produtos do comércio irregular, quantidade suficiente para encher duas caminhonetes de mercadoria. Entre os produtos, estão peças de vestuário, bolsas, carteiras, bijuterias, bebidas, alimentos, acessórios para celular, pilhas, eletrônicos e maquiagens. Foram, ao todo, 16 sacos cheios levados para o depósito da Agefis, no SIA. Os perecíveis deverão ser incinerados. Os demais poderão ser recuperados em até 30 dias com a apresentação de nota fiscal e o pagamento de multa.

SAÚDE

A campanha nacional contra a gripe vai imunizar 24 milhões de pessoas e, pela primeira vez, a população carcerária. No Distrito Federal, o objetivo é atingir 294 mil habitantes

É hora de vacinar

» SHEILA OLIVEIRA
» GRASIELLE CASTRO

No próximo 5 de maio, o Ministério da Saúde inicia a campanha nacional de vacinação contra a gripe. A expectativa da Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) é repetir, em 2012, o número de imunizados no ano passado: 294 mil pessoas, ou 90% do grupo de risco — maiores de 60 anos, indígenas, gestantes, crianças de 6 meses a 2 anos e portadores de doenças crônicas dos pulmões, rins e coração e ainda diabetes e câncer.

Segundo a chefe do Núcleo de Imunização do DF, Rosana Campos, a campanha deste ano está com atraso de um mês. "O ideal era que a vacinação começasse em março, ou seja, antes da mudança de estação, mas por um problema na produção da vacina a imunização foi adiada para maio", conta. "A desvantagem é que agora algumas pessoas já podem ter contraído o vírus", diz a médica.

Qualquer pessoa pode ser vacinada, menos quem tem alergia à clara de ovo, que corre o risco de ter choque anafilático. Algumas empresas oferecem imunização gratuita para os funcionários, caso do bioquímico do Laboratório Sabin Luiz Tavares, 58 anos, que há mais de três anos é vacinado contra gripe. "Agora, se fico gripado uma vez ao ano é muito", diz.

Mas há quem reclame do preço da vacina fora da rede pública. O corretor de imóveis Felipe Lucena, 23 anos, que tem um filho com 3 anos e com imunidade de-

Breno Fortes/CB/D.A Press - 30/4/11



A partir do dia 5, os postos vão imunizar quase 300 mil brasilienses

bilitada, devido à mãe da criança ser portadora de doença crônica autoimune (lúpus), afirma que o valor é muito alto. "Só com o comprovante médico consigo vaciná-lo no posto de saúde", declara. O preço para vacinar em clínicas particulares chega a R\$ 100.

A chefe de Imunização do DF confirma o alto custo da produção da vacina. "Ela utiliza componentes importados e por isso o Ministério da Saúde é obrigado a priorizar grupos vulneráveis à doença", esclarece.

No Brasil

Pela primeira vez, a população prisional — 500 mil encarcerados — entrará na campanha do Ministério da Saúde. No país, mais de 30 milhões de pessoas serão convocadas para comparecerem aos postos de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) entre 5 e 25 de maio. A campanha, que ocorre

pelo 14º ano, tem o objetivo de diminuir o número de mortes e de pacientes com Síndrome Respiratória Aguda Grave entre o grupo de risco. O ministro Alexandre Padilha explica: "Quando se protegem os grupos vulneráveis, a cadeia de transmissão quebra e com isso protege a todos, aos familiares e as pessoas que trabalham com esses grupos".

Com o acréscimo dos detentos à lista, a quantidade de pessoas que entraram no grupo de vulneráveis é maior: a intenção este ano é chegar a pelo menos 24,1 milhões de pessoas em todo o país. O orçamento nacional da campanha é de R\$ 24,7 milhões.

Diferentemente dos outros compostos, como o contra sarampo, a vacina antigripe muda todo ano e é direcionada para combater os três vírus que mais infectaram no ano anterior. O imunizador desse ano luta contra H1N1, H3N2 e influenza B.

» Prevenção

CUIDADOS

- » Higiene das mãos com água e sabão (depois de tossir ou espirrar; depois de usar o banheiro, antes de comer, antes de tocar os olhos, boca e nariz)
- » Usar lenço de papel descartável
- » Proteger com lenços a boca e o nariz ao tossir ou espirrar
- » Orientar para que o doente evite sair de casa enquanto estiver em período de transmissão da doença (até 5 cinco dias após o início dos sintomas)
- » Evitar aglomerações e ambientes fechados
- » É importante que o ambiente doméstico seja arejado e receba a luz solar

CAMPANHA NODF

Período: 5 a 25 de maio

Público-alvo: pessoas a partir de 60 anos, índios, crianças até 2 anos, grávidas em qualquer período de gestação, profissionais de saúde e portadores de doenças crônicas dos pulmões, rins e coração e ainda diabetes e câncer.

Onde vacinar: postos de saúde, de segunda a sexta-feira, das 8h às 11h30 e das 13h30 às 17h

Dúvidas: ligue para 3323-7461 ou envie e-mail para imunizadf@gmail.com.

DEBATE

Sustentabilidade é tema na Católica

» MARIANNA RIOS
ESPECIAL PARA O CORREIO

A Universidade Católica de Brasília (UCB) realiza nesta semana a 15ª Semana Jurídica do Curso de Direito com o tema Direito e Sustentabilidade. Até sexta-feira, haverá palestras pela manhã (das 9h às 11h) e à noite (das 20h às 22h) ministradas por advogados, políticos, ministros e professores universitários. Ontem, o ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) Antônio Herman de Vasconcellos e Benjamin falou sobre os aspectos relevantes da reforma do Código de Defesa do Consumidor.

É a primeira vez que o evento aborda o tema da sustentabilidade, escolhido também para conduzir as discussões do curso durante o ano. "2012 está sendo muito rico nesse debate porque, além da votação do Código Florestal, também teremos a Rio +20", justifica o diretor do curso de direito da universidade, Elvécio Diniz.

A programação inclui palestras sobre temas como ética ambiental na universidade, fundamentos constitucionais do direito ambiental brasileiro e planejamento tributário, função social e sustentabilidade (veja ao lado).

O evento ocorre no auditório do Bloco Central do campus de Taguatinga. Os interessados em participar devem mandar e-mail para direito@ucb.br. As inscrições são gratuitas. Mais informações: 3356-9721 e www.ucb.br.

» Programação

HOJE

9h às 11h – A reforma do novo Código de Processo Civil. Palestrantes: Sérgio Barradas, deputado federal e relator do projeto do novo CPC; Bruno Dantas, conselheiro do CNJ; Marcus Vinicius Furtado Coelho, conselheiro e secretário-geral da OAB; e Marcelo Nobre, conselheiro do CNJ.

20h às 22h – O sistema extradicional brasileiro na perspectiva do direito convencional internacional: o caso Cesare Battisti. Palestrante: Nabor Bulhões, advogado.

QUINTA-FEIRA

9h às 11h – A tutela constitucional dos direitos sociais no contexto do desenvolvimento sustentável. Palestrante: Carlos Alberto Reis, ministro do TST.

20h às 22h – Tutela inibitória e tutela de remoção do ilícito. Palestrante: Luiz Guilherme Marinoni, advogado.

SEXTA-FEIRA

9h às 11h – A universidade e a ética ambiental. Palestrante: José Renato Nalini, desembargador e corregedor-geral da Justiça do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

20h às 22h – Agenda brasileira e do Senado Federal para a conferência mundial de sustentabilidade Rio +20. Palestrante: Rodrigo Rollemberg, senador. Fundamentos constitucionais do direito ambiental brasileiro. Palestrante: Celso Antônio Pacheco Fiorillo, advogado.



Crônica da Cidade

por **Conceição Freitas** >> conceicaofreitas.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

A manicure e o porteiro

A moça me pergunta se conheço algum terapeuta no Recanto das Emas ou nos vizinhos Riacho Fundo 1 e 2. Digo que não, mas prometo tentar localizar um psicólogo que atenda a preços módicos. É mais uma resposta educada, porque no fundo, no fundo, estranho a pergunta e acho pouco provável que possa ajudar a moça. Ela continua me

olhando, como quem espera que eu queira saber o que ela quer me contar. Antes que a ficha caia, ela prossegue: "Terapia não é só pra louco, né?". E ela mesma responde: "Conheço gente que tem problemas com drogas e que está indo a um psicólogo".

Só então percebo que há um fio me esperando para um longo desfiar de dores. Antes que eu encontre um modo de prosseguir a conversa, a moça cai em choro. Fico esperando uma pausa no pranto convulsivo para que ela possa dizer o que tanto lhe dói.

O namorado não a quer mais, arranjou outra, e a moça ainda não teve tempo para se acostumar à mais funda

das dores, a da perda de um grande amor. "Preciso tanto dele. Só de ouvir a voz dele no telefone, fico tranquila", ela me conta, desabrigada. "Ele me diz coisas horríveis, mas eu não consigo tirar ele da cabeça. Acho que tem alguma coisa a ver com a minha infância", sugere, como quem sabe mais do que acha que sabe.

Passado um século da disseminação das teorias e práticas freudianas, o divã já não é mais um abrigo para ricos, ilustrados e parentes próximos. A moça que ganha pouco mais de um salário mínimo quer fazer uma faxina emocional. Suspeita que sua vulnerabilidade amorosa tenha origem na infância —

tamanho dilaceramento d'alma não nasceu ontem. O desejo manifesto pela moça de procurar ajuda psicológica aponta para uma demanda para a qual a psicologia, a psicanálise, a psiquiatria e suas derivações parecem não estar preparadas.

É um novo Brasil que vem subindo a ladeira sem que o velho Brasil consiga assimilar tantas mudanças. Como no caso do porteiro de um bloco de superquadra que comprou seu primeiro carro e garbosamente o deixou no estacionamento do prédio. Moradores da quadra começaram a soprar nos ouvidos uns dos outros: "Só faltava essa, já não tem lugar pra estacionar. E esse aí que

não tem onde cair morto compra um carro em 72 prestações".

O velho Brasil esperneia, não aceita a igualdade de condições com os serviços — serviço é uma palavra que os arrogantes adoram — e não está preparado para uma certa democracia social que vem se firmando no país. O novo Brasil está no estacionamento, no aeroporto, nos hotéis, nas lojas de importados, nos shoppings, nos cursos de inglês e está na sala de espera do psicanalista. Se ainda não está, estará. O novo Brasil é uma impagável provocação aos preconceitos rigidamente sedimentados desde os tempos de casa grande e senzala.

EDUCAÇÃO / Sessenta professores ocuparam parte do prédio que abriga órgãos do GDF para cobrar definição sobre a greve da categoria. Justiça determinou a reintegração de posse do local no início da noite, mas manifestantes permanecem no edifício

Grevistas invadem anexo do Buriti

» THALITA LINS
» ROBERTA MACHADO

Na manhã do 46º dia de greve, um grupo de docentes da rede pública de ensino, membros do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF), ocupou parte do sexto andar do anexo do Palácio do Buriti, onde funciona a Secretaria de Estado de Gestão Administrativa. Mesmo após determinação judicial — entregue por um servidor da 4ª Vara da Fazenda Pública, às 20h de ontem —, ordenando a reintegração de posse, até o fechamento desta edição, os manifestantes permanecem no prédio.

Pelo documento, os ocupantes tinham até duas horas para deixar as salas. Após o prazo, caso continuassem no local, a entidade sindical pagaria multa de R\$ 10 mil a cada hora. Mesmo diante da determinação, os professores afirmaram que, somente com a presença do advogado do Sinpro-DF, o documento seria assinado. Ao longo do dia, o sindicato anunciou diversas vezes que os docentes não deixarão o prédio até que haja negociação entre o governo e a categoria.

Durante a ocupação, em apoio aos invasores, um grupo de professores permaneceu embaixo do prédio com cartazes, bandeiras e apitos. Oito PMs foram acionados para impedir que mais docentes entrassem no edifício e obstruíram as entradas de acesso ao espaço usado para a manifestação, entre o anexo e o Palácio do Buriti. Alguns servidores, no entanto, tentaram negociar com os policiais. Com os ânimos exaltados, PM e docentes se desentenderam. Três militares chegaram a atingir o rosto de quatro professores com spray de pimenta. De acordo com a corporação, os policiais teriam sido agredidos, informação desmentida por uma das pessoas que foi alvo da agressão. “Eu es-

tava apenas olhando a movimentação, parada, sem fazer nada, quando o PM veio e jogou o líquido na minha cara. Também cheguei a ser empurrada por ele”, relatou a professora Sílvia Alves, 39 anos.

Para chamar a atenção, os ocupantes do 6º andar do edifício hastearam a bandeira do Sinpro-DF nas janelas e passaram a gritar palavras de ordem. O ato levou a segurança do prédio a privar a entrada de servidores que trabalham no local. Por meio de nota, a Secretaria de Estado de Gestão Administrativa informou que “diante da radicalização inaceitável do Sindicato dos Professores, todas as propostas feitas à categoria desde o início das negociações estão suspensas até que o Sinpro-DF anuncie o fim da greve”. Por volta das 15h, 13 carros da tropa de choque da PM, dois ônibus, além de motocicletas da corporação, ficaram estacionadas na lateral do prédio. A entrada do palácio pelo Eixo Monumental foi interditada. Às 20h, a tropa deixou o local. Policiais do 3º Batalhão permaneceram lá apenas para prevenir que houvesse atritos.

Hoje, às 9h, uma assembleia geral dos professores irá definir o rumo da paralisação. Entre as reivindicações dos professores estão a reestruturação do plano de carreira e a implantação do plano de saúde. “Vamos endurecer o movimento até que uma negociação ocorra. O governo tem que apresentar as alternativas para garantir o cumprimento do acordo”, anunciou o diretor jurídico do Sinpro-DF, Washington Dourado. Segundo ele, um dos motivos que levaram a entidade a organizar a ocupação foi a suspensão de uma reunião entre o governo e a categoria marcada para a tarde da última quarta-feira. A secretária declarou que o encontro acabou desmarcado por incompatibilidade das agendas de ambas as partes.

Breno Fortes/CB/D.A Press



O sexto andar do anexo do palácio foi tomado pelos docentes, muitos deles integrantes do sindicato da categoria: multa de R\$ 10 mil por hora

Breno Fortes/CB/D.A Press



A servidora Sílvia Alves foi contida por um policial militar e atingida por spray de pimenta: “Eu estava apenas olhando a movimentação”

Breno Fortes/CB/D.A Press



46 DIAS

Duração da greve dos professores

Apoio dos alunos

Impedidos de subir para entregar alimentos e água aos professores que invadiram salas do anexo do Buriti, colegas encontraram um meio de chegar aos docentes. Durante toda a tarde de ontem, mantimentos foram colocados em sacolas amarradas a barbantes. Por volta das 16h, 32 alunos do Centro Educacional 123 de Samambaia engrossaram o movimento. Eles estavam amparados por professores da escola. Sem aulas desde 9 de março, a aluna do 2º ano do ensino médio Joelma Alves Magalhães, 16 anos, era uma das integrantes do grupo. A preocupação com o PAS e o Enem, dois exames aos quais ela será submetida este ano, levou a jovem a aderir ao ato. “Eu estou preocupada e os meus pais também. Vou estudar com base em que, se eu não tenho aula?”, desabafou a jovem, que faz

parte de um contingente de meio milhão de estudantes da rede pública prejudicados com a greve.

Uma das diretoras do Sinpro DF, Cláudia Bullos, disse que as reposições das aulas perdidas é uma promessa dos professores e será cumprida assim que a paralisação terminar. “Temos o compromisso de repor essas aulas. Mas somente iremos discutir isso após a nossa luta”, declarou. O governo já anunciou que irá cortar o ponto dos docentes que não estiverem trabalhando. No último dia 19, O Tribunal de Justiça do DF ordenou que pelo menos 80% da categoria deveria retornar às salas de aula sob pena de multa diária de R\$ 45 mil. A ação foi determinada pela 2ª Promotoria de Direito da Educação (Proeduc). Com a determinação, a greve se tornou ilegal. (TL)

»» Protesto no Ceará

Há sete dias, professores da rede pública de ensino de Crateús (CE) acampam na sede da Secretaria de Educação do município. Em greve desde 9 de abril, cerca de 600 docentes reivindicam o cumprimento da Lei Federal do Piso Nacional dos Professores. No último dia 24, uma liminar proferida pela desembargadora do Tribunal de Justiça do Ceará (TJ-CE) Vera Lúcia Correia Lima determinou que os profissionais de Educação retornassem ao trabalho, mas eles contestam a medida e mantêm a ocupação.

TRANSPORTE PÚBLICO

MP e TCDF pedem detalhes de licitação

» ADRIANA BERNARDES

A Secretaria de Transportes terá que detalhar pelo menos quatro itens do edital de licitação de ônibus antes de concluir o processo. A exigência é do Tribunal de Contas do Distrito Federal, publicada no *Diário Oficial do Distrito Federal* de ontem. O órgão de fiscalização quer que o governo esmiúce as especificações técnicas dos veículos de acordo com as características das vias, especialmente os que vão operar na Linha Verde, na Estrada Parque Taguatinga (EPTG). Também querem mais detalhes dos veículos adaptados e que o GDF divulgue como foi definida a tarifa de cada bacia. O pedido de complemento de informações é de 17 de abril. A concorrência está avaliada em R\$ 10 bilhões e representa 3 mil ônibus

que devem substituir a frota atual de Brasília

As alterações recomendadas pelo conselheiro-relator, Ronaldo Costa Couto, foram entregues ontem, segundo o secretário de Transportes, José Walter Vazquez Filho. “Tínhamos todas as informações e, fizemos apenas alguns complementos”, assegurou Vazquez. A única alteração que o governo vai contra-argumentar, por discordar da recomendação, diz respeito a escolha do vencedor de mais de um lote. De acordo com o edital, a empresa pode apresentar proposta para várias bacias. Porém, deve deixar claro por qual delas tem preferência imediatamente ao entregar o envelope.

No entendimento do Ministério Público, esse critério “eleva o risco de ocorrência de fraudes e combinações entre os proponentes”. Para o MP, “compete à Admi-

Breno Fortes/CB/D.A Press - 3/1/12



A especificação dos ônibus que vão circular na EPTG é uma das exigências

nistração escolher qual lote adjudicar ao vencedor, e não ao vencedor escolher o lote que melhor lhe convém. É que os valores ofertados pelos proponentes colocados em segundo lugar podem influenciar a escolha do vencedor”.

Porém, na avaliação do secretário de Transportes, deixar a escolha para o administrador, após a abertura dos envelopes, abre a possibilidade para favorecimen-

to de outra empresa. “Se não houver muito cuidado, pode-se adotar critérios subjetivos. Vamos apresentar nossos argumentos para que sejam levados em consideração”, ressaltou Vazquez.

Mudanças

Além das alterações sugeridas pelo Tribunal de Contas, a equipe do governo prepara outras

»» Recomendações

Confira as observações feitas pelo Tribunal de Contas do DF e Ministério Público:

Apresentação das especificações técnicas dos veículos de acordo com as características operacionais de cada via, em especial dos que serão utilizados na EPTG. A via necessita de ônibus com portas do lado esquerdo ou em ambos os lados.	operacionais de cada via do sistema.
Definição das características de acessibilidade dos veículos de acordo com as condições	Divulgação da memória de cálculo das tarifas técnicas de cada bacia
	No caso de uma mesma empresa vencer mais de um lote, deve ser responsabilidade do Estado escolher entre elas quem vai explorar a bacia.

mudanças no edital, sugeridas pelo Ministério Público em 23 de março, algumas delas antecipadas para a imprensa no último dia 16. Do total de ônibus licitados, pelo menos 90% serão zero quilômetro. Os outros 10%, devem ser trocados no prazo de dois anos. A concorrência exigia apenas 15% dos veículos novos — o restante poderia ter até sete anos de uso.

O MP orientou que a licitação adotasse “as providências necessárias ao integral cumprimento da legislação que disciplina a Política de Mobilidade Urbana e o Sistema de Transporte Público Coletivo do Distrito Federal”, estimulando ou induzindo o emprego de tecnologias sustentáveis. Todas as adequações serão divulgadas até o fim deste mês.

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Professores passaram a madrugada de plantão do lado de fora do Buriti

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Grupo prestou solidariedade aos colegas que estavam no prédio

Breno Fortes/CB/D.A Press



Sem comida e sem luz, grevistas deixaram o anexo por volta das 13h

SERVIÇO PÚBLICO/ Após 30 horas, grupo de 70 docentes decide deixar pacificamente o 6º andar do anexo da sede administrativa do GDF. Justiça determinou a reintegração de posse pelo Executivo. Em assembleia, a categoria decide manter greve que já dura 48 dias

Grevistas desocupam Buriti

» MARA PULJIZ

Os professores que ocuparam o 6º andar do anexo do Palácio do Buriti na quinta-feira deixaram o local ontem, por volta das 13h. Depois de aproximadamente 30 horas confinados sem energia e comida, os docentes — cerca de 70 no total — decidiram evitar um possível confronto com a Polícia Militar durante a reintegração de posse determinada pela Justiça. Em assembleia realizada mais cedo, eles mantiveram a greve.

A medida foi tomada após reunião entre representantes do governo, da bancada parlamentar distrital e federal do DF, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF) e da reitoria da Universidade de Brasília (UnB). Por volta das 11h, a comissão intermediou um diálogo com a categoria e conseguiu evitar a atuação do Batalhão de Operações Especiais (Bope), tropa de choque da Polícia Militar. Ao todo, 215 policiais de várias unidades cercaram o Palácio do Buriti e, como estratégia de enfraquecer o movimento, quem saísse para ir ao banheiro ou lanchar era impedido de retornar.

Pela manhã, o Sindicato dos Professores (Sinpro) chegou a anunciar que a categoria estava disposta a resistir pacificamente à decisão de reintegração de posse. Embora a maioria tenha deixado o local no início da tarde, o cansaço físico e emocional fez a professora Izabele Cintra, do Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Brasília, desistir mais cedo, por volta das 8h. Chorando muito, ela deixou o Palácio do Buriti em meio a aplausos dos colegas. “A noite foi muito difícil. Cortaram a água e a luz. Dormi num jornal em frente ao elevador. Não deixavam subir água nem comida e era um banheiro para 85 professores. É muita humilhação”, desabafou.

Acampados

Do lado de fora, outros 60 professores passaram a madrugada deitados em colchonetes e em meio ao frio. “Esse ato de radicalização é para o governo dar uma proposta decente para acabar com a greve. Queremos negociação para que a nossa dignidade seja mantida”, explicou Viviane dos Santos, professora da Escola Classe nº 21 de Samambaia. Por volta das 7h, quem estava do lado de fora do prédio tentou levar suco, água e biscoito para os colegas no 6º andar em um balde preso por barbante, mas um funcionário munido de um cabo de vassoura com uma lâmina na ponta estava encarregado de cortar o cordão. Revoltados, os professores passaram a transportar os mantimentos em um balde preso a um cabo de energia.

A próxima assembleia da categoria está marcada para as 9h da próxima quarta-feira. Os professores vão se reunir em frente ao Palácio do Buriti. O porta-voz do GDF, Ugo Braga, disse que o Executivo não deverá oferecer proposta alguma para a categoria

Breno Fortes/CB/D.A Press



A maioria dos grevistas saiu do prédio à tarde, mas teve gente que desistiu mais cedo, devido ao cansaço físico e psicológico. Policiais cercaram o prédio, mas não houve confronto

» Memória

» Os professores deram início à greve em 12 de março deste ano. A principal reivindicação dos educadores da rede pública de ensino é a revisão do plano de carreira, com isonomia salarial em relação às carreiras de nível superior do Governo do Distrito Federal. Eles também pedem plano de saúde, a nomeação dos professores aprovados em concurso público e o aumento dos recursos repassados às escolas para investimentos em materiais pedagógicos e na infraestrutura.

» O governo afirma não ter condições de conceder aumento salarial para nenhuma categoria este ano, em respeito à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). Ela não permite que o gasto com pessoal ultrapasse 49% do que é arrecadado.

Segundo o GDF, se o reajuste fosse concedido, o limite chegaria a 50%. O Executivo reitera ainda que já corrigiu o salário da categoria no ano passado, em 13,83%, além de ter contratado 400 servidores, entre outros benefícios.

» Em uma das reuniões entre o governo e o Sindicato dos Professores (Sinpro), em 14 de março, o GDF acenou com o plano de saúde para o segundo semestre deste ano e prometeu dar continuidade aos estudos para a reestruturação do plano de carreira, mas sem data definida para ocorrer. Sem propostas concretas que tratassem de reajuste salarial, a categoria manteve os braços cruzados.

» Os professores chegaram a dizer que o GDF poderia disponibilizar

R\$ 285 milhões do Fundo Constitucional para atender à categoria. No entanto, o Executivo afirma que, além de insuficiente para pagar o aumento, o fundo é usado para investimentos e custeios nas áreas de segurança e educação. Nas últimas semanas, representantes do governo e do sindicato se reuniram com frequência. Insatisfeitos com as negociações, os professores recusaram qualquer possibilidade de acordo.

» Após as últimas assembleias realizadas pela categoria, sempre às terças-feiras, as seis faixas do Eixo Monumental acabaram fechadas pelos grevistas, interrompendo o trânsito e causando grandes engarrafamentos na região. Na última quinta-feira, no 46º

dia de paralisação, representantes do movimento ocuparam o sexto andar do Palácio do Buriti, sede da Secretaria de Administração Pública, para cobrar uma definição sobre a paralisação.

» A ocupação ocorreu na parte da manhã. Houve confusão e alguns policiais militares e docentes se desentenderam. Quatro professores acabaram atingidos por spray de pimenta no rosto. Mesmo após uma determinação judicial para que deixasse o local, com multa de R\$ 10 mil por hora caso descumprisse a ordem, o grupo permaneceu no prédio. A desocupação só ocorreu no início da tarde de ontem, após a promessa de que as negociações, suspensas pelo GDF, seriam reabertas. (RA)

Retomada do diálogo

» ROBERTA ABREU

Por volta das 17h30, representantes do Sinpro e das secretarias de Governo, Educação e Administração se reuniram com integrantes da UnB, OAB-DF, Central Única dos Trabalhadores-DF (CUT-DF), além de senadores e deputados distritais e federais. Segundo o GDF, ficou estabelecida a retomada do diálogo. No entanto, as propostas oferecidas anteriormente continuam suspensas até o fim da greve.

Segundo o secretário de Governo, Paulo Tadeu, a comissão pediu tanto ao governo quanto aos sindicalistas que procurem estabelecer uma saída política para o fim da greve. “O GDF deu à comissão e ao Sinpro o direito de apresentar alternativas. Estamos à disposição 24 horas para recebê-los”, garantiu. Segundo ele, as negociações, que foram interrompidas com a ocupação do 6º andar do Palácio do Buriti, não avançaram além do que já foi proposto. “Fomos surpreendidos e esperamos que, daqui para frente, não ocorra novamente (a ocupação)”, ressaltou Paulo Tadeu.

O diretor Jurídico do Sinpro, Washington Dourado, afirma, no entanto, que a reunião confirmou o retorno do processo de negociação. “Foi construído um compromisso de conversa neste fim de semana para chegarmos na segunda-feira com uma proposta formulada. A solução para o fim da greve está nas mãos do governo”, disse.

enquanto a greve não for encerrada. A paralisação já dura 48 dias e prejudica 500 mil alunos.

Na Justiça

O secretário de Administração Pública do DF, Wilmar Lacerda, repudiou a atitude dos professores de não cumprir as duas últimas decisões judiciais. No último dia 19, o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios determinou que 80% dos grevistas voltassem ao trabalho. Na última quinta-feira, ordenou que os docentes

deveriam desocupar o Palácio do Buriti. “Até o fim da greve, não há nenhuma negociação. Não dá para fazer diálogo com quem não cumpre decisão judicial”, disse Lacerda. Ele ainda ressaltou que os professores receberam reajuste de quase 14% no ano passado, superior à inflação do período. “O que o governo fez para os professores não fez para nenhuma outra categoria”, destacou.

Wilmar Lacerda ainda disse que a despesa com a incorporação imediata da gratificação denominada Tidem é de R\$ 515

milhões, o que gera um impacto de 4 pontos percentuais adicionais na Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). A nossa despesa com pessoal já é de 46% e, se fizermos essa incorporação, a despesa passará para 50%. Não é intransigência do governo. Avançamos no que foi possível”, explicou o secretário de Administração, ressaltando que os docentes recebem o maior piso salarial da categoria do país, no valor de R\$ 4,2 mil.

Representantes do Sinpro rebatem as declarações. Segundo a diretora de Comunicação da

entidade, Rosilene Corrêa, o aumento salarial foi de 13,87%, dividido em três parcelas, sendo que a última foi paga este mês. “O valor corresponde ao índice de correção do Fundo Constitucional a qual temos direito e tem sido uma política mantida todos os anos”, destacou. Em relação ao salário, Rosilene destacou que o piso é de R\$ 2.260 e que professor só consegue ganhar R\$ 4,2 mil com as gratificações. “Nós queremos comparar é com os outros servidores do DF. Das 27 categorias, só três recebem menos que a gente”, rebateu.

SERVIÇO PÚBLICO

Governo do Distrito Federal avança em alguns pontos da pauta de reivindicação dos docentes, entre eles o aumento do abono saúde. Sinpro informa que o resultado da negociação será levado para a assembleia da categoria, que ocorrerá amanhã

Nova proposta aos professores

» THAÍS PARANHOS

Em mais uma tentativa de negociação para encerrar a greve dos professores, representantes do governo aceitaram proposta apresentada pela Ordem dos Advogados do Brasil Seccional do Distrito Federal (OAB-DF), caso a categoria decida acabar com a paralisação. Entre os novos itens apresentados está o aumento do abono saúde de R\$ 110 para R\$ 200 a ser concedido a partir de junho e não mais em agosto, como definido anteriormente. A oferta será avaliada

pelos docentes durante assembleia que será realizada amanhã.

A proposta foi colocada em reunião realizada ontem na sede da OAB, que contou com a presença do reitor da Universidade de Brasília (UnB), José Geraldo de Sousa Júnior, dos deputados federais Roberto Policarpo e Érika Kokay e do distrital Wasny de Roure, os três do PT. "O mais importante é que não só o governo se comprometeu a cumprir o acordo, mas também as lideranças do movimento sentiram que, com essas propostas, pode haver a suspensão da greve", avaliou o

presidente da Ordem, Francisco Caputo. A votação da pauta já se iniciou nas regionais de ensino ontem mesmo.

Encontro

O diretor jurídico do Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro-DF), Washington Dourado, preferiu não adiantar a posição dos grevistas em relação à oferta apresentada na reunião. "O governo aceitou na condição de ser aprovada também pelos professores. Vamos levar a proposta primeiro para a categoria. É

ela quem vai decidir", explicou. A assembleia será realizada a partir das 9h desta quarta-feira, em frente ao Palácio do Buriti.

Para o secretário de Administração, Wilmar Lacerda, houve avanços na última proposta apresentada pela comissão de mediação, entre eles o aumento do abono saúde e a incorporação da Tidem, gratificação por dedicação exclusiva. "Concordamos que a Tidem é importante e deve ser incorporada ao salário em, no máximo, quatro anos, podendo reduzir esse prazo. Antes, o tempo era de seis anos. Também vamos

retomar o processo de negociação em setembro. De maneira nenhuma, o GDF vai deixar de dialogar com a categoria devido ao prejuízo que causa aos alunos da rede pública", disse.

A paralisação dos professores da rede pública de ensino completa hoje 51 dias. Na semana passada, os grevistas ocuparam o anexo do Palácio do Buriti. Por determinação da Justiça, eles tiveram de deixar o prédio na sexta-feira. A desocupação ocorreu pacificamente, após a promessa de que as negociações, suspensas pelo GDF, seriam reabertas.

51 dias

Tempo que dura a greve dos professores da rede pública de ensino do Distrito Federal

METRÔ

Polícia identifica causa de panes

» ARTHUR PAGANINI

Laudo da Polícia Civil do Distrito Federal finalizado ontem conclui que uma conexão malfeita de um cabo na Estação Central do Metrô causou as panes no sistema ocorridas em fevereiro com os vagões da empresa. O caso é investigado pela 23ª Delegacia de Polícia (Ceilândia). O responsável pelo inquérito, delegado Robson Cândido, vai promover uma acareação com três funcionários da empresa — um piloto e dois controladores — amanhã para apurar se houve intenção de sabotar o sistema. "Sabemos que a conexão foi fator determinante para a pane, mas não conseguimos concluir se houve intenção de prejudicar o funcionamento dos trens", explica o policial.

Um dos funcionários admitiu ter conectado um monitor eletrônico a um cabo que estava ligado ao sistema do metrô para ter acesso à escala de horário de serviço dos pilotos. Mas, segundo o delegado, o servidor teria, logo em seguida, reconectado o cabo na tomada de origem. "Se alguém ligou posteriormente com intenção de sabotar a gente não conseguiu apurar, porque dentro da sala não tem câmeras", afirma.

O diretor do Sindicato dos Metroviários, Leandro Santos, disse que a categoria ainda não recebeu nenhuma notificação da polícia sobre o inquérito. O presidente do Metrô, Nilson Martorelli, espera receber o resultado do laudo da Polícia Civil para



É um caso em que pode dar até demissão por justa causa"

Robson Cândido, delegado da 23ª DP, responsável pelo inquérito que apura possível sabotagem no metrô

comentar sobre o inquérito. Ele garante que o transtorno não voltará a acontecer. "A gente não esperava que a conexão provocaria aquele problema todo, mas hoje temos instalados câmeras de monitoramento nas salas dos funcionários e também mudamos o sistema de combate a invasões para evitar novas panes", garante.

A Polícia Civil deve propor sanções administrativas ao metrô, caso seja comprovada a ação culposa (quando não há intenção) do funcionário que admitiu ter interferido no cabo. "Ele não é técnico em informática nem de comunicações, por isso não poderia ter mexido no cabo. É um caso em que pode dar até demissão por justa causa", defende Cândido.

Na noite de ontem, os metroviários aprovaram, em assembleia, um indicativo de greve. A categoria espera uma proposta do governo e se reúne no próximo domingo, às 20h, na Praça do Relágio, em Taguatinga.

Gustavo Moreno/CB/D.A. Press



Trens do metrô apresentaram falhas seguidas em fevereiro, prejudicando milhares de usuários: investigação ficou a cargo da 23ª DP

Memória

Sobrecarga em todo o sistema

Entre 2 e 10 de fevereiro deste ano, os trens do metrô sofreram problemas de tração, sinalização e falta de energia. Na madrugada do dia 11, técnicos da empresa localizaram um cabo plugado atrás de um armário da sala de descanso

dos pilotos na Estação Central. A conexão desse cabo foi responsável pela sobrecarga de toda a rede e pelo apagão no quadro do Centro de Controle Operacional do sistema. Na segunda-feira subsequente, a Polícia Civil decidiu abrir inquérito

para apurar a eventual sabotagem ao sistema dos trens do metrô, já que a sala onde foi encontrado o cabo mal conectado era frequentada apenas por funcionários. Pelo menos 80 pessoas passaram pela sala. Na época, o governador do Distrito

Federal, Agnelo Queiroz, condenou a suposta sabotagem dos metroviários como forma de pressionar o Executivo a conceder reajuste salarial para a categoria. Ele chegou a defender demissão e prisão dos envolvidos. (AP)



OS BANCOS ESTÃO DIMINUINDO OS JUROS. NA ADHARA E NA KYOTO, FIZEMOS DIFERENTE:

JURO ZERO PARA TODA A LINHA COROLLA



TAXA 0%

ENTRADA 60%

+ 24x

NOVO COROLLA XRS DIRIGIR É INCRÍVEL

VENHA CONHECER

PRORROGADO POR MAIS UMA SEMANA

ADHARA
Veículos

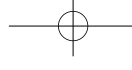
Saída Sul / 2108-7878
Em frente à Candangolândia
www.adharaveiculos.com.br

KYOTO
MOTORS

A maior concessionária
Toyota do Brasil

SIA Trecho 1 / 2103-5900
www.kyotomotors.com.br

Imagens meramente ilustrativas (Corolla 2012/2013 versão XRS 2.0 Flex). Promoção por tempo limitado, com taxa de juro pré-fixada de 0% a.m. (0% a.a.), entrada de 60% e saldo em até 24 parcelas através do Banco Toyota na modalidade CDC (pessoa física) e com a primeira parcela com vencimento para 30 dias da data de pagamento do contrato. (*) Simulação: Corolla 2012/2013 XRS 2.0 Flex com transmissão automática (A/T) por R\$ 78.000,00 à vista ou entrada mínima de R\$ 46.800,00 (60%) à vista e saldo financiado em 24 parcelas mensais fixas de R\$ 1.379,30. Incluso na simulação o IOF, no valor de R\$ 745,30, Cesta de Serviços (TC), no valor de R\$ 950,00, e Taxa de Registro de Contrato no DETRAN/DF, no valor de R\$ 208,00. Valor Total Financiado: R\$ 33.103,30. Valor final do veículo: R\$ 79.903,30. CET de 5,90% a.a. A alteração de qualquer das condições do financiamento acarretará novo cálculo do CET. As condições de financiamento estão sujeitas à análise e aprovação de cadastro pelo Banco Toyota e poderão ser alteradas se houver alterações significativas no mercado financeiro, sem aviso prévio. Estoque: Corolla 2012/2013 XRS 2.0 Flex A/T - 6 unidades. Esta promoção não abrange os veículos adquiridos diretamente do fabricante através de Vendas Diretas, inclusive com isenção de tributos. Tabela de Preços Sugeridos ao Público (abril 2012) disponível no site www.toyota.com.br ou na recepção das concessionárias. Promoções válidas para vendas de veículos 0 km dos estoques das concessionárias de 1ª a 6ª/2012 ou até o fim dos estoques, não sendo cumulativa com outras promoções/obertas nem com benefícios e/ou vantagens conseguidos em negociações de vendas anteriores. Reservamos o direito de corrigir qualquer falha e/ou erro gráfico, bem como alterar preços e condições comerciais sem prévio aviso. A Toyota oferece três anos de garantia de fábrica para toda a linha, sem limite de quilometragem para uso particular e, para uso comercial, três anos de garantia de fábrica ou 100.000 km, prevalecendo o que ocorrer primeiro. Consulte o livrete de garantia, o manual do proprietário ou o site www.toyota.com.br para obter mais informações. SAC Banco Toyota (Serviço de Atendimento ao Cliente): 0800 016 4155 ou envie um e-mail para sac@bancotoyota.com.br.



Política no DF

28 • Cidades • Brasília, quinta-feira, 3 de maio de 2012 • CORREIO BRAZILIENSE

SERVIÇO PÚBLICO

Professores decidem voltar às salas de aula hoje. Calendário para cumprir os 200 dias letivos nas escolas públicas do Distrito Federal será definido em reunião entre representantes do governo e dos docentes, que ocorrerá à tarde. Férias devem ficar comprometidas

Greve termina após 52 dias

» MARA PULJIZ

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Assembleia dos professores em frente ao Palácio do Buriti: entre as garantias dadas pelo GDF está o aumento do abono saúde da categoria

Os professores da rede pública de ensino deverão voltar hoje às salas de aula. Em assembleia realizada ontem, a categoria decidiu suspender a greve que durou 52 dias, para, durante um mês, analisar o cumprimento das propostas feitas pelo Governo do Distrito Federal (GDF). Entre elas, está o pagamento de auxílio-saúde de R\$ 200 até junho e o encaminhamento, em 30 dias, à Câmara Legislativa, de projeto de lei com plano de carreira que garanta a isonomia com as outras categorias do DF, no prazo máximo de quatro anos. Caso o acordo não seja cumprido, uma assembleia está marcada para 14 de junho em frente ao Palácio do Buriti, com possibilidade de ser deflagrada uma nova greve. Hoje, às 14h, representantes do governo e dos docentes se reúnem para definir o calendário de reposição.

Durante a votação para a suspensão da paralisação, os professores ficaram divididos. Eles queriam que fosse modificada a redação dos itens propostos pelo governo e a realização de uma nova assembleia para amanhã. Alguns insistiam na incorporação da gratificação denominada Tidem, ainda este ano, e não até 2014, como ficou definido. Caso a medida fosse tomada imediatamente, o governo sustenta que haveria uma despesa de pessoal da ordem de R\$ 515 milhões e um impacto de 4 pontos percentuais adicionais à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), que colocariam o Executivo na ilegalidade.

O comando de greve do Sindicato dos Professores (Sinpro) considerou as propostas insuficientes, mas avaliou a necessidade de voltar às salas de aula, dadas as circunstâncias jurídicas e de negociação do momento. "Não quer dizer que aceitamos a proposta, porque ela não representa o que desejamos de fato, que é uma tabela salarial prevendo isonomia com as categorias de nível superior. Suspendemos a greve apenas para reorganizar a luta. O governo tem o compromisso de cumprir o que ficou acertado sob pena de voltarmos à greve ainda este ano", ressaltou o diretor jurídico do Sinpro, Washington Dourado.

O secretário de Administração Pública, Wilmar Lacerda, disse que o GDF fará o encaminhamento com base no acordo feito com os servidores da educação. "Estamos trabalhando para cumprir item a item das propostas e não termos mais nenhum problema com a categoria. Cumpriremos com a nossa parte."



Estamos trabalhando para cumprir item a item das propostas

Wilmar Lacerda, secretário de Administração

Encontro

A partir de agora, os cerca de 500 mil alunos das escolas públicas do DF enfrentarão uma maratona para reposição dos 34 dias úteis de aula perdidos. Hoje, Wilmar Lacerda e o secretário de Educação, Denilson Bento, se reunirão com representantes do Sinpro para discutir um novo calendário que permita aos estudantes terminarem o ano com 200 dias letivos de cada disciplina. Entre as cinco possibilidades a serem analisadas está a reposição feita aos sábados, de maneira alternada ao longo do ano e durante parte do recesso de julho e dezembro. Existe ainda a chance de o calendário se estender até janeiro de 2013. Neste sábado, os docentes participaram de uma plenária na sede do sindicato, no Setor de Indústrias Gráficas (SIG), para estudar a melhor forma de organizar os trabalhos dos próximos dias.

Folha suplementar garantida

Para os professores que tiveram o ponto cortado, o GDF fará uma folha suplementar até próximo dia 11. "Vamos fazer o pagamento na quinta-feira ou na sexta-feira, mas aqueles que tiveram seus pontos cortados, o acordo feito é de que nós faríamos folha suplementar para refazer os dados da Secretaria de Educação", explicou Wilmar Lacerda. Entretanto, os professores

que fizeram greve não poderão faltar nos dias de reposição, sob pena de receberem o salário proporcional ao dia trabalhado. "Faremos um calendário que não traga nenhum prejuízo ao conteúdo pedagógico", completou o secretário de Administração.

Segundo Washington Dourado, do Sinpro, a qualidade da reposição estará garantida aos estudantes. "Vamos assegurar, inclu-

sive, a reposição para os alunos que, durante a greve, não assistiram às aulas dos professores que não aderiram ao movimento. É um direito deles", destacou o diretor do Sinpro. Mas, de acordo com Wilmar Lacerda, não há justificativa para um professor que não aderiu ao movimento ter de repor um conteúdo duas vezes. "Essa questão será resolvida em cada escola", explicou. (MP)

Cronologia

12 de março

Os professores deram início à greve. Entre as principais reivindicações da categoria, está o pedido de revisão do plano de carreira. Logo no início, o governo afirma não ter condições de conceder aumento salarial para os servidores, devido ao limite com gasto de pessoal estabelecido pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF)

14 de março

Em uma das reuniões entre o governo e o Sindicato dos Professores (Sinpro), o GDF acenou com o plano de saúde para o segundo semestre deste ano e

prometeu dar continuidade aos estudos para a reestruturação do plano de carreira, mas sem data definida para ocorrer. Sem propostas concretas que tratassem de reajuste salarial, a categoria manteve os braços cruzados

26 de abril

No 46º dia de greve, representantes do movimento ocuparam o sexto andar do Palácio do Buriti, sede da Secretaria de Administração Pública, para cobrar uma definição a respeito da paralisação. Alguns policiais militares e docentes se desentenderam. Quatro professores acabaram atingidos por spray de

pimenta no rosto. Mesmo após uma determinação judicial para que deixasse o local, com multa de R\$ 10 mil por hora caso descumprisse a ordem, o grupo permaneceu no prédio

27 de abril

A desocupação ocorreu após a promessa de que as negociações, suspensas pelo GDF, seriam reabertas

30 de abril

Em mais uma tentativa de acordo, o governo apresentou nova proposta aos professores, que foi levada à assembleia de ontem

Itens do acordo

» Continuidade das negociações

» Retomada, a partir de setembro de 2012, das discussões sobre a reestruturação do plano de carreira e seus impactos financeiros

» Garantia de participação do Sinpro em mesa de discussão sobre o orçamento da educação pública do Distrito Federal, especialmente no que diz respeito ao Fundo Constitucional do DF e ao Fundeb

» Encaminhamento à Câmara Legislativa, em 30 dias, de proposta contendo os pontos consensuais da estrutura do plano de carreira que não tenham impacto financeiro

» Encaminhamento, em 30 dias, à Câmara Legislativa, de projeto de lei com a nova redação para o artigo nº 15 do plano de carreira, corrigindo sua inconstitucionalidade

» Publicação do decreto que regulamenta a forma de pagamento de professores em regime de contratação temporária em até 30 dias

» Garantia de paridade, no que couber, entre ativos e aposentados

» Pagamento de auxílio-saúde para os integrantes da carreira de magistério, ativos e aposentados, no valor de R\$ 200 a partir de junho próximo

» Reafirmação por parte do GDF da importância da incorporação da Tidem para a categoria, inclusive como forma de garantir melhor remuneração quando da aposentadoria e que envidará todos os esforços para a incorporação até 2014, em no máximo quatro parcelas. O pagamento poderá ser feito em prazo reduzido, dadas as condições fiscais e a disponibilidade dos recursos e as possibilidades orçamentárias

» Até que haja a incorporação integral da Tidem para toda a categoria, o governo se compromete a encaminhar, em no máximo 30 dias, projeto de lei que garanta a imediata integralidade da Tidem aos membros da carreira de magistério aposentados e que vierem a se aposentar, vinculada ao cumprimento da percepção da gratificação nos últimos 19 meses de exercício

» Divulgação do edital de convocação para a contratação de membros da carreira de magistério público em substituição às vacâncias decorrentes de aposentadorias, exonerações e falecimentos

» Garantia de remuneração integral a membros da carreira de magistério que se afastarem para estudos

METRÔ

Investigação concluída sem indiciamento

» KELLY ALMEIDA

A Polícia Civil deve concluir até a próxima semana o inquérito que apura a sequência de falhas e os atrasos em todas as estações do metrô em fevereiro deste ano. No começo das investigações, a polícia trabalhava com a hipótese de conexão proposital de cabos de internet à rede de sinalização dos trens. A ligação provocou uma sobrecarga e queda do sistema, provocando atrasos aos usuários de mais de uma hora. A falta de provas que levem à sabotagem deve fazer com que o documento

seja encaminhado à Justiça sem indiciamentos. Na próxima semana, os passageiros podem enfrentar mais transtornos. Os metroviários têm indicativo de greve marcado para a segunda-feira.

Ontem, três funcionários da Companhia do Metropolitano do DF passaram por acareação na 23ª Delegacia de Polícia (P Sul). Entre os três coordenadores, um teria feito a conexão, em 10 de fevereiro, para tentar arrumar o painel de controle da sala de descansa da Estação Central. Os outros dois teriam o auxílio por telefone. "Ele (o funcio-

Gustavo Moreno/CB/D.A Press - 27/4/12



Em fevereiro, o metrô apresentou diversas falhas: investigação na 23ª DP

nário) informou que o sistema onde aparece a localização de cada trem estava fora do ar. Como coordenador, ele precisava acompanhar as viagens, por isso fez a conexão dos cabos para tentar religar o sistema", informou o chefe da 23ª DP, Robson Cândido da Silva. A atitude

provocou pane no sistema do Centro de Controle Operacional (CCO), localizado em Águas Claras, e todos os vagões precisaram parar, para evitar batidas.

De acordo com o delegado, não houve crime na conexão. "Não ficou provado que ele agiu com a intenção de danificar o sistema. Ele

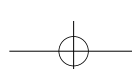
errou em tentar consertar um problema que não dominava. Poderia ter chamado alguém da informática. Mas, em relação a isso, o Metrô que pode tomar as medidas administrativas", explicou. Desde o começo das investigações, 55 pessoas que passaram pela sala de descansa foram ouvidas pela Polícia Civil. Agora, os investigadores farão o relatório final e encaminharão à Justiça e ao Metrô. Por meio da assessoria de imprensa, a companhia disse que só vai se pronunciar quando receber o documento.

Paralisação à vista

Com esse problema resolvido, a população vai ter que enfrentar outro transtorno. Os metroviários decidiram paralisar as atividades na próxima segunda-feira. Antes, eles se reúnem em assembleia no domingo. A categoria quer reajuste salarial de 25%, melhoria das condições de trabalho, realização de concurso e o cumprimento de cláusulas estabelecidas

no acordo coletivo em vigência. Com a possível greve, apenas 30% dos funcionários e dos metrô circularão. Nos horários de pico, serão sete trens e nos outros, o número reduz para quatro.

De acordo com o diretor do Sindicato dos Metroviários, Leandro Santos, a paralisação é certa. "Já foi decretada para a próxima segunda-feira. Não tivemos acordo com o governo", garantiu. O secretário de Administração, Wilmar Lacerda, reafirmou que o GDF está impedido de conceder reajuste salarial e realizar concurso público, por conta do limite da Lei de Responsabilidade Fiscal. Ele informou ainda que o Executivo vai pedir o adiamento do acordo coletivo da categoria, por mais 30 dias. "Não vamos aceitar a greve. Utilizar apenas 30% da frota é inviável. Vamos entrar na Justiça, se for preciso, e ser duros, porque as reivindicações não têm sentido", acrescentou. Governo e sindicato dos trabalhadores se reúnem amanhã.



ACIDENTE

Menina de 9 anos cai de brinquedo em escola de Sobradinho 2 e está internada no Hospital de Base do DF à espera de cirurgia para a retirada de um coágulo. Familiares denunciam lentidão do colégio para pedir socorro, e a polícia investiga se houve omissão

Criança perde 50% do rim

» KELLY ALMEIDA

Caroline Cristina Alves Nogueira completa hoje 9 anos. A menina, no entanto, passará o aniversário na unidade de terapia intensiva (UTI) do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF). Está internada desde a última sexta-feira, quando caiu de um brinquedo no Centro de Atendimento Integrado da Criança (Caic) de Sobradinho 2. Segundo familiares, a garota sente muitas dores e fica sedada a maior parte do tempo. Ela perdeu 50% do rim direito e passará por cirurgia para a retirada de um coágulo na bexiga. A Polícia Civil investiga o acidente para saber se houve omissão de socorro por parte da escola.

Para a família, houve demora e negligência no atendimento oferecido à estudante após a queda. "Ela caiu na hora do intervalo (entre 16h e 16h30) e só ligaram para a mãe dela às 17h20. Cheguei na escola e a minha sobrinha estava muito branca, principalmente os lábios. Não conseguia mexer as pernas nem os braços", afirmou Jaqueline da Silva Alves, 26 anos. A tia de Caroline garante que não havia professores com as crianças no momento da queda ou areia embaixo do brinquedo para amortecer a queda. "Ela (a menina) disse que duas amigas a ajudaram a levantar e, depois, ela foi se arrastando até a secretária, onde ficou deitada em um colchonete até eu chegar", contou.

A estudante só foi encaminhada ao hospital após a chegada de Jaqueline. Um funcionário do Caic levou as duas ao Hospital Regional de Sobradinho, mas ela precisou ser transferida de ambulância para o HBDF. "Quando chegamos no Base, a Caroline já estava com hemorragia interna e tinha perdido muito líquido do pulmão. Foi direto para a UTI. A

Breno Fortes/CB/D.A Press



Os investigadores à frente do caso interditaram o brinquedo até que seja colocada areia no chão do parquinho do Caic de Sobradinho 2

médica falou que, se ela tivesse sido socorrida logo após a queda, seria muito fácil a recuperação", explicou Jaqueline.

No fim da tarde de ontem, a equipe médica informou aos familiares que a estudante precisa passar por cirurgia para a retirada de um coágulo. "Ela grita muito de dor e está tomando morfina. Essas dores devem ser disso", disse Jaqueline.

Omissão

Apesar de o incidente ter ocorrido na sexta-feira, o registro da 35ª Delegacia de Polícia (Sobradinho 2) foi feito pela família dois

dias depois. A Polícia Civil realizou a perícia no brinquedo na última quarta-feira e interditou o parque até que a escola providencie areia para colocar no chão. A responsabilização dos funcionários do Caic Júlia Kubitschek de Oliveira não está descartada. "A escola disse que estava esperando a ambulância e, por isso, deixou Caroline deitada até a tia chegar. Mas por que não levaram a criança até um posto de saúde?", questiona o delegado-chefe da 35ª DP, Rogério Rezende.

Se o resultado da perícia comprovar que a falta de areia foi determinante para a gravidade das lesões, os funcionários

podem responder também por lesão corporal. Segundo o delegado, alguns questionamentos precisam ser esclarecidos durante as investigações. "Queremos saber se as crianças realmente estavam sozinhas no parque; por que não tinha a areia debaixo do brinquedo; e por que demoraram tanto para ligar para a mãe da menina."

A coordenadora da Regional de Ensino de Sobradinho, Celsa Rosa, garante que a escola agiu da forma correta. "Não houve omissão de socorro. O espaço de tempo entre a queda e a comunicação com a mãe foi o tempo normal que se gasta. O bombeiro foi

acionado, mas a tia acabou chegando primeiro", afirmou. A docente não soube explicar se alguém acompanhava as crianças no intervalo e limitou-se a dizer que "nessa idade, é rotina os professores estarem com os alunos."

Celsa Rosa admitiu, no entanto, que o chão do parquinho não é preparado para acidentes como o que ocorreu com Caroline. "Era gramado, mas embaixo do brinquedo estragou e está só a terra. A orientação da perícia foi deixar o local isolado até a colocação da areia, que nunca havia sido pedida formalmente para a Secretaria de Educação, mas já está sendo providenciada", afirmou.

Memória

2011

Setembro

» Um menino de 9 anos morreu eletrocutado na Escola Classe nº 4, no Paranoá. O acidente ocorreu na volta do intervalo das aulas. Marcos Vinícius dos Santos teria fugido da professora e pulou uma cerca de 2,5m de altura, que separa a horta e o espaço do Serviço de Orientação Um fio desencapado pode ter tocado a cerca, tornando-a eletrificada.

Maio

» Um fio desencapado provocou queimaduras de terceiro grau e um corte na mão de um menino de 3 anos, na escola da QI 5 do Lago Sul. O incidente ocorreu quando o menino levou um choque de 220 volts ao pegar no fio. No momento, várias crianças estavam no local para ensaiar uma apresentação para o Dia das Mães. Uma professora puxou o menino e outra desligou o fio da tomada. Homens trabalhavam na manutenção e na limpeza do sistema de ar-condicionado.

Fevereiro

» Daniela Camargo Casali, 2 anos, morreu afogada durante uma aula de natação em colégio da 609 Sul. A criança estava em uma piscina rasa, na companhia de dois professores e de cerca de 10 crianças. Por volta das 14h30 do dia 8, ela se separou do grupo e escapou para a piscina maior e mais profunda, que fica ao lado, separada por um portão. Um dos funcionários percebeu a ausência da menina quando ela já havia se afogado.

EDUCAÇÃO

Reposição de aulas começa em 12 de maio

» ROBERTA MACHADO

A compensação das aulas perdidas durante a greve dos professores da rede pública deve começar apenas em 12 de maio. A confirmação da data, no entanto, depende da definição do calendário de reposição, que será divulgado na segunda-feira, quando o Sindicato dos Professores do DF (Sinpro) volta a se reunir com a Secretaria de Educação. Servidores e representantes do governo se encontraram na tarde de ontem para negociar um plano para remanejar a perda dos 35 dias letivos durante a greve, mas as propostas precisam ser aprovadas em plenária com a categoria no fim de semana.

Entre as possibilidades discutidas estão aulas aos sábados, a diminuição do recesso escolar e a extensão do ano letivo até janeiro de 2013. "O que está sendo discutido é se usaremos todos os sábados para cumprir os dias letivos ou se vamos avançar depois do Natal. Há como fazer as reposições antes do Natal, mas é uma decisão coletiva", explicou o diretor do Sinpro Cláudio Antunes. Também é quase certo que o recesso programado para julho seja encurtado em uma semana.

Os professores que não aderiram à greve também podem ter de compensar as aulas dos últimos dois meses. Entram no calendário de reposição as disciplinas dos educadores que foram impedidos de ensinar devido à baixa frequência de alunos. "Assim, fica mais difícil, pois temos de explicar tudo de novo. Mesmo agora que a greve acabou, faltaram seis alunos", reclamou Zairo Moreira, professor de Ciências Naturais do

Breno Fortes/CB/D.A Press



No Centro de Ensino Fundamental nº 15 de Taguatinga, ainda há alunos faltando, apesar da volta às aulas

Centro de Ensino Fundamental nº 15 de Taguatinga.

Assembleia

Estimam-se que 14 mil dos 27 mil professores da rede pública

do DF tenham cruzado os braços durante parte ou todos os 52 dias de paralisação, prejudicando 500 mil alunos. O movimento só foi interrompido graças a um acordo fechado na quarta-feira. Os servidores suspenderam o mo-

vimento, mas, ainda assim, podem retomá-lo a qualquer momento. Em 14 de junho, os educadores se reúnem novamente para discutir o cumprimento dos pontos firmados e votar a permanência em salas de aula.



O que está sendo discutido é se usaremos todos os sábados para cumprir os dias letivos ou se vamos avançar depois do Natal"

Cláudio Antunes, diretor do Sinpro

Eletrobras FURNAS **Ministério de Minas e Energia** **GOVERNO FEDERAL BRASIL** PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

CHAMADA PÚBLICA

Novas Oportunidades de Negócios
Procedimentos para Seleção de Empresas Privadas, Empreendedoras e Investidoras, para Formação de Parcerias

Furnas Centrais Elétricas S.A., com sede na Rua Real Grandeza, nº 219, Botafogo, Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, no âmbito da Chamada Pública para Novas Oportunidades de Negócios, torna pública sua intenção de constituir parceria com empresas privadas para participar, em forma de consórcio, no **Leilão ANEEL A-3/2012**, proveniente de fontes eólica, pequenas centrais hidrelétricas (PCHs), térmica a biomassa e/ou gás natural, e em caso de êxito no certame, com fundamento no § 1º art. 15 da Lei 3890-A/61, constituir Sociedade de Propósito Específico - SPE.

Informações adicionais estão à disposição no site www.furnas.com.br, devendo os interessados se manifestar conforme instruções ali contidas, até as **18:00 horas do dia 11/05/2012**.

A Diretoria
Furnas Centrais Elétricas S.A.

AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL **Ministério da Defesa** **GOVERNO FEDERAL BRASIL** PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

AVISO DE LICITAÇÃO

Pregão Eletrônico nº 19/2012

PROCESSO nº **60800.235197/2011-73**

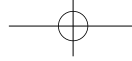
OBJETO: Registro de Preços para eventual cessão de direito de uso de licenças de softwares da plataforma Microsoft, tanto para as estações de trabalho quanto para os equipamentos servidores, em atendimento às necessidades da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), consoante especificações contidas no Termo de Referência, Anexo "A" do Edital.

ENTREGA DO EDITAL: A partir de 04/05/2012, no site www.comprasnet.gov.br ou através de solicitação ao endereço eletrônico gisele.oliveira@anac.gov.br.

ENVIO DAS PROPOSTAS: A partir de 04/05/2012 até às 9h59min de 16/05/2012, no site www.comprasnet.gov.br.

ABERTURA DAS PROPOSTAS: Dia 16/05/2012, às 10hs, horário de Brasília, no site www.comprasnet.gov.br.

GISELE APARECIDA GONÇALVES DE OLIVEIRA
 Pregoeira



ENSINO SUPERIOR

Data do vestibular da UnB é mantida

Após decisão judicial que retoma os critérios da isenção da taxa, a Universidade de Brasília decide aplicar as provas em 2 e 3 de junho, como previsto inicialmente

» ROBERTA ABREU
» ADRIANA BERNARDES

Angústia dos estudantes que se preparam para o 2º Vestibular da Universidade de Brasília (UnB) chegou ao fim. Após 14 dias de indefinição, a instituição de ensino decidiu manter a seleção para a data original — 2 e 3 de junho. O Centro de Seleção e de Promoção de Eventos (Cespe) suspendeu as provas após a 3ª Vara Cível do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) acatar uma ação civil pública que questionou os critérios de isenção da taxa de inscrição. O benefício é concedido a candidatos incluídos no Cadastro Único para Programas do Sociais do Governo Federal (CadÚnico) e membros de família de baixa renda. Quem ainda não pagou a taxa de inscrição pode fazê-lo até o próximo dia 15.

Em 29 de março, o juiz federal substituto Bruno César Bandeira Apolinário, da 3ª Vara Cível, analisou o caso e acatou o pedido do defensor público federal Ricardo Salviano, que solicitou ao Cespe que excluísse a necessidade de o candidato estar inscrito no CadÚnico. Além disso, o defensor pediu que fosse reaberto o prazo para os interessados providenciarem os documentos a fim de comprovar a carência financeira. Na última sexta-feira, porém, a Justiça acatou o recurso interposto pela Fundação Universitária de

Brasília (FUB) e manteve os critérios de isenção.

Para não prejudicar os estudantes, o Cespe decidiu manter o calendário original. O diretor da instituição, Ricardo Carmona, explicou que a mudança “implicaria prejuízos”. “Fizemos reuniões durante o fim de semana e concluímos que é possível manter as datas com uma força-tarefa. Muitos candidatos fizeram inscrições para outros vestibulares ou tinham viagens marcadas”, disse. Segundo ele, outras faculdades, que dependem do resultado da seleção da UnB, e cursinhos preparatórios seriam atingidos por um possível adiamento.

Recurso

O resultado provisório das solicitações de isenção do pagamento da taxa está no site do Cespe (<http://www.cespe.unb.br/vestibular/2vest2012>). Quem teve o pedido negado pode entrar com recurso das 9h de 9 de maio às 18h de 10 de maio. O resultado final desta fase está previsto para o próximo dia 14. A convocação para a entrevista pessoal dos candidatos que se inscreveram para concorrer pelo sistema de cotas para negros e a divulgação dos locais e horários das provas estão previstas para 28 de maio.

Segundo o diretor do Cespe, a isenção continua restrita aos inscritos no CadÚnico, além de estudantes que estiverem cursando o 3º ano do ensino médio em

Bruno Peres/CB/D.A Press - 10/12/11



Decisão de manter a data é para não prejudicar estudantes que pretendem concorrer às vagas oferecidas por outras universidades

» Fique atento

» As provas ocorrerão em 2 e 3 de junho

» Os candidatos podem conferir os locais da realização do teste por meio do site do Cespe (<http://www.cespe.unb.br/vestibular/2vest2012>), a partir do próximo dia 28

No total, a UnB oferece 4.184 vagas em 96 cursos, assim distribuídas:

» Câmpus Plano Piloto — São 3.474 vagas para 86 cursos. Do total, 701 são reservadas ao sistema de cotas para negros

» Câmpus Planaltina — Serão oferecidas 170 vagas para quatro cursos. Do total, 34 são reservadas ao sistema de cotas

» Câmpus Ceilândia — Serão disponibilizadas 260 vagas para seis cursos. Do total, 52 são reservadas ao sistema de cotas

» Câmpus Gama — No total, são 280 vagas para o curso de engenharia; 56 estão reservadas ao sistema de cotas para negros

» Divulgação do resultado final dos pedidos de isenção da taxa — 14 de maio

» Novo prazo para pagamento da taxa de inscrição — Até 15 de maio

Fonte: Cespe



Leia mais sobre educação no site www.correio braziliense.com.br/euestudante

escolas públicas do Distrito Federal e, em algumas situações, o Ensino de Jovens e Adultos (EJA).

As inscrições, que já haviam sido encerradas antes da suspensão do vestibular, não serão reabertas. “Quando ele (vestibular)

foi suspenso, isso ocorreu a partir da fase em que se encontrava. Se a data das provas tivesse sido alterada, talvez tivéssemos que reabri-la ou até cancelá-la, em casos de estudantes prejudicados”, explicou Ricardo Carmona.

» Vandalismo

Carlos Moura/CB/D.A Press



» A estátua em homenagem ao ex-Beatle John Lennon, localizada na Universidade de Brasília (UnB), foi novamente alvo de vândalos. Desta vez, o monumento, que fica próximo ao Restaurante Universitário, foi tingido de cor-de-rosa — em outras situações, a estátua foi coberta de outras cores. A assessoria de imprensa da universidade não soube dizer quando o monumento foi pintado e afirmou que já foi encomendado o material de limpeza específico para recuperá-lo. A obra, da escultora Ivna Mendes de Moraes Duviervier, foi doada à UnB em 16 de agosto de 1995.

ESCOLAS PÚBLICAS

Reposição até 29 de dezembro

» THÁIS PARANHOS

Até o fim do ano, os alunos da rede pública de ensino deverão ter aulas aos sábados para compensar os 52 dias — sendo 35 letivos — de greve dos professores. A decisão foi tomada durante reunião na manhã de ontem entre o secretário de Educação, Denilson Bento da Costa, e representantes do Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro-DF). O receso de julho, previsto anteriormente para durar duas semanas, será reduzido para sete dias. E a reposição ocorrerá até 29 de dezembro. Após diversas negociações com o governo, os docentes decidiram encerrar a paralisação no último dia 2 (leia Cronologia).

A reposição das aulas começa no próximo sábado. Ao todo, as escolas terão 42 dias para desenvolver as atividades suspensas durante o movimento dos professores. Mas nos colégios em que os docentes não aderiram à greve, o calendário definido no início do ano será seguido. “Somente cerca de 30% das instituições de ensino tiveram paralisação total. Os maiores índices de adesão ocorreram nos centros de ensino fundamental e médio. Há casos em que um só professor precisará repor o conteúdo”, explicou o secretário de Educação.

Para garantir o cumprimento da reposição, Denilson Costa delegou às coordenações regionais

» Corte de ponto

O desembargador da 2ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) José Divino de Oliveira negou ontem liminar em ação ajuizada pelo Sinpro com o intuito de proibir o GDF de cortar o salário dos professores que aderiram à greve. O relator destacou diversos precedentes do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Superior Tribunal de Justiça (STJ). De acordo com a decisão monocrática, os tribunais superiores já se manifestaram no sentido de que a paralisação de servidores públicos, por motivo de greve, implica no consequente desconto da remuneração relativa aos dias faltosos, procedimento que pode ser levado a termo pela própria administração. O mérito da ação cautelar ainda será julgado pelo colegiado da 2ª Câmara Cível.

de ensino o acompanhamento do trabalho em cada colégio. “As escolas têm até a próxima quinta-feira para encaminhar um calendário escolar próprio, com base no que foi definido na reunião para a regional acompanhar o desenrolar das atividades. A secretaria também precisa se preparar para garantir o transporte e a alimentação dos alunos que precisarem estudar aos sábados”, acrescentou Costa.

Ed Alves/CB/D.A. Press



Calendário de reposição foi definido em reunião na manhã de ontem

Passe garantido

Na avaliação do diretor do Sinpro-DF, Washington Dourado, o novo calendário escolar foi estabelecido dentro do que foi sugerido pelos professores. “Ficou puxado para os alunos, mas por outro lado garante a eles a oportunidade de ter todo o conteúdo previsto para este ano, principalmente para aqueles que farão vestibular ou vão mudar de instituição”, disse.

O presidente da Associação de Pais e Alunos das Instituições de Ensino do Distrito Federal (Aspa), Luis Claudio Megiorin, demonstrou preocupação com o cumprimento do estabelecido durante a reunião.

“Os alunos já foram muito prejudicados. A reposição é bastante sacrificante e a maioria dos estudantes não comparece às escolas no sábado. É preciso um esforço muito grande de pais e professores”, avaliou.

Com definição sobre a reposição das aulas na rede pública de ensino, o Transporte Urbano do Distrito Federal (DFTrans) informa que os beneficiários do Passe Livre Estudantil (PLE) poderão usufruir do direito aos sábados. O aluno utilizará as mesmas linhas cadastradas que usa diariamente. Caso tenha que acrescentar mais alguma linha, basta o estudante se dirigir a um dos 10 postos do Sistema de Bilhetagem Automática (SBA).

» Cronologia da greve

» 8 de março — Professores avisam ao GDF que entrarão em greve

» 12 de março — A categoria inicia a paralisação

» 13 de março — Primeira reunião do GDF com professores em greve

» 19 de março — Secretaria de Educação se reúne com representantes do Sindicato dos Professores (Sinpro)

» 20 de março — Assembleia da categoria

» 22 de março — Sindicato se reúne com bancada do Distrito Federal na Câmara dos Deputados

» 23 de março — GDF anuncia corte de ponto dos professores grevistas

» 28 de março — Assembleia da categoria decide manter greve

» 11 de abril — A greve completa um mês. Professores e GDF não chegam a um acordo

» 12 de abril — GDF calcula que precisaria de R\$ 479 milhões para atender às reivindicações da categoria

» 15 de abril — Professores em greve invadem a abertura da 1ª Bial Brasil, na Esplanada dos Ministérios

» 17 de abril — Ministério Público questiona a greve dos professores

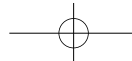
» 20 de abril — Justiça determina que 80% dos professores voltem às salas de aula

» 26 de abril — Grevistas invadem anexo do Palácio do Buriti, mais especificamente o 6º andar do prédio, onde funciona a Secretaria de Administração

» 27 de abril — Após a Justiça determinar a reintegração de posse, grevistas deixam a sede do Executivo local

» 30 de abril — OAB, UnB e parlamentares realizam reunião com professores e apresentam nova proposta à categoria

» 2 de maio — Professores encerram a greve



VISÃO DO CORREIO

Êxito da decisão do Supremo cabe ao SUS

O Supremo Tribunal Federal decidiu pelo direito de as mulheres abortarem fetos sem cérebro. Passaram-se quase oito anos do início das discussões. Foi, segundo ministros da Corte, um dos julgamentos mais difíceis da história do Judiciário. Muitos consideravam que o martelo deveria ser batido pelo Congresso, antecedido de amplos debates dos diferentes grupos de interesses. Mas o Legislativo, além de se esquivar de questões polêmicas, sofre pesada pressão da bancada religiosa.

Por oito votos a dois, o STF pôs fim às discussões. Mas não aos problemas. Doravante, a mulher tem assegurado o exercício da escolha. Pode levar a gravidez até o fim. Ou interrompê-la se achar conveniente. A opção é dela. Trata-se de avanço nas reivindicações feministas. Nada mais libertador que a possibilidade de eleger.

Até a histórica deliberação de quinta-feira, a gestante precisava recorrer à Justiça para fazer valer a vontade de não carregar um natimorto por nove meses. Passado o período de espera, em vez de levar o filho para casa, acompanhava o cadáver ao cemitério. Não raras vezes, a lentidão da Justiça lhe contrariava o desejo.

Agora não há necessidade de suplicar concessão. O direito é indubitável.

Mas transitar da teoria à prática implica percorrer longo caminho. Além da exigência de diagnóstico 100% correto, há que garantir atendimento médico, leito hospitalar e assistência psicológica. O Conselho Federal de Medicina criou comissão para fixar critérios aptos a evitar erros no laudo. Espera-se que chegue à conclusão sem demora.

Considerada a delicadeza do dilema proposto (abortar ou manter a gravidez) em face dos valores morais e religiosos da sociedade, impõe-se preparar unidades do SUS para acolher a gestante. Ela não pode ser tratada como a maioria das parturientes. Precisa de cuidados especiais. Segundo o Ministério da Saúde (MS), o Brasil terá, até o fim de 2012, 95 hospitais da rede pública qualificados para realizar o aborto de fetos anencéfalos.

Hoje, de acordo com o MS, existem 65 unidades preparadas para o procedimento nos casos de estupro ou risco à vida da gestante. Elas têm, diferentemente dos demais hospitais, quadro de funcionários treinados e, por isso, aptos ao atendimento diferenciado que se exige. Urge apressar o passo. Os 26 estados e o Distrito Federal têm de contar com unidades de referência suficientes. Só traduzida em atos, a conquista garantida pelo STF será completa.

>> Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter no máximo 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Segurança

O primeiro requisito para quem abraça a carreira da segurança pública é o amor à profissão escolhida. A contrapartida, com a remuneração, vem em segundo plano. É como o soldado que se oferece à guerra por amor à pátria, para defendê-la até a morte, se necessário for. No caso da operação-padrão dos policiais militares, há regozijo e festa deles, a comemorar os inúmeros crimes de homicídios, assaltos e sequestros relâmpagos como consequência desse movimento ilegal. A população fica perplexa e aterrorizada. As autoridades também. Franz Kafka, em tais casos, talvez se recusasse a comemorar. O STF já decidiu que militar não tem direito à greve. A desobediência ao cumprimento do dever é crime. Aos insurretos resta a aplicação da pena: corte de ponto, processo disciplinar e criminal. Urge, ainda, criar a Guarda Municipal, como já existe, por exemplo, em São Paulo, e existiu em Brasília.

» José Lineu de Freitas, Vila Planalto

» A mudança de comando na PM, com a previsão de que essa mudança trará dificuldades para o governo em relação ao Legislativo, já que a troca não agradou ao presidente da Câmara, deixa claro que o referido deputado não está preocupado com a segurança no DF, mas tão somente com seu projeto político. Dessa forma, o governo deve se posicionar ao lado do povo, ou seja, envidando esforços para encurtar a trajetória desse parlamentar no comando da CLDF.

» Evilázio Viana Santos, Asa Sul

Ensino

É fácil resolver o problema da pouca vergonha de mais uma greve dos professores do DF. Cortem o ponto deles. Não paguem salários e voltarão imediatamente. Recebendo salários, que, diga-se de passagem, são os maiores do país para a categoria, não voltam nunca. E as crianças que se danem.

» Francisco Dantas, Cruzeiro Novo

» Os argumentos do governador de que os professores do DF são os mais bem pagos do

país, e que lhes concedeu 13% de aumento, os quais não foram totalmente pagos, revelam malícia e desprezo para com os justos anseios da sofrida categoria. Assim ele consegue colocar contra os educadores a sociedade, especialmente os pais dos alunos, que já não os respeitam tanto.

» Maria Guimarães Lopes, Águas Claras

Funcionalismo

É inconcebível que, 14 anos depois de implantado pela reforma administrativa, o teto salarial do funcionalismo público continue sendo um acinte à Constituição de 1988. O pior é que o governo suprime a única gratificação atribuída aos servidores do Dnocs, há mais de 20 anos, enquanto 129 servidores do Executivo federal ganham acima do valor a que fazem jus os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), consoante dados oriundos do governo central. Impõe-se, afinal, que se adote uma medida colocando fim a essa odiosa discriminação.

» Godofredo Maia, Fortaleza (CE)

IPVA

Estamos sendo assaltados na cobrança do IPVA calculado no preço sobrevalorizado dos veículos. Meu carro não vale R\$ 20 mil no mercado, mas a Secretaria de Fazenda do DF o avaliou em R\$ 26 mil. Além disso, tem o "imposto" DPVAT, cobrado inclusive de quem tem seguro total do veículo. E a taxa de licenciamento? Para que serve? Muitas vezes o documento não chega pelo Correio e perdemos horas no Detran para retirar o licenciamento do veículo. E os pardais, verdadeiros caça-níqueis, não evitam acidentes, mas engordam os cofres do Detran, cujos recursos ninguém sabe onde são aplicados. Se não bastasse tanta imoralidade, agora temos a taxa de inspeção veicular, que seria defensável para veículos com mais de oito, 10 anos de uso. Cobrar inspeção veicular de veículos novos e seminovos é um escândalo. Ou nos mobilizamos ou vamos, mais uma vez, ficar inertes perante mais um assalto ao cidadão. Não se pode ter um veículo neste país.

» Maria F. S. Santos, Asa Norte



RENATO FERRAZ
renatoferraz.df@dabr.com.br

E quem ganha mesmo?

Todos os hotéis e pousadas brasileiras têm um aviso no banheiro dos quartos que, com variações mínimas, dizem o seguinte aos hóspedes: salvem árvores, ajudem o meio ambiente, sejam conscientes e não peçam para lavar as toalhas usando-as apenas uma vez. Agora, sinceramente, caro leitor: você não acaba imaginando que a iniciativa tem apenas objetivos econômicos, como reduzir gastos com lavanderia? A ação é tão padronizada que me leva a crer que sim. Salvo raras exceções. Sou um entusiasta do desenvolvimento sustentável: acho que podemos satisfazer nossas necessidades sem exagerar (valor subjetivo) na destruição da natureza. Essa não é uma questão ideológica. Estudos e testes comprovam que muitos recursos naturais não são renováveis — e que isso já tem impacto na nossa vida. O recém-lançado filme *Xingu*, por sinal, dá boa dimensão de como fomos estúpidos na ocupação da Amazônia. E de como podemos continuar a ser se a ânsia (ou a ganância) não for contida, por exemplo, no novo Código Florestal. Mas a expressão "sustentabilidade" e sua variantes não podem esconder segundas intenções ou resultar no aumento do lucro financeiro.

Por isso, reportagens como uma publicada quinta-feira no jornal *Estado de Minas* são fundamentais para desmascarar

mitos e reestabelecer verdades. O texto mostra quem se deu bem, em Belo Horizonte, um ano depois da lei da sacolinha — aquela que elimina o uso de sacolas plásticas nos supermercados. Quem você, amigo leitor, acha que foi? Pois é: a iniciativa, que está se espalhando pelo país, fez com que os empresários do setor deixassem de gastar, apenas na capital mineira, R\$ 5,8 milhões na compra dos sacos que ofertavam aos clientes. Agora eles vendem similares biodegradáveis. Ou o consumidor os compra ou tem que se virar — geralmente usando aqueles de papel — para levar os produtos para casa. No fim do ano passado, pesquisa encomendada pelo governo da Inglaterra sugeria que os sacos plásticos causam até 200 vezes menos danos à natureza do que as bolsas retornáveis de algodão, arduosamente defendidas como alternativa verde.

E a reportagem do *EM*, é importante ressaltar, foi muito bem apurada e mostra detalhes curiosos: os comerciantes afirmam que 165 milhões de sacos deixaram de circular em BH, enquanto a indústria do plástico garante que o uso de sacos de lixo cresceu até 30% — e que, com a irrevogável lei da oferta e da demanda, os preços subiram até 400%. Ai, sinceramente, não dá.

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo howera, lá chegara"

Camões, e, VII e 14

Diretor Presidente ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA		Vice-Presidente Institucional ARI CUNHA		Vice-Presidente Executivo EVARISTO DE OLIVEIRA	
Diretor de Redação Josemar Gimenez	Diretor de Comercialização e Marketing Paulo Cesar Marques	Diretor Financeiro Mauro Nakao	Diretor Industrial Oswaldo Abilio Braga	Diretor Jurídico Vitório Augusto de Fernandes Melo	Diretor de Planejamento Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Editora-chefe Ana Dubeux		Editor executivo Carlos Alexandre			
Presidente do Conselho Editorial Marcelo Pimentel					

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Avenida Paulista 925, 10º andar conjunto 101 - CEP 01.311-100 - Bela Vista/SP Tel.: (11) 3372-0022; E-mail: sucursal.sp@uol.com.br - Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua do Livramento, nº 189 - Terraço, sala 89 - Bairro Saalide - CEP: 20.221-191 - Rio de Janeiro/RJ; Tel.: (21) 2263-1945; E-mail: sucursal.rj@uol.com.br - REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 36.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiabrasiliacomunicacao.com.br - Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 - Meritino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6297; E-mail: hrm@multimidia.com.br - Regiões Nordeste e Centro-Oeste - S4 Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 5º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@publicidade.com.br - Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed. Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiais e fotograficos são fornecidos pelas agências FOLHA DE SP/RE PRESS, APF, UPI, ANSA, AFB, AE e Agência de Notícias dos Diários Associados, Meridional, Tel.: (061) 3214-1120.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA		ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM e feriados
DF/GO	R\$ 2,00	R\$ 3,00	RS 386,00 180 EDIÇÕES
MG/RJ/SP	R\$ 2,50	R\$ 4,00	RS 772,00 360 EDIÇÕES
TO/MA/CE/PI	R\$ 2,50	R\$ 4,00	SEG a DOM e feriados
RN/PB/PE	R\$ 2,50	R\$ 4,00	RS 347,99 180 EDIÇÕES
			RS 563,92 360 EDIÇÕES (promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Informamos que os Classificados só circulam no DF. Preços válidos para até 5 (cinco) assinaturas por CNPJ ou até 3 (três) assinaturas por CPF.

DA Press Multimídia
Atendimento para venda e pesquisa de imagens:
Pessoalmente: segunda a sexta, das 10 às 17h.
E-mail e telefone: segunda a sexta, das 09 às 00h / sábados e feriados, das 14 às 21h
E-mail: dapress@dabr.com.br
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 Fax: 3214.1583

DIÁRIOS ASSOCIADOS



LEGISLATIVO / Pressionados, os deputados distritais acabaram com o 14º e o 15º salários, mas agora manobram para conseguir comprar um veículo oficial para cada parlamentar. O custo pode chegar a R\$ 2,3 milhões

Emenda submarina autoriza farra dos carros

» RICARDO TAFFNER

Qual a relação entre submarino e carro? Uma resposta possível pode vir logo à mente: ambos servem para o transporte de cargas e de pessoas. Mas na Câmara Legislativa os deputados utilizaram uma forma diferente de fazer esses dois veículos interagirem. A embarcação criada para submergir em águas profundas tem uma conotação no meio político: camuflar, disfarçar, esconder a verdadeira intenção. Em uma das raras vezes em que os distritais votaram um projeto de lei neste ano, em 15 de fevereiro, a artimanha foi usada para aprovar uma emenda submarina que pode beneficiá-los diretamente.

Talvez nem todos os 18 distritais que aprovaram o Projeto de Lei n.º 336/2011 tenham percebido a manobra, mas pelo menos os três membros da Mesa Diretora que subscreveram a emenda — Aylton Gomes (PR), Dr. Michel (PSL) e Olair Francisco (PT-doB) — conhecem o teor e o objetivo da medida: suprimir trecho da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) que restringe a compra de carros oficiais no Distrito Federal. A mudança permite à Casa adquirir quantos automóveis pretender, e abre brecha para todos os órgãos do Distrito Federal fazerem o mesmo.



Arte de Amaro Junior sobre ilustração do álbum Yelton Submarines/Beats

No mês passado, o presidente da Mesa Diretora, Patrício (PT), encomendou estudo para a compra de 16 automóveis para atender as comissões internas. No entanto, a área técnica recebeu um pedido diferente do feito pela 2ª Secretaria, comandada por Aylton: verificar quanto custa a aquisição de 26 veículos — o que daria para atender todos os distritais da Casa.

Se a marca e o modelo escolhido pelo órgão for o mesmo usado pela presidência, um Ford

Fusion avaliado em R\$ 90 mil, a resposta é fácil: o custo da brindeira sairia por R\$ 2,3 milhões. Ao **Correio**, o segundo-secretário disse não se lembrar o número exato em estudo, mas afirma que os veículos servirão apenas para as comissões. “Quem faz essa compra é a 2ª Secretaria, mas ainda estamos fazendo um debate na Mesa Diretora para verificar a quantidade. Não conhecemos a real precisão nem os modelos necessários”, disse Aylton. Quanto à emenda, ele

diz que foi aprovada para dar flexibilidade ao processo de compra. “Ainda não temos nada definido. Assumi a pasta recentemente e estamos começando a tomar as decisões”, completou o deputado do PR.

Exemplos

A aquisição de automóveis para parlamentares é uma ideia vigente em outros estados. A Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), por exemplo,

aprovou na última quarta-feira, por unanimidade, a padronização da frota usada pelos 70 deputados estaduais. O carro escolhido foi o Renault Fluence, que custa R\$ 76.390. Segundo a Alerj, a previsão inicial é trocar 35 unidades, por meio de licitação calculada em R\$ 2,9 milhões. A Câmara de Vereadores carioca tentou fazer o mesmo no ano passado. Eles iriam gastar R\$ 3,5 milhões em 51 automóveis, mas a transação teve de ser cancelada devido à pressão popular.

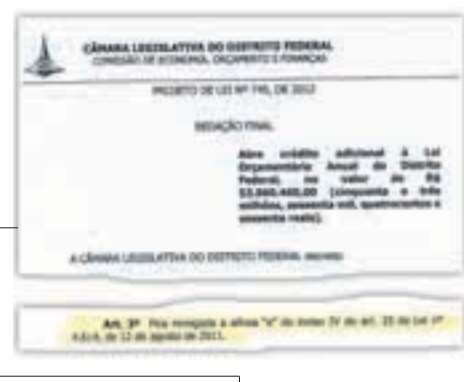
Um dos fatos que causa maior estranheza no processo da Câmara brasiliense é a forma não transparente escolhida para a tramitação. O PL n.º 336/2011, que entrou em pauta em 15 de fevereiro, buscava, exclusivamente, autorizar crédito adicional de R\$ 53 milhões ao orçamento deste ano.

No entanto, a Emenda Aditiva n.º 15/2012, apresentada diretamente em plenário pela segunda secretaria, tratou de assunto diferente da proposição original. O novo texto buscou revogar a alínea “e” do inciso IV, artigo 25, da Lei n.º 4.614. O trecho em questão veda a aquisição de veículos de representação neste ano, a não ser para substituir carros com mais de cinco anos em uso por membros do primeiro escalão do Executivo e do Legislativo local (veja à esquerda).

Além dessa emenda, outras 14

foram apresentadas e aprovadas pelos distritais, mas todas tratavam da destinação das verbas. Como o projeto tramitou em regime de urgência, o parecer da Comissão de Orçamento e Finanças (Ceof) foi lido rapidamente, em plenário, pelo relator Wasny de Roure (PT). Só não participaram da votação Liliene Roriz (PSD), Washington Mesquita (PSD), Patrício (PT) e Joe Valle (PSB). O texto final está no Palácio do Buriti para sanção. Caso o governador do DF, Agnelo Queiroz, não vete o artigo terceiro, a lei abrirá precedente aos órgãos locais, que poderão solicitar a compra de carros para subsecretários, gerentes, diretores etc.

Questionado, o presidente da Câmara disse que, atualmente, existe estudo apenas para verificar a real necessidade e fazer a cotação de preços. “Apesar de a 2ª Secretaria ser a responsável pelas compras, essa decisão é da Mesa Diretora. Como presidente, vou tomar todas as medidas para que a Casa tenha a infraestrutura necessária para atender cada vez melhor a população”, diz Patrício. Ele também afirma que não haverá compra de um carro para cada deputado. “Precisamos dotar a estrutura administrativa, composta pela Mesa Diretora e pelas comissões permanentes, de condições para executar melhor suas atribuições”, defende.



Restrição anulada

Na programação de despesas, ficam vedadas: e) aquisição de veículos de representação, ressalvadas as aquisições para substituição de veículos com mais de cinco anos de uso para atendimento ao governador, ao vice-governador, ao presidente da Câmara Legislativa, aos secretários de Estado, ao procurador-geral, ao presidente, vice-presidente e aos conselheiros do Tribunal de Contas do Distrito Federal e ao procurador-geral do Ministério Público junto ao TCDF (Lei n.º 4.614, de 12 de agosto de 2011, artigo 25).

Memória

Histórico de gastança

A aquisição de carros para a Câmara Legislativa ocorre em meio a discussões sobre os benefícios concedidos aos deputados. Em 8 de fevereiro, a Mesa Diretora aumentou em 77,77% o valor da verba indenizatória. O montante passou de R\$ 11.250 para R\$ 20 mil mensais. Com isso, os distritais podem torrar R\$ 5,76 milhões por ano com divulgação de atividade parlamentar, combustível, consultoria e locação de imóveis e veículos.

O uso desse recurso, no entanto, deverá ser regulado somente neste ano por meio de ato da Mesa Diretora, conforme recomendação do Tribunal de Contas do Distrito Federal. Doze dias após a notícia de aumento, em meio ao feriado prolongado de carnaval, 17 distritais receberam um crédito extra de R\$ 20 mil. A ajuda de custo era prevista em lei desde 1999 e paga em

duas parcelas de mesmo valor no início (fevereiro) e no fim do ano (dezembro). A benesse foi anunciada pelo **Correio**. A opinião pública cobrou o fim dos chamados 14º e 15º salários. Acuada, eles colocaram o tema em pauta no dia 28 e aprovaram, por unanimidade, o fim do benefício.

O **Correio** também denunciou que distritais, assim como senadores, não colocavam o recurso como renda tributada no Imposto de Renda, ou seja, não pagavam imposto sobre os extras. A Receita Federal começou a investigar o caso e cobrou explicações dos órgãos. A Câmara foi notificada na última semana. Segundo a Assessoria da Casa, os deputados pararam de pagar os tributos em 2004, devido a uma decisão do Supremo Tribunal Federal que permitiria a prática. (RT)

Informe Publicitário

NEGOCIAÇÃO COM OS PROFESSORES

ESCLARECIMENTOS

O GDF vem cumprindo o acordo com o SINPRO:

- Concedeu reajuste de 13,83%, o maior do país em 2011.
- Contratou 400 professores efetivos.
- Está implantando a gestão democrática nas escolas.
- Aumentou o valor do auxílio alimentação em 55%.
- Reformou 300 escolas, quase a metade de toda a rede pública.
- Aprovou o pagamento dos professores contratados temporariamente nos moldes dos professores efetivos.
- E mais: está ofertando o curso de licenciatura na UnB para mais de 800 professores que possuem o ensino médio, o complemento da licenciatura plena para mais de 540 professores que possuem a licenciatura curta e especialização a 700 professores através de parceria com a UnB, além de formação continuada para 10 mil docentes na EAPE.

Isso é valorizar o profissional da educação.

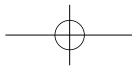
O GDF adotou recentemente medidas que visam à contenção das despesas com pessoal, tendo em vista os limites impostos pela Lei de Responsabilidade Fiscal, o que impede o governo de conceder reajuste salarial neste momento. O alcance destas medidas será avaliado e assim que os resultados possibilitarem, o GDF dará continuidade às discussões para a conclusão da reestruturação da carreira do magistério público.

O GDF continua aberto ao diálogo.

A greve neste momento não contribui em nada para o processo de negociação, além de prejudicar a população e afetar a qualidade da educação no Distrito Federal.

Secretaria de Educação





Cidades

+ política e economia no DF

Editor: Marcelo Tokarski
marcelotokarski.df@dabr.com.br
Tels.: 3214-1119/3214-1113/Fax: 3214-1185
Atendimento ao leitor: 3342-1000
cidades.df@dabr.com.br

Brasília, domingo, 8 de abril de 2012 • CORREIO BRAZILIENSE • 23

CÂMARA LEGISLATIVA

Levantamento mostra que a produtividade dos distritais foi inversamente proporcional ao gasto com a verba indenizatória na última década.

PÁGINAS 28 E 29



Carlos Vieira/Esp. CB/D.A Press

SEMANA SANTA

O Sábado de Aleluia foi dedicado à tradicional malhação do Judas, como ocorreu na Quadra 8 do Cruzeiro (foto).

PÁGINA 30



LUXO

O bom desempenho da economia do Brasil permite a diversificação do mercado para clientes com maior poder aquisitivo.

PÁGINA 31

SEGURANÇA PÚBLICA

Cidade refém do medo

Morte de servidor do Banco Central em assalto expõe, assim como série de sequestros relâmpagos e de homicídios, a insegurança no DF

» ARIADNE SAKKIS
» FLÁVIA MAIA
» ANTONIO TEMÓTEO

Há duas semanas, o Distrito Federal convive diariamente com a violência e a insegurança. O último fim de semana registrou 14 homicídios, índice muito superior à média registrada nesse período. No feriado da Semana Santa, entre quinta e sexta-feira, uma série de sequestros relâmpagos vitimou pelo menos seis pessoas. Na Sexta-Feira da Paixão, um assalto culminou com a morte do servidor do Banco Central Saulo Batista Jansen, 31 anos. Ao lado da esposa e da filha de quatro meses, ele foi baleado em uma lanchonete na 413 Norte.

Quadras comerciais do Plano Piloto conhecidas pela tranquilidade se veem incluídas no roteiro da criminalidade. A 413 Norte não tinha fama de violenta, mas nem por isso os comerciantes estão satisfeitos com o policiamento ostensivo. O funcionário de um restaurante não consegue precisar com qual frequência a Polícia Militar patrulha o local. À noite, como sempre, as visitas são ainda mais espaçadas. "Mesmo com um posto policial próximo, é raro ver alguém passar por aqui", reclama.

Na noite em que Saulo foi baleado e morto, o empregado estava em serviço. Segundo ele, policiais militares só chegaram ao local do crime uma hora depois do ocorrido. "E você precisava ver como eles passaram na rua. Não estavam a mais de 20km/h, com toda a tranquilidade do mundo, como se ninguém estivesse morrendo. Nem a sirene estava ligada", denuncia. A polícia prendeu o acusado de matar Saulo, Tiago Pereira, no Paranoá, horas depois do crime.

Ocorrências

A Secretaria de Segurança Pública não tem dados atualizados sobre ocorrências registradas nos três últimos meses. Mas os dados de janeiro dão o tom da situação. O número de roubos em comércios chegou a 194, 15,48% a mais do que no mesmo período de 2011. Os furtos aumentaram ainda mais, em torno de 42%. Houve 400 ocorrências em lojas, contra 203 em janeiro passado.

Enquanto isso, a Polícia Militar e a Secretaria de Segurança Pública fazem jogo de empurra quanto à responsabilidade pela explosão da violência. De um lado, a pasta exige postura mais firme do comando da PM em relação à Operação Tartaruga; do outro, a PM

Elio Rizzo/Esp. CB/D.A Press



Tiago Pereira, 21 anos, mostrou frieza ao saber pela polícia que tinha matado o analista Saulo Jansen

tenta resolver o movimento de paralisação internamente, com transferências dos policiais envolvidos na ação (leia reportagem abaixo). "Estamos preocupados com a Operação Padrão,

porém, a PM é uma corporação com autonomia administrativa e não podemos interferir. O que a secretaria pode e tem feito é cobrar do comando da PM que administre

essa situação. Enquanto isso, estamos colocando policiais civis, agentes do Detran e da própria secretaria nas ruas", afirmou Sandro Avelar, secretário de Segurança Pública.

Demora será investigada

A Polícia Militar do DF informou, por meio de nota, que investigará a denúncia de que policiais militares demoraram no atendimento ao assalto que terminou com a morte do funcionário do Banco Central Saulo Jansen. Segundo testemunhas, uma equipe da corporação chegou à 413 Norte uma hora depois do crime. A instituição realizará uma auditoria por meio do sistema de rastreamento das viaturas. Se a queixa for confirmada, a Corregedoria da PM instaurará um processo administrativo.

A PM acrescentou que a Operação Tartaruga não atrapalha o desempenho da corporação. Tanto que reforçou o policiamento ostensivo nos principais comércios do DF. A PM lembrou ainda que a Constituição não permite a greve de policiais militares e que "toda conduta que contrarie este dispositivo será rigorosamente apurada e seus responsáveis poderão ser punidos nas esferas administrativa ou penal".

Em relação às transferências de PMs supostamente por adesão à Operação Tartaruga, a PM limitou-se a responder que as transferências ocorrem "naturalmente, por necessidade do serviço e interesse da corporação".

orkut

TRANSFERIDO PELO COVARDE - 5 de abr

CASO QUEIRAM

VER ABORDAGENS NO DF ELES QUE VENHAM FAZER

ÉDUARH I - 2 de abr

OPERAÇÃO TARTARUGA SURTINDO EFEITO 13 HOMICÍDIOS!

« CHARIITO CHARITINHO:

AGRACER PELA AÇÃO DO BANDIDO, QUE TROUXE A TONA NOSSO MOVIMENTO,

SÃO PEBAS COMO ESSE QUE FAZ NOSSO MOVIMENTO GANHAR CORPO.

PMs comemoram em site de relacionamentos a insegurança na capital

“Obrigado, bandido”

» BRAITNER MOREIRA

Escondidos no anonimato da internet, alguns policiais militares usam as redes sociais para tripudiar sobre a insegurança sentida pela população brasiliense. O Correio teve acesso a uma comunidade restrita da Polícia Militar do DF e se deparou com mensagens que comemoram os altos índices de violência. Há, inclusive, um manual para como se portar durante a Operação Tartaruga, de flagrada por alguns grupos de servidores em 15 de fevereiro.

Entre as dicas, um usuário recomenda até que o rádio dos carros da PM seja pouco utilizado para comunicação, evitando, assim, que os superiores saibam sobre o andamento do movimento. Os manifestantes reivindicam aumentar o salário de oficiais e de praças. A PMDF é a mais bem paga do país.

Outros usuários têm comemorado a sensação de insegurança sentida na capital federal. "Tirando a família papa myke (PM), eu

quero é que o paisano (civil) se exploda!", postou um deles. Outra mensagem debocha do homicídio ocorrido na noite de sexta-feira, na 413 Norte. "Venho através dessa comunidade agradecer pela ação do bandido, que trouxe à tona nosso movimento."

O Correio apurou que, em resposta à Operação Tartaruga, a PM ordenou medidas para dar mais sensação de segurança à população. Pelo menos quatro batalhões determinaram que os deslocamentos de veículos ocorram com as luzes da sirene acesas. "A ordem serve só para melhorar a imagem, mas nada adianta. Continuamos parados, sem abordar ninguém", disse um soldado.

Pelo menos 22 praças, lotados em Ceilândia, em Samambaia, no Recanto das Emas e no Gama, serão transferidos de unidade na próxima segunda-feira. A medida seria uma represália ao movimento.

» Leia mais na página 24

NEGOCIAÇÃO COM OS PROFESSORES ESCLARECIMENTOS

Informe Publicitário

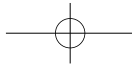
O GDF esclarece à população do Distrito Federal que os 285 milhões de reais repassados pelo Governo Federal não podem ser usados para cobrir despesas com aumento de salários, como sugere o SINPRO. A lei não permite.

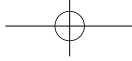
O GDF deixa claro, também, que tem cumprido o acordo com o SINPRO e valorizado o profissional da educação:

- Deu reajuste salarial de 13,83%.
- Apresentou proposta de reformulação da carreira, em outubro, mas o Sindicato não aceitou.
- Convocou 400 professores concursados.
- Está implantando a gestão democrática nas escolas.
- Aumentou o valor do auxílio-alimentação em 55%.
- Reformou 300 escolas, quase a metade de toda a rede pública.
- Aprovou o pagamento dos professores contratados temporariamente nos moldes dos professores efetivos.
- E mais: está ofertando o curso de licenciatura na UnB para mais de 800 professores que possuem apenas o ensino médio, o complemento da licenciatura plena para mais de 540 professores que possuem a licenciatura curta e especialização a 700 professores através de parceria com a UnB, além de formação continuada para 10 mil docentes na EAPE.

A Lei de Responsabilidade Fiscal não permite aumento de salário neste momento e a greve só prejudica os estudantes e a população. O GDF reafirma que continua aberto ao diálogo e conclama os professores a voltarem às salas de aula.

Secretaria de Educação





MEIO AMBIENTE

A reação da natureza

A ocupação desordenada do solo, sem compensação nem práticas sustentáveis, reduz a infiltração de água no terreno, comprometendo os recursos hídricos. Como resultado, vem a escassez de água, surgem as enchentes e a erosão, e a temperatura do ar sobe

» ARIADNE SAKKIS
» ADRIANA BERNARDES

Quando chegou a Brasília quando a cidade ainda vivia a dicotomia entre a timidez em número de habitantes e a imponência de sua arquitetura lembra como as madrugadas eram frias e como o vento entrava por qualquer fresta despercebida. É que o clima atmosférico, assim como tantos outros atores de um ecossistema, são sensíveis à densidade da vegetação de um lugar. E, quando o cerrado some para dar lugar a asfalto, não é apenas a temperatura que acompanha a mudança. Sem a devida compensação ambiental e a execução de práticas sustentáveis, vêm as enchentes, a erosão, a poluição do ar e o comprometimento dos recursos hídricos.

Muitas dessas consequências já fazem parte do cotidiano do jovem Distrito Federal. Pequenas pancadas de chuva são capazes de provocar alagamentos na área central de Brasília, arrastar casas e causar desmoronamentos fatais nas cidades periféricas. Crescem as áreas de erosão nos locais de onde se retirou a vegetação nativa sem dar nova destinação ao solo, seja para habitação ou agricultura. "O desmatamento é um dos maiores tiros no pé da humanidade", afirma o professor de ecologia e presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paranoá, Paulo Salles.

A lógica é simples. Quanto menos vegetação há, menor é a infiltração da água no solo. Com isso, os lençóis freáticos são cada vez menos abastecidos, comprometendo o uso humano desse recurso. A água que não tem como ser absorvida acaba se acumulando nas superfícies. Isso potencializa a chance de alagamento nas cidades, principalmente onde o estabelecimento urbano foi até a impermeabilização do piso, sem ser acompanhado por obras estruturais que substituam o que o solo virgem faz por si só.

O Plano Piloto e regiões como Lago Sul e Park Way, onde ainda há muita área verde, sofrem menos do que cidades como Ceilândia, Riacho Fundo e Samambaia, onde é difícil encontrar pausas verdes na paisagem. A falta de planejamento adequado para a reforma da Estrada Parque Taguatinga (EPTG) é visível em dias chuvosos. Os alagamentos são capazes de inviabilizar o trânsito. Até hoje, a chamada Linha Verde não tem um projeto paisagístico definido.

Além disso, quando a chuva infiltra, as plantas liberam a água paulatinamente. Retida na superfície, a evaporação é muito mais rápida. Salles explica que, embora o cultivo agrícola seja menos agressivo do que a combinação de concreto e asfalto, a remoção da cobertura vegetal original para dar lugar às lavouras

No limite

Atualmente, a produção de água no DF quase empata com o consumo do bem: produzimos 8,5m³ por segundo e temos a demanda média de 7,5m³ por segundo. Ou seja, o consumo abocanha 88% da produção.

exaure o solo, especialmente quando se trata de monocultura. "Com o solo empobrecido de nutrientes, os produtores têm de recorrer cada vez mais aos fertilizantes para manter a produtividade. Isso aumenta a chance de contaminação dos rios", explica.

Calor

A pernambucana Marinete Silva de Lima, 53 anos, não lembra o dia certo em que recebeu da Sociedade de Habitações de Interesse Social (SHIS) a casa própria, em Ceilândia, na qual moraria por 32 anos. Mas lembra como, em volta da nova moradia, havia um cerrado sem fim e como o tempo era mais ameno. "Era um frio danado aqui. Ventava muito. O inverno era muito bravo naquela época. Eu, que vinha do Nordeste, passei muito frio", relembra a aposentada. Ela viu crescer a parte da cidade que ficaria conhecida como P. Sul, hoje uma das mais intensamente habitadas de Ceilândia. Na aridez de uma cidade sem árvores que produzam sombra, a impressão de Marinete é, na verdade, reflexo de uma constatação científica.

Na estrutura do Instituto Brasília Ambiental (Ibram) existe um setor que avalia periodicamente a temperatura do solo no Distrito Federal. O acompanhamento teve início em 2010 e reúne informações dos últimos 28 anos. Os mapas revelam que, quanto maior a ocupação urbana, maior é a perda de cobertura vegetal e mais alta é a temperatura da superfície do solo. O Programa de Monitoramento do Campo Térmico do DF usa imagens de satélite e, no futuro próximo, poderá identificar as áreas que favorecem a formação das chamadas ilhas de calor.

Para se ter uma ideia de como está mais quente, em 1984, a temperatura da superfície do solo na Asa Sul variava de 12°C a 16°C no mês de setembro. Em Ceilândia, um pouco mais alta: de 14°C a 20°C. Já em 2011, os termômetros registraram de 18°C a 20°C na Asa Sul e de 18°C a 28°C em Ceilândia. Enquanto na Asa Sul, o aquecimento girou entre 2°C e 4°C graus, em Ceilândia foi de 4°C a 8°C (veja arte). Entre os centros urbanos, o Plano Piloto tem as temperaturas mais baixas. É perceptível a elevação do calor na Asa Norte e no Eixo Monumental, onde há menos árvores, em comparação com a Asa Sul.



Alagamento em via marginal da EPTG: problema é recorrente na altura de Vicente Pires, que cresceu desordenadamente até virar região administrativa

NEGOCIAÇÃO COM OS PROFESSORES

ESCLARECIMENTOS

Informe Publicitário

O Governo do Distrito Federal, em mais um esforço para acabar com a greve dos professores, fez novas propostas, mas o SINPRO não aceitou:

- 1) Definição de calendário para a realização das eleições das equipes de direção de escolas e dos Conselhos Escolares.
- 2) Divulgação do edital de convocação para contratação de professores e profissionais da educação em substituição às vacâncias decorrentes de aposentadorias, exonerações e falecimentos desde 1º de janeiro de 2012.
- 3) Quitação escalonada, em 2013 e 2014, da dívida oriunda de acerto de contas de exercícios anteriores: 50% em 2013 e 50% em 2014.
- 4) Envio de Projeto de Lei à Câmara Legislativa propondo nova redação para o art. 15 da Lei do Plano de Carreira, corrigindo sua inconstitucionalidade.
- 5) Incorporação integral da TIDEM, em seis etapas anuais, a partir do terceiro quadrimestre de 2013.
- 6) Garantia aos aposentados de incorporação total da TIDEM, vinculada ao cumprimento da percepção da gratificação nos últimos 19 meses de exercício.

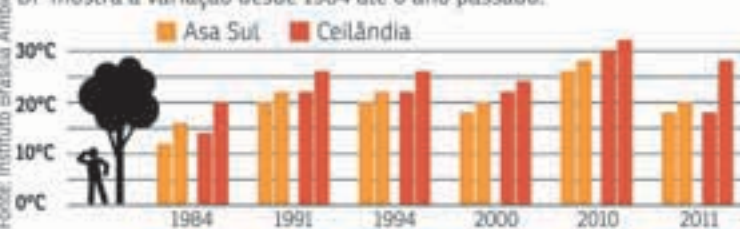
O GDF está fazendo a sua parte, mas a intransigência do SINPRO só prejudica os alunos.

Secretaria de Educação

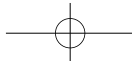


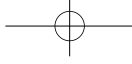
Temperatura do solo

Programa de Monitoramento do Campo Térmico do DF mostra a variação desde 1984 até o ano passado.



» Leia mais na página 18





Cidades

+ política e economia no DF

Editor: Marcelo Tokarski
marcelotokarski.df@dabr.com.br
Tels.: 3214-1119/3214-1113/Fax: 3214-1185
Atendimento ao leitor: 3342-1000
cidades.df@dabr.com.br

Brasília, segunda-feira, 23 de abril de 2012 • CORREIO BRAZILIENSE • 17

PROPAGANDA LUCRATIVA

Agefis está retirando 1,4 mil bancos de concreto instalados às margens das principais vias de acesso a cinco cidades. Assentos eram usados indevidamente por empresários.

PÁGINA 19



Carlos Vieira/ESP/CB/D.A. Press

ANIVERSÁRIO

As festividades de 52 anos de Brasília se encerraram ontem com programação dedicada à criança (foto) na Esplanada dos Ministérios.

PÁGINA 20



Elio Rizzo/ESP/CB/D.A. Press

CONSUMIDOR

Especialistas dão dicas de como proceder em caso de recebimento de cobrança indevida. Élder Carvalho (foto) teve problemas com uma concessionária.

PÁGINA 24

Grilagem de luxo

» SAULO ARAÚJO

Na última quarta-feira, cerca de 50 pessoas fecharam um dos sentidos da Via Estrutural. Unidos de faixas, paus e pedras, os manifestantes queimaram pneus e impediram a passagem dos motoristas por mais de duas horas. O grupo protestava contra a derrubada de sete casas de luxo na Chácara 126 de Vicente Pires, todas erguidas irregularmente. Mas tudo não passou de uma grande encenação. Os moradores revoltados, na verdade, eram pedreiros contratados por um suposto grileiro de terras da região.

A reportagem do *Correio* apurou que os homens pagos para se passarem por proprietários indignados com a demolição são operários oriundos da Bahia. Há cerca de seis meses, o empresário do ramo da construção civil Sidney Pereira Lopes mandou buscar os trabalhadores na cidade de Barreiras. Na chácara alvo da ação do GDF, Sidney improvisou um precário alojamento de madeira a fim de abrigá-los. Desde então, o empresário usa o exército de empregados para driblar um Termo de Ajustamento de Condição (TAC) firmado em 2006 entre o Ministério Público do DF (MPDFT) e o GDF. O acordo proíbe novas construções em Vicente Pires enquanto o processo de regularização da cidade não for concluído.

Juntos, os pedreiros conseguiram levantar uma casa de dois pavimentos e quatro quartos em menos de uma semana. As obras ocorriam 24 horas. Nem à noite os trabalhos eram interrompidos. Aliás, era na madrugada que os operários aceleravam a produção, por conta da fiscalização inexistente no horário. Sidney sabia que, depois de erguido e habitado, um imóvel dificilmente seria alvo de operações do governo.

Fotos: Carlos Moura/CB/D.A. Press



Guarita em construção em Vicente Pires: intenção de empresário era formar um condomínio nobre, com residências que custam, em média, R\$ 600 mil

Rota da legalização

Vicente Pires é o maior entre os cerca de 500 condomínios irregulares em todas as cidades do Distrito Federal. Nesses lotes sem registro em cartório vivem pelo menos 600 mil brasileiros. Todos estão em processo de legalização, mas os avanços são lentos. Poucas pessoas até agora conseguiram a escritura definitiva dos terrenos.

Por essa razão, ele cobrava rapidez dos funcionários.

Custo alto

Na Chácara 126, foram construídas mais de 20 casas. Cada unidade custava, em média, R\$ 600 mil. As maiores chegam a ter 900 m². Ousado, o empresário tinha planos para formar um condomínio nobre. À revelia do Estado, cercou toda a área com um muro de quatro metros de altura, impedindo a visão de quem passa pela rua. Influente, conseguiu levar asfalto e energia elétrica ao parcelamento clandestino. Certo da impunidade, mandou

erguer uma imponente guarita, que futuramente contaria com segurança privada. A maioria das unidades já estava vendida e os primeiros moradores iriam se mudar em breve. Quem adquiriu o imóvel recebeu apenas uma cessão de direito, documento que não dá autorização para ocupação de terras públicas.

O secretário adjunto da Secretaria de Estado de Ordem Pública (Seops), José Grijalma Farias, avisou que os compradores ficarão no prejuízo. "Até agora, ninguém se apresentou como dono. Se alguém, por ventura, tiver pagado por uma dessas casas, não será ressarcido porque trata-se de

Propina

A Operação Actor, deflagrada pela Polícia Civil em setembro do ano passado, prendeu uma quadrilha que operava um suposto esquema de pagamento de propina a agentes de fiscalização da Agefis. Os fiscais liberavam a construção de imóveis em locais irregulares, invasões de áreas públicas e parcelamentos de solo, principalmente em Vicente Pires e Ceilândia. Os funcionários públicos teriam antecipado informações a empresários do ramo da construção sobre os dias em que as operações do órgão seriam realizadas.

» Para denunciar

Construções irregulares no DF podem ser comunicadas por meio do telefone **156**.

uma área pertencente à União", disse. Das 20 residências de luxo levantadas na chácara, apenas sete foram demolidas, mas Farias garante que as outras 13 serão derrubadas em breve. "Nós seguimos um cronograma e as casas dentro dessa chácara que não foram ao chão são passíveis de erradicação a qualquer momento. Isso deve ocorrer nas próximas operações", afirmou Farias.

Sidney Pereira Lopes trabalhou por mais de 15 anos na loja de materiais de construção Casa Forte, em Vicente Pires. Começou como vendedor e tornou-se gerente. Era braço direito do proprietário do estabelecimento comercial, Reynaldo Wagner Taveira, 51, preso no ano passado por agentes da Divisão Especial de Repressão ao Crime Organizado (Deco). Segundo **investigações** da Polícia Civil, ele pagava propina a auditores fiscais de obra da Agência de Fiscalização (Agefis) para receber informações privilegiadas sobre operações de derrubadas.

Por telefone, Sidney disse ser vítima de um complô e jurou não ter nenhuma relação com construções de casas luxuosas na chácara 126 de Vicente Pires. "O pessoal conversa demais. Não tenho nada ali naquela área. Tem gente fantasiando, tentando armar um complô contra mim", defendeu-se. O suposto grileiro confirmou nutrir uma grande amizade com Reynaldo, mas garantiu nunca ter feito negócio com ele. "Eu trabalhei com ele por muitos anos e o conheço muito bem porque temos uma amizade, mas não passa disso", disse.

Condições humilhantes de trabalho

O acampamento improvisado para abrigar os trabalhadores baianos é precário. Em cubículos mal ventilados, dormem dezenas de homens. A jornada de trabalho — que pode durar mais de 12 horas — é recompensada com R\$ 40 por dia. Só há luz e água no alojamento por conta de gatos feitos nas redes elétrica e de esgoto. Os pedreiros têm até os horários de entrada e saída do local controlados por um homem de confiança de Sidney. Com medo da demissão, os operários seguem à risca as regras impostas. "É bem difícil trabalhar nessas condições humilhantes, mas precisamos do dinheiro para dar de comer às nossas famílias", contou um operário, que não quis se identificar.

O delegado-chefe da Delegacia do Meio Ambiente (Dema), Ivan Francisco Dantas, abriu investigação sobre o caso. Ele pretende descobrir o real envolvimento de Sidney no suposto esquema de construção de casas ilegais na Chácara 126 e se há outras pessoas lucrando com a irregularidade. "Já existe um fato: a



Alojamentos precários abrigam os operários vindos da Bahia

construção irregular de casas. Agora, vamos trabalhar para saber se essas denúncias se confirmam. Vamos ouvir os pedreiros, vizinhos e outros que possam servir de testemunha para descobrirmos quem está por trás disso tudo", destacou Ivan.

O secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano do DF (Sedhab), Geraldo Magela, considerou as denúncias "gravíssimas" e ressaltou que novas invasões podem atrapalhar o processo de

regularização de Vicente Pires. "É uma situação que pode, inclusive, comprometer o desenvolvimento da cidade. Quando a regularização de Vicente Pires for concluída, precisaremos de espaços para a implantação de equipamentos públicos, como escolas, centros de saúde e postos policiais. Se grilagens de terra dessa ordem persistirem, poderemos encontrar dificuldades para promover essas benéficas", alertou Magela. (SA)

NEGOCIAÇÃO COM OS PROFESSORES

ESCLARECIMENTOS

Informe Publicitário

Em mais uma tentativa de terminar com a greve dos professores, o GDF apresentou a sua terceira proposta. Nela, algumas reivindicações históricas da categoria foram atendidas, como a incorporação da TIDEM, um abono saúde de R\$ 110,00 e a quitação do passivo trabalhista.

O SINPRO não aceitou.

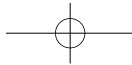
O GDF continua fazendo a sua parte e espera a volta dos professores às salas de aula.

A intransigência do SINPRO só prejudica a comunidade escolar e os alunos.

Secretaria de Educação



GDF
Juntos por um novo DF



NOTÍCIA 1 - SINPRO-DF, 7.03.12

Categoria aprova, por ampla maioria, greve geral a partir de segunda, 12

Posted By [Imprensa](#) On 7 de março de 2012 @ 20:42 In [Principal,z_prioridade_1](#) | [Comments Disabled](#)



[1]

Em uma assembleia lotada (segundo a PM, mais de 12 mil pessoas estavam na Praça do Buriti) as professoras e os professores do DF decidiram entrar em greve por tempo indeterminado a partir do dia 12 de março, para lutar pelo cumprimento do acordo e contra o descaso do GDF com a Educação e os educadores. Todas as propostas de mobilização sugeridas pela diretoria foram aprovadas. Agora é hora de cada um de nós assumir a responsabilidade de tornar vitorioso o nosso movimento, participando dos piquetes de conscientização e das atividades convocadas pelo Sindicato. [Confira aqui](#) ^[2], no Edição Extra, todas as propostas que foram aprovadas para mobilização da categoria.

<http://www.sinprodf.org.br/todos-as-a-assembleia-nesta-quinta-8-de-marco/print/> acesso em 07.07.12

NOTÍCIA 2 - SINPRO-DF, 8.03.12

Estudantes do Gama fazem ato em apoio à luta dos professores

Posted By [Imprensa](#) On **8 de março de 2012** @ 16:28 In [SINPRO-DF](#) | [Comments Disabled](#)



[1]

Alunos do Gama, organizados pela União Municipal dos Estudantes Secundaristas das escolas públicas do Gama (UMES), realizaram um ato em apoio à campanha do Sinpro e por melhorias na estrutura das escolas. O ato teve início em frente à administração, às 8h30 de quarta-feira (07), e logo após uma passeata seguiu até a DRE do Gama, quando representantes entregaram uma pauta de reivindicações para o diretor da regional. Na pauta constam pedidos de mais verbas para a educação pública; cobertura imediata das quadras de esportes de todas as escolas do DF; refeições saudáveis e de qualidade em todas as escolas; passe livre irrestrito e ilimitado; reformas estruturais urgentes nas escolas; fim da cobrança de taxas; o cumprimento do acordo do Governo Agnelo com as reivindicações dos(as) professores(as), entre outros.

Apoio da UNE – Outros segmentos estudantis também mostraram apoio à luta dos professores e professoras do DF. Na última sexta-feira (04) representantes da União Nacional dos Estudantes (UNE), da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e de diversos grêmios estudantis estiveram reunidos com a direção do Sinpro, e manifestaram total apoio à luta da categoria. Durante a reunião foi esclarecida a pauta de reivindicação dos(as) professores(as) e, apesar da preocupação dos alunos com a greve, as entidades estudantis entenderam os motivos do movimento e se comprometeram a realizar manifestações em diversas regiões administrativas em apoio. Além das manifestações de apoio, que estão certas em Taguatinga e no Plano Piloto, e da produção de faixas, um manifesto de apoio à luta será divulgado pelas redes sociais.

<http://www.sinprodf.org.br/estudantes-do-gama-fazem-ato-em-apoio-a-luta-dos-professores/> acesso em 07.07.12

NOTÍCIA 3 - SINPRO-DF, 12.03.12

Corte de ponto não nos intimida: categoria tem compromisso com estudantes

Posted By [Imprensa](#) On 12 de março de 2012 @ 19:26 In [SINPRO-DF](#) | [Comments Disabled](#)

Em mais uma demonstração de postura autoritária, o governo anunciou hoje, 12, por meio do seu porta-voz, que vai cortar o ponto dos professores da rede pública que aderiram à greve. Além de não responder às duas solicitações de negociação feitas pelo Sinpro (uma na quinta e outra hoje, 12/03), o governo usa do expediente da intimidação para tentar desmobilizar a categoria, da mesma forma que fizeram outros governos.

Mas não serão declarações como essa que farão com que os professores se amedrontem, até porque sempre tivemos compromisso com a reposição das aulas em todas as paralisações que realizamos, porque temos compromisso com nossos alunos. E por conta disso negociamos o pagamento mediante reposição dos dias parados.

De acordo com o Portal G1, a “ordem” do governador Agnelo Queiroz é “insistir” no diálogo! Como assim? Se o diálogo foi interrompido pelo governo em novembro e não foi retomado até o momento! Sim, porque não podemos considerar negociações as duas reuniões que antecederam a nossa assembleia e que na verdade foram apenas para informar que não pretendiam cumprir o que foi acertado.

O que nos levou à greve é um acordo de abril do ano passado que não foi cumprido, principalmente em dois itens: plano de saúde e reestruturação do plano de carreira, para que ao longo de 2012, 2013 e 2014 conquistássemos a isonomia salarial com as demais carreiras de nível superior.

A nossa resposta será intensificar a mobilização e mostrar que estamos unidos e preparados para enfrentar qualquer ataque a nossa organização.

<http://www.sinprodf.org.br/corte-de-ponto-nao-nos-intimida-categoria-tem-compromisso-com-estudantes/print/> acesso em 07.07.12

NOTÍCIA 4 - SINPRO-DF, 14.03.12

Greve: ato público reúne milhares em Águas Claras

Posted By [Imprensa](#) On 14 de março de 2012 @ 14:34 In [Principal](#) | [Comments Disabled](#)

No dia em que começou a mobilização nacional convocada pela CNTE em defesa do investimento de 10% do PIB na Educação e pelo Piso Nacional, milhares de professoras (es) do DF, em greve desde o último dia 12, participaram na manhã desta quarta-feira, 14, de ato público em frente à residência oficial do governador, em Águas Claras. Além de protestar contra o descaso do governo do DF em relação à Educação e pelo cumprimento dos compromissos assumidos com a categoria, o ato político-cultural também lembrou os 33 anos de luta do Sindicato. Estudantes de várias regionais e líderes do movimento estudantil levaram seu apoio à mobilização da categoria, participando ativamente da manifestação.

Apresentações musicais, de literatura de cordel e declamações de poesia se entremearam com informes sobre a greve em todas as regionais e discursos de apoio de dirigentes de várias entidades. A deputada federal Érika Kokay (PT-DF), mais uma vez, manifestou seu apoio à mobilização das professoras e professores. Segundo ela o Distrito Federal está pedindo uma educação diferente e por isso a luta dos professores por uma educação de qualidade “pulou o muro da escola” e está ganhando o apoio de toda a comunidade. A professora e ex-deputada Rejane Pitanga reforçou o discurso de Érika, ao afirmar que não haverá desenvolvimento no DF sem investir na educação.

A cada relato sobre a adesão crescente da categoria nas diversas regionais, estudantes, professoras e professores se manifestavam balançando bandeiras, e fazendo barulhos com seus apitos e vuvuzelas. Em meio às manifestações políticas, os participantes do ato público cantaram parabéns para o Sinpro-DF e puderam saborear um bolo que foi distribuído.

Amanhã, quinta-feira (15), o trabalho de convencimento continuará nas diversas regionais. Acompanhe outras notícias sobre a greve neste site.

<http://www.sinprodf.org.br/greve-ato-publico-reune-milhares-em-aguas-claras/print/>
acesso em 70.07.12

NOTÍCIA 5 - SINPRO-DF, 10.04.12

Governo não apresenta proposta e categoria decide manter a greve

Posted By [Imprensa](#) On 10 de abril de 2012 @ 12:21 In [SINPRO-DF](#) | [Comments Disabled](#)



^[1]Trinta dias de greve não foram suficientes para fazer o governo honrar os compromissos assumidos com as professoras e professores em abril do ano passado. A resposta a esse descaso não poderia ser diferente: a categoria continuará em greve. A decisão foi tomada pela maioria absoluta dos presentes na assembleia geral, na manhã desta terça-feira, dia 10, realizada na Praça do Buriti. Mais uma vez, alunas e alunos das escolas públicas compareceram à assembleia para demonstrar seu apoio às educadoras e educadores.

Embora alardeie na imprensa que tem intenção de negociar com a categoria, em nenhuma das reuniões ocorridas, o GDF apresentou qualquer proposta concreta que atendesse aos anseios das professoras e professores. Diz que quer o fim da greve, mas demonstra não ter pressa. Um exemplo claro disso é que na reunião de ontem (dia 9), os representantes do governo afirmaram que “vão estudar uma proposta”, como se a questão fosse nova.

Convenientemente, nossos governantes se esqueceram dos documentos por eles assinados no ano passado, onde se comprometeram, dentre outros, a fazer a reestruturação do Plano de Carreira e implantar nosso Plano de Saúde. Esse desrespeito está difícil de ser engolido pela categoria que, indignada, promete fortalecer cada vez mais a mobilização com bandeiraços, carreatas e visitas de conscientização.

Ato público – Da Praça do Buriti, munida de bandeiras, apitos e vuvuzelas, a categoria seguiu unida até a porta do Palácio do Buriti, ocupando toda a pista, para pressionar o governador Agnelo Queiroz a receber a comissão de negociação. O objetivo é a construção efetiva de uma proposta que atenda às reivindicações das professoras e professores do ensino público do DF. Neste momento, a categoria aguarda ser atendida pelo governador.

Conforme também aprovado na assembleia, a próxima assembleia geral será na próxima sexta-feira, dia 13, data em que completa um ano que o GDF assinou o acordo, se comprometendo a atender às nossas reivindicações. A assembleia terá início às 9h30 e será realizada no estacionamento do Teatro Nacional.

<http://www.sinprodf.org.br/governo-nao-apresenta-proposta-e-categoria-decide-manter-a-greve/print/> acesso em 07.07.12

NOTÍCIA 6 - SINPRO-DF, 16.04.12

Estudantes fazem mobilização na Bienal do Livro

Posted By [Imprensa](#) On 16 de abril de 2012 @ 18:44 In [SINPRO-DF](#) | [Comments Disabled](#)



^[1]Um grupo de estudantes (foto) vestiu a camisa da luta dos(as) professores(as) e panfletou durante a tarde desta segunda-feira (16) na I Bienal do Livro e da Leitura de Brasília. A mobilização contou com a presença de vários estudantes, que entregaram aos visitantes que percorriam os espaços da Bienal um material informativo enumerando as reivindicações dos professores e as razões que levaram a categoria a entrar em greve. A atividade foi repetida no Guarã e segundo uma das pessoas que participou da mobilização, “a aceitação por parte do público foi boa, inclusive com palavras de apoio à luta dos professores”.

<http://www.sinprodf.org.br/estudantes-fazem-mobilizacao-na-bienal-do-livro/print/>
acesso em 07.07.12

NOTÍCIA 7 - SINPRO-DF, 25.04.12

Professores (as) cobram prioridade para Educação no Orçamento

Posted By [Imprensa](#) On 25 de abril de 2012 @ 14:33 In [SINPRO-DF](#) | [Comments Disabled](#)



^[1]As professoras e professores do DF lotaram o auditório do edifício-sede do Detran para a primeira audiência pública de discussão do orçamento de 2013. O evento foi aberto pelo secretário de Planejamento, Luiz Paulo Barreto, que alegando outros compromissos, deixou a mesa antes de iniciada a exposição dos técnicos e subsecretários. Durante toda a manhã a categoria colocou seu ponto de vista sobre a discussão. “O orçamento não é apenas técnico, é uma peça de construção política e por isso acreditamos que se a Educação é prioridade, é preciso se organizar para fazer outras escolhas políticas, que não sejam as mesmas de governos anteriores”, afirmou Rodrigo Rodrigues, diretor do Sinpro.

A professora Marcia Acioli questionou a desproporção absurda entre os gastos com publicidade e o que se gasta para garantir uma educação de qualidade. “Esse é um direito do cidadão e prerrogativa do Estado. Não existe educação de qualidade sem professores bem pagos”, afirmou ela.

O professor Otamir de Castro chamou a atenção para a necessidade de se cobrir as quadras esportivas e se incentivar a criação de laboratórios de informática. O diretor do Sinpro Tião do Gama lembrou que na hora das eleições todos dizem que Educação é prioridade, mas que quando assumem mudam o discurso. “Vamos acompanhar todas as discussões sobre o orçamento e cobrar mais investimentos na educação”, afirmou ele.

O professor João Bosco Monteiro Lobato lembrou que educação não é despesa, é investimento e que é assim que um governo dos trabalhadores deve pensar sua atuação no setor. O diretor do Sinpro, Francisco Alves, o Chicão, manifestou preocupação de que não haja previsão para convocação dos concursados diante da carência existente hoje nas escolas.

O estudante Carlos Vinícius do CEM Paulo Freire criticou a crônica falta de professores nas escolas. “Nós vamos disputar com alunos preparados pela escola privada em total desigualdade de condições, pois passamos meses sem aulas de Português, História ou Matemática”, afirmou.

Vários educadores lembraram dos R\$ 285 milhões disponíveis do Fundo Constitucional do DF e da falta de planejamento para o cumprimento de um acordo firmado há mais de um ano.

A participação da categoria nesse debate serviu para levar aos gestores do Orçamento a responsabilidade política que o Estado tem ao definir as prioridades.

<http://www.sinprodf.org.br/professores-as-cobram-prioridade-para-educacao-no-orcamento/print/> acesso em 07.07.12

NOTÍCIA 8 - SINPRO-DF, 26.04.12

Professoras e professores ocupam a Secretaria de Administração do GDF

Posted By [Imprensa](#) On 26 de abril de 2012 @ 11:15 In [SINPRO-DF](#) | [Comments Disabled](#)



^[1]Cerca de 80 professoras e professores estão, neste momento, nas dependências da Secretaria de Administração do GDF, que fica no 6 ° andar do anexo do Palácio do Buriti. A ocupação, feita de forma pacífica, foi a forma que a categoria encontrou para protestar contra o cancelamento da reunião de negociação marcada para a tarde de ontem, dia 25, sem o agendamento de uma próxima. A categoria só deixará o local quando o governo marcar uma nova reunião.

<http://www.sinprodf.org.br/professoras-e-professores-ocupam-a-secretaria-de-administracao-do-gdf/print/> acesso em 07.07.12.

ENTREVISTA 1 - 05.06.12

Professora Clara* tem 23 anos, mora no Plano Piloto, é professora há mais ou menos cinco anos. Trabalha nesta escola há quase dois e é formada em Pedagogia.

*nome fictício

Você escolheu sua profissão? (Quais foram os motivos que o/a levaram a escolher essa área?)

Clara - Sim, escolhi ser professora assim... porque eu sempre gostei muito... o principal motivo é que eu sempre gostei de criança e também alguns exemplos de professores que eu tive na minha vida que eu admirava ... eu sempre tive vontade mesmo de ser professora. Eu tinha a ilusão né de que, eu não tinha muito essa ideia de como era a área..., por mais que fale eu não tinha a ideia da realidade... de salário, de qualidade, né de vida em escola pública, eu não tinha essa noção... eu achava que ia conseguir mudar o mundo né, na época que eu escolhi... fiz minha faculdade, eu comecei a estagiar há muito tempo, então eu vi que não ia ser aquela maravilha toda que eu imaginava né, mais mesmo assim, né, sempre gostei muito, mesmo com as dificuldades... é... sempre gostei, sempre quis mesmo fazer isso, e como foi uma coisa que eu escolhi eu não me arrependo, assim, eu adoro dar aula, mas, agora não é mais uma coisa que eu pretendo seguir para minha vida toda, eu quero outra coisa.

Há quanto tempo atua como professor/a?

Clara - É, como professora formada, faz dois anos, mas na época da faculdade eu estagiava né... eu estagiei por uns três anos, então uns cinco anos mais ou menos.

Você está satisfeito/a com a profissão? Sente-se valorizada pelos alunos, pais, governo?

Clara - Pelos alunos, sim! Assim, eu acho que a questão dos alunos.. é.. não é nem assim ... né é nem deles não valorizarem a professora, eles não estão valorizando o estudo, sabe? não é nem a professora em si, é mesmo o estudo. Acho que... ainda mais esses nossos alunos aqui... é... é.. a família deles mesmo, normalmente os pais não têm estudo pra ele, infelizmente, estudo não é assim tudo na vida... não é como escola particular, eles têm essa consciência, aqui eles ... a gente tem que trabalhar muito pra resgatar neles a importância do estudo na vida deles, o porquê que eles tão aqui, o que que eles podem conseguir tando aqui, né... que não é uma perda de tempo, não é uma obrigação ter que vir pra escola, né...então...a dificuldade da gente é motivar os alunos em si, buscar o interesse deles na escola, nos conteúdos...eu acho que é... que ... eles não valorizam o estudo em si, não a professora, tá!

E pelos pais?

Clara - Pelos pais, também é tranquilo...assim, eu me sinto valorizada pelos pais... o que eu também acho um pouco também... não os pais valorizam mais que os meninos...claro né... eles têm mais consciência...mais assim, em questão de...ah! não fazem tudo que... não posso julgar, mais...a gente precisa muito da ajuda da família aqui na escola e a gente não tem tanto apoio da família aqui... assim, né de cobrar dos filhos, de ajudar os filhos... de vir pra escola pra reunião, então eles não colaboram dessa forma, mais me valorizar como professora, é tranquilo, mais assim.. esse valor que ele deve dar pro estudo no geral... eu sinto falta também da parte dos pais...

E pelo governo?

Clara - Pelo governo (risos) pelo governo, não, né... essa história que a gente já tá cansada de escutar... há anos... que a gente acha que quando entrar ... não sei... vai se acostumar... não sei ... infelizmente, né... é uma situação muito difícil, porque é uma profissão que todo mundo sabe que é uma das profissões mais importantes, mais... acho que não tem mais dúvidas disso, do quanto a educação é importante pra formar o cidadão, pra formar um cidadão consciente, é ... com caráter e pronto pra esse mundo aí que tá cheio de coisa... Mais parece né.. que o governo não se interessa por cidadãos conscientes não é mesmo, então... é... assim... acho que que a gente .. o principal, assim... o principal fator ... que mostra mais valorização do professor é realmente o salário... e as condições... não tem um plano de saúde ... o auxílio alimentação é 300 reais, quem que come, quem que se alimenta com 300 reais no mês? Eu não sei quem é ... o salário é... não é um salário ruim... ah! Não vou falar ah! é o pior do mundo , não é um salário ruim, pra inicial não é ruim, mas a gente passa dez anos o salário aumenta 900 reais, mil reais. Acho que isso é um desrespeito, sabe... e inda mais que pro ... o professor de Brasília é o mais bem pago... gente, quanto tá um aluguel em Brasília? Quanto é um supermercado em Brasília, né? Então, a gente vive aqui, a gente gasta aqui, e o valor é alto... O que a gente ganha... dá pra viver...óbvio que dá pra viver... mais... eu mesma... que vim de uma família de classe média, eu vou querer vim pra cá pra regredir? né? Eu vou querer receber um salário pra ter uma vida ... pior do que eu tinha... eu não quero isso né! e aí a gente chega a ser professora, eu gosto de ser professora mas eu me deparo com essa realidade...assim, onde a...a.. meus desejos pessoais não vão ser atendidos, né? O salário com todo sabe raramente aumenta, não tem plano de saúde, auxílio alimentação muito baixo, tem TIDEM* que é um.. ...é uma parcela de nosso salário para quem está em sala de aula, né! quem não está em sala de aula, perde essa TIDEM, então você se aposenta e perde, esse é uma grande parte de nosso salário, netão a gente passa todo o ano, assim eu não, as pessoas passam anos e anos dando aula pra chegar na hora de aposentar tirar um terço do salário porque não tem... Então acho que várias coisas que ... sabe...que não tem valor nenhum , parece que é uma profissão assim que .. que não merece... tanto que acho que são 28 ...é... 28 cargos de nível superior no governo... o salário do professor vai ficar em 23... lá no rabo... do menor... menor salário. Então acho que é desvalorizado e isso acaba e... além de... do salário que é o principal... as condições de trabalho, né... porque com essas crianças, com famílias totalmente desestruturadas... totalmente, totalmente...a criança chega aqui no 4º ano, chega, não sabe ler, no quatro ano, né ... não sabe ler direito, não sabe escrever direito, eu sou do quarto ano, eles chegam sem saber armar conta de soma e subtração, a gente não pode chegar e “ah, seu filho não sabe ler”, nem o currículo a gente pode ensinar, a gente não pode chegar e além de tudo a gente se depara com uma realidade totalmente diferente do que a gente aprende na faculdade, né...assim... o certo é no quarto ano saber ler... e aí não tem apoio da família, a gente vê que tem crianças que sofrem, e a gente não pode fazer nada por elas... o governo impõe certas coisas, mais não tem estrutura pra gente fazer a gente não tem estrutura pra fazer ...né... o próprio integral, né... na escola integral né.., mais não tem monitor pra ficar com os meninos à tarde, então o governo... ele...ah...pega a teoria, pega formas... em outro país... e aplica aqui como se fosse fácil, né...isso aqui é outra realidade, é outro tipo de público, cultura, sabe... então...é...assim... por todos os atos do governo é uma coisa que eu me sinto desvalorizada ... você implementar um programa... você pensar em alguma coisa pra implementar nas escolas... eles estão pensando na escola não sei da onde, né... mas tem que ver as escolas que a gente tem...aí fica puxado...

*(TIDEM é uma gratificação paga aos professores que estão efetivamente em sala de aula)

Você tem conhecimento sobre a Lei do piso salarial? O que você pensa sobre ela?

Clara - Eu não sei tudo, mas sei que é um valor (demonstrou que conhecia pouco e eu expliquei para ela)

O governo cumpre essa lei, aqui no DF o piso é pago realmente?

Clara - É, acho que mil e pouco, é... cumprir cumpre, né porque nosso salário é maior que o piso mais não é o suficiente eu acho...

O governo oferece cursos de aperfeiçoamento para os/as professores/as?

Clara - Sim, ele oferece cursos na EAP, o lugar que a gente faz curso, mais assim... não... se pintar uma vaga... não sei que... fica na lista de espera e não consegue... tem, mais não o suficiente pra todos que querem... normalmente esses cursos são no horário de coordenação, então na quinta-feira, em vez de eu coordenar, eu vou pra lá à tarde no horário contrário das aulas.

Você participa com frequência desses cursos?

Clara - Não, eu sou professora temporária, mas eu posso participar mesmo assim, só que ... como te falei... estou buscando outras coisas, então eu...eu né... uso o tempo livre pra me dedicar a outras coisas, eu particularmente nunca participei, estou há dois anos, mais ainda não participei de nenhum curso.

E os/as outros/as professores/as aqui da escola participam?

Clara - Participam... não todos... mas tem umas que sempre tão participando, todo ano sempre tem um diferente ...

Quais são suas perspectivas para o futuro em relação a sua profissão? Pensa que haverá mudanças boas, ruins? Não haverá mudanças?

Clara - Bom, minha perspectiva, o que eu acho ou o que eu quero? Eu acho, sinceramente, por toda a história, por todo o tempo, e assim ...óbvio que teve vitórias em toda essa luta, mais eu acho que forma muito pequena ainda, por tanto que lutaram o quanto conseguiram, eu acho que é pouco, então ... eu acho acredito que não vá mudar muita coisa, que vá melhorar, de uma hora pra outra pronto! ... não acho, acho que os professores vão continuar lutando muito.. né.. por seus direitos, pelas melhorias de trabalho, mas eu acho que vai ser sempre essa luta árdua e que o governo vai sempre tratar a gente dessa forma, sabe, eu não tenho muita esperança que o governo vai tomar consciência, porque ele fala que tem consciência, né... ele fala o que é importante, mas fazer que é bom, nada... Eu acho que as coisas vão continuar mais ou menos como tão. Assim, os professores lutando, mas eu acho que o salário vai continuar assim sempre por baixo, os professores quando vão fazer greve, vão ser conhecidos né... como vagabundos que não querem trabalhar que o salário tá ótimo, então eu acho que as coisas não vão mudar, pelo que eu tô vendo, eu acho que não, espero que mude, mais o que eu acho é que não vai mudar, vai continuar mais ou menos como já tá mesmo.

E o que você quer (que aconteça)?

Clara - Bom, o que eu quero é que tivesse melhores condições de trabalho, que as escolas tivessem estrutura para atender esses alunos, psicóloga, fonoaudiologia, é ... uma equipe de apoio maior... porque tem alunos que têm dificuldade de aprendizagem e

que a gente não tem equipe suficiente pra atender, até pra encaminhar, pra diagnosticar ... uma fila enorme de alunos, então uma estrutura, no geral, de profissionais capacitados e ... em quantidade suficiente... né... pra atender aos alunos da melhor forma possível, que as escolas... a gente tá numa era de tecnologia, a gente não pode fugir disso, que as escolas tenham mais acesso à tecnologia, os alunos tenham mais acesso à tecnologia, né... é... que o salário melhore, que os professores sejam mais valorizados pelo governo e pela sociedade, que ... é isso...

Você teria sugestões a dar aos professores, como classe trabalhadora, a fim de proporcionar melhorias ?

Clara - Olha, é ... eu acho que não tem muito como... eu acho... não se a greve...eu tenho um pouco assim, eu concordo com a greve...porque é a única forma que a gente sabe... de lutar por alguma coisa, a única coisa que afeta o governo, porque falar, fazer passeata não muda muita coisa. Então realmente, eu acho que seria a greve, pra gente buscar uma coisa que a gente quer... acho que tem ser uma coisa que afete o governo, que cutuque ele que ... uma coisa que eu penso mais é na greve... não tem outra coisa assim que possa tirar o governo do sossego dele, pra parar e tentar fazer algo diferente, porque acho que esse negócio de passeata, de... manifestação, não sei quê, sabe... a gente vem tanto em internet isso, na rua, há tanto anos que ...é uma coisa que não vai muito pra frente...a gente só ver alguma coisa quando tem greve, não tem aula, tá tudo parado, aí que eles conseguem alguma coisa, então acho que eles tem que fazer é isso mesmo.

Sobre a greve dos professores, como você avaliou, foi proveitosa? Útil? Você participou? O que achou?

Clara - Eu não participei, mas eu participei porque eu não posso, né... eu sou temporária, teve aquelas assembleias, eu paralisei, mas fazer greve eu não posso, mas eu acho que é um direito nosso e que não tem pra onde correr, a gente tem que fazer alguma coisa pra que o governo olhe pra gente e tome alguma atitude e o que eu vejo é só a greve mesmo, então eu acho que a greve foi... realmente tem que fazer greve... só que não acho que a gente conseguiu muita coisa, pouquíssima, na verdade. O que a gente conseguiu na verdade foi uma promessa pra que essa TIDEM (que eu te falei) ... que a gratificação seja incorporada, uma promessa, não tá certo ainda, ... uma promessa ... parece que agora em junho...ou no próximo mês, um auxílio do 200 reais pra saúde, mas aí ... ficou tudo na promessa essas duas coisas, ainda não foram realmente cumpridas... a gente ainda não viu o resultado... mas estão falando que vai sair, mais a gente sabe que falar é muito fácil, então vamos esperar, mais eu não acho foi uma vitória, que a gente conseguiu muita coisa, acho que a gente teve de parar porque já no final ... só podia continuar em greve 80% porque era lei ... e... professor não pode ... acho que foi por isso que parou (a greve acabou) não acho que foi uma grande vitória não, mas acho que foi certa, que foi válida, foi uma tentativa né..., tem que tentar, né ficar parado a gente não muda as coisas... pra mudar as coisas, então valeu a tentativa e a gente conseguir essas pequenas coisas já é alguma coisa, melhor do que nada... cada dia um pouquinho...

ENTREVISTA 2 - 14.06.12

Júlia* tem 36 anos, mora no Guará, é professora há dez anos, nesta escola, está há quase dois. É formada em Letras e Pedagogia e especialista em Alfabetização e Letramento.

*nome fictício

Você escolheu sua profissão? Quais foram os motivos que a levaram a escolher essa área?

Júlia - Sim, escolhi, não escolhi assim... sabe não foi por acaso, foi muito bem pensado, eu percebi assim, porque eu fiz magistério né...então assim, eu percebi que realmente assim... eu levava jeito pra coisa, assim, não só eu percebi como eu tive pessoas, professores, alguns professores confirmavam isso comigo, porque lá na escola normal, a gente já tem um próprio laboratório, a gente já tinha, desde o 1º ano, a gente já tinha contato mesmo em sala de aula com as crianças... não, não é... como docente já assim assumindo né... como um estágio, assim que a gente assume, né, sozinho, mas observando...mas em alguns momentos em dupla a gente já tinha essa oportunidade de... de dar aula...e aí... assim... eu fui descobrindo que realmente era algo que eu gostava muito.

Algum outro motivo?

Júlia - Eu fui criada com uma professora, eu fui criada com uma professora, que aposentou né, uma professora da secretaria de educação e ela é professora para deficiente visual, então eu cresci vendo todo o trabalho dela, muitas vezes ia pra escola com ela, ela ficava trabalhando e eu por ali rondando...é... eu lembro que... aí, foi meio que um espelho pra mim... (emocionada) eu lembro que muitas vezes eu olhava pra ela e falava “olha”, eu pequena “eu quero ser professora” e, na quarta série, eu já comecei a... a me colocar à disposição pra cuidar de crianças do jardim, na quarta série, eu só tinha dez anos, pra cuidar de crianças do jardim, porque os professores não tinham o mesmo horário do recreio, aí as colegas queriam se encontrar então pensaram “vamos pegar essas crianças de quarta série, que são maiores, e vamos deixar vigiando”... não, não era só eu, tinha mais umas duas comigo, vamos deixar vigiando os meninos do jardim e nisso eu trocava meu recreio (risos..) pra ficar, olha só hoje eu penso... interessante, né... que eu trocava meu recreio pra ficar lá cuidando dos meninos do jardim.

É vocação mesmo...

Júlia - Eu acredito que é... uma coisa que tá lá dentro ... no sangue.

Há quanto tempo atua como professor/a?

Júlia - Eu sou professora há dez anos, eu comecei atuando nas séries finais do fundamental, e aí não me identifiquei muito com a faixa etária, percebi assim... gostava muito de dar aula de português, eu sou apaixonada por ensinar português até hoje, na verdade quando eu fiz letras pensando em ser professora de literatura, só que na verdade era literatura infantil, só que eu pensei em literatura infantil, né... então hoje a gente percebe que nas escolas assim, a gente não tem esse privilégio de ter uma professora de literatura infantil, né, uma pessoa que se especialize nessa área pra, pra ficar trabalhando, desenvolvendo projetos em sala, na escola, com a turma, né... nas escolas em geral, eu percebo que é uma coisa que me deixa um pouco triste, a maioria das bibliotecas, muitas vezes estão fechadas, os alunos não têm acesso, não é desenvolvido

um projeto, ainda bem que aqui é, né... aqui tem, aqui tem uma pessoa que é responsável, uma professora readaptada, né... ela desenvolve um projeto muito legal, sabe, aqui acontece. Mas a gente percebe que essa não é a realidade assim, do país, geralmente as bibliotecas estão esquecidas, né... mas quando eu comecei assim, né... a pensar nessa profissão... assim... eu pensei nisso, falei ah! eu quero desenvolver um projeto, assim, contadora de histórias, me caracterizar, desenvolver coisas nesse sentido assim, mas aí depois eu percebi que realmente não havia espaço pra isso, ou eu seria professora de literatura no ensino médio, ou atuaria nas séries iniciais e no ensino fundamental, aí comecei a dar aula de gramática e tal, mas percebi que por causa da faixa etária mesmo eu não me identifiquei muito e eu comecei a me sentir um pouco assim, peixinho fora d'água, eu eu falei "gente, será que é isso mesmo?" eu questionei, eu tipo, levei um baque... "será que era isso mesmo que eu queria?" e aí eu resolvi mudar pras séries iniciais, quando eu vim pra 1ª série, pras série iniciais, eu comecei no quarto ano, e eu me descobri, e eu vi então que problema era só esse: de faixa etária. E aí cada dia mais eu tinha oportunidade de trabalhar com crianças com idade menor, né... até com crianças de 5 anos... aí eu comecei a perceber que eu não gosto muito de educação infantil e nem gosto das séries finais do ensino fundamental. Meu negócio são, é, é entre o 1º ano, né.. e o 5º ano, digamos assim, principalmente o quarto ano. Hoje eu trabalho com alfabetização, né.. aí sento no chão, conto história, brinco, eu percebo que isso me faz bem, mexer com tinta, eu gosto muito de trabalhar com artes, com música, né, com histórias infantis, é.. eu gosto muito.

Você está satisfeito/a com a profissão?

Júlia - Olha, eu acho que ... satisfeita 100%, não, porque a gente vê muita coisa assim, sabe... é... um discurso que não condiz com a , muitas vezes, com a prática, muita coisa que a gente é... observa assim que... que é incoerente, sabe...

Então vamos por partes: Primeiro, você se sente valorizada por seus alunos?

Júlia - Sim, eu acho que trabalhar com essa faixa etária me proporciona isso, eu acho que os meus alunos, sabe.. tem um pouco daquela relação assim, de mãe... sabe, eu acho que existe uma coisa muito maior, muito maior do que o fato... ah! é uma professora! Quando eu trabalhava nas séries finais eu tinha essa sensação porque às vezes quando eu chegava no portão, eu ouvia "ai, que saco, ela chegou!", eu falava assim "nossa! Eu tenho que orar muito, viu, porque ... sabe... eles torcem para eu ficar doente pra eu não aparecer na escola, então essa coisa, nessa faixa etária assim que eu trabalho, é totalmente diferente, "tia você chegou!" e corre e abraça e beija... e quando às vezes, no espaço da sexta pra segunda-feira, eles já chegam na segunda-feira falando "eu fiquei com saudade de você, eu pensei em você", então você percebe que você tem um reconhecimento muito grande...

E pelos pais dos alunos?

Júlia - É... pelos pais, eu acho que fica assim, é... um pouco dividido, depende muito, eu já passei por situações de pais que eu observo que os pais reconhecem e outros que não, eu acho que depende muito do lugar, do momento, do tempo, não sei... acho que hoje de maneira geral, se eu fosse assim colocar de maneira geral, eu acho que os pais têm valorizado muito menos o educador, né...eu acho que eles vêem assim algo, é... talvez eu percebo assim que até há uma transferência de responsabilidades. É como se eles entendessem assim "ah, eu coloco meu filho lá, e ela tem a obrigação, ela recebe pra isso, de fazer tudo, né, e assim.. o que eu percebo muitas vezes é que eles deixam de fazer o que é parte da família, né... e transfere essa responsabilidade para o professor.

E pelo governo?

Júlia - Então, quando eu comecei falando, eu pensei mais nesse... a nível de governo mesmo... acho que o sistema educacional hoje no nosso país, ele funciona assim de uma forma que deixa muito claro que a educação não é privilégio, não é ... prioridade, pronto, não é prioridade, pronto! Não é prioridade, porque nós percebemos assim... a questão financeira, vamos chegar na questão financeira, tem profissionais que são de nível superior, né, que tem toda uma remuneração condizente com o nível, a gente já percebe hoje, percebe a carreira de magistério com uma remuneração, sabe... quase que equiparada à carreira de servidor de auxiliares, então a gente percebe assim, não desmerecendo, né, a carreira de auxiliares, mas assim, o salário realmente, deixa a desejar muito, eu acho que é uma questão assim, já virou até meio que rotina você ouvir nas escolas essa lamentação, os professores reclamam muito que deveriam receber melhores salários, é, você vê, uma questão agora, essa questão do plano de saúde, olha só, a gente se vê, né.. numa situação de ainda tá lutando por um plano de saúde, né, chega a ser vergonhoso pra a categoria.. né, eu acho.

Você tem conhecimento sobre a Lei do piso salarial? O que você pensa sobre ela?

Júlia - Em relação ao piso salarial nacional, né... colocado um valor fixo, né... Acho que é válido sim, acho que o valor deveria ser maior, né... eu acho que o piso salarial ainda é muito baixo.

O governo cumpre essa lei, aqui no DF o piso é pago realmente?

Júlia - Acredito que o DF pague até melhor, né...

O governo oferece cursos de aperfeiçoamento para os/as professores/as? O governo incentiva a participação nesses cursos?

Júlia - A EAP tá sempre com inscrições abertas, a gente sempre recebe a notificação dos cursos, por e-mail, pela escola, e assim, tá sempre aberta, tem cursos abertos em várias áreas, de matemática, vários conhecimentos.

É fácil de participar desses cursos, tendo em vista os horários das aulas?

Júlia - É, porque no horário contrário à regência, nós temos o período do planejamento, nesse período que geralmente é na terça e na quarta... porque geralmente na quarta, é reunião geral, então na quinta a gente pode fazer, sim.

Você participa com frequência, os/as outros/as professores/as aqui da escola participam?

Júlia - Eu, agora, não estou participando, mas eu já participei, mas nesse momento, não. Mas tem colegas que já participaram, uma começou semana passada já até comentei com uma delas que eu gostaria de fazer pra ela ver se ainda tinha vagas...

Quais são suas perspectivas para o futuro em relação a sua profissão? Pensa que haverá mudanças boas, ruins? Não haverá mudanças?

Júlia - Eu acredito que vai melhorar, sabe por quê? Eu acredito que se não melhorar, eu tenho essa convicção comigo assim, eu acho que vai ficar extinta essa profissão, (risos...) poucas pessoas vão querer atuar, sabe, ou se entende que educação é prioridade, ou realmente vai ficar bem complicado de se encontrar um professor, pra trabalhar... porque a tendência é as pessoas procurarem algo é melhor pra elas, as pessoas vão querer crescer, vão querer melhorar, ninguém vai querer.. né.... poque eu

pensava assim, se por um lado a questão social, a gente tá vendo que a cada dia tá pior, né, a falta de estrutura da família, as crianças chegam na escola com muito mais problemas, o professor tem que lidar com uma série de problemas, e cada vez esses problemas vêm aumentando, a gente percebe isso, então eu acredito assim, é... o professor precisa ter uma motivação muito maior para estar em sala de aula, né ... e... se não compreenderem isso, os professores vão pular do barco, vão abandonar esse barco, vão procurar algo melhor.

Então você pensa que essas mudanças seriam “na marra”?

Júlia - É, eu não sei se realmente, eu não tenho assim, conhecimento de dados estatísticos, mas já ouvi falar que as faculdades de pedagogia já estão reduzindo muito o número de pessoas que estão ou se inscrevendo nos cursos ou até concluindo esses cursos, então já mostra que isso é real, eu acredito que isso pode se agravar com o tempo exatamente porque a cada dia a gente encontra mais dificuldade de trabalhar, a gente percebe que a violência tem aumentado, né... o respeito ao profissional, não só esse respeito como agora você citou agora há pouco mas ser reconhecido, ser valorizado, pelo país, pelos alunos, mas pelo governo, né... não sermos valorizados no sentido do valor que nós recebemos, então eu acho que a tendência é essa mesma, melhorar.

Você teria sugestões a dar aos professores, como classe trabalhadora, a fim de proporcionar melhorias?

Júlia - É, eu acredito que hoje, no DF, que é a realidade que eu conheço, eu acho que já houve um avanço, uma coisa é a questão da carga horária, né... o professor não trabalha sem aula os dois períodos, isso já foi uma conquista, um ganho, realmente foi muito bom, mas uma sugestão... deixa eu pensar... eu acho que a quantidade de alunos em sala de aula seria uma coisa, acho que é uma coisa que precisa ser revista, sabe.. é... a qualidade de ensino acho que ela tem tudo a ver com a quantidade de alunos em sala, eu acho que assim, de repente.. a própria escola .. é.. quando for fazer a estratégia de matrícula, deve se organizar de forma que as turmas sejam menores, apesar de que a gente sabe que a demanda é cada vez maior, ne... eu acho que seria uma sugestão.

Sobre a greve dos professores, como você avaliou, foi proveitosa? Útil? Você participou? O que achou?

Júlia - Eu não participei, mas eu acho assim que a greve, ela foi muito ...o professor se desgastou muito... eu acho que assim... os professores foram muito desrespeitados no sentido de não terem nem acesso ao governador, pra conversar... pra dialogar... para entrar em acordo, acho assim que a postura do governador, do secretário... né foi uma postura que realmente ... é... não foi legal... foi assim desrespeitoso com o professor, sabe... ele nem recebeu o...o sindicato, a categoria, eu acho que eles foram muito, tiveram uma postura muito fechada, passando inclusive uma informação enganosa, a mídia eu acho que foi usada dessa vez com uma força de xxx maior das outras vezes, eu percebi que ... de trazer informações erradas, por exemplo, eu achei interessante... que noticiaram, eu vi isso... que o professor temporário havia recebido o direito de receber como o professor efetivo, falaram de 4 mil e parará e isso não é verdade ... eles noticiaram isso, eles noticiaram que já haviam negociado com os professores e que os professores não estavam aceitando os planos e eles nem estavam abrindo essa negociação, coisas assim ... tentaram algumas vezes reuniões, ne...não fizeram... marcava, depois desmarcavam, estava acompanhando o blog do diretor do simpro, então por isso que eu tô comentando isso, muitas vezes

Você acha que a greve não obteve resultados?

Júlia - Eu acho que não, eu acredito que não, eu acho bem provável que a greve, na verdade ela não acabou, ela foi suspensa, se não houver realmente negociação, né... e cumprimento daquilo que já foi acordado, é possível que haja novamente outro período de greve

E sobre sua opção em não participar?

Júlia - É porque eu sou substituta... eu sou contratada, apesar que houve contrato temporário que participou da greve, mas eu não... assim, eu ontem teve aqui uma professora, ela disse que teve muita gente de contrato temporário que participou da greve... e isso foi uma coisa muito legal, eu achei positivo, eu até na hora me surpreendi, porque até onde eu sei, o contrato é para substituir o professor, ele vai fazer greve? Eu percebo pela fala dos professores acho que há uma desmotivação muito grande, em relação a essa carreira, são professores que muitas vezes estão atuando porque não têm oportunidade... “ah, já tô velha pra estudar, pra fazer outra coisa, não quero tentar outra coisa”, mas a cada dia a gente percebe que a maioria se sente desvalorizada, porque é uma profissão que requer muita dedicação e cada dia gente percebe que os pais reconhecem menos, nós não recebemos tão bem assim, como as outras carreiras de nível superior, é outro fator que deixa um pouco o professor um pouco chateado... e cada vez mais responsabilidade, mais assumindo o papel da família, a carga cada vez aumenta, e o retorno é cada vez menor.

ENTREVISTA 3 - 21.06.12

Professora Milena* tem 45 anos, mora em Água Claras, é professora há vinte e três anos. É formada em Educação Artística e atua na alfabetização.

*nome fictício

Você escolheu sua profissão? Quais foram os motivos que levaram você a essa área?

Milena - Eu acho que foi mais por influência da família... assim... eu tinha muitas tias que eram professoras, eu gostava, achava bonito, ajudava corrigir prova, então assim... foi mais por influência mesmo...

Foi uma escolha, você escolheu o curso mesmo ou você não teve oportunidade de fazer outra coisa?

Milena - Não, eu vi até como uma facilidade de conseguir logo um emprego, né, eu não podia ficar estudando, estudando, não, eu tinha que trabalhar, então eu ia fazer uma coisa que fosse mais fácil, aí eu fiz magistério... na escola... foi uma escolha assim, por influência e por necessidade mas ...

É uma coisa...com a qual você se identifica

Milena - É, eu me identifico...

Você atua como professora desde quando?

Milena - Desde 1989, tem 23 anos.

Você está satisfeita com a profissão? Você se sente valorizada, primeiro, pelos pais dos alunos?

Milena - É... eu sinto... não sei se é porque é uma coisa que eu gosto tanto... assim, não espero... assim, valorização, nem da direção, reconhecimento, eu faço porque eu gosto, e eu fico assim, feliz só de ver o progresso das crianças, o desenvolvimento, ainda mais que eu trabalho com alfabetização, então eu até falo que é uma ... é assim... a colheita é no mesmo ano, a gente faz e já... né... eles já leem, então já tem ali, eu acho que com isso eu fico até meio... assim alheia a essas coisas... assim, aí, será que me valorizam, né?... assim.. eu nem percebo, eu nem vi esses 23 anos passarem, um dia desses eu fiz as contas e ...23? nem me ...nem reparei... (risos)

E pelos alunos?

Milena - Assim, valorizam muito (ênfase), eles reconhecem, eles gostam né , e os pais também...

E pelo governo?

Milena - Aí já entra a outra questão que eu te falei que é essa questão eu tô até meio alheia assim... ah! o que eu observo é que aqui em Brasília a gente, eles comparam muito...ah mas Brasília tem o melhor salário, mas não é... isso porque tá comparando com quem ganha muito pouco, então...né... o custo de vida aqui é muito alto, então é acaba que...ninguém ganha bem assim...é... cê vai pagar um aluguel, é caríssimo... então aqui é tudo muito caro...isso não entra na discussão, né na discussão...não entra né todo esse gasto que a gente tem!

Você tem conhecimento sobre a Lei do piso salarial? O que você pensa sobre ela?

Milena - Não, ouço falar, sei o que falam, a gente comenta, eu durante esse tempo eu também já participei de várias greves, mas é uma coisa muito desgastante, né...e, por exemplo, o que eu participei quando eu tinha 20 anos, hoje em dia eu já tenho outras prioridades que eu não posso parar, fazer greve, correr o risco de não receber, né? tenho três filhas... não posso, né tá assim...á por isso até que eu nem fiz a greve...

O governo do GDF paga o piso?

Milena - Humhum...

Sobre cursos de aperfeiçoamento para os professores, o governo do GDF oferece?

Milena - Oferece.

Você participa com frequência?

Milena - Inclusive pra... pra ...nossa... pra nossa progressão funcional... nós temos os cursos que são obrigatórios, mas tem também aqueles cursos que eles oferecem que você fala “nossa, esse aqui é bom né... vai ser bom pro meu trabalho, pro tipo da área em que eu tô atuando”, então não tem assim ...

Os outros professores costumam participar também?

Milena - Costumam.

Quais são suas perspectivas para o futuro em relação a sua profissão? Você acha que vai melhorar, vai piorar, vai mudar, o que vai mudar, vai ser bom, ruim?

Milena - A gente espera sempre que melhore, né, o objetivo é esse... acho também que tem que ser mais unida a categoria, cê vê, aqui mesmo, né a greve ... foram dois professores que participaram, a gente não participou ...porque tinham outras questões que envolveram...

Alguma sugestão a dar aos professores, como classe trabalhadora, a fim de proporcionar melhorias?

Milena - Seria a união mesmo, né

Sobre a greve dos professores, como você avaliou, foi boa, proveitosa? Útil? Você participou? O que achou?

Milena - Ah! É sempre útil, né... mas acho que foi muito desgastante, os colegas se desgastaram, que foi um momento que a gente não via muita possibilidade de ganho, né... então foi desgastante...mas teve.. né... teve os ganhos também...

Você acha foi válida?

Milena - Foi válida, é sempre válida.

ENTREVISTA 4 - 22.06.12

Professora Patrícia* tem 40 anos, é professora há vinte e seis anos. É formada em Pedagogia.

*nome fictício

Você escolheu sua profissão?

Patrícia - Sim, eu mesma escolhi.

Quais foram os fatores/motivos que o/a levaram a escolher essa área?

Patrícia - Minha mãe é professora, meu avô era professor, meus tios foram professores, então é por isso, por isso que eu escolhi a profissão...

Você gosta?

Patrícia - Gosto, gosto, gosto da profissão, quando a gente faz a escolha fica mais fácil... se apaixonar pela profissão.

Você atua como professora há quanto tempo?

Patrícia - 26 anos, comecei com 17 anos, eu fui fazer o estágio, fazia o Normal, e aí fiquei na própria escola, fui contratada, me formei na escola, fiquei na escola, e já há 26 anos.

Você está satisfeito/a com a profissão?

Patrícia - Olha, é... nós já tivemos momentos melhores, com relação à profissão, apesar de hoje o salário ser melhor do que antigamente quando eu comecei, mas nós tínhamos um retorno melhor, da sociedade, da mídia, dos pais, né...

Então vamos por partes, você se sente valorizada pelos pais dos alunos?

Patrícia - Por alguns, não todos... não são todos que têm uma visão boa do professor, né... para muitos, é... é... é como se... a gente fosse um escape, não, toma conta dele aí nesse horário porque eu tô trabalhando, ou eu não posso, ou eu não dou conta, aí né... deixa na mão do professor para resolver tudo “Ah! professora, resolva!” É como se dissesse “adota meu filho” né... nesse horário que eu não quero nem saber... então eu sinto algumas vezes há alguns anos isso com relação a alguns pais.

E com relação aos próprios alunos, você se sente valorizada?

Patrícia - Olha, assim, pelos meus alunos, sim, eu tenho uma relação muito boa com eles, então assim, eu passo dois, três meses conquistando-os pra poder, depois começar em conteúdos, estratégias, habilidades. Primeiro eu analiso cada um, o que é que cada um quer, o que é que cada um deseja, o que veio buscar na sala de aula, entendeu? então eu faço esse trabalho da paquera, do namoro com eles, aí depois aí eu posso.. depois que eu conquisto, aí eu posso fazer qualquer coisa...trazer qualquer conteúdo que eles vão receber numa boa.

E com relação ao governo, você se sente valorizada, recompensada?

Patrícia - Não, não pelo governo, não. Acho que não há um reconhecimento como deveríamos ter, pela nossa carreira, pela nossa profissão, pela dedicação, do governo, não, apesar de que já melhorou com relação a anos anteriores, né, mas acho que já melhorou, mas acho que ainda falta muito com relação com outras carreiras do governo,

a gente estuda tanto, né... é...é.. nossa! E pesquisa, e procura, e é uma dedicação muito grande, professor não é só professor, é um orientador, é um psicólogo, ele é um psicopedagogo, então ele tem que desenvolver várias coisas para... não, não reconhecimento pelo governo não.

Você tem conhecimento sobre a Lei do piso salarial? O que você pensa sobre ela?

Patrícia - Tenho, não concordo, acho que é muito pouco, né... pois é é pouco, pouco, pouquíssimo, ainda tem muitos estados e municípios que não pagam né, o piso nacional que deveria já pagar, eu acho também que não dá pra fazer uma comparação com o de Brasília, porque Brasília paga além do piso assim, né... região do centro-oeste tá pagando melhor que outras regiões, mas a gente tem muitas cidadezinhas aí no interior do Brasil que não chega nem a 50% do piso e as prefeituras não estão pagando, então eu acho que além de ser pouco o valor, deveria ter leis mais rígidas para que houvesse uma cobrança... pra obrigar pagar esse piso.

La perguntar se o GDF paga o piso, mas você já disse que paga a mais...

Patrícia - É , paga a mais...

Sobre cursos de aperfeiçoamento para os/as professores/as, o governo do GDF oferece?

Patrícia - Oferece, a Escola de aperfeiçoamento, a EAP sempre oferece, o professor que não faz, é porque não deseja mais ou já fez o suficiente, mas tem. Todo semestre sai um pacote de cursos, são cursos muito bons, eu já fiz muitos, muitos (com ênfase que indica a quantidade)... aí dei um tempo agora pra..., porque não adianta tá só engavetando diploma, diploma, diploma, se você não põe isso em prática, mas os cursos são excelentes, são maravilhosos, muito bons.

Os outros professores aqui da escola também costumam participar?

Patrícia - Costumam, costumam, a gente tem três ou quatro professores estão fazendo... a gente tem a terça, tem a...a terça ou a quinta que é destinada para o curso de aperfeiçoamento...pela escola, pela EAP.

Sobre perspectivas para o futuro em relação à profissão? Você pensa que vai melhorar, vai piorar...?

Patrícia - Olha, piorar, eu acho não, né.. não dá pra piorar não, mas eu acho tende a melhorar, acho que hoje há uma preocupação maior do próprio ministério da educação, sobre qualidade de ensino, a qualidade de vida do professor, já melhorou bastante, antes nós tínhamos salas mais lotadas, né... hoje as salas são mais ou menos reduzidas, com a inclusão, e outras coisas, então tem programas do ministérios da educação que estão ajudando bastante, muito, muito já se fez, mas ainda precisa melhorar mais, acho que começa pela valorização do profissional, aí vai melhorar mais.

Você teria sugestões a dar aos professores, como classe trabalhadora, a fim de proporcionar melhorias?

Patrícia - Olha só, eu acho assim, que para melhorar a nossa situação, primeiro ponto: a união, a união dos professores, então falarmos a mesma língua, a mesma linguagem, se lutar, vamos lutar por todos, né... não ser.. é.. individualista, por exemplo, na vida ter um salário, não é o ideal ainda, não é, acho que o professor merece muito mais, mas ele ...o custo de vida aqui é altíssimo, mas ele tem um salário melhor do que um professor do nordeste, norte do país, entendeu, mas que se lutasse por todos, de acontecer

verdadeiramente essa união, de falarmos a mesma linguagem, buscarmos juntos isso e ser feito.. esperança... eu acho que esperança... tem a melhorar, e se divertir no trabalho, se divertir dando aula, eu em sala de aula sou igual Hebe Camargo no programa dela, ela se diverte, né... eu me divirto, porque se eu não tiver me divertindo, a aula não vai ser boa, então eu me sinto assim.. a Hebe Camargo na sala de aula e eles são meu entrevistados e entrevistadores, né... para que haja aquela troca gostosa, porque senão não vale a não a pena, não vale a pena, pode ganhar 10, 20 mil reais, se você não der pelo menos três gargalhadas por dia em sala, não vale a pena ser professor.

Sobre a greve dos professores, como você avaliou, foi proveitosa? Útil? Você participou? O que achou?

Patrícia - Olha só, foi válida, mas teve uma participação pequena da categoria, um pouco por estarem, ou estarmos desacreditados, né... alguns com o governo, alguns com o próprio sistema, entende? aconteceram no mesmo período não só greve aqui em Brasília, mas em vários estados do país, também pararam, fizeram greve, e os assim... os ganhos, eu particularmente ainda não vi, não sabemos aí, para os próximos salários como vai ser... mas deveria ter sido maior. Deveria ter sido um movimento maior, ter parado todo mundo, nós ficamos com muito medo entende... porque a criança sem a escola, é ... cutuca demais os governantes, os pais vão à tevê, vão até... pressionam, né..., então... educação é saúde, provocam muito o governo. Deveria ter parado todo mundo! Todo mundo mesmo. Infelizmente...

Foi proveitoso?

Patrícia - Foi, foi proveitoso, tiveram os ganhos, só precisamos ver isso aí no papel, porque as promessas foram feitas, vamos ver se vão ser cumpridas, né...principalmente com relação ao plano de carreira.

Você participou da greve?

Patrícia - Não, não participei da greve. Aqui na escola nós tivemos só duas professoras participaram, mas é válido, válido sim, participar, procurar, lutar... o que ganha, ganha todos, ganha o professor, ganha a escola, ganha a família, e principalmente o aluno.

ENTREVISTA 5 - 22.06.12

Professora Ana* atua na área de magistério há quase seis anos e é formada em Pedagogia.

*nome fictício

Você escolheu sua profissão?

Ana - Na verdade, não, foi assim, quando eu fui fazer o vestibular que queria fazer pra psicologia, minha mãe que ficou “não, faz pedagogia, aí você tem emprego mais rápido”, a princípio não era o que eu queria...

Os motivos...

Ana - Foi a minha mãe, e também, como eu tava meio confusa, entre psicologia e outra área, aí a minha mãe me influenciou e eu acabei fazendo...

Mas você gosta?

Ana - Hoje eu gosto, mas quando eu fui fazer vestibular mesmo, não era ...

E hoje com a experiência...

Ana - Então, até quando eu formei, eu saí da faculdade falando “eu não vou pra sala de aula, eu não vou ser professora”, era a última coisa que eu queria fazer. Mas, aí depois que eu comecei, hoje eu não me vejo fazendo outra coisa, que aí você começa, é muito legal cê vê as crianças aprendendo, você sabe que você tem um papel superimportante na vida dessas crianças, então hoje eu gosto muito.

Você trabalha como professora há quanto tempo?

Ana - Mais ou menos seis anos.

Você está satisfeita com a profissão?

Ana - Tô, eu faço o que eu gosto, então tô satisfeita. (hesitante, não me pareceu ter convicção de estar satisfeita)

Você se sente valorizada pelos pais dos alunos?

Ana - Eu procuro não olhar muito pros pais, eu olha mais pras crianças, porque pra mim, o reconhecimento vem deles. Os pais assim, é lógico que eles têm importância, mas eu procuro ver mais pelo lado das crianças e não pelo lado dos pais, mas também não tenho problema com os pais, nenhum veio reclamar comigo...

Então você se sente valorizada pelos alunos...

Ana - Sim, pelos alunos, sim, mas nem todos né... assim, tem umas situações assim... mas eu me sinto bem...

E pelo governo, você acha que o governo valoriza o professor?

Ana - Não, não valoriza! A gente vê agora mesmo em relação à greve, a imprensa massacra os professores, e claro que faz isso por causa do governo, o governo não valoriza... a educação não é prioridade, pelo menos eu não vejo assim...

Você tem conhecimento sobre a Lei do piso salarial?

Ana - Mais ou menos...

Mas você sabe que é um valor mínimo que o Brasil inteiro tem de pagar... O valor é de 1451 reais, reajustados a cada ano... Você acha que esse valor é justo?

Ana - Justo não é, né... porque a gente tem de ralar pra caramba, é um trabalho superdesgastante, porque é um desgaste emocional, não é só físico, é emocional, a gente lida com muitos problemas, as crianças acabam absorvendo isso, então não é justo, se a gente for comparar com outras profissões, com os próprios políticos que estão lá só roubando, é muito injusto.

Aqui no DF, o governo cumpre o piso?

Ana - Sim, cumpre.

Sobre cursos de aperfeiçoamento para os professores, o GDF propõe?

Ana - Propõe, tem bastante cursos na EAP.

Você costuma participar?

Ana - Quando tem interesse, eu faço, mas nem sempre eu participo, mas também por falta de interesse meu, mas que tem oferta, tem.

Os outros professores costumam participar?

Ana - A maioria, sim, aqui nesta escola até que não muito, mas tem uns que fazem sim...

Ah! Você já trabalhou em outras...

Ana - Várias, né, eu sou contrato... eu já trabalhei em várias escolas... inclusive aqui eu já trabalhei em 2009, já tô voltando...

Sobre as perspectivas para o futuro como professora, você pensa que a situação vai melhorar, vai piorar, vai continuar da mesma forma...

Ana - Eu penso que melhorar, não. Talvez, piorar, pela clientela, a tendência a gente vê, eu tô há cinco anos, eu vejo que a tendência é as crianças irem piorando com relação a você, às vezes porque muitos pais também falam pras crianças, as crianças só repetem o que os pais falam, então não tem essa valorização, e a falta de respeito acho que só tende a crescer...em relação ao governo também não vejo perspectiva de melhora também não. Em valorizar, não vejo...

Em relação a salário...

Ana - Talvez, com a diminuição do interesse das pessoas em serem professores, isso melhora, porque é uma realidade, hoje em dia muita gente tá saindo da sala de aula pra ir seguir outras carreiras, então talvez, por esse fato, venha a ser valorizado... se for pelo caminho normal, não...

Você teria sugestões a dar aos professores, como classe trabalhadora, a fim de proporcionar melhorias ?

Ana - Talvez mais respeito, de uns com os outros, mais união... e respeito, acho que tudo começa pelo respeito, ética, tem que ter muita ética, sobre isso não ocorre muito.

E sobre a greve dos professores, você acha que foi boa, ruim proveitosa, útil, inútil? Você participou?

Ana - Não participei, mas eu acho assim que a greve é sempre justa.

Você acha que teve melhorias?

Ana - O governo fez propostas, mas até agora não cumpriu, então não posso dizer que houve melhorias, era pra ele ter cumprido isso mês passado e não foi cumprido, então colocar no papel uma coisa e não cumprir, não vale tanto...

Você não fez por que é contratada?

Ana - Humhumm, é.

Acha que válida então a greve...

Ana - Sempre eu acho que é válida, porque se não assim não consegue nada, nem o mínimo. Acho válido assim, que as pessoas lutem, se preocupem em melhorar, que os professores procurem melhorar, procure melhorar o salário, mas eu também não vejo isso como uma forma de melhorar o trabalho do professor.

E como seria para melhorar o trabalho do professor?

Ana - Acho que eu seria a postura do professor, claro que isso não é uma regra geral, mas não é o salário que ele recebe que vai fazer com que ele desenvolva um trabalho melhor, eu não vejo assim, a não ser que esse dinheiro sirva pra ele estudar... pra melhorar, em nosso caso de escola pública, que a gente tem que muitas vezes comprar o próprio material, nesse sentido acho que seria válido, mas eu não acho que ah o professor vai receber mais, ele vai melhorar a qualidade do trabalho dele, eu não vejo assim...

São outras coisas...

Ana - É, na própria... quando eu estudei na própria universidade federal também, lá dentro era a mesma coisa, ah vamos fazer greve pra melhorar a qualidade da educação, não sei... não melhora, eu não vejo assim, eu acho que o que melhora é uma mudança de postura da pessoa, mas compromisso, mais comprometimento, mais responsabilidade, claro que o salário é importante pra gente, lógico, mas eu não vejo isso como um principal motivo, não acho mesmo.

NOTÍCIA 9 - SINPRO-DF, 2.05.12

Categoria suspende a greve! Aulas voltarão à normalidade a partir desta quinta(03/05)

Posted By [Imprensa](#) On 2 de maio de 2012 @ 13:54 In [Principal](#) | [Comments Disabled](#)

Professoras e professores reunidos em assembleia na manhã desta terça-feira, dia 2, na Praça do Buriti, decidiram suspender a paralisação até a próxima assembleia, marcada para o dia 14 de junho. Até lá serão analisados o andamento das negociações e o comportamento do governo do DF no tocante ao cumprimento dos prazos estabelecidos na proposta elaborada pela comissão de parlamentares e entidades civis. Nesse sentido, apesar da suspensão do movimento grevista, a categoria permanecerá mobilizada com a decretação do estado de greve. As aulas voltarão à normalidade a partir desta quinta-feira (03).

Foi consenso na assembleia que a proposta apresentada, embora distante do compromisso assumido com a categoria em abril de 2011, garante avanços em pontos importantes da estrutura da carreira. Pesou ainda o fato de que desta e o GDF está se comprometendo não apenas com nossa categoria, mas também com as bancadas parlamentares do DF e com entidades civis que assinaram o documento. Em uma greve que durou 52 dias, professoras e professores deram uma demonstração de força, unidade e garra. Companheiras e companheiros foram incansáveis na defesa de nossas reivindicações junto à sociedade, nas ruas, nos eventos públicos, nas redes sociais. Não esmorecemos diante das inúmeras ameaças, muito ao contrário, respondemos cada dificuldade demonstrando maior disposição de permanecer na luta. Escrevemos mais uma greve combativa em nossa história de lutas. Confira a abaixo o calendário de mobilização aprovado e participe!

5 DE MAIO (sábado) – Plenária para discutir parâmetros do calendário letivo pós-greve, às 9h30, na sede do Sinpro.

4 DE JUNHO (segunda-feira) – Reunião de Delegados Sindicais, às 19 horas, na sede do Sinpro.

13 DE JUNHO (quarta-feira) – Dia de debater a Gestão Democrática nas Escolas.

14 DE JUNHO (quinta-feira) – Assembleia Geral com compactação, às 15h30, na Praça do Buriti.

<http://www.sinprodf.org.br/categoria-suspende-a-paralisacao-e-decreta-estado-de-greve/print/> acesso em 07.07.12